

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião**

Leandro Evangelista Silva Castro

**CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL:**  
**estudo sobre o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina**

**Belo Horizonte**  
**2021**

Leandro Evangelista Silva Castro

**CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL:  
estudo sobre o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro

**Belo Horizonte  
2021**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C355c Castro, Leandro Evangelista Silva  
Ciência da Religião no Brasil: estudo sobre o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina / Leandro Evangelista Silva Castro. Belo Horizonte, 2021.  
172 f. : il.

Orientador: Flávio Augusto Senra Ribeiro  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Brasil. Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. 2. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião. 3. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. 4. Religião - Estudo e ensino (Superior) - Brasil. 5. Epistemologia da religião. 6. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 7. Universidades e faculdades - Currículos. I. Ribeiro, Flávio Augusto Senra. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDU: 291

**Leandro Evangelista Silva Castro**

**CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL:  
estudo sobre o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

---

Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro – PUC MINAS – Orientador

---

Prof. Dr. Fabiano Victor de Oliveira Campos – PUC MINAS

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Dilaine Soares Sampaio – UFPB

---

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira – PUC MINAS (suplente)

Belo Horizonte, 21 de dezembro de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Prof. Flávio Senra; à CAPES; aos meus pais Flávia e José e à minha irmã Sabrina; aos meus amigos e amigas, Reinaldo, Pedro, Ramon, Rafael, Gustavo, Jean, Luís, Denise, Padre Vinícius, Cybele, Amanda, Patrícia, Tatiane, Abdias e Maurílio. Aos professores que responderam ao questionário da pesquisa e aos professores Rafael Bertante, Etienne Alfred Higuét e Frederico Pieper pela disponibilização de documentos. Muito obrigado!

## RESUMO

A Ciência da Religião foi institucionalizada na Europa do final do século XIX ao início do século XX. No Brasil, os primeiros movimentos para a implantação da disciplina ocorreram no final da década de 60. Essa pesquisa tem como objetivo investigar o processo de formação do estatuto epistemológico da Ciência da Religião no Brasil, considerando a produção teórica clássica dos principais sistematizadores da disciplina na Europa, a história e perfil teórico-metodológico da Ciência da Religião dos primeiros Programas, as associações científicas e, por fim, os processos político-acadêmicos. Para isso, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental, além da aplicação de um questionário. Obteve-se os seguintes resultados: 1) Compreender que a partir dos autores clássicos da epistemologia da Ciência da Religião, a disciplina tem como objetivo investigar os dados empíricos da religião a partir de duas abordagens – a empírica e a sistemática. O diálogo com outras disciplinas possibilita compreensão articulada do objeto. 2) Identificar que o perfil teórico-metodológico da Ciência da Religião no Brasil, ao menos em sua primeira fase, esteve determinado pelo contexto religioso e político da época. Consequentemente, produziu-se uma tradição em que vínculo com o objeto sobrepõe os fundamentos epistemológicos da disciplina. 3) Reconhecer que o debate sobre o estatuto epistemológico da disciplina tem avançado. A nova árvore do conhecimento do CNPq e a criação da área de avaliação Ciências da Religião e Teologia na CAPES, indicam um processo de maturidade e discernimento contínuo.

Palavras-chave: Ciência da Religião. Epistemologia das Ciências da Religião. Religião e Contemporaneidade.

## ABSTRACT

The Study of Religion was institutionalized in Europe from the late 1800s to the early 1900s. In Brazil the first movements for the implementation of the discipline occurred at the end of the 1960s. This research aims to investigate the process of formation of the epistemological status of the Study of Religion in Brazil, considering the classical theoretical production of the main creators of the discipline in Europe, the history and theoretical-methodological profile of the Study of Religion of the first Programs, the scientific associations and finally the political-academic processes. For this purpose, a bibliographic and documental research was used, as well as the application of a questionnaire. The following results were obtained: 1) Understand that from the classical authors of the epistemology of the Study of Religion, the discipline aims to investigate the empirical data of religion from two approaches - the empirical and the systematic. Dialogue with other disciplines enables an articulated understanding of the object. 2) Identify that the theoretical and methodological profile of the Study of Religion in Brazil in its first phase is determined by the religious and political context of the time. Consequently, a tradition has been produced in which the attachment to the object overrides the epistemological foundations of the discipline. 3) Recognize that the debate over the epistemological status of the discipline has advanced. The new CNPq knowledge tree and the creation of the evaluation area Religious Studies and Theology at CAPES, indicate a process of maturity and continuous discernment.

Keywords: Study of Religion. Epistemology of Religious Studies. Religion and Contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 FORMAÇÃO INICIAL DO ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1 A tarefa da Ciência da Religião</b> .....	<b>13</b>
<i>2.1.1 Friedrich Max Müller e a tarefa da Ciência da Religião</i> .....	14
<i>2.1.2 Cornelis Petrus Tiele e a tarefa da Ciência da Religião</i> .....	18
<i>2.1.3 Daniel Chantepie de la Saussaye e a tarefa da Ciência da Religião</i> .....	22
<i>2.1.4 Joachim Ernst Adolphe Felix Wach e a tarefa da Ciência da Religião</i> .....	24
<b>2.2 O ramo empírico</b> .....	<b>28</b>
<i>2.2.1 A Teologia comparativa de Max Müller</i> .....	28
<i>2.2.2 A morfologia da religião em Tiele</i> .....	30
<i>2.2.3 A História das Religiões em Chantepie de la Saussaye</i> .....	34
<i>2.2.4 Joaquim Wach e a consolidação da abordagem empírica da Ciência da Religião</i> .....	35
<b>2.3 O ramo sistemático</b> .....	<b>40</b>
<i>2.3.1 Max Müller e a Teologia Teórica</i> .....	40
<i>2.3.2 Tiele e o ramo ontológico</i> .....	41
<i>2.3.3 A Filosofia da Religião em Chantepie de la Saussaye</i> .....	45
<i>2.3.4 O ramo sistemático em Joachim Wach</i> .....	47
<b>2.4 A constituição dialógica da Ciência da Religião</b> .....	<b>52</b>
<b>3 CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL</b> .....	<b>59</b>
<b>3.1 O Curso de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora</b> .....	<b>61</b>
<i>3.1.1 Aspectos históricos da criação do primeiro departamento de Ciência da Religião no Brasil</i> .....	61
<i>3.1.2 O perfil da Ciência da Religião na fase inicial da disciplina na UFJF</i> .....	77
<i>3.2 Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo</i> .....	84
<i>3.2.1 Aspectos históricos da implantação da disciplina na PUC SP</i> .....	85
<i>3.2.2 Perfil da disciplina na PUC SP</i> .....	93
<b>3.3 Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo</b> .....	<b>99</b>
<i>3.3.1 Aspectos históricos da implantação da disciplina na UMESP</i> .....	100
<i>3.3.2 A disciplina Ciências da Religião na UMESP</i> .....	103
<i>3.4 Perfil epistemológico da disciplina nos anos iniciais – entrevistas</i> .....	106
<i>3.5 ANPER e SOTER</i> .....	109
<i>3.5.1 O debate teórico-metodológico no seminário da ANPTEC na UFJF</i> .....	110
<b>4 A EXPANSÃO DA DISCIPLINA</b> .....	<b>123</b>
<b>4.1 Estado atual dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil</b> .....	<b>123</b>
<b>4.2 A ANPTEC</b> .....	<b>133</b>
<b>4.3 A Área de avaliação 44 – Ciências da Religião e Teologia</b> .....	<b>144</b>



<b>4.4 Produção bibliográfica</b> .....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	161
REFERÊNCIAS .....	164
APÊNDICE .....	172

## INTRODUÇÃO

A Ciência da Religião enquanto disciplina autônoma se consolidou na Europa no final do século XIX e início do século XX. Os avanços dos debates epistemológicos do século XIX, a revolução industrial, a decadência da hegemonia cristã, o colonialismo, a recorrência de estudos sistemáticos e críticos, foram decisivos para a fundação e efetivação da disciplina. Com essa guinada no pensamento epistemológico no Ocidente e a ramificação das ciências tornou-se possível articular uma ciência que se ocuparia exclusivamente do fato religioso. Diante destes fatores, se afirmou, na Europa, a Ciência da Religião, como disciplina autônoma, empírica e sistemática disposta a investigar, a partir da articulação de distintos saberes, os dados sensíveis das religiões. No Brasil, a disciplina inicia seu processo de formação e consolidação sob a influência do contexto social, religioso, filosófico e político-acadêmico.

Os contornos epistemológicos de uma disciplina permanecem em constante debate. Compreende-se por empreendimento epistemológico o dever de se colocar o conhecimento sob o crivo dos métodos, da validade, dos limites da cognição e das possibilidades de verificação. A epistemologia se torna imprescindível para qualquer área de saber que quer tomar para si o caráter de ciência válida. Para isso, as ciências se organizam internamente e externamente em prol da elaboração de um arcabouço teórico a fim de afirmar sua legitimidade. Deve ser consensual a clareza do objeto estudado, além dos métodos com os quais o conhecimento foi obtido. As reflexões epistemológicas se direcionam para a própria prática científica. Os cientistas devem desenvolver seus estudos sustentando-se nos limites epistemológicos de sua área.

No final do século XIX e início do século XX autores clássicos da Ciência da Religião esquematizaram as definições que servem como horizonte para as pesquisas e definições posteriores. Porém, toda epistemologia é histórica, e por esse motivo é passível de revisitações e atualizações. Desde os primeiros movimentos em torno da institucionalização da Ciência da Religião na UFJF, na PUC SP e na UMESP, as reflexões sobre as constituintes da disciplina permanecem enquanto um dos problemas centrais da disciplina no país. O perfil teórico-metodológico da Ciência da Religião no Brasil vem se modificando com o passar dos anos com diferentes atores, que incorporam novas abordagens, assumem novos compromissos e vislumbram novos caminhos para a disciplina.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade comum de toda ciência de colocar em debate seu estatuto epistemológico. Nesse sentido, o debate permanece sempre em aberto e

em diálogo com novos cenários, revisitando a história, e buscando alternativas para o futuro. Além disso, o presente estudo possibilitará uma visão geral sobre o desenvolvimento da disciplina no Brasil. O debate sobre o estatuto epistemológico da Ciência da Religião tem avançado no cenário acadêmico brasileiro. A relevância e contribuição desse trabalho se dá por diversos fatores: a apresentação e aprofundamento da pesquisa sobre os autores clássicos da epistemologia da Ciência da Religião; a pesquisa documental; a sistematização da história do período inicial da disciplina no Brasil; as entrevistas enquanto reunião de material histórico. Como justificativa pessoal, meu interesse pela Ciência Religião inicia-se no final de minha graduação em Filosofia. Ao terminar o bacharelado iniciei a especialização em Ciências da Religião, sendo o trabalho final já voltado para o tema da epistemologia.

Tem-se como principal objetivo apresentar o processo de formação do estatuto epistemológico da Ciência da Religião no Brasil. Para isso, tomam-se como referências três pontos desse debate: a produção bibliográfica, a história e os processos políticos pedagógicos.

O primeiro capítulo, intitulado *Formação inicial do estatuto epistemológico da Ciência da Religião*, retoma as abordagens dos principais sistematizadores da disciplina, a saber, Friedrich Max Müller, Cornelis Petrus Tiele, Chantepie de la Saussaye e Joachim Wach. Tomando como referências algumas das obras principais dos autores, serão discutidos os seguintes temas: a tarefa da Ciência da Religião, as abordagens empírica e sistemática e constituinte dialógica da disciplina.

O segundo capítulo, *Ciência da Religião no Brasil*, trata da história do período inicial da disciplina no Brasil. Através da pesquisa documental e bibliográfica serão apresentados os processos de implantação da disciplina em três centros acadêmicos: a Universidade Federal de Juiz de Fora, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a Universidade Metodista de São Paulo. Além disso, foram realizadas entrevistas com professores que estiveram presentes nesse momento inaugural da disciplina. Através de um questionário enviado via e-mail, contendo quatro perguntas, tornou-se possível acessar informações sobre o perfil teórico-metodológico da disciplina anterior aos anos 2000. Por fim, ainda sob os contornos da pesquisa documental, o estudo busca apresentar os debates desenvolvidos a partir da criação da ANPTER e da SOTER. A pesquisa documental foi possível através disponibilização do acervo pessoal digitalizado do Prof. Flávio Senra, Prof. Etienne Alfred Higuët e Prof. Frederico Pieper além desses, outros documentos foram colhidos em publicações. Devido a pandemia da Covid 19, com o fechamento das universidades, não foi possível realizar pesquisas em acervos físicos dos Programas.

O terceiro e último capítulo, *Expansão da disciplina*, abordará questões relativas aos últimos 20 anos da Ciência da Religião no Brasil. A princípio, busca-se investigar através das apresentações dos sites dos Programas de Ciência(s) da(s) Religiões(s) do Brasil, dados históricos de cada Programa, bem como a compreensão que se tem da disciplina. Ademais, serão apresentados os caminhos da articulação da nova árvore do conhecimento do CNPq e os movimentos em torno da Criação da área de avaliação Ciências da Religião e Teologia da CAPES. Em ambos os casos utilizou-se da pesquisa documental e bibliográfica. Por fim, a título de conhecimento, são apresentadas algumas publicações em livros e artigos nacionais, concernentes ao tema.

## 2 FORMAÇÃO INICIAL DO ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

O primeiro capítulo deste estudo visa compreender alguns pressupostos básicos que garantem a autonomia e a cientificidade da Ciência da Religião a partir da compreensão de autores clássicos da disciplina. Nesse sentido, o presente trabalho apresentará as constituintes básicas da Ciência da Religião de acordo com a perspectiva dos autores considerados fundadores da disciplina. Busca-se apresentar a tarefa da Ciência da Religião, a abordagem empírica e sistemática e a constituinte dialógica da disciplina como componentes fundamentais para a análise dos fenômenos religiosos de acordo com a especificidade dessa ciência.

Parte-se do pressuposto de que toda ciência se modifica no decorrer do tempo e interage com a cultura na qual está inserida. Há fatores que rodeiam a produção acadêmica e interferem decididamente na composição epistemológica de uma ciência.<sup>1</sup> A Ciência da Religião, enquanto disciplina autônoma se efetivou no rol das Ciências Humanas no final do século XIX. As teorias a respeito de sua constituição epistemológica continuaram a se desenvolver, e se modificaram de acordo com o ambiente acadêmico, político e religioso de cada país.<sup>2</sup>

As teorias aqui apresentadas se restringem aos primeiros anos de consolidação da disciplina<sup>3</sup>, se ancorando nas abordagens de quatro autores: Max Müller, Cornelis Petrus Tiele, Chantepie de la Saussaye e Joaquim Wach. Max Müller introduz a reflexão sobre as constituintes da Ciência da Religião; C. P. Tiele se dedica a firmar o objeto e o método da disciplina, apontando para sua autonomia científica; Saussaye reafirma a importância da Filosofia para a constituição da Ciência da Religião; e por último, Joachim Wach busca afirmar o ramo empírico e sistemático, tendo em vista a justificativa empírica da Ciência da Religião.

Os autores supracitados produziram um expressivo volume de obras. Dedicar-se a todos os aspectos levantados pelos autores, tornar-se-ia uma tarefa impossível. Abordá-los todos faria com que esse estudo se tornasse demasiado extenso ou superficial. O que se pretendeu, contudo, foi extrair de alguns dos principais textos dos mencionados autores,

---

1 Sobre as discussões epistemológicas no âmbito das ciências em geral e sobre a constituição própria das Ciências Humanas ver: (DOMINGUES, 2004); (DOMINGUES, 1991); (JAPIASSU, 1994); (JENSEN, 2013); (DILTHEY, 2010); (DUTRA, 2010); (FUMERTON, 2014).

2 Outros autores se destacaram na formação do estatuto epistemológico da Ciência da Religião. Por exemplo: (PETTAZZONI, 1913); (SÖDERBLOM, 1925); (DUBARLE, 1980); (DESROCHE, 1970); (ALLES, 2008).

3 Sobre a história da Ciência da Religião na Europa, ver: (MOLENDIJK, 2005); (ELIADE, 2001); (USARSKI, 2006, p. 13-24); (USARSKI, 2013, p.51-61); (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 6-12).

chaves de interpretação, que conduzam o leitor ou a leitora a uma introdução geral ao estatuto epistemológico da Ciência da Religião de acordo com os principais sistematizadores da disciplina. Tendo em vista os argumentos anteriores, optou-se por criar quatro eixos temáticos que servirão de orientação na pesquisa, a saber: 1) a tarefa da Ciência da Religião, 2) o ramo empírico; 3) o ramo sistemático; 4) a condição dialógica proposta pela Ciência da Religião com outras disciplinas.

O estudo pretende apontar aproximações, divergências e conceitos gerais que permeiam e implicam um diálogo entre os autores. A pesquisa não pretende apresentar uma teoria homogênea, como uma síntese epistemológica da Ciência da Religião. O que se pretende é esboçar algumas das teorias formativas da base que garante a especificidade e a autonomia da Ciência da Religião, no espectro das Ciências Humanas. Como poderá ser constatado, na produção dos autores há aspectos em comum, como também há distanciamentos. Buscar-se-á apresentá-los, reconhecendo que a reflexão não se esgota no que será afirmado.

No primeiro item, a pesquisa se dedicará a identificar a tarefa e o objeto da Ciência da Religião. Para isso, busca-se compreender a Ciência da Religião inserida na especificidade das Ciências Humanas, identificando as particularidades de um estudo que tem como horizonte a compreensão das manifestações externas da mente humana. Trata-se de refletir sobre a originalidade do recorte operado pela disciplina na extensão dos fenômenos religiosos, além de identificar como é possível uma abordagem científica dessa realidade.

O segundo item trata do ramo empírico da Ciência da Religião. A constituinte empírica da Ciência da Religião cumpre ao menos dois objetivos: por um lado resguardar a especificidade de cada tradição religiosa, e por outro garante a cientificidade da disciplina. O estudo buscará identificar de que forma a pesquisa empírica se torna fundamental à tarefa da Ciência da Religião. Por fim, serão apresentadas algumas discussões metodológicas, que reafirmam o caráter empírico da disciplina.

O terceiro item se ocupa do ramo sistemático. Busca-se fundamentar a tarefa da disciplina em criar categorias ou classificações, que contribuem metodologicamente para a coleta, organização, interpretação e compreensão dos dados religiosos. A partir da comparação os autores identificam categorias recorrentes nos fenômenos religiosos. Pela extensão do tema das classificações, o presente estudo não pretende aprofundar em discussões referentes aos seus conteúdos. O que se pretende é apresentar as classificações de modo geral, oferecendo exemplos de categorias propostas pelos autores.

O quarto e último item trata do diálogo entre disciplinas dentro da produção de conhecimento da Ciência da Religião. Verifica-se que há uma tendência interdisciplinar como constitutivo da disciplina. Seu objetivo é resguardar a complexidade do ser humano em suas várias faces interpostas. Desse modo, busca-se refletir sobre a preocupação da Ciência da Religião em não reduzir o ser humano a um discurso científico único e determinante.

Em termos gerais, o objetivo do primeiro capítulo desse trabalho se orienta pelas seguintes questões: Qual é a tarefa e o objeto da Ciência da Religião? O que constitui a abordagem empírica da disciplina? Em que constitui a abordagem sistemática? Qual é o lugar de outras disciplinas na produção de conhecimento pela ótica da Ciência da Religião?

## 2.1 A tarefa da Ciência da Religião

A partir do final do século XIX e início do século XX, reflexões sobre o estatuto epistemológico da Ciência da Religião<sup>4</sup> foram se consolidando. Após as considerações de Max Müller,<sup>5</sup> diversos autores se dedicaram à produção acadêmica que refletia sobre a identidade da disciplina emergente. O presente item dialoga com as abordagens de quatro autores: Max Müller; Cornelis Petrus Tiele; Daniel Chantepie de la Saussaye e Joachim Wach.<sup>6</sup>

A criação de uma disciplina parte da carência de uma abordagem que trate um determinado aspecto de uma realidade. Definir a tarefa de uma disciplina é justificar seu lugar e sua relevância. Tendo em vista identificar as reflexões sobre a tarefa da Ciência da Religião, busca-se responder as seguintes perguntas: qual é a tarefa da Ciência da Religião? Quais são as abordagens próprias da disciplina? De que forma os autores concebem o objeto da Ciência

---

4 O termo Ciência da Religião, no singular, faz referência à disciplina consolidada a partir do final do século XIX na Europa. A opção pelo singular, no primeiro capítulo desse estudo, reforça o pensamento epistemológico desenvolvido pelos principais sistematizadores da disciplina. Já o termo Ciências da Religião, será adotado posteriormente para discussões a respeito da disciplina no Brasil, seguindo a terminologia proposta pela CAPES, em 2015, onde fora consolidada a área “Teologia e Ciências da Religião”. Sobre a nomenclatura da disciplina ver mais em: (LIMA, 2008a, p. 197-224); (CAMURÇA, 2008b, p. 17-37); (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 12-16).

5 A publicação da obra *Introduction to the Science of Religion*, de Max Müller, publicada em 1870, é considerada o marco fundador da Ciência da Religião. O termo Ciência da Religião já havia sido citado na obra *Chips from a German Workshop: essays on the Science of Religion*, de 1867. Porém, deve-se ressaltar publicações anteriores que tornaram possíveis a constituição disciplinar da Ciência da Religião. O texto de Frank Usarski (2013, p. 51-61), intitulado *História da Ciência da Religião* apresenta um panorama geral do contexto acadêmico que foi decisivo para a emergência da disciplina.

6 A escolha dos autores foi determinada pela recorrência de citações de seus nomes como referências no debate epistemológico da disciplina. Como se pode verificar em algumas citações extraídas de textos publicados no Brasil: (BRITO, 2006, p. 147); (USARSKI, 2006, p. 25.); (USARSKI, 2006, p. 16); (CAMURÇA, 2008, p. 21-22); (ARAGÃO, 2011, p. 98).

da Religião? Qual aspecto da religião interessa à disciplina? De que forma aspectos que se restringem a subjetividade dos indivíduos são percebidos por métodos empíricos?

### 2.1.1 Friedrich Max Müller e a tarefa da Ciência da Religião

Max Müller (1823-1900)<sup>7</sup>, alemão, linguista e historiador das religiões é considerado um divisor de águas para os estudos da religião. Ao se dedicar à tradução dos textos sagrados das religiões, reconhece nos idiomas a manifestação empírica da essência das religiões. Sua obra *Introduction to the Science of Religion*,<sup>8</sup> publicada em 1873, estabelece as bases epistemológicas da Ciência da Religião<sup>9</sup>. Em sua proposta, apresenta a Ciência da Religião como disciplina autônoma, assumindo os fenômenos religiosos como passíveis de análise empírica, buscando nas fontes concretas dados para a análise e produção de teorias. Ao recorrer à composição dos estudos das línguas, vislumbra a possibilidade dos estudos científicos das religiões. Como aponta Usarski (2006, p. 24), “além de ter insistido no status próprio da disciplina, ele despertou, com suas teses polêmicas, enorme interesse público por sua nova matéria e ‘incentivou, em vários sentidos, o uso das fontes’ como base obrigatória do trabalho científico das religiões.”. O uso das fontes reafirma o caráter empírico da disciplina, estabelecendo limites próprios de sua abordagem.

Antes de ser apresentada a tarefa da Ciência da Religião de acordo com Max Müller, deve-se compreender a reflexão do autor sobre a constituição da religião como fenômeno humano. Nesse sentido, o autor indica que o fenômeno religioso se torna possível através de duas perspectivas: a primeira diz respeito a uma faculdade que possibilita o ser humano abrir-se ao infinito, proporcionando as experiências religiosas que são de ordem subjetiva; e, a segunda se constitui a partir das manifestações sensíveis e históricas dessa faculdade. Essa ressalva se faz necessária para se compreender a forma como Müller compreende o objeto da Ciência da Religião. Segundo Müller,

Religião significa pelo menos duas coisas muito diferentes. [...] Como há uma faculdade de linguagem, independente de todas as formas históricas da linguagem,

---

7 Friedrich Max Müller nasceu em 6 de dezembro de 1823 em Dessau, na Alemanha e faleceu em 28 de outubro 1900, em Oxford, na Inglaterra. Estudou filosofia e sânscrito na Universidade de Leipzig, gramática comparada em Berlin e Zend e indianismo em Paris. Foi professor em Oxford e Estrasburgo.

8 A obra *Introduction to the Science of Religion*, foi publicada em Londres em 1873. A obra é fruto de quatro cursos ministrados pelo autor a partir de 1870 no Instituto Royal de Londres.

9 A Ciência da Religião nasce em um contexto cristão e colonialista. Essa ressalva tem o objetivo de advertir sobre a necessidade de retomar os estudos clássicos com uma visão crítica e decolonial. Sobre essa crítica decolonial ver: (BAPTISTA, 2018); (WIRTH, 2013).



também podemos falar de uma faculdade de fé no homem,<sup>10</sup> independente de todas as religiões históricas. (MÜLLER, 1873, p. 16-17, tradução nossa).<sup>11</sup>

Nesse sentido, pode-se verificar uma inclinação propriamente humana não face às religiões, mas à capacidade de abstrair-se do empírico e apreender formas *infinitas*<sup>12</sup>. Assim como há uma disposição para linguagem que se apresenta em diferentes idiomas de acordo com o contexto cultural de cada povo, a fé é considerada uma faculdade que independente do contexto, permanece como possibilidade humana e se manifesta de múltiplas formas. Desse modo, para Müller, há uma faculdade no ser humano que o possibilita romper com os limites do real. Porém, uma disciplina empírica não é compatível com sentimentos de nível ontológico. Segundo o autor, para que a Ciência da Religião se aproprie de um caráter científico, ela deveria deixar de analisar os fenômenos religiosos que transcendem o mundo físico e reconhecer as formas nas quais essa faculdade humana se apresenta aos sentidos.

O corte operado pelo autor se dá na distinção sobre duas faces dos fenômenos religiosos: por um lado, verifica-se a religião enquanto faculdade antropológica, que se restringe a um nível ontológico, e por outro, religião enquanto manifestação histórica e sensível dessa faculdade. No caso da Ciência da Religião, ao eleger a religião como objeto de análise, o autor não se refere a “um poder silencioso, operando no coração do homem; quero dizer religião em sua aparência externa, religião como algo sincero, tangível e definido, que pode ser descrito e comunicado aos outros.” (MÜLLER, 1873, p. 153, tradução nossa).<sup>13</sup> Müller delimita o aspecto da religião que é de interesse da disciplina: a aparência externa da religião. Não faz parte da tarefa da Ciência da Religião investigar as operações que ocorrem no *coração do homem*, mas as decorrências dessas operações, suas manifestações dadas aos sentidos. Para que a disciplina assegure seu caráter empírico e científico no tratamento das religiões, os fenômenos devem ser tangíveis, ou seja, dispostos nas realidades concretas perceptíveis. Para que sejam comunicáveis, devem se apresentar à comunidade como linguagem universal.

Para Max Müller, são os idiomas que revelam as vivências espirituais de um povo específico. Como afirma Julien Ries (2019), para Müller “[...] o estudo das religiões do

---

10 O termo ‘homem’ segue como tradução fiel ao termo ‘men’. Contudo, tem-se consciência da limitação do termo. O termo “homem” já não compreende a multiplicidade dos seres humanos.

11 It will be easily perceived that religion means at least two very different things. [...] As there is a faculty of speech, independent of all the historical forms of language, so there is a faculty of faith in man, independent of all historical religions.

12 Optou-se pela grafia em itálico de termos considerados importantes, tanto para destacar termos sublinhados pelos autores abordados, quanto para palavras ao longo do texto.

13 I do not mean religion as a silent power, working in the heart of man; I mean religion in its outward appearance, religion as something outspoken, tangible, and definite, that can be described and communicated to others.

mundo nada mais é do que o estudo das diferentes linguagens que o homem usou para falar ao seu Criador nos diferentes períodos da história.” Dessa forma, as religiões devem ser entendidas em sua integridade, tendo em vista a cultura em que foi produzida. O contato com os idiomas revelará a particularidade e diversidade de cada manifestação religiosa. Nesse sentido, segundo Müller, toda tradição carrega em si legitimidade. Como afirma o autor, “a religião é um assunto sagrado e, em sua forma mais perfeita ou imperfeita, tem direito à nossa mais alta reverência” (MÜLLER, 1873, p. 6, tradução nossa).<sup>14</sup> O termo reverência não remete a culto, mas a comprometimento com o discurso oferecido pela disciplina à academia e à sociedade. O tratamento científico das religiões requer uma postura objetiva, tendo em vista a clareza e fidelidade do discurso. Segundo o autor,

a verdadeira reverência é mostrada no tratamento de todo assunto, por mais sagrado e querido que nos seja, com perfeita confiança; sem medo e sem favor; com ternura e amor, por todos os meios, mas, antes de tudo, com uma lealdade inabalável e intransigente à verdade. (MÜLLER, 1873, p. 7, tradução nossa).<sup>15</sup>

Mesmo reconhecendo os sentimentos próprios do pesquisador ou pesquisadora, que envolvem a pesquisa, cientistas da religião são convidados a um nível de objetividade, tendo em vista a singularidade da crença analisada.<sup>16</sup> Não há religiões que mereçam melhor tratamento ou sirvam de padrão unitário para a análise. Cada tradição é “compatível com a linguagem, os pensamentos e os sentimentos de cada geração, o que era apropriado para aquela fase do mundo [...]” (MÜLLER, 1873, p. 261, tradução nossa).<sup>17</sup> Toda manifestação religiosa é assumida pela disciplina como legítima e singular. Um estudo comparado<sup>18</sup> dessas singularidades, visíveis pelos idiomas, revelaria as aproximações e as afinidades entre os povos.

Como foi dito acima, a tarefa da Ciência da Religião, de acordo com Müller, é estudar a religião enquanto manifestação sensível da faculdade do ser humano de apreender o infinito. Além disso, o autor ressalta o aspecto da linguagem como intermediária na apresentação

---

14 Religion is a sacred subject, and whether in its most perfect or in its most imperfect form, it has a right to our highest reverence.

15 True reverence is shown in treating every subject, however sacred, however dear to us, with perfect confidence; without fear and without favour ; with tenderness and love, by all means, but, before all, with an unflinching and un- compromising loyalty to truth.

16 Sobre objetividade no âmbito dos estudos de religião e das Ciências Humanas em geral ver em: (GUERRIERO, 2010); (JAPIASSU, 1978, p 142-155); (JAPIASSU, 1994, p. 89-113).

17 [...] which was compatible with the language, the thoughts, and the sentiments of each generation, which was appropriate to the age of the world.

18 O método comparativo é incorporado à Ciência da Religião por Max Müller. Posteriormente, o método também é assumido pelos seus sucessores. Sobre método comparativo, ver mais em: (GRESCHAT, 2005, p. 121-135); (HOCK, 2017, p. 89-96); (PETAZZONI, 2018).

empírica dos sentimentos religiosos que operam na subjetividade. Desse modo, Müller “[...] e seus discípulos esperavam ‘cientificamente’ alcançar a essência da religião estudando o desenvolvimento das línguas.” (KITAGAWA, 1996, p. 38).<sup>19</sup> Dando seguimento ao pensamento do autor, a tarefa da disciplina é alcançada mediante dois ramos de trabalho: a Teologia comparativa e a Teologia teórica. Para Müller,

[...] a primeira, que tem que lidar com as formas históricas da religião, é chamada de *Teologia Comparativa*; a segunda, que tem que explicar as condições sob as quais a religião, em sua forma mais alta ou mais baixa, é possível, é chamada *Teologia Teórica*. (MÜLLER, 1873, p. 21-22, tradução nossa).<sup>20</sup>

Assim sendo, a nova disciplina operaria a partir de uma frente que se ocuparia de investigar as múltiplas manifestações históricas dos fenômenos religiosos e outra que se dedicaria a investigar como essas manifestações são possíveis. Enquanto a primeira se dedicaria ao estudo comparado dos dados empíricos, a segunda, a partir dos dados observados, se dedicaria a avançar no entendimento das religiões. Usarski (2013, p. 58) confirma essa divisão, ao apontar que Müller dispõe uma “organização interna da disciplina no sentido da distinção entre um ramo que se ocupa com as formas históricas da religião e um ramo sistemático interessado na explicação das condições sob as quais a religião se manifesta.” A organização disciplinar proposta por Max Müller continuou a influenciar os teóricos da disciplina. Os ramos da Ciência da Religião serão retomados por outros autores como Tiele, Saussaye e Wach. Embora tenham adotado outros termos, existe um constante diálogo com a distinção inicial proposta por Müller.

Em conclusão, para Max Müller, a tarefa da Ciência da Religião é estudar as religiões, em sua aparência externa, através do método comparativo. 1) O estudo das fontes empíricas é imprescindível para a Ciência da Religião; 2) O contato com as línguas primitivas, no qual as religiões se expressam, principalmente nos mitos, revelariam a essência da religião 3) A Ciência da Religião opera pela Teologia comparativa e a Teologia teórica. Enquanto a primeira oferece dados empíricos que ressaltam a singularidade de cada tradição, a segunda investiga a essência que torna possível as manifestações históricas da religião.

---

19 [...] y sus discípulos tenían la esperanza de alcanzar “científicamente” la esencia de la religión mediante el estudio del desarrollo de las lenguas.

20 [...] the former, which has to deal with the historical forms of religion, is called Comparative Theology; the latter, which has to explain the conditions under which religion, whether in its highest or its lowest form, is possible, is called Theoretic Theology.

### 2.1.2 Cornelis Petrus Tiele e a tarefa da Ciência da Religião

Após as considerações de Max Müller lançando as bases da Ciência da Religião, Cornelis Petrus Tiele,<sup>21</sup> teólogo holandês, em 1876, publica a obra *Geschiedenis van den Godsdiens*, em português, *Elementos de Ciência da Religião*.<sup>22</sup> Sua reflexão já apresenta uma maturidade a respeito dos fundamentos epistemológicos da disciplina. O que anteriormente se apresentava como uma pretensão de ciência autônoma, em Tiele, já se observa uma fundamentação mais refinada sobre o que constitui o objeto e o método próprio da Ciência da Religião. Como afirma o autor, “esse estudo agora assegurou um lugar permanente entre as várias ciências da mente humana.” (TIELE, 2018, p. 218). Ao passo que em Max Müller a disciplina ainda buscava seu lugar no campo das Ciências Humanas, em Tiele já se identifica certa estabilidade nos pressupostos epistemológicos da Ciência. O autor apresenta em sua obra os fundamentos que garantem a cientificidade e a especificidade da disciplina.

Tiele reconhece que, em se tratando dos estudos de religião, o termo *ciência* era correspondente com as constituintes do novo ramo do saber: “Isso não significa que sabemos tudo sobre um assunto, mas simplesmente que nós o investigamos para aprender algo sobre ele, de acordo com um método sólido e crítico, apropriado para cada departamento.” (TIELE, 2018, p. 219). A Ciência da Religião não pretende ser a voz imperante sobre a realidade religiosa, o que ela pretende é eleger um de seus vários aspectos e tratá-lo de acordo com suas pretensões. Nesse sentido, o resultado de sua interpretação é coordenado pelos limites, nos quais a disciplina elabora sua epistemologia, atuando através de uma ótica própria, influenciada pelos pressupostos da ciência moderna, e convicta da natureza empírica de seu objeto.

Tiele admite a abrangência dos dados religiosos dispostos à investigação da Ciência da Religião. O escopo de investigação da disciplina é direcionado a “todas as religiões do mundo civilizado e não civilizado, morto e vivo, e de todos os fenômenos religiosos que se apresentem à nossa observação.” (TIELE, 2018, p. 219). A tarefa da Ciência da Religião, para o autor, é investigar todas as religiões, assegurando a singularidade das manifestações de acordo com a cultura na qual estão inseridas. A afirmação de Tiele apreende o fato de que a disciplina não elege religiões mais ou menos aptas à sua investigação. Todas as tradições

---

21 Cornelis Petrus Tiele nasceu em 16 de dezembro de 1830 em Leiden, na Holanda e faleceu em 11 de janeiro de 1902. Estudou Teologia na Universidade de Amsterdã e tornou-se Pastor em Moordrecht e Roterdã. Professor na Universidade de Leiden.

22 O presente estudo fez uso da tradução do texto para o Inglês, *Elements of the Science of Religion* volume I, publicado em 1897, bem como de um artigo, que constitui o primeiro capítulo da obra, traduzido para o português por Fabio Stern e publicado pela Revista Rever em 2018.

dispõem de dados legítimos e confiáveis, oferecendo aos cientistas conteúdos extensos para suas abordagens. Se há uma singularidade dos fenômenos, cada civilização, de acordo com seu ambiente, produzirá uma forma única e legítima de expressar sua relação com o transcendente. O critério que limita o interesse da disciplina é a verificação empírica. Não há uma cultura religiosa que mereça maior atenção, portanto, para que a disciplina usufrua de seus dados, é necessário que eles se manifestem no terreno da sensibilidade.

A diversidade e legitimidade das tradições religiosas acarretam a impossibilidade de compreensões generalizadas dos fenômenos. Por esse motivo, “não devemos começar, como muitas vezes é feito, formulando um ideal preconcebido de religião; se tentássemos fazê-lo, ficaríamos necessariamente nos movendo em círculo.” (TIELE, 2018, p. 218). O autor holandês reconhece a originalidade de cada tradição, assegurando que suas particularidades não sejam suprimidas por um ideal que não foi oferecido pela experiência empírica. O contato empírico sempre revelará realidades que estão além da especulação. Atestar a particularidade dos fenômenos exclui de imediato, a pretensão de compreender as religiões sobre um único ideal adaptável a todos os fenômenos. Se a Ciência da Religião se limita a oferecer um conhecimento a partir de ideias estagnadas e adaptadas a todas as realidades, sem levar em conta o que o próprio fenômeno diz sobre si, a disciplina recai no círculo de atividade de outras disciplinas, não oferecendo nada de novo ao tratamento das religiões.

Os dados oferecidos pelas religiões são abrangentes. Cabe ao/à cientista da religião eleger a abordagem que o aproximará desses dados. Estabelecer uma abordagem é limitar o campo de investigação de uma disciplina, identificando chaves de compreensão específicas que possibilitarão resultados satisfatórios. Os dados religiosos emergem de uma cultura própria e refletem as relações subjetivas e sociais dos indivíduos. Sobre a Ciência da Religião Tiele (2018, p. 220), afirma:

Tudo que ela deseja, e tudo que ela tem o direito de fazer são sujeitar a religião, como um fenômeno humano e, portanto, histórico e psicológico, a uma investigação sem preconceitos, a fim de verificar a forma como ela surge e cresce, quais são os seus elementos essenciais e, por fim, compreendê-la.

Desse modo, os dados oferecidos pelas religiões, ao se tornarem objeto da disciplina, não devem ser compreendidos isoladamente. É tarefa da Ciência da Religião perceber os fatores que interagem e possibilitam os fenômenos religiosos dados à observação. A religião não é um fenômeno humano isolado. Por esse motivo, deve ser compreendido levando-se em conta sua origem e as relações estabelecidas por ele. Como atesta o autor, “a religião certamente está enraizada na natureza do homem, - ou seja, ela brota do íntimo da alma.”

(TIELE, 2018, p. 223). O termo *íntimo da alma* não se refere a uma concepção religiosa da origem da religião. Mais do que uma teologia, o termo busca legitimar a Ciência da Religião no estatuto próprio das Ciências Humanas. No contexto da obra do autor, o termo é utilizado para frisar os aspectos psicológicos da religião.<sup>23</sup> Sujeitar a religião a um fenômeno humano é reconhecer que é no âmbito das criações subjetivas que se expressam no mundo empírico através da linguagem, que a disciplina constrói seu objeto.

Segundo Tiele, a religião como fenômeno humano integra em si fatores históricos e psicológicos. Como foi apresentado acima, a religião brota do *íntimo da alma*, desse modo, o estudo científico dessa realidade só é possível pela inscrição histórica dessas operações. Toda realidade humana se dá na história, está inserida em uma realidade específica e em uma determinada cultura que a produz e lhe dá forma. Por esse motivo, a religião é particular e original. Ainda sobre a origem psicológica da religião, observa o autor,

a unidade que combina a multiplicidade desses fenômenos é a mente humana, que não se revela em nada tão completamente como neles, cujas manifestações, por diferentes que sejam as formas que assumem em diferentes planos de desenvolvimento sempre se originam da mesma fonte. (TIELE, 2018, p. 219).

A fonte comum de todas as realidades religiosas é a mente humana. Embora as manifestações sejam diferentes em cada tradição, todas elas se originam da mente, surgem e crescem no interior de uma cultura e se tornam linguagem sociável e perceptível aos sentidos. Ries (2019), a respeito da origem psicológica da religião, afirma comentando as teorias de Tiele: “Observando a universalidade do fenômeno religioso, ele acredita que sua origem não é histórica, mas psicológica. A história das religiões tem a tarefa de mostrar como esse fato psicológico se desenvolveu e como ele se manifestou de várias formas em povos e raças.” Em suma, conceber a religião em suas dimensões histórica e psicológica assegura a cientificidade da disciplina, equiparando os fenômenos religiosos aos objetos recorrentes em outras disciplinas das Ciências Humanas.

Conforme os apontamentos do autor, “o objetivo da nossa ciência não é o próprio sobre-humano, mas a religião baseada na crença no sobre-humano [...]” (TIELE, 2018, p. 219). Aqui, verificam-se duas faces dos fenômenos religiosos: o sobre-humano e a religião baseada na crença no sobre-humano. A primeira diz respeito às realidades transcendentais, que extrapolam os limites da verificação empírica e se restringem a relações subjetivas dos indivíduos religiosos. A designação de sobre-humano não compete à Ciência da Religião. Desse modo, é o ser humano que coordena e indica os dados para a disciplina: “Eles são

---

23 Para um panorama sobre as relações entre Psicologia e religião ver: (VALLE, 2007, p. 121-167); (HOCK, 2017, p. 161-181); (FILORAMO; PRANDI, p. 157-203).

sobre-humanos, nem sempre em realidade, mas na estimativa de seus adoradores.” (TIELE, 1880, p. 2, tradução nossa).<sup>24</sup> Ou seja, não cabe ao/à cientista atestar a veracidade das realidades sobre-humanas. Desse modo, será a estima do ser humano que testemunhará o atributo de sobrenaturalidade que é conferido a tais realidades.

A relação do humano com o sobre-humano se dá no nível da subjetividade, sendo um fenômeno da mente, o sobre-humano propriamente não é acessível ao/à cientista da religião. A religião baseada na crença no sobre-humano, tornada linguagem sociável, se apresenta como “[...] manifestações da mente humana em palavras, atos, costumes e instituições que testemunham a crença do homem no sobre-humano, e servem para conduzi-lo na relação com ele.” (TIELE, 2018, p. 218). O autor constata que a partir da relação entre o humano e sua divindade são gerados testemunhos sensíveis. O que interessa à Ciência da Religião são os conteúdos decorrentes dessa relação.

É na esteira das manifestações que testemunham a crença do humano no sobre-humano que a Ciência da Religião produz seu conhecimento. Por isso, “[...] devemos atentar a tudo em que esse estado de espírito desencadeia e que esse sentimento se expressa – tanto em palavras como em ações, que juntos constituem a linguagem da religião.” (TIELE, 2018, p. 227). É a partir da análise dessa linguagem – o que Tiele chama de morfologia –, que a disciplina cria suas categorias – ramo ontológico da Ciência da Religião. Nas palavras do autor, a tarefa geral da Ciência da Religião consiste em “comparar as diferentes manifestações da vida e crença religiosa, e as diferentes comunidades religiosas a fim de classificá-las de acordo com a etapa e direção de seu desenvolvimento.” (TIELE, 2018, p. 220). Além da descrição de como as religiões crescem e surgem – descrição de suas formas – é tarefa da disciplina reconhecer o estágio no qual cada tradição se encontra. De acordo com Ries (2019), a função das partes da Ciência da Religião, de acordo com Tiele, pode ser sintetizada da seguinte forma: “A morfologia estuda os fenômenos externos, enquanto a ontologia aborda a essência da religião, para destacar a substância comum imanente às várias formas em que aparece.”

A tarefa da Ciência da Religião para Tiele perpassa as seguintes questões: 1) a Ciência da Religião é uma disciplina com direitos de se intitular *ciência*; 2) tem o compromisso de investigar todas as religiões observáveis no mundo empírico, sem reservas; 3) não parte de um ideal, tendo em vista que uma disciplina empírica não pode partir de ideias preconcebidas; 4) a religião deve ser compreendida como um campo de interações históricas e psicológicas; 5)

---

<sup>24</sup> They are superhuman, not always in reality, but in the estimation of their worshippers.

concebe o objeto da Ciência da Religião como testemunhos da crença gerados a partir da relação do ser humano com o sobre-humano.

### 2.1.3 Daniel Chantepie de la Saussaye e a tarefa da Ciência da Religião

Dando seguimento à apresentação das abordagens dos autores clássicos, além de Müller e de Tiele, Daniel Chantepie de la Saussaye<sup>25</sup> é aclamado como fundador das bases epistemológicas da Ciência da Religião. Chantepie da La Saussaye, teólogo holandês, publicou, no ano de 1887, a obra<sup>26</sup> *Lehrbuch der Religionsgeschichte*, traduzido para o português como *Manual de História da religião*. Os primeiros capítulos da obra são reservados à discussão do mote próprio da Ciência da Religião. Para o autor, “a ciência das religiões é uma ciência nova cuja autonomia data apenas de algumas dezenas de anos; o seu crescimento está longe de ter acabado e o seu direito ao título de ciência ainda não é universalmente reconhecido.” (SAUSSAYE, 1940, p. 13). Onze anos após as publicações de Tiele, Saussaye reconhece que a Ciência da Religião está em um processo de efetivação e formação de seu estatuto. Por um lado, assume que a construção epistemológica da disciplina não se encerra em sua publicação, e por outro reafirma que a disciplina ainda busca seu espaço de efetivação na academia.

Atendo-se à história da disciplina, Saussaye constata que a Filosofia da Religião foi precursora da Ciência da Religião. Nesse sentido, foi necessário que “a religião se tornasse um objeto de especulação filosófica. [...]. Todavia, foi a filosofia moderna que inaugurou o estudo filosófico do fenômeno religioso considerado em si mesmo, sem atender ao conteúdo da revelação cristã.” (SAUSSAYE, 1940, p. 13). A Filosofia da Religião inaugura uma nova postura de análise do objeto religião. Se anteriormente a religião era analisada como decorrência da revelação ou como projeto e desenvolvimento da ação divina, a Filosofia da Religião reconhece sua face histórica, psicológica e metafísica. Esse acontecimento possibilitou uma abordagem científica e sem preconceitos dos fenômenos religiosos. Ao citar

---

25 Daniel Chantepie de la Saussaye, nasceu em 9 de abril de 1848 em Leeuwarden, e morreu aos 20 de abril de 1920, em Bilthoven, na Holanda. Filho de um teólogo, também seguiu a carreira do pai. Doutorou-se no ano 1871 na Universidade de Utrecht. Foi professor de história das religiões na Universidade de Amsterdã (1899) e na Universidade de Leiden (1961).

26 A obra *Lehrbuch der Religionsgeschichte*, publicada em 1887, (1ª ed. de 1887; 2ª ed. de 1897; 3ª ed. de 1905; 4ª ed. de 1925) tendo Chantepie de la Saussaye como coordenador e supervisor, contou com a colaboração de diversos especialistas em religião. O autor esclarece ter procurado “a colaboração de especialistas que, pelo seu conhecimento das línguas, estavam mais perto das fontes do que eu. Bem entendido, tive o cuidado de escolher meus colaboradores entre os sábios que se interessam pelos estudos religiosos.” (SAUSSAYE, 1940, p. 9). Para este estudo utilizou-se a tradução de Lobo Vilela, *História das religiões*, publicada em 1940, pela Editora Inquérito, em Lisboa.



a Filosofia da Religião, Saussaye reconhece na obra de Hegel a primeira corrente teórica que indica a possibilidade dos estudos empíricos da religião. Segundo o autor,

[...] foi Hegel o verdadeiro pai desta nova filosofia; foi ele o primeiro que soube considerar ao mesmo tempo todos os aspectos, metafísico, psicológico, histórico, do problema da religião, e tornar visível o acordo da ideia religiosa com os fenômenos que a traduzem. (SAUSSAYE, 1940, p. 13).

Desse modo, a Filosofia de Hegel<sup>27</sup> contribuiu efetivamente para a construção do objeto da Ciência da Religião: os fenômenos que traduzem as ideias religiosas. De acordo com Saussaye (1940, p. 13), Hegel “[...] ao reconhecer os diversos aspectos que concorrem para a interpretação dos fenômenos religiosos e associar as ideias religiosas com suas manifestações empíricas que as traduzem, ‘determinou o objecto próprio da ciência da religião’ [...] Partindo da filosofia hegeliana, de acordo com Saussaye (1940, p. 15), “a ciência das religiões tem por objecto o estudo da religião, da sua natureza e das suas manifestações.” Dessa forma, verificam-se duas frentes de análise da religião. Por um lado, o estudo da natureza da religião, que se caracteriza pela busca de princípios essenciais presentes nos dados religiosos, e, por outro, as manifestações da religião. Essa última se dá no âmbito da pesquisa empírica, identificando as formas nas quais o sentimento religioso se manifesta.

A disciplina investiga os fenômenos dados à observação, e este ofício “divide-se naturalmente em filosofia da religião e história das religiões.” (SAUSSAYE, 1940, p. 15). Enquanto a primeira interpreta os dados religiosos, a segunda busca descrever os dados históricos. Como afirma Ries (2019), “[...] o primeiro caminho é a filosofia da religião, cujo campo é constituído pela problemática concernente à essência e à origem da religião; a história das religiões, por outro lado, estuda as diferentes religiões da humanidade; a fenomenologia está entre os dois campos de estudo.” A ponte entre os estudos históricos e os filosóficos é a fenomenologia, entendida pelo autor não como um método, mas como um termo indicativo do trabalho classificatório da disciplina.

Em síntese, para Saussaye a tarefa da Ciência da Religião é a seguinte: 1) a Filosofia da Religião, especialmente na figura de Hegel, apontou a possibilidade do objeto da Ciência da Religião; 2) o objeto de interesse da Ciência da Religião são os fenômenos que traduzem as ideias religiosas; 3) a tarefa da disciplina é investigar a natureza e as manifestações da religião; 4) A fenomenologia religiosa tem a função de comparar e classificar os fenômenos.

---

27 Joachim Wach em sua obra Sociologia da Religião (1990, p. 26-28), faz um breve comentário sobre as contribuições da Filosofia da Religião de Hegel para a Ciência da Religião.

#### 2.1.4 Joachim Ernst Adolphe Felix Wach e a tarefa da Ciência da Religião

Dos autores que aqui foram apresentados, Joaquim Wach<sup>28</sup>, alemão, sociólogo e teólogo, está inscrito na história da disciplina como um dos principais sistematizadores da epistemologia da Ciência da Religião até os dias atuais. Publicou em 1924 a obra, *Religionswissenschaft: Prolegomena zu ihrer Grundlegung*,<sup>29</sup> em português, *Ciência da Religião: Prolegômenos da sua fundação*. Posteriormente foi traduzido para o inglês como *Introduction to the history of religions*. Na obra o autor discorre sobre a tarefa da Ciência da Religião, a partir das abordagens empírica e sistemática, tema que já era recorrente em Müller, Tiele e Saussaye.

Segundo Wach (2018, p. 233), “o objetivo geral da Ciência da Religião é estudar sistematicamente e empiricamente as religiões de todos os tempos e todos os lugares.”. O caráter empírico é recorrente nas análises defendidas pelo autor, pois para Wach o mundo sensível orienta o ofício da Ciência da Religião. Compreender a disciplina a partir de dois ramos reafirma a influência da ciência moderna na constituição epistemológica da Ciência da Religião. De acordo com Greschat (2005, p. 47-48), Joachim Wach “especificou essas duas áreas da Ciência da Religião. Segundo ele, enquanto a história estuda religiões de maneira longitudinal, a Ciência Sistemática da Religião as estuda de maneira transversal.” Se o empirismo, no âmbito da ciência moderna, é a única possibilidade de conhecimento legítimo e se a tarefa da ciência é reconhecer as leis que permeiam a natureza, Wach se apropria desses imperativos para fundamentar a disciplina. Por um lado, o ramo empírico ou histórico colhe os dados no mundo sensível da religião, por outro, o ramo sistemático, através do estudo comparado,<sup>30</sup> busca apreender as leis gerais que permeiam esses fenômenos.

Wach se opõe ao método filosófico como possibilidade de orientar as investigações da Ciência da Religião. Não é interesse do autor deslegitimar as disciplinas que produzem seu conhecimento através desse método. Seu objetivo é estabelecer os limites de atuação de cada uma. É próprio da Filosofia tender a discursos universais. O método filosófico cria conceitos e aplica generalidades a casos particulares. No caso específico da Filosofia da Religião, uma

---

28 Joachim Wach nasceu em 25 de janeiro de 1898 em Chemnitz na Alemanha e faleceu em 27 de agosto de 1955 em Orselina na Suíça. Estudou nas Universidades de Leipzig, Munique e Berlin. Doutorou-se em Filosofia no ano de 1922 em Leipzig. Especializou-se em História das Religiões, Filosofia da Religião e Temas orientais. Em 1930 tornou-se doutor em Teologia. Em 1945 foi convidado para ser professor na Faculdade de Chicago. Sobre a biografia de Wach, ver mais em (WACH, 1967, p. 19-26).

29 Essa obra foi desenvolvida por Wach como pré-requisito para a sua habilitação em Ciência da Religião pela Universidade de Leipzig. Em 1988 esse texto foi traduzido ao inglês como *Introduction to the History of Religion*.

30 Sobre o estudo comparado das religiões, na perspectiva de Joachim Wach ver: (WACH, 1967).

reflexão sobre os fenômenos religiosos não passa, necessariamente pelo contato empírico. Nesse sentido, a tarefa da Ciência da Religião é outra. Como atesta Wach (2018, p. 235) “cientistas da religião limitam-se a estudar religiões específicas, áreas específicas e problemas específicos [...]. Tentativas de construir uma história geral da religião (*Religionsgeschichte*) vêm de fora da disciplina.”. Assumir que o/a cientista da religião se ocupa de religiões específicas reflete a preocupação do autor, em admitir a particularidade e autonomia dos fenômenos. Não é tarefa da disciplina criar padrões gerais que interpretem qualquer fenômeno religioso por um viés geral e homogêneo. A tarefa da Ciência da Religião é reconhecer as tradições a partir de suas particularidades, assumindo que cada fenômeno religioso deve ser analisado a partir de seus próprios termos.

Compreender as religiões por um único modelo, adaptável a qualquer particularidade, não faz parte da tarefa da Ciência da Religião. Desse modo, reduzir a religião a uma disciplina que elabore um discurso decisivo, que tenha a pretensão de abranger todos os aspectos da religião, não é um procedimento compatível com o mundo sensível.

De acordo com Joachim Wach, o objeto da Ciência da Religião requer outras disciplinas, para que, de forma dialógica, descreva e interprete os dados religiosos, não como uma teoria determinante, mas para abrir as possibilidades, reconhecendo a complexidade dos dados. É tarefa da disciplina, nesse sentido, expandir o campo de análise. Desse modo, “a ciência geral da religião, que abrange dentro do seu âmbito: fenomenologia, história, psicologia e sociologia da religião, é essencialmente descritiva, visando compreender a natureza de todas as religiões.” (WACH, 1990, p. 11). A Ciência da Religião para Wach é fenomenológica, pois observa os fenômenos, e assume que é deles que os dados poderão ser colhidos. A disciplina é histórica<sup>31</sup>, pois compreende a religião como ação humana, que se manifesta de variadas formas, de acordo com cada povo. O caráter histórico da Ciência da Religião garante as justificativas de sua cientificidade. É também uma ciência psicológica<sup>32</sup>, em diálogo com o que afirmara Tiele (2018), pois os fenômenos religiosos têm origem na mente humana e se apresentam como materialização de sentimentos que se restringem a ordem psicológica que não é sensível. Por fim, é uma ciência sociológica<sup>33</sup> por ser a religião

---

31 Para uma visão geral sobre o desenvolvimento, autores e escolas da História das Religiões ver: (ALBUQUERQUE, 2007, p. 19-52); (HOCK, 2017, p. 31-67); (FILORAMO; PRANDI, p. 59-90); (AGNOLIN, 2013); (ELIADE, 2010).

32 Sobre as relações entre a Ciência da Religião e a Psicologia de acordo com Joachim Wach, ver apêndice intitulado *Psychologism and the History of Religion* (WACH, 1988, p. 143-151).

33 Sobre a perspectiva sociológica de Joachim Wach e demais autores que seguem essa perspectiva, ver: (WACH, 1990); (NUNES, 2007, p. 97-119); (HOCK, 2017, p. 101-137); (FILORAMO; PRANDI, p. 91-114); (CAMPOS, 2007).

um fator da coletividade, que se mantém no seio das relações sociais e orienta o agir do ser humano no mundo.

A tarefa da Ciência da Religião, para Wach, inclui a descrição (ramo empírico), e a interpretação (ramo sistemático) dos fenômenos religiosos. Ao passo que, “todas essas subdivisões são consideradas partes integrais da *Religionswissenschaft*, de acordo com a maneira como usamos essa expressão.” (KITAGAWA, 1996, p. 39-40, tradução nossa).<sup>34</sup> Wach assinala para a possibilidade de um terceiro ramo,<sup>35</sup> que se apresenta diante do contato com a complexidade e abrangência dos dados. Conforme o autor,

no meio dessas duas abordagens aparece uma terceira que considero apropriada para a Ciência da Religião. Nessa abordagem se estuda, com base na pesquisa empírica, a relação entre as religiões empiricamente observáveis e a cultura, primeiramente em relação ao espírito e depois em relação à prática. (WACH, 2018, p. 249).

Em outras palavras, Wach reconhece que os estudos das religiões empíricas oferecem pistas para a compreensão das formas nas quais as atitudes do espírito – que são as relações entre o ser humano e suas religiões – interferem na prática, ou seja, na vida social e na cultura. Portanto, isso não significa que o cientista da religião tem como objetivo orientar uma cultura, tendo em vista as consequências do exercício de determinada religião em seu meio. Nesse sentido,

a Ciência da Religião não se preocupa com o fato de uma determinada religião ter sido útil ou prejudicial à cultura de um povo. Ele simplesmente registra os efeitos reconhecíveis e tira suas conclusões deles, interpretando-os, tanto quanto possível, dentro de um contexto mais amplo. (WACH, 2018, p. 249).

A tarefa desse terceiro ramo é indicar os efeitos das operações religiosas, reconhecendo em que sentido uma determinada crença interfere na formação da cultura. Além disso, identifica as interferências de um fenômeno religioso para uma sociedade. Esse terceiro ramo, posteriormente, pode ser interpretado como Ciência da Religião Aplicada, tendo em vista o papel social da disciplina.

Tendo em vista o que foi mencionado acima, a tarefa da Ciência da Religião é descrever e interpretar fenômenos específicos, levando em conta sua complexidade. O objeto da Ciência da Religião é construído no mundo empírico, verificado pelos sentidos e vivenciado no cotidiano humano. Como afirma Wach, “é precisamente a ascensão e a queda, o florescimento e o desvanecimento das aparências temporais e empíricas o que é mais

---

<sup>34</sup> Todas estas subdivisiones se considerán partes integrantes de la *Religionswissenschaft*, de acuerdo com la forma que utilizamos esta expresión.

<sup>35</sup> Veja-se a esse respeito à tese de doutorado de Matheus Oliva da Costa, defendida na PUC-SP em 2019, com o título: Ciência da Religião aplicada como o terceiro ramo da *Religionswissenschaft*: história, análises e propostas de atuação profissional.

importante para a ciência empírica da religião.” (WACH, 2018, p. 237). Ascensão, queda, florescimento dizem respeito a movimento, à transitoriedade, fatores presentes em todas as ciências que têm o ser humano como objeto de investigação. Partindo desses pressupostos, o estudo buscará identificar de que forma Wach concebe o objeto da disciplina, se atendo à sua especificidade: um estudo empírico, inserido no estatuto próprio das Ciências Humanas, tendo como interesse religiões concretas.

Primeiramente, o autor admite uma dupla natureza dos fenômenos religiosos. Reconhecer que a religião possui uma dupla natureza é garantir a legitimidade científica da disciplina. Para o autor, “de um lado, temos a história interna da religião. Do outro a história objetiva da religião, doutrina, culto, etc.” (WACH, 2018, 242). A primeira natureza diz respeito às relações internas do sujeito com sua divindade. Tais relações não são perceptíveis empiricamente e são restritas à mente do ser humano. A segunda natureza oferece ao cientista da religião dados para sua análise. Nela a relação interna do ser humano se torna linguagem perceptível aos sentidos. Nas palavras do autor, “a experiência fundamental, autêntica, que nós dominamos *religiosa* tende a expressar-se ou objetivar-se de modos variados.” (WACH, 1990, p. 26). A Ciência da Religião se interessa por expressões objetivadas da experiência subjetiva dos indivíduos.

As manifestações religiosas, enquanto linguagem sensível, se tornam objeto para a disciplina. Para que essas manifestações sejam interpretadas, “precisamos de uma fenomenologia das expressões da experiência religiosa, de uma ‘gramática’ da linguagem religiosa, fundamentada num estudo compreensivo empírico, fenomenológico e comparativo.” (WACH, 1990, p. 26-27). É nesse sentido que a abordagem empírica e a sistemática se interagem. Partindo da fenomenologia das expressões, ou seja, do contato com os dados obtidos pela análise empírica, a disciplina cria uma *gramática*, em outras palavras, categorias que possibilitem metodologicamente compreender os fenômenos.

Para Joachim Wach, a tarefa da Ciência da Religião se divide em duas abordagens: a empírica e a sistemática. Partindo dessas constituintes básicas, pode-se concluir: 1) o objeto de interesse da disciplina são as objetificações ou história externa dos sentimentos religiosos internos dos sujeitos; 2) a abordagem empírica observa as manifestações da religião enquanto linguagem sensível; 3) a abordagem sistemática busca princípios recorrentes nos fenômenos religiosos; 4) Wach admite uma terceira abordagem que analisa as consequências de uma determinada religião para a sociedade.

Concluindo, pode-se observar que a tarefa da Ciência da Religião, de acordo com os fundadores da disciplina, é investigar os fenômenos religiosos a partir de suas manifestações

empíricas. O objeto da disciplina está disposto aos sentidos e é investigado através de duas abordagens: a primeira, que busca apreender a diversidade das manifestações religiosas, e a segunda que se empenha em criar classificações que interpretem e apresentem afinidades entre as tradições religiosas. No próximo item, buscar-se-á aprofundar as reflexões dos autores a respeito do ramo empírico da Ciência da Religião.

## 2.2 O ramo empírico

De acordo com os autores clássicos da Ciência da Religião, a disciplina tem a tarefa de investigar os fenômenos religiosos dados aos sentidos através de duas abordagens: a primeira observa, coleta e descreve fenômenos religiosos, a segunda opera através das classificações e categorias, gerando as teorias. Compreendido o objetivo da disciplina e de que forma seu objeto é concebido, neste item busca-se apresentar algumas considerações sobre o ramo empírico da Ciência da Religião, bem como reflexões de ordem metodológica. As reflexões que seguem abaixo giram em torno das seguintes questões: de que forma o estudo das fontes empíricas é introduzido nos estudos de religião? Qual a importância dos estudos empíricos? Quais são as aproximações e distanciamentos entre a Ciência da Religião e a Filosofia? Quais são as reflexões metodológicas propostas pelos autores? Na sequência serão consideradas as reflexões advindas de cada um dos autores clássicos da disciplina Ciência da Religião.

### 2.2.1 *A Teologia comparativa de Max Müller*

A novidade introduzida por Max Müller nos estudos de religião é o uso das fontes. Sem as fontes dadas à observação a tarefa da Ciência da Religião se torna impossível. Segundo Müller, o ramo que trata das manifestações empíricas da religião é chamado de Teologia comparativa. De acordo com o autor, esse ramo tem a ver com “[...] as formas históricas da religião [...]” (MÜLLER, 1873, p. 21).<sup>36</sup> Compreender a Ciência da Religião com uma de suas partes interessada nas formas históricas revela o interesse empírico desde o início da disciplina. A faculdade do ser humano de apreender o infinito se manifesta de múltiplas formas no decorrer da história. Faz parte do trabalho da Teologia comparativa reconhecer e comparar essas manifestações.

---

36 [...] historical forms of religion [...].

Segundo o autor, para se compreender a religião em suas manifestações externas, deve-se recorrer à linguagem como experiência que revela a essência da religião. Desse modo, para Müller, “[...] a religião primitiva e a linguagem antiga estão mais intimamente ligadas, dependendo a religião inteiramente de sua expressão externa nos recursos mais ou menos adequados da linguagem.” (MÜLLER, 1873, p. 154, tradução nossa).<sup>37</sup> De fato, há um componente na religião que não se apresenta aos sentidos. Portanto, a religião que interessa ao/a cientista da religião deve ser percebida empiricamente, para que seja analisada. Para o autor, é através das línguas que alcançamos a compreensão das religiões. Os estudos dos mitos revelariam aspectos da vivência religiosa dos sujeitos. Segundo Müller, as linguagens, especificamente os idiomas, carregam o potencial de intermediar e traduzir as visões de mundo dos sujeitos de uma determinada tradição religiosa. Nesse sentido, como afirma Agnolin (2013, p. 30) “não se trata de apreender os aspectos abstratos das línguas. O papel da linguagem, nesse sentido, é de apresentar através dos signos linguísticos a compreensão que o homem tem de si e de sua relação com o transcendente.”. A língua de um povo deixa de ser um simples instrumento de comunicação, para se tornar um componente que revela as vivências e sentimentos de uma comunidade. Nesse sentido, “se ater à linguagem não é se limitar às metáforas, mas reconhecer nelas o aspecto humano, e de sua própria vida expressada nela.” (AGNOLIN, 2013, p. 30). Por esse viés, o estudo dos idiomas se torna precioso para os estudos da religião. São os diferentes dialetos humanos que fornecerão ao/a cientista as representações dos sentimentos religiosos internos dos sujeitos.

Como filólogo<sup>38</sup>, Müller encontra nos documentos originais das religiões fonte de análise para as operações teóricas da disciplina. O interesse pelas fontes revela o desejo do autor de incluir a disciplina nos moldes científicos da época. Para garantir a cientificidade dos estudos próprios da Ciência da Religião, recorre aos documentos das tradições religiosas, aos livros sagrados, aos mitos, como referências sensíveis das operações subjetivas da religião. Como observa Ries (2019), “na Ciência das Religiões, sua pesquisa comparada marca uma etapa importante: com a filologia, ele introduziu um elemento importante no método comparativo.” Desse modo, se as línguas são reflexos do mundo vivido, será na comparação dos textos sagrados das religiões que a Ciência da Religião colherá seus materiais para investigar a essência da religião.

---

37 [...] how at all events early religion and early language are most intimately connected, religion depending entirely for its outward expression on the more or less adequate resources of language.

38 Sobre a influência da Filologia na fase inicial da Ciência da Religião ver: (HOCK, 2017, p. 38-48); (USARSKI, 2013, p. 57).

A forma da linguagem revelará os sentimentos religiosos dos povos. Nesse sentido, “para o estudante de religião, os livros canônicos são, sem dúvida, da maior importância [...]” (MÜLLER, 1873, p. 102).<sup>39</sup> É nos documentos religiosos que Müller encontra material empírico para desvelar a essência das religiões que são dadas nos fenômenos empíricos das línguas. Elas oferecem aos sentidos, os sentimentos presentes nos sujeitos. A linguagem primitiva das religiões, segundo Müller, é acessada através das narrativas míticas.<sup>40</sup> Os mitos, por serem formados nos primórdios das religiões, seriam mais fiéis às vivências dos indivíduos e estariam mais próximos à essência das religiões. Conforme o autor, “[...] é indispensável que tenhamos uma concepção clara da forma mais primitiva de cada religião antes de procedermos a determinar seu próprio valor, e compará-lo com outras formas de fé religiosa.” (MÜLLER, 1873, p. 26-27).<sup>41</sup> Para que sejam feitas comparações, o/a cientista da religião deverá se ater à linguagem primitiva da religião, pois será ela que oferecerá ao/a pesquisador/a a forma mais aproximada da essência da religião. Portanto, é imprescindível partir das fontes, ou seja, do mundo das manifestações empíricas da religião, que se apresentam através das línguas.

De acordo com Max Müller, a respeito do ramo empírico da Ciência da Religião, pode-se concluir: 1) a Teologia comparativa é responsável pelo trabalho empírico da disciplina; 2) o uso de fontes reafirma o caráter histórico da Ciência da Religião; 3) o estudo dos idiomas, pela ótica da Ciência da Religião, tem o objetivo de traduzir os sentimentos religiosos dos povos; 4) os mitos religiosos se apresentam como expressão máxima da essência das religiões.

### 2.2.2 *A morfologia da religião em Tiele*

Para Tiele, a Ciência da Religião se divide em duas partes: a morfológica e a ontológica. A primeira se refere ao empreendimento empírico da disciplina. Segundo o autor, é a parte “morfológica, que se preocupa com as constantes mudanças de forma resultantes de uma evolução sempre progressiva” (TIELE, 2018, p. 228). De acordo com o autor, a parte morfológica da Ciência da Religião busca reconhecer nos fenômenos empíricos e observáveis as mudanças e as formas que as tradições religiosas assumem. De acordo com Ries (2019), a

---

39 To the student of religion canonical books are, no doubt, of the utmost importance [...].

40 Sobre o estudo dos mitos ver: (QUEIROZ, 2013, p.499-413); (SAMPAIO; SILVEIRA, 2019)

41 [...] as it is essential that we should know the most ancient forms of every language, before we proceed to any comparisons, it is indispensable that we should have a clear conception of the most primitive form of every religion before we proceed to determine its own value, and to compare it with other forms of religious faith.



História das Religiões, “[...] teria como objetivo descrever os destinos e modificações das diferentes religiões.” Reconhecer as mudanças é assumir o caráter histórico das manifestações religiosas, percebendo nos resultados dessas mudanças o estágio no qual cada uma se encontra.

Nesse sentido, Tiele reconhece que “[...] a Ciência da Religião requer um fundamento mais amplo que a história no sentido comum da palavra. A pesquisa histórica deve preceder e abrir caminho para a nossa ciência; mas não pertence a ela.” (TIELE, 2018, p. 224). A abordagem histórica precede o trabalho da Ciência da Religião, portanto, a disciplina não se reduz a descrições históricas. Se assim o fizesse, invalidaria a justificativa da especificidade da disciplina. Todos os estudos conduzidos pelos pressupostos epistemológicos da Ciência da Religião devem, além da descrição histórica, partir para as classificações. Sem os dados, ou as formas oferecidas pelos fenômenos religiosos, o/a cientista da religião não pode identificar o estágio em que a religião estudada se encontra. A parte morfológica garante o caráter científico da disciplina, assegurando e identificando os dados a serem analisados e classificados.

Partindo da análise da função do ramo empírico/morfologia para a Ciência da Religião, de acordo com Tiele, serão apresentadas algumas considerações metodológicas propostas pelo autor. A princípio, se considerarmos os quatro autores clássicos da disciplina, os holandeses – Tiele e Saussaye – tendem a assumir com maior clareza a proximidade entre Ciência da Religião e Filosofia. Desse modo, as categorias gerais da Filosofia têm papel fundamental para a configuração do método da Ciência da Religião. Como afirma Tiele (2018, p. 224), “[...] não precisamos hesitar abertamente em proclamar o caráter filosófico da nossa ciência e aplicar a ela o método adaptado a todos os ramos filosóficos da ciência – a saber, o dedutivo.” Nesse sentido, a Ciência da Religião assume, em partes, o método dedutivo proposto pela filosofia. A lógica do método dedutivo consiste em reconhecer que as premissas conduzem a uma conclusão verdadeira. Aplicado aos estudos da religião, Tiele assume as premissas filosóficas, conduzem o/a cientista aos fenômenos particulares. Portanto, por se tratar de uma disciplina que tem o dado empírico como referencial fundamental, o método dedutivo especulativo é incipiente a empreitada da Ciência da Religião. Não basta à disciplina apresentar as premissas que indicam a possibilidade de um conhecimento a respeito dos fenômenos. Dessa forma, pelo viés da Ciência da Religião, o método dedutivo, com suas premissas gerais, conduz ao fenômeno religioso, mas não o reduz a suas conclusões preliminares.

O método dedutivo é assumido a partir dos objetivos próprios da Ciência da Religião. Como esclarece o autor, “[...] quando eu falo do método dedutivo, quero dizer este método menos especulativo de todos. Pelo contrário, nosso raciocínio dedutivo deve partir dos resultados obtidos por indução, por métodos empíricos, históricos e comparativos.” (TIELE, 2018, p. 224). O método dedutivo opera com categorias universais, e do ponto de vista filosófico, não passa necessariamente pela análise dos dados sensíveis. No caso da Ciência da Religião, o método dedutivo está integrado ao indutivo. O último consiste na emergência de categorias a partir dos particulares, gerando categorias universais. Para Tiele, a Ciência da Religião, a princípio, se vale do método dedutivo: o/a pesquisador/a usa de categorias preestabelecidas para aproximar-se do seu objeto.

Em seguida, o método indutivo confronta as assertivas iniciais, uma vez que, é parte de seu ofício fazer emergir dos fenômenos particulares novas categorias. O método indutivo vai ao encontro das particularidades, das formas da religião, e a partir delas cria as categorias que se abrem à comparação.

A proposta metodológica de Tiele não coloca a disciplina no lugar de um discurso especulativo e ideal da religião<sup>42</sup>. Como afirma o autor, “começar a partir de qualquer posição *a priori* e erguer um sistema sobre isso é uma perda de tempo e não leva a nada.” (TIELE, 2018, p. 224). Erguer sistemas, ou análises da religião a partir de categorias dedutivas, que não levam em conta a emergência empírica da linguagem própria de cada religião, não faz parte da disciplina. É nas manifestações externas que o método indutivo cria suas categorias, e identifica os estágios das religiões. Hock (2017, p. 69) reafirma a importância da pesquisa empírica: “[...] sem a pesquisa histórica detalhada da formação e da transformação de distintas religiões e tradições religiosas a Ciência da Religião correria o perigo de se esgotar em especulações abstratas que teriam pouco a ver com o mundo real das religiões.” A disciplina não lida com um ideal de ser humano. O fazer da disciplina só é possível diante de homens e mulheres, de suas vivências no interior de uma cultura específica e com características particulares. Nesse sentido, a pesquisa é histórica e antropológica.

Para Tiele, a tarefa empírica da Ciência da Religião é chamada de morfológica. Em síntese: 1) a parte morfológica da Ciência da Religião é responsável por identificar as

---

42 O mesmo pode ser aplicado à relação entre Teologia e Ciência da Religião. Na obra de Tiele, sobre a relação entre as disciplinas, pode-se verificar, por exemplo: “Existem tantas Teologias quantas forem as religiões éticas ou que seus devotos consideram religiões reveladas; mas há apenas uma ciência da religião, embora, como outras ciências, e isso é fato no interior de cada diferente Teologia, abraça diferentes escolas. O negócio da Ciência da Religião é investigar e explicar; deseja saber o que é a religião e por que somos religiosos; mas a tarefa da Teologia é estudar, explicar, justificar e, se possível, purificar, uma determinada forma de religião, desenvolvendo seus registros mais antigos, reformando, harmonizando-a com novas necessidades e promovendo seu desenvolvimento.” (TIELE, 2018, p. 222). De acordo com o autor, a Teologia serve a uma determinada tradição. Faz parte de seu estatuto epistemológico refletir a partir de uma tradição religiosa, seguindo sua lógica e afirmando, questionando, e produzindo seus conteúdos. A Ciência da Religião, não tem, nesse sentido, caráter normativo. O que ela deseja é investigar e explicar os fenômenos religiosos, interessada em alargar sua compreensão enquanto fenômeno cultural humano. Nesse sentido, enquanto a Teologia diz de dentro de uma tradição, a Ciência da Religião, aposta em uma análise que busca certa objetividade. Outra distinção entre as disciplinas pode ser verificada na citação a seguir: “A Teologia realmente ensina qual é a religião certa, o que ela exige dos seus adeptos, como surgiu e alcançou sua condição presente, e até mesmo o que realmente deveria estar de acordo com seus próprios princípios; mas se não compara seu sistema religioso com os outros [...]” (TIELE, 2018, p. 222-223). Ressaltando outro aspecto que afirma a distinção entre Teologia e Ciência da Religião, o autor afirma que a Teologia não faz uso de comparações. Antes disso, reafirma o caráter de verdade presente na tradição que defende. Tendo em vista as distinções entre as disciplinas, Tiele indica o lugar onde as disciplinas se encontram: “Se nós o considerarmos como destinado a unir todos os estudos que têm a religião como objeto de investigação, e que, portanto, também inclui a teologia cristã (excluindo a teologia sempre prática, que, sendo a teoria de uma prática, realmente não pode ser chamada de ciência), de modo algum substituirá a teologia, mas irá abraçá-la e, embora a Teologia até então tenha se considerado independente, tornar-se-á uma mera província, embora seja dirigente em seus vastos domínios. Isso soa muito bem no resumo, e parece perfeitamente lógico; mas seria inteiramente pouco prático e só prejudicaria ambos os ramos do estudo. (TIELE, 2018, p. 221-222). Nesse sentido, a Ciência da Religião, enquanto disciplina que busca unir estudos que tem a religião como objeto de investigação, aceita a contribuição da Teologia da mesma forma que aceita as contribuições de outras disciplinas. A Teologia se torna uma *província* da Ciência da Religião, o que significa dizer que a disciplina dialoga com os resultados obtidos pela Teologia, porém, continua a ditar os caminhos da abordagem que lhe é própria. Em resumo, Tiele reconhece a distância entre as duas disciplinas: primeiramente pelo vínculo com a tradição religiosa estudada, e segundo pela ausência de comparações na Teologia. Sobre a proximidade das disciplinas, a Teologia é aceita como uma das várias ciências que dialogam sobre a religião, portanto cada disciplina atua de acordo com suas bases epistemológicas.

mudanças sensíveis das formas das tradições religiosas; 2) a parte morfológica deve preceder todo o trabalho da disciplina; 3) o método indicado pelo autor integra o método dedutivo e o indutivo: categorias gerais aproximam o/a pesquisador/a do seu objeto, ao passo que, essas categorias são confrontadas com os dados oferecidos pelo contato empírico.

### *2.2.3 A História das Religiões em Chantepie de la Saussaye*

Chantepie de la Saussaye também apresenta a constituição empírica da Ciência da Religião. Para o autor a abordagem responsável pela percepção e coleta de dados empíricos é a História das Religiões. O autor reconhece a riqueza de dados e análises obtidos pela empiria por outras disciplinas. Segundo o autor, “a obra do nosso tempo tem consistido em procurar e elaborar os materiais da história. A Ciência das Religiões deve o seu desenvolvimento às descobertas e os progressos da linguística, da filologia, da etnografia, da mitologia, do folclore.” (SAUSSAYE, 1940, p.14). O autor holandês alinha o surgimento da Ciência da Religião, com o alvorecer de outras disciplinas que também se dedicaram a investigar fenômenos culturais. Essas disciplinas abriram caminho para a possibilidade dos estudos de religião, uma vez que, se apoiaram em métodos empíricos para analisar fenômenos que tem sua origem na subjetividade humana.

A Ciência da Religião, para Saussaye, se divide em História da Religião e Filosofia da Religião. Ambas interagem tendo em vista a compreensão dos fenômenos religiosos. Como aponta o autor, “estas duas partes são intimamente ligadas: a filosofia seria vã se se contentasse com procurar uma definição abstracta do conceito de religião, sem tomar em conta os dados concretos.” (SAUSSAYE, 1940, p.15). Ou seja, sem o estudo empírico a Filosofia da Religião se apoiaria em definições abstratas, que apontam para o universal. Os dados, observados pelos sentidos, garantem a Filosofia da Religião, a valorização das particularidades e a honestidade de suas teorias.

Para Saussaye, a Filosofia auxilia no reconhecimento dos fenômenos religiosos. Nas palavras do autor, observa-se uma preocupação metodológica: “a história, por sua vez, não pode dispensar a filosofia, porque precisa de ter uma ideia da religião, ainda que provisória, não só para definir e classificar os fenômenos religiosos, mas também para os reconhecer. (SAUSSAYE, 1940, p. 15). Assim como Tiele, Saussaye reconhece que serão os empreendimentos da Filosofia, bem como das suas classificações, que tornarão possíveis o reconhecimento dos fenômenos religiosos. Desse modo, assume um trabalho preliminar de

reconhecimento, não de elaboração de teorias. A Filosofia indicaria os fenômenos, enquanto a História das Religiões, faria emergir as particularidades de cada tradição religiosa.

Concluindo, de acordo com o pensamento de Chantepie de la Saussaye, o caráter empírico da disciplina pode ser compreendido pelos seguintes pontos: 1) a abordagem que trata dos aspectos empíricos da religião é a História das Religiões; 2) as disciplinas que surgiram no século XIX, que trataram de realidades humanas, através de métodos empíricos influenciaram a Ciência da Religião; 3) a Filosofia da Religião, carece dos dados oferecidos pela História das religiões; 4) a Filosofia oferece ao/a cientista da religião, categorias que o/a auxilia na aproximação com os dados religiosos.

#### 2.2.4 Joaquim Wach e a consolidação da abordagem empírica da Ciência da Religião

Dos autores selecionados Joachim Wach é quem se debruça com maior ênfase sobre perspectiva empírica da Ciência da Religião. O autor define claramente as abordagens, dando-lhes o nome de abordagem empírica e sistemática, comprometido com os pressupostos da ciência moderna. Para o autor, “[...] a tarefa mais importante do estudo empírico das religiões deve continuar sendo entender o “tornar-se” das religiões particulares, entender seu desenvolvimento como o desdobramento dos princípios a elas inerentes.” (WACH, 2018, p. 240). A opção de investigar o “tornar-se” das religiões reflete a atenção à autonomia das particularidades de cada tradição. O ramo empírico é responsável por fazer emergir do fenômeno categorias que revelam as manifestações específicas de uma tradição. Dessa forma, “sob o título ‘histórico’ está a história geral das religiões e das religiões específicas.” (KITAGAWA, 1996, p. 39-40). Além disso, reconhece o movimento, operado por sujeitos atuantes, que modificam e mantêm as tradições. O ramo empírico assume a religião na esteira das criações humanas.

A preocupação da Ciência da Religião não é com a transformação ou com a origem em sentido abstrato. O *desenvolvimento* refere-se à prática cotidiana, a religião que se faz e age por meio da ação de homens e mulheres, no seio de uma cultura. Além disso, o desenvolvimento não pretende apresentar um *ranking* que as religiões devem alcançar. A pesquisa empírica deslegitima discursos unitários. Tendo em vista que todo desenvolvimento é único, deve-se compreendê-lo a partir da própria religião analisada. Nas palavras do autor,

Não obstante, a ciência da religião deve estudar o desenvolvimento da religião. Por “desenvolvimento”, não quero dizer o começo ou a origem da religião em um

sentido filosófico. Do mesmo modo, cientistas da religião não devem falar de “desenvolvimento” no sentido de “transformação”. (WACH, 2018, p. 236).

A ideia de desenvolvimento pode ser entendida equivocadamente como o intuito de criar uma história geral de uma tradição religiosa. Wach adverte sobre essa concepção: “Segue-se, então, que a construção de uma história universal, da religião precisa ser especulativa, e por isso não pode ser uma preocupação da ciência da religião, visto que a ciência da religião é uma disciplina empírica.” (WACH, 2018, p. 235). Criar um discurso que busca enquadrar religiões particulares, em uma história geral parte do princípio da especulação, ou seja, procura analisar um fato sem necessariamente se ater à manifestação empírica das religiões. Esse princípio viola a constituição empírica da disciplina. O que Wach propõe é justamente o contrário. Ideias universais suprimem as particularidades. Por esse motivo, não fazem parte da tarefa da Ciência da Religião. Contra a redução das particularidades dos fenômenos, “uma empatia pelas individualidades é necessária aqui para discernir o que é correto, um sentimento pela singularidade das formações históricas que tiveram todos os grandes e verdadeiros historiadores.” (WACH, 2018, p. 241). O desenvolvimento de cada tradição é único e deve ser entendido em seus próprios termos. É no contato empírico que as realidades particulares se manifestam.

Dos autores estudados, Joachim Wach é o que se posiciona com maior cautela sobre a Filosofia<sup>43</sup> em sua relação com a Ciência da Religião. Se, anteriormente, os autores assumiam as contribuições filosóficas para os procedimentos da disciplina, Wach constata a impossibilidade dessa associação devido à natureza especulativa da Filosofia. De acordo com o autor alemão, “primeiro, a história das religiões é uma disciplina empírica, não filosófica. Segue-se que a história das religiões nunca pode fazer parte da filosofia da religião, muito menos pode ser idêntica a ela.” (WACH, 1988, p. 82, tradução nossa).<sup>44</sup> O desejo do autor é argumentar sobre o ofício próprio de cada disciplina. Uma disciplina empírica, não é compatível com a Filosofia pelo fato de a primeira se alinhar à especulação, enquanto a

---

43 Sobre as divergências entre Filosofia e Ciência da Religião ver: (WACH, 1988, p. 169-179).

44 First, the history of religions is an empirical, not a philosophical, discipline. It follows that the history of religions can never be a part of the philosophy of religion, even less can it be identical with it.

segunda não deve gerar conhecimentos que não emergiram do campo empírico.<sup>45</sup> Nas palavras do autor “a Filosofia da Religião é diferente. Não importa o quanto uma filosofia seja orientada para a ‘realidade’, ela sempre vê o histórico como acidental. Para a filosofia, a ideia é primária e o fenômeno secundário.” (WACH, 1988, p. 96, tradução nossa).<sup>46</sup> A perspectiva histórica é fundamental a Ciência da Religião, é nela que a disciplina encontra conteúdos para sua análise. As ideias, em uma disciplina empírica são posteriores ao fenômeno. É o fenômeno, em sua manifestação empírica, que oferece as categorias para o/a pesquisador/a para gerar as teorias. As ideias, no caso da Ciência da Religião, não são frutos de um movimento abstrato da razão, são consequências da manifestação e interpretação dos fenômenos das religiões concretas.

O estudo dos fenômenos religiosos dados à observação requer da disciplina posturas metodológicas que atendam a esse objetivo. Segundo Joachim Wach o método da Ciência da religião deve, “[...] ser caracterizado e determinado empiricamente.” (WACH, 1988, p. 94, tradução nossa).<sup>47</sup> O método empírico orienta o trabalho da Ciência da Religião. Todos os resultados da disciplina advêm de um estudo baseado nos dados oferecidos no mundo empírico. As estratégias metodológicas devem atender ao objetivo da disciplina: descrever e interpretar religiões concretas. O método empírico condiz com os pressupostos científicos da Ciência da Religião, ao passo que, o método filosófico, associado à disciplina se torna incompatível a esses pressupostos.

Wach indica que há uma impossibilidade de a Ciência da Religião partir de deduções: “Religiões concretas não podem ser deduzidas da ideia de religião.” (WACH, 1988, p. 95, tradução nossa)<sup>48</sup> Religião no singular aponta para uma universalidade do conceito, uma ideia universal tende sempre a distanciar-se da realidade empírica dos dados. Religiões concretas, no plural, só podem ser compreendidas enquanto diversidade autônoma e reativa a conceitos universais que pretendem ser cabíveis a todas as tradições religiosas. Não começar por

---

45 A mesma reflexão pode ser aplicada a relação entre Teologia e Ciência da Religião de acordo com Joachim Wach. A princípio, sobre o interesse apologético da Teologia: “A questão do progresso não é uma questão da ciência da religião. Na busca por sua própria tendência apologética, a Teologia pode agrupar historicamente dados religiosos para indicar progresso.” (WACH, 2019, p. 239). Ou seja, a Ciência da Religião não tem objetivo de defender uma determinada tradição religiosa. A Teologia indica progressos, tendo em vista valorizar a tradição na qual ela se apresenta como defensora. No mesmo sentido, Wach assume que não cabe a Ciência da Religião juízos sobre a verdade dos fatos religiosos. Nas palavras do autor, “Questionamentos sobre o conteúdo da verdade, certamente não se enquadram na competência da história das religiões, problema para a Teologia e a filosofia da religião; sobre o conteúdo cognitivo (*Erkenntnisgehalt*), a Filosofia e a Teologia devem alcançar suas próprias conclusões.” (WACH, 1988, p. 89).

46 The philosophy of religion is different. No matter how much a philosophy is oriented toward *reality*, it always sees the historical as accidental. For philosophy, the idea is primary and phenomena secondary.

47 Its method must, therefore, be characterized as empirically determined.

48 Concrete religions cannot be deduced from the idea of religion.

deduções, oferecidas principalmente pela filosofia, não significa que essas serão descartadas do processo de investigação da disciplina. Como assegura o autor, “não há dúvida de que mesmo as tentativas mais simples de um pesquisador são condicionadas por certas convicções, métodos e pontos de vista filosóficos básicos.” (WACH, 1988, p. 82, tradução nossa).<sup>49</sup> Wach reconhece que em determinados momentos do fazer científico da Ciência da Religião, algumas convicções filosóficas contribuem com o trabalho do/a pesquisador/a.

Algumas convicções filosóficas podem auxiliar o/a cientista da religião na aproximação dos dados e na sua compreensão. Para Kitagawa (1996, p. 96) Wach: “[...] reconheceu as contribuições necessárias da filosofia para o estudo científico das religiões, insistiu precisamente que o ponto de partida da *Religionswissenschaft* foi encontrado nas religiões dadas historicamente.”<sup>50</sup> Portanto, os dados sempre serão anteriores às convicções. Se as convicções forem assumidas como o discurso final sobre um determinado fenômeno, sem levar em conta aquilo que os dados empíricos traduzem, a abordagem se torna violenta castrando a autonomia criativa dos dados. Segundo o autor, “uma abordagem de cima necessariamente ‘*viola*’ os resultados da pesquisa que começa de baixo; no mínimo, a aplicação de princípios filosóficos a fatos religiosos viola os procedimentos de uma disciplina empírica.” (WACH, 1988, p. 95, tradução nossa).<sup>51</sup> Os caminhos metodológicos de uma disciplina estão em consonância com os pressupostos epistemológicos. Se a empiria é o método principal da Ciência da Religião, seu procedimento deve partir dos dados oferecidos pelo contato sensível. Se, para Wach, partir de deduções especulativas é incompatível com uma disciplina empírica, para o autor,

A tarefa da história das religiões é observar, tratar e interpretar os dados "*históricos*". Todos os métodos e procedimentos que a disciplina desenvolveu contribuem para este empreendimento. Esforços históricos e sistemáticos se unem para alcançar o objetivo da disciplina: o entendimento das religiões. (WACH, 1988, p. 96, tradução nossa).<sup>52</sup>

O método proposto por Wach, parte da observação, identificando no fenômeno os dados que servirão para análise. Partindo dos dados recolhidos a tarefa do pesquisador é tratar

---

49 There can be no doubt that even an individual researcher’s simplest attempts are conditioned by certain basic philosophical convictions, methods, and points of view.

50 [...] reconoció las necesarias contribuciones de la filosofía al estudio científico de las religiones, insistió justamente en que el punto de partida de la *Religionswissenschaft* se encontraba en las religiones históricamente dadas.

51 An approach from above necessarily “violates” the results of research that starts from below; at the very least, the application of philosophical principles to religious facts violates the procedures of an empirical discipline.

52 The task of the history religions is to observe, treat, and interpret the “historical” data. All of the methods and procedures that the discipline has developed contribute to this enterprise. Historical and systematic endeavors unite in approaching the discipline’s goal: the understanding of religions.



os dados: em meio ao emaranhado de dados que surgiram espontaneamente do fenômeno, o cientista organiza o caos, tendo em vista, agrupá-los e identificar as categorias presentes neles. Por fim, é tarefa da Ciência da Religião buscar interpretar os fenômenos através das categorias. Segundo o autor alemão, “os esforços dos estudiosos da religião devem sempre ser direcionados além da descrição para a interpretação (“*Deutung*”) dos fenômenos.” (WACH, 1988, p. 95, tradução nossa).<sup>53</sup> A disciplina, em sua tarefa empírica não se limita a descrever os fenômenos religiosos. Se a disciplina se restringe a descrever fatos, o conhecimento produzido não avança no espectro das ciências. Nesse sentido, “para tanto Wach propõe uma Ciência da Religião que seja descritiva e hermenêutica, que una abordagens explicativas e compreensivas. (HUFF JÚNIOR; PORTELA, 2012, p. 446). Sem as interpretações, não há contribuição que dê seguimento ao entendimento desses fenômenos culturais do ser humano.

É a interpretação que justifica a especificidade da disciplina. A partir da descrição de religiões concretas, a novidade da Ciência da Religião se dá ao oferecer um discurso científico amplo e dialógico sobre os dados religiosos. Ainda sobre a metodologia do/a cientista da religião, reforça o autor: “Seu método é a pesquisa; começa com interpretação (*Auslegung*) e termina com entendimento (*Verstehen*).” (WACH, 1988, p. 94, tradução nossa).<sup>54</sup> O processo metodológico, da Ciência da Religião passa da observação ao entendimento das tradições, observadas a partir de uma ótica sem preconceitos, que leva em conta as particularidades, ao invés da generalidade.<sup>55</sup>

Para Joachim Wach, o ramo empírico é responsável por observar e coletar dados sobre o *tornar-se* das religiões. Diante disso, pode-se concluir: 1) o *tornar-se* das religiões indica assumir as religiões como fenômenos humanos, nesse sentido, são históricos, psicológicos e sociais; 2) o ramo empírico é responsável por fazer emergir as particularidades dos fenômenos que confrontam compreensões generalizantes das religiões; 3) o método filosófico não é compatível com os objetivos da disciplina, uma vez que, o fenômeno, no caso da Ciência da Religião, é sempre anterior as ideias; 4) o método, segundo Wach, perpassa pela observação, tratamento, interpretação e entendimento.

Em termos gerais, os autores assumem a abordagem empírica como fundamental aos estudos de religião. O estudo das manifestações sensíveis das operações subjetivas dos indivíduos é de forma consensual, o objeto de investigação da Ciência da religião. Em seus

---

<sup>53</sup> The efforts of scholars of religion must always be directed beyond description to the interpretation (“*Deutung*”) of phenomena.

<sup>54</sup> Their method is research; it begins with interpretation (*Auslegung*) and ends with understanding (*Verstehen*).

<sup>55</sup> Sobre questões metodológicas no âmbito da Ciência da Religião ver mais em: (CAMPOS, 2018); (ENGLER; STAUSBERG, 2013); (MAGALHÃES, 1997); (SHEEDY, 2016); (SILVEIRA, 2016); (SILVEIRA, 2017) (PARALELLUS, 2015); (PARALELLUS, 2016).

nomes variados como, Teologia Comparativa, parte morfológica, estudo das manifestações ou ramo empírico, o estudo dos sentimentos religiosos dados aos sentidos constitui a parte fundamental que especifica e assegura o caráter científico da disciplina. Também é consensual que a disciplina não se reduz a observação e organização de dados. O ramo sistemático se integra ao empírico na criação de categorias que auxiliam na compreensão dos fenômenos. Discutida a função do ramo empírico para a Ciência da Religião, no próximo item o estudo buscará identificar a constituição do ramo sistemático.

### 2.3 O ramo sistemático

Como foi descrito na sessão anterior, o ramo empírico é fundamental para a coleta de dados para serem interpretados. O segundo procedimento indicado pelos autores é o ramo sistemático. Em termos gerais a tarefa sistemática da disciplina, consiste em “[...] mostrar semelhanças e diferenças de fenômenos análogos (sobre Sagrado) em diversas religiões [...]” (ARAGÃO, 2011, p. 98). A partir dos dados coletados, o/a cientista da religião identifica através da comparação princípios recorrentes nos fenômenos empíricos. O item quatro tem o objetivo de apresentar as abordagens dos autores clássicos sobre a tarefa sistemática da disciplina. O texto a seguir questiona os autores a partir das seguintes perguntas: em que constitui a tarefa sistemática da Ciência da Religião? Qual a importância do método comparativo? Em que sentido, a ideia de uma evolução religiosa é incluída nos estudos sistemáticos? Quais exemplos de classificações podem ser indicados a partir das análises dos autores do período da fundação e consolidação da disciplina?

#### 2.3.1 Max Müller e a Teologia Teórica

Já em Max Müller, observa-se a tarefa da disciplina em sistematizar dados empíricos. O autor alemão se refere a essa constituinte como *Teologia teórica*, que tem o objetivo de “[...] explicar as condições sob as quais a religião, em sua forma mais alta ou mais baixa, é possível,” (MULLER, 1873, p. 21-22).<sup>56</sup> Considerando que para Max Müller existe uma faculdade de fé no ser humano, a Teologia Teórica investiga de que forma essa faculdade se torna possível no decorrer da história. A Teologia teórica tem a função de identificar as formas

---

56 [...] which has to explain the conditions under which religion, whether in its highest or its lowest form, is possible [...].

nas quais a religião é possível. Nesse sentido, “toda a ciência real repousa sobre a classificação, e somente no caso de não conseguirmos classificar os vários dialetos da fé, teremos que confessar que a ciência da religião é realmente uma impossibilidade.” (MULLER, 1873, p. 123).<sup>57</sup> São as classificações, que indicam a particularidades dos dados históricos e expõem suas semelhanças a partir da comparação. As classificações apresentam a diversidade dos fenômenos através dos dados oferecidos pela Teologia comparativa. Portanto, comparar não significa tomar religiões homogêneas como único padrão. As classificações têm a função de aprofundar no conhecimento das tradições religiosas indicando os fatores que tornaram possível sua articulação na história.

Para Müller, a parte sistemática da Ciência da Religião fica aos encargos da Teologia teórica. 1) o objetivo da Teologia Teórica é apresentar de que forma as religiões históricas são possíveis; 2) busca-se uma classificação dos dialetos da fé; 3) a Teologia Teórica se interessa pela essência da religião.

### 2.3.2 *Tiele e o ramo ontológico*

Para Tiele, o ramo morfológico se integra ao ontológico. Se o primeiro tem a tarefa de apreender as formas das tradições observadas, o segundo “o ontológico, que trata dos elementos permanentes no que está mudando, o elemento inalterável em formas transitórias e sempre alteradas – em uma palavra, a origem e a própria natureza e essência da religião.” (TIELE, 2018, p. 228). A tarefa do ramo ontológico é identificar os elementos permanentes das tradições alcançando sua essência, ou seja, aqueles fatores inalteráveis nas formas religiosas. De acordo com Ries (2019) o ramo ontológico tem o objetivo de “mostrar a evolução da religião ao longo do tempo, entre os povos e na humanidade.” Nesse sentido, “Os fatos observados com precisão e fielmente registrados podem ser muito curiosos; mas, se não forem explicados, nem correlacionados, são curiosos e nada mais. (TIELE, 2018, p. 222). É o ramo ontológico que abre a interpretação e explicação dos fatos, através da comparação. Os dados religiosos, quando correlacionados geram as teorias. Uma simples descrição dos dados oferecidos pelos fenômenos empíricos, não gerariam um novo conhecimento.

Duas considerações preliminares se fazem necessárias: primeiramente, sobre os estágios do desenvolvimento: “Um não apenas sucede ou substitui o outro, mas um cresce a

---

<sup>57</sup> All real science rests on classification, and only in case we cannot succeed in classifying the various dialects of faith, shall we have to confess that a science of religion is really an impossibility.

partir do outro.” (TIELE, 1897, p. 29-30, tradução nossa).<sup>58</sup> Os estágios do desenvolvimento se apresentam como sequência em uma unidade, ou seja, mesmo que uma forma religiosa se transforme, ela derivou de uma mesma forma anterior. Ao passo que, “cada fase da evolução tem seu valor, sua importância e seu direito de existência [...]” (TIELE, 1891, p. 30, tradução nossa).<sup>59</sup> Ao apontar estágios do desenvolvimento da religião, Tiele não pretende eleger um estágio superior. Cada religião, em seu contexto cultural específico se desenvolve de acordo com as vivências de cada grupo. Se o desenvolvimento é reflexo do ser humano, todo desenvolvimento tem seu valor devido ao contexto que o acarretou.

Conforme o autor holandês, uma distinção na escrita do termo Religião indica o material no qual o ramo ontológico se interessa. De acordo Tiele, religião no singular se refere a uma constituinte humana, independente das formas históricas. Já religião no plural, se refere às formas históricas e empíricas dos fenômenos religiosos. Nas palavras do autor: “As religiões - essas são as formas pelas quais a religião se manifesta - morrem, mas a própria religião não. Embora sempre mudando de forma, a religião vive como a humanidade e com a humanidade.” (TIELE, 1897, p. 32, tradução nossa).<sup>60</sup> Existem as formas históricas da religião, que são perceptíveis aos sentidos, se transformam e desaparecem. Portanto, há nos fenômenos religiosos uma concepção de religião, que nos termos do autor é identificado como a “própria religião” que permanece e se apresenta no decorrer da história em diferentes roupagens. De acordo com Ries (2019), Tiele “influenciado pelas doutrinas evolucionistas do século XIX, investigou o desenvolvimento das religiões a partir dos núcleos psicológicos originais presentes no homem.” A tarefa do ramo ontológico, nesse sentido, é identificar os elementos que persistem, e podem ser verificados independentemente das formas. O ramo ontológico se interessa pela *própria religião* enquanto fenômeno que se desenvolve em conjunto com outras realidades do ser humano, e que é conhecida pelas suas formas históricas.

Seu desenvolvimento pode ser descrito como a evolução da ideia religiosa na história, ou melhor, como o progresso do homem religioso ou da humanidade como religiosa por natureza. No homem - não no homem individual, mas na humanidade - nunca estacionário, mas sempre avançando que, exatamente a esse respeito, é

---

58 The one does not merely succeed or supersede the other, but the one grows out of the other.

59 [...] each phase of the evolution has its value, importance, and right of existence [...].

60 Religions – that is, the forms in which religion manifests itself-die, but religion itself does not. Though ever changing in form, religion lives like mankind and mankind.

superior à religião dos animais inferiores, sendo parte da sua vida íntima que necessariamente se desenvolve com ele. (TIELE, 1891, p. 32-33, tradução nossa).<sup>61</sup>

Para o autor há um aspecto da religião que é antropológico. Mais do que a diversidade das formas religiosas, um sentimento comum inerente a natureza humana. Esse sentimento é manifestado e assumido das mais diversas formas, que são transitórias e são passíveis de um fim. Contudo, a religião enquanto característica humana permanece, evoluindo de acordo com a concepção de mundo dos indivíduos.

O ramo ontológico, de acordo com Tiele, busca identificar os estágios do desenvolvimento das religiões, identificando a etapa em que cada tradição se encontra, cria meios de interpretá-la. Conforme Tiele existem dois estágios no desenvolvimento da religião: as religiões naturais e as religiões éticas. Além destes, é possível identificar na obra do autor, um terceiro estágio onde a diversidade religiosa se torna predominante. Dada a função e objeto das investigações sistemáticas de Tiele, busca-se compreender as características gerais desses estágios.

De acordo com autor, as *religiões naturais* compõem o primeiro estágio do desenvolvimento da religião. Para Tiele, “as religiões naturais mais baixas conhecidas por nós correspondem às necessidades da infância da humanidade, quando esse período é apresentado a nós pelas últimas pesquisas antropológicas.” (TIELE, 1891, p. 68, tradução nossa).<sup>62</sup> As religiões naturais estão presentes na infância da humanidade. Dessa forma, a possibilidade de estudo das formas religiosas mais primitivas do ser humano é atribuída aos esforços dos estudos antropológicos. Sobre a constituição do estágio natural das religiões observa o autor: “Mas, como uma descrição primitiva da natureza, na qual os poderes da natureza são concebidos como seres dispostos e pensantes, mas ainda não estão incorporados na forma humana [...]” (TIELE, 1891, p. 84, tradução nossa).<sup>63</sup> As religiões classificadas como naturais pelo autor correspondem ao estágio, geralmente encontrado em religiões originárias, nas quais, o sagrado se manifesta em fenômenos naturais. A principal característica desse estágio consiste na distinção entre o ser humano e suas divindades. O divino, nesse período não assume formas humanas para se manifestar.

---

61 Its development may be described as the evolution of the religious idea in history, or better, as the progress of the religious man, or of mankind as religious by nature. In man — not the individual man, but mankind — never stationary, but ever advancing, who precisely in this respect is superior to the lower animals, religion, being a part of his inmost life, necessarily develops with him.

62 The lowest Nature-Religions known to us correspond to the needs of the childhood of humanity, as that period is presented to us by the latest anthropological research.

63 But as a primitive description of nature, in which the powers of nature are conceived as willing and thinking beings but are not yet embodied in human form [...].

Por conseguinte, o estágio intitulado, *religiões éticas*, tem seu início em “um despertar ético [...]” (TIELE, 1897, p. 67, tradução nossa).<sup>64</sup> Segundo o autor holandês, transições de religiões naturais para religiões éticas, são mais comuns, mesmo sendo possível o movimento contrário. Partindo de um estágio onde as realidades religiosas se manifestam independentes e agem segundo sua vontade, o despertar ético transpõe os sentimentos próprios do ser humano para as realidades religiosas. Nas palavras do autor: “ou, para expressar a questão de uma forma filosófica mais abstrata, o ideal moral subjetivo é objetivado ou projetado na concepção de Deus.” (TIELE, 1897, p. 67, tradução nossa).<sup>65</sup> Ou seja, as tradições que se encontram no estágio de desenvolvimento ético transpõem os sentimentos éticos para a ideia de Deus. A religião se torna porta-voz do desejo ético de seus seguidores. Como afirmou Tiele, o desenvolvimento ocorre tendo em vista suprir as necessidades dos indivíduos. Cada forma de religião tem o compromisso de traduzir melhor as carências de seus adeptos.

Partindo dos dois estágios, o processo de desenvolvimento continua. Tiele reconhece que um terceiro momento da religião que aponta para uma crescente diversidade religiosa. Nas palavras do autor: “E assim continua o processo: unir e dividir a formação de grandes unidades que novamente se dividem em novas variedades até que novas combinações sejam efetivadas.” (TIELE, 1897, p. 289, tradução nossa).<sup>66</sup> Desse modo, compreende-se que cada estágio se adapta as condições e preocupações presentes em cada povo. Segundo o autor, “O desenvolvimento da religião é como já foi observado o trabalho da mente humana para criar formas cada vez mais perfeitas para as crescentes necessidades da alma religiosa.” (TIELE, 1891, p. 148, tradução nossa).<sup>67</sup> Se a mente humana busca na religião formas de suprir suas carências, com a liberdade de crença e pensamento, as religiões tendem a uma diversidade, tendo em vista a autonomia criativa dos sujeitos.

De acordo com Tiele, o ramo sistemático da Ciência é chamado de *parte ontológica*. Concluindo pode-se verificar: 1) o ramo ontológico é responsável por investigar o desenvolvimento da religião; 2) por desenvolvimento, Tiele compreende a evolução da religião, independentemente das formas históricas; 3) o desenvolvimento acontece de acordo com as necessidades de cada povo; 4) religiões naturais revelam o estágio da religião, onde o ser humano se distingue do sagrado 5) religiões éticas se caracterizam pela projeção dos

---

64 [...] always the ethical.

65 Or, to express the matter in more abstract philosophical form, the subjective moral ideal is objectivised in, or projected into, the conception of God.

66 And so the process goes on; union and partition, the formation of great unities which again break up into new varieties, until new combinations are again effected.

67 The development of religion is, as already remarked, the labour of the human mind to create more and more perfect forms for the ever- growing wants of the religious soul.

anseios éticos de um povo na figura de um Deus. 6) o processo da evolução culmina na diversidade religiosa.

### 2.3.3 *A Filosofia da Religião em Chantepie de la Saussaye*

De acordo com Saussaye (1940, p. 15) a Ciência da Religião “divide-se naturalmente em filosofia da Religião e em História das Religiões. Estas duas partes são intimamente ligadas: a filosofia seria vã se contentasse em procurar uma definição abstrata do conceito de religião. Sem tomar em conta os dados concretos.” O autor também reconhece que o ramo empírico da ciência carece de uma análise sistemática. Assim sendo, a Fenomenologia da religião se ocuparia em descrever e classificar os dados religiosos através da comparação, enquanto a Filosofia da Religião se ocuparia de interpretar os dados percebidos pela História da Religião. O objetivo da Filosofia da Religião consiste em identificar os caracteres essenciais de cada tradição, levando em conta os dados concretos, criar as teorias sobre as religiões de acordo com seu estágio. As classificações servem ao/à cientista como parâmetro para a identificação dos estágios de evolução da vida de uma religião. Como afirma o autor “[...] uma classificação verdadeiramente científica deve basear-se nas características essenciais da evolução religiosa.” (SAUSSAYE, 1940, p. 16).

Chantepie de la Saussaye introduz o termo *Fenomenologia religiosa* para designar a tarefa sistemática da Ciência da Religião. De acordo com o autor, “a classificação dos diferentes fenômenos religiosos (Fenomenologia religiosa) conduz da história à filosofia das religiões.” (SAUSSAYE, 1940, p. 15). Nesse sentido, a *Fenomenologia religiosa* não é compreendida como um método, mas um novo termo para indicar o objetivo sistemático da disciplina. Como afirma Hock (2017, p. 74) “antes, seu objetivo é catalogar a diversidade das religiões e esboçar uma terminologia adequada.” Desse modo o termo *Fenomenologia religiosa*, na perspectiva de Saussaye, indica a necessidade de diante dos dados, criar classificações que os organize, descreva e compare os dados religiosos. Filoramo e Prandi compreendem que o termo fenomenologia é utilizado na obra do holandês para evidenciar a retomada do método comparativo: “Sob a nova terminologia não se escondia um novo método, mas sim a retomada daquele método comparativo que dominava os estudos da época: a chamada *Comparative Religion*.” (FILORAMO; PRANDI, 2016, p. 27). De acordo com os

autores, fenomenologia, nesse caso, não se refere ao método fenomenológico<sup>68</sup>, mas a comparação e classificação de fenômenos religiosos.

O autor indica dois grandes grupos de classificações: as classificações genealógicas e classificações morfológicas das religiões. A respeito das primeiras, explicita o autor: “As classificações genealógicas assentam na linguística; ela estabelece a unidade das famílias: família indo-germânica, semítica, etc.” (SAUSSAYE, 1940, p. 16). As classificações genealógicas têm a função de identificar uma determinada tradição na história de um povo. O termo genealógico se refere a raiz histórica que determina as formas que religiões assumem no decorrer dos anos. Desse modo, “[...] para uma história das religiões, a classificação genealógica é recomendável, porque só ela dá às influências e às dependências históricas a devida importância; [...]” (SAUSSAYE, 1940, p. 17). Nesse sentido, o trabalho das classificações genealógicas, assegura a História da Religião, pistas sobre a vinculação e atuação histórica dos povos que praticam determinada religião. Reconhecer o contexto histórico que circunda uma tradição religiosa, se torna fundamental ao objetivo geral da disciplina em investigar os fenômenos religiosos em sua totalidade.

Sobre as classificações morfológicas, ressalta Saussaye (1940, p. 17): “As classificações morfológicas não são objectivas: assentam sobre apreciações pessoais.” Se a primeira forma de classificação se assenta na percepção objetiva da história das religiões, a segunda diz respeito às interpretações que o pesquisador/a ou pesquisadora tem a respeito de seu objeto. As apreciações pessoais dos fenômenos indicam algumas categorias de processos, ou seja, de movimentos que ultrapassam a descrição histórica. As classificações genealógicas são objectivas, cabendo ao cientista da religião percebê-las e atribuí-las a uma tradição. Já as classificações morfológicas exigem do/a cientista da religião uma interpretação, uma apreciação do fenômeno com o intuito de reconhecer fatos que se relacionam. Se as genealógicas são classificações, que gozam de certa estabilidade, as morfológicas devem estar atentas as mudanças de formas em seu objeto.

Saussaye apresenta o ramo sistemático da Ciência da Religião a partir de dois momentos: o trabalho da Fenomenologia religiosa e da Filosofia da Religião. Em termos gerais: 1) O termo *Fenomenologia religiosa* não é compreendido como método, mas como uma expressão para evidenciar a função de classificação no âmbito da Ciência da Religião; 2) a Filosofia da Religião, tem a função de interpretar os dados que foram oferecidos pela

---

68 O termo fenomenologia religião, no sentido de um método foi largamente defendido por cientistas da religião. Ressaltam-se as obras de, G. Van der Leeuw (1964); Rudolf Otto (2007); Mircea Eliade (1992). Outros comentários gerais sobre a Fenomenologia da religião: (HOCK, 2017, p. 69-99); (FILORAMO; PRANDI, p. 27-58); (GASBARRO, 2013, p. 75-99); (PIAZZA, 1976). (CROATTO, 2001); (DREHER, 2003).



História das Religiões e descritos e classificados pela Fenomenologia; 3) as classificações genealógicas inserem a religião em uma determinada família histórica; 4) as classificações morfológicas designam operações que carecem da interpretação do/a pesquisador/a.

#### 2.3.4 O ramo sistemático em Joachim Wach

De acordo com Joachim Wach (2018), o objetivo do ramo sistemático é por um lado, identificar as estruturas e princípios recorrentes nas religiões concretas, e, por outro, auxiliar no entendimento dos fenômenos, gerando as teorias. Há uma diferença entre as categorias da Filosofia e da Ciência da Religião. Como observa o autor, “De qualquer forma, devemos distinguir a abordagem que se propõe a construir sínteses universais das tentativas de identificar ideias e princípios fundamentais.” (WACH, 2018, p. 235). O objetivo da Ciência da Religião não é criar estruturas ou categorias que compreendam todas as tradições religiosas, como se um único conjunto de classificações fosse capaz de traduzir e se adaptar a todo fenômeno religioso. O ramo sistemático encontra suas categorias no próprio objeto dado à observação. A tarefa do ramo sistemático é reconhecer no movimento contínuo das tradições, elementos que permanecem e que também podem ser verificados em outras tradições.

Segundo o autor alemão, as classificações têm propósitos didáticos e metodológicos, a fim de contribuir para uma decodificação dos dados dispostos pelo fenômeno. Nas palavras de Wach, “a abordagem teórica nos munirá das categorias necessárias com as quais poderemos organizar o material disponível. Mediante a abordagem empírica reuniremos a riqueza de dados com os quais confirmaremos a exposição de nossos princípios.” (WACH, 1990, p. 23). As classificações, a princípio, servem ao/a cientista da religião como instrumento de organização dos dados. Se a primeira tarefa da Ciência da Religião é observar e colher dados, posteriormente, o material recolhido deve ser organizado, sistematizado a fim de produzir as teorias. Assim há uma interação entre as abordagens. Wach propõe um duplo movimento: no primeiro momento as categorias emergem dos dados concretos, e, em seguida, essas categorias se voltam para interpretar esses dados gerando as teorias.

Um trabalho de classificação que não prescindia dos dados empíricos não oferece resultados à Ciência da Religião. Sobre esse pressuposto, afirma o autor: “O cientista da religião não pode se limitar a estudar empiricamente as formas, nem se limitar a estudar os pontos de vista (*Gesinnungen*). Ele deve ver os dois juntos: a mudança no significado e as mudanças de forma.” (WACH, 2018, p. 240). Significado diz respeito às categorias de interpretação utilizadas pela Ciência da Religião. Nesse sentido, não são só as formas,

enquanto linguagem, que mudam. Com as mudanças das formas, o/a pesquisador/a é impelido a revisitar as categorias que lhe servem de apoio para compreender o objeto. Nesse sentido, “[...] o cientista empírico da religião buscará constantemente pelo fluxo contínuo de eventos, o fluxo contínuo de desenvolvimento, para novos centros [...]” (WACH, 2018, p. 243). Por se tratar de uma ciência humana, não há categorias que permanecem para sempre, com o desenvolvimento e atividade religiosa, novas categorias precisam ser criadas e outras deixadas.

As classificações, de modo geral, não devem ser valorativas no sentido de eleger religiões superiores, ou mais ou menos prejudiciais ou positivas a uma sociedade. Nesse sentido, “Não há dúvida de que uma religião é tão digna de estudo quanto qualquer outra. A Ciência da Religião não deve subestimar e desprezar as chamadas *religiões inferiores* ou supervalorizar as religiões *primitivas*.” (WACH, 2018, p. 246). O/A cientista da religião reconhece a autonomia e originalidade de todos os fenômenos ditos religiosos. Se há uma tradição, em que o fenômeno revela a necessidade de novas categorias, elas devem ser criadas para compreender essa realidade, e não usar uma categoria incipiente. Por esse motivo, “[...] deve se engajar fortemente na análise de materiais etnográficos.” (WACH, 2018, p. 246). São os materiais etnográficos, que recusam de imediato as classificações valorativas e incipientes. O que está dado ao cientista são materiais específicos, que obviamente não se tornam menos expressivos por não se encaixarem em um determinado padrão homogêneo. O procedimento próprio da Ciência da Religião é a partir da observação, recolher e interpretar os dados, criar as categorias, ao passo que, elas se voltam, e metodologicamente e didaticamente, servindo-se do método comparativo, para a explicação do fenômeno.

Como foi dito acima, as classificações partem do material empírico. A partir da observação dos dados, o/a cientista da religião, organiza a multiplicidade dos elementos através das categorias. O ramo sistemático de acordo com o autor, atua de acordo com duas frentes: a primeira lida com categorias que auxiliam na organização dos dados religiosos, já a segunda identifica aspectos referentes ao conteúdo das religiões. Wach identifica dois possíveis tipos de classificação: as classificações materiais e as classificações formais. O objetivo das classificações materiais é o de organizar, enquanto as classificações formais interpretam e comparam. Como ressalta Hock (2017)

Sistemática da Religião Material que é dedicada ao ‘empiricamente concreta’ e analisada sistematicamente elementos individuais de conceituações religiosas. A Sistemática da Religião Formal de abstrair do empiricamente concreto e demonstrar o comum, por meio de um agrupamento que classifica termos e estruturas “ideal-típicos” de acordo com os tipos. (HOCK, 2017, p. 97).

A partir dos dados observáveis o/a cientista da religião se vê obrigado/a a desenvolver duas linhas de classificações. A primeira, as classificações materiais têm o objetivo de classificar ou sistematizar os dados particulares de uma tradição, ou seja, busca reconhecer e organizar sistematicamente os elementos de um fenômeno religioso específico. A segunda, as classificações formais, buscam identificar e sistematizar conceitos gerais que são recorrentes em várias tradições.

De acordo com o autor, a classificação material “é a tarefa central da história das religiões. É mais importante que a sistematização formal, pois opera mais profundamente no empírico e no concreto, que é a raiz de toda a disciplina.” (WACH, 1988, p. 138, tradução nossa).<sup>69</sup> O objetivo das classificações materiais se direciona aos dados dispostos nas realidades empíricas e específicas das religiões. Essas classificações identificam e descrevem elementos de uma tradição particular. A classificação material também usa da comparação no sentido de “entender o indivíduo, ou melhor, o fenômeno, contrastando semelhanças e diferenças.” (WACH, 1988, p. 134, tradução nossa).<sup>70</sup> As classificações materiais fazem comparações com o objetivo de fazer emergir as particularidades de cada fenômeno. A pesquisa empírica tem o objetivo de conduzir o/a pesquisador/a para a mais nítida compreensão do fenômeno, ou seja, aquela que se apresenta a seus sentidos. Fenômenos empíricos, quando colocados frente a frente tendem a expor suas particularidades com maior clareza. A comparação dos dados particulares de diferentes fenômenos religiosos, inevitavelmente apresentará as semelhanças e diferenças entre eles. Nesse sentido, o trabalho de comparações no âmbito material é de perceber e organizar os dados particulares de uma religião concreta.

Como foi apresentada acima, de acordo com a proposta de Joachim Wach, a sistematização material organiza e compara os fenômenos de uma religião concreta, ressaltando o caráter empírico da disciplina e buscando compreender melhor seus dados. Conforme Wach, (1988, p. 138, tradução nossa).<sup>71</sup> a classificação “[...] material inclui a identificação de tipos históricos (de personalidades individuais ou de fenômenos objetivos);”. Toda classificação no âmbito da Ciência da Religião, parte de fenômenos objetivos da religião. Nesse sentido, para que a disciplina não recaia em especulações distantes do mundo empírico, se faz necessário um trabalho de classificação que organize os dados empíricos e

---

69 But it is material systematization that is the central task of the history of religions. It is more important than formal systematization, for it operates more deeply in the empirical and concrete, which is the root of the entire discipline.

70 [...] to understand the individual phenomenon better by contrasting similarities and differences.

71 [...] includes the identification of historical types (of individual personalities or of objective phenomena).

que favoreça metodologicamente a formação das categorias formais. Em síntese, para Wach, o trabalho do/da cientista da religião, no âmbito das classificações materiais é:

[...] de acordo com os pontos de vista cronológico, geográfico, temporal e factual-sistemático. Ele estudará a prática de uma religião de um certo tempo e em um certo reino, terra, província ou lugar. Ele procurará descrever sistematicamente uma doutrina específica e o uso de cultos: de um profeta ou da prática de uma comunidade em um determinado período. (WACH, 1988, p. 132, tradução nossa).<sup>72</sup>

O objetivo das classificações materiais é descrever os fenômenos dados a observando, garantido que todos os seus aspectos sejam evidenciados. Desse modo, a tarefa das classificações materiais se apresenta no âmbito particular de um fenômeno religioso. São os elementos dispostos por uma tradição específica que dita as classificações materiais. Outro modelo de classificação proposto por Wach é o das classificações formais. Estas exigem do/a pesquisador/a abstrair-se do empírico para alcançar classificações gerais da religião. Portanto, “o particular só pode ser deixado para trás depois de receber a atenção que merece.” (WACH, 1988, p. 137, tradução nossa).<sup>73</sup> Dada a devida relevância aos dados particulares, as classificações formais operam a partir da comparação, tendo em vista evidenciar estruturas que são recorrentes em diversos fenômenos.

Partindo das classificações materiais que organizam e valorizam as particularidades dos fenômenos específicos, outro modelo de classificação proposto pelo autor é o das classificações formais. Sobre este modelo, Wach orienta: “também deve ser possível abstrair do particular e do concreto, enfim, buscar uma sistematização formal das religiões. Nesse tipo de sistematização, não estamos mais interessados na Teologia islâmica ou no conceito de *bid'a*, mas na estrutura das Teologias e no conceito de heresia.” (WACH, 1988, p. 132, tradução nossa).<sup>74</sup> Partindo desse exemplo, percebe-se que a preocupação das classificações formais não é uma tradição específica, em seus aspectos particulares, mas elementos recorrentes, uma estrutura comum, que de forma comparativa podem ser identificados em várias tradições. De acordo o autor, “A abordagem formal está interessada especialmente no que dois ou mais fenômenos têm em comum e, portanto, usa a comparação de maneira diferente e, se você preferir, com mais intensidade. Para a abordagem formal, o que a

---

72 He will subdivide his task according to chronological, geographical, temporal, and factual-systematic points of view. He will study the practice of a religion of a certain time and in a certain realm, land, province, or place. He will seek to describe systematically a specific doctrine and cultic usage: the message of a prophet or the practice of a community in a given period.

73 The particular may be left behind only after it has received the attention that it deserves.

74 It must also be possible to abstract from the particular and the concrete, in short, to pursue a formal systematization of religions. In this kind of systematization we are no longer interested in Islamic theology or in the concept of *bid'a* but in the structure of theologies and in the concept of heresy.

comparação enfatiza é bastante importante.” (WACH, 1988, p. 134, tradução nossa).<sup>75</sup> Embora as manifestações sejam diversificadas, e essas particularidades são evidenciadas pelos aspectos empíricos dos fenômenos, a comparação apresenta as semelhanças que persistem independentemente das formas históricas. Em síntese, sobre as classificações formais, afirma o autor:

Eu procuro o que é semelhante entre as teologias conhecidas por mim; Eu procuro o princípio em torno do qual todos eles são estruturados e formados. Eu procuro o que é idêntico nas formas e caracteres dos fenômenos empíricos; Eu identifico o "esqueleto" ou estrutura. Eu comparo e, dessa maneira, procuro obter conceitos histórico-religiosos mais altos e mais abstratos. (WACH, 1988, p. 132, tradução nossa).<sup>76</sup>

Além das classificações formais e materiais, Wach (2018, p. 241) reconhece a necessidade e importância de “classificações descritivas.” De acordo com o autor é possível identificar quatro tipos de classificações descritivas: 1) formalmente objetiva: “o primeiro grupo inclui distinções como as das religiões mitológicas e dogmáticas, nacionais e globais, baseadas em escrituras orais.” 2) Formalmente subjetiva: “seria baseada na predominância de uma função psicológica, por exemplo, religiões de sentimento e religiões de vontade.” 3) Objetiva com relação ao conteúdo: “Descrever as religiões como ascéticas-soteriológicas ou proféticas-reveladas; Tal caracterização aponta para o espírito da doutrina, adoração e instituições.” 4) Subjetiva em relação ao conteúdo: “uma distinção entre os tipos de piedade (alegre, melancólica).”

Wach identifica três tipos principais de classificação: materiais, formais e descritivas. Em síntese: 1) o ramo sistemático tem função metodológica de organizar, comparar e interpretar diferentes fenômenos religiosos; 2) as classificações materiais organizam dados de um fenômeno específico; 3) as classificações formais buscam uma estrutura comum entre em várias religiões; 4) as classificações descritivas classificam de acordo com o conteúdo e com a forma de se organizar das religiões.

Concluindo, o ramo sistemático de acordo com os autores clássicos da Ciência da Religião tem a função de criar categorias facilitando a emergência de teorias. A interpretação dos dados empíricos assegura a especificidade da Ciência da Religião. As classificações têm o objetivo de identificar princípios e estruturas recorrentes em diferentes fenômenos.

---

<sup>75</sup> The formal approach is interested especially in what two or more phenomena have in common and thus it uses comparison differently and, if you will, more intensively. To the formal approach, what comparison stresses is quite important.

<sup>76</sup> I look for what is similar among theologies known to me; I seek out the principle around which they are all structured and formed. I look for what is identical in the forms and characters of empirical phenomena; I identify the "skeleton" or framework. I compare, and in this way I seek to obtain higher, more abstract religio-historical concepts.

Compreendida a função do ramo empírico e do ramo sistemático para a efetivação da tarefa da Ciência da Religião, o objetivo do próximo item é apresentar de que forma a Ciência da Religião, em diálogo com outras disciplinas alcança um conhecimento articulado sobre os dados religiosos.

#### **2.4 A constituição dialógica da Ciência da Religião**

A Ciência da Religião se dedica a estudar fenômenos religiosos, que se manifestam no mundo sensível, e são analisados pela disciplina através das abordagens empírica e sistemática. Para gerar um conhecimento orientado por seus pressupostos epistemológicos a disciplina segue métodos empíricos que a possibilita colher, organizar e interpretar dados. Sendo uma disciplina voltada para uma realidade do ser humano, a Ciência da Religião, assume a complexidade de seus dados. Toda realidade cultural do ser humano é por natureza, um complexo de relações. Nesse sentido, toda disciplina que se interessa por um determinado aspecto da vida humana, deve levar em conta a multiplicidade de fatores que o envolve. Portanto, uma disciplina por mais pretensiosa que seja não é capaz de analisar os fenômenos em todas as suas demandas.

A Ciência da Religião se vê diante de dois dilemas: primeiramente, a impossibilidade de investigar todos os aspectos de um fenômeno religioso, e, segundo, reconhece que as características dos fenômenos humanos, não se reduzem a um discurso parcial oferecido por uma disciplina isolada. Em resposta a esses dilemas, os autores indicam o diálogo com outras disciplinas.<sup>77</sup> Diante desses pressupostos, o último item desse capítulo busca responder as seguintes questões: quais os motivos que levaram os autores a assumir a necessidade de uma disciplina que dialogue com outras áreas do conhecimento? A Ciência da Religião assegura sua autonomia diante do debate dialógico? De que forma a disciplina lida com a redução dos fenômenos humanos a um discurso parcial e especializado?

A princípio, é necessário apresentar os argumentos que garantam a autonomia da Ciência da Religião, mesmo reconhecendo sua relação com outras áreas do saber. Assumir que a disciplina, recorre a outras áreas que se interessam pelos fenômenos religiosos, não anula sua especificidade e seu modo particular de produzir conhecimento. Tiele (2018, p. 219)

---

<sup>77</sup> Atualmente, identificar relações de trocas entre disciplinas com o objetivo de investigar determinada realidade pode ser compreendido como *interdisciplinaridade*. Os autores clássicos da Ciência da Religião não dispunham deste termo. Optou-se por seguir as reflexões dos autores clássicos, sem apresentar o termo interdisciplinaridade. Tendo em vista acompanhar o pensamento dos autores em ideias e termos, indicamos o termo dialógico, embora este também não seja citado pelos autores. Mais que dar nome a uma constituinte da disciplina optou-se por designar *dialógico* os movimentos propostos pelos autores.

assegura a autonomia científica da Ciência da Religião ao afirmar que: “não se pode duvidar que tal investigação da religião possa reivindicar o nome de ciência, e que a Ciência da Religião tem o direito de se classificar como um estudo independente e não como um mero agrupamento.” Há uma distinção entre uma disciplina autônoma que opera através de seus pressupostos epistemológicos e um agrupamento de disciplinas, que juntas buscam investigar um aspecto da realidade. De acordo com Kitagawa (1996, p. 39).<sup>78</sup> “ao mesmo tempo, deve ser esclarecido que a História das Religiões não é um rótulo coletivo para vários estudos inter-relacionados [...]”. Nesse sentido, recorrer a outras áreas do saber não faz da Ciência da Religião, um rótulo onde várias disciplinas, com suas bases epistemológicas e com seus respectivos métodos, ditam as regras de um trabalho.

Diante disso, a Ciência da Religião, incorpora em sua investigação a contribuição de outras disciplinas, assegurando seu lugar de ciência autônoma, portadora de um método e objeto próprio. De acordo com Tiele, a respeito dos resultados obtidos por outras disciplinas, o/a cientista da religião, “[...] aceita, sempre reservando seu direito de testá-los e examinar o terreno sobre o qual eles descansam e, em seguida, os utiliza a seu modo. Mas indica a direção em que a investigação deve se mover para produzir frutos para a ciência.” (TIELE, 2018, p. 223). Ou seja, primeiramente a disciplina aceita os resultados de outras áreas; segundo, identifica as bases epistemológicas que produziram esse determinado resultado. Ao perceber o solo no qual esses resultados *descansam*, a disciplina identifica a parcialidade da abordagem que o produziu. Por fim, a Ciência da Religião, utiliza os resultados a seu modo, a saber, produzir um conhecimento articulado, que leve em conta as diversas faces dos dados religiosos.

Da mesma forma que a Ciência da Religião, ao apelar a outras áreas do saber, mantém sua autonomia, não é seu objetivo indicar os procedimentos de pesquisa a outras disciplinas. Desse modo, Tiele enfatiza que a Ciência da Religião, “está longe de impor suas leis sobre os estudos preliminares, ou ditar-lhes a questão de suas pesquisas. Pelo contrário, reconhece plenamente sua liberdade de ação e simplesmente aguarda os resultados.” (TIELE, 2018, p. 223). A Ciência da Religião não se torna outra disciplina, nem conduz o trabalho de outras ciências. A disciplina reconhece “[...] a independência dos ramos espaciais que lhe proporcionam material para a sua especulação, e também da Teologia, cada uma dentro de sua esfera respectiva, enquanto ela mesma cria uma coroa, ou melhor, o centro, ao qual todos convergem.” (TIELE, 2018, p. 222). É fundamental assumir a relação entre Ciência da

---

78 Al mismo tiempo, debe aclararse que la historia de las religiones no es un rótulo colectivo para una cantidad de estudios relacionados entre sí [...].

Religião e outras disciplinas como um diálogo que mantêm a independência de todas as ciências. Ao passo que “[...] não monopoliza o estudo das religiões.” (KITAGAWA, 1996, p. 39).<sup>79</sup> Através da abordagem proposta pela Ciência da Religião, não há fusão de disciplinas, mas trocas de resultados. De acordo com Tiele, criar uma coroa é reconhecer que cada disciplina diz de um lugar e sobre um aspecto do fenômeno. A tarefa da Ciência da Religião, enquanto coroa, é articular as partes que dizem de uma única realidade de diversos pontos de vista. Desse modo, a disciplina oferece um discurso dialógico que integra e busca nas interpretações vindas de outras disciplinas um centro, no qual cada uma, ao seu modo, com método e objeto próprio contribua para a interpretação dos dados religiosos.

Partindo do que foi exposto acima, Tiele apresenta algumas disciplinas que são imprescindíveis ao trabalho da Ciência da Religião. Para que os fenômenos religiosos, não se reduzam a especulações, é próprio à disciplina recorrer a outros estudos, tratando seus materiais, e se nutrir de dados para sua análise. Como observa o autor: “nossa ciência não poderia existir; pois, sem os materiais oferecidos pela antropologia e a história, ela não podia fazer mais do que erguer um edifício ilusório de simples hipóteses e fantasias [...]. (TIELE, 2018, p. 222). De fato, em todos os fenômenos religiosos, há fatores ligados à história e a antropologia<sup>80</sup>. Negar essas constituições levaria a disciplina a cair em um discurso especulativo, que pouco diz sobre a particularidade e diversidade das religiões.

Conforme orienta Tiele (2018, p. 224), “[...] deve haver uma divisão do trabalho. Nenhum de nós pode fazer tudo. Pode-se perceber um antropólogo, um historiador, um psicólogo e um filósofo. Mesmo em um único ramo da ciência, são poucos que estão inteiramente em casa.” O que está por trás dessa afirmação é que nenhuma ciência, que lide com fenômenos humanos, tem a capacidade de investigar sozinha um fenômeno em sua totalidade. Não há possibilidade de uma disciplina estar totalmente *em casa*, ou seja, ter o domínio de todos os fatores que interagem na formação de um fenômeno humano. Concluindo o pensamento de Tiele, o/a cientista da religião “deve ser mestre do material com o qual tem que trabalhar, embora outros o tenham descoberto.” (TIELE, 2018, p. 224). Desse modo, a disciplina se interessa por toda produção de conhecimento referente à religião. Entendido que cada ciência diz de um lugar específico, a Ciência da Religião, busca articular esses conhecimentos, tendo em vista uma compreensão panorâmica dos dados religiosos.

---

79 [...] no monopoliza el estudio de las religiones.

80 A antropologia, disciplina fundada no mesmo contexto histórico da Ciência da Religião, seus estudos têm oferecido a disciplina suporte teórico. Sobre as contribuições dos trabalhos antropológicos a Ciência da Religião ver em: (Bettina E. SCHMIDT, 2007, p. 53-95) (FILORAMO; PRANDI, p. 204-203-222); (GUERRIERO, 2013, p. 243-256); (CAMURÇA, 2008, p. 69-82).



Joaquim Wach<sup>81</sup> também admite a necessidade de um diálogo com outras disciplinas. O autor reconhece que o objeto de pesquisa da Ciência da Religião, carrega uma complexidade, que não pode ser reduzida. Nas palavras do autor, “contra a especialização no estudo empírico das religiões está a expansão de seu campo de estudo [...]” (WACH, 2018, p. 247). Uma análise especializada de uma tradição, pode resultar em uma visão parcial da tradição, restringindo o pesquisador de outras faces que o integra. Contra essa limitação, a expansão do campo de estudo, abre possibilidades de interpretação, cumprindo o objetivo da disciplina de dispor de um discurso articulado da religião.

O/a cientista da religião busca uma totalidade,<sup>82</sup> por esse motivo, “uma análise de atomização nunca pode dissecar tal totalidade em seus elementos sem dissolvê-la ou destruí-la.” (WACH, 2018, p. 247). Um discurso unitário, que tem a pretensão de ser a ‘verdade’ sobre a religião, é violento com relação a essa realidade cultural, que por natureza é transitória e efêmera, em constante movimento. Atomizar a análise é inibir os dados de suas possibilidades. A condição dialógica é requerida pelo próprio objeto. Por lidar com dados da vida humana é imprescindível associá-los ao contexto no qual desenvolvem. Os fenômenos religiosos são gerados no seio de uma cultura específica, de uma história de um povo e de uma economia específica. “Para realizar um estudo empírico ou sistemático, é possível isolar uma ou várias religiões do contexto total em que elas se encontram.” (WACH, 2018, p. 248). Nesse sentido, as relações internas do ser humano com suas formas de religião, não acontecem fora de um plano cultural. Até mesmo a relação mais íntima do ser humano com suas divindades, é nutrida pelo contexto e pelas experiências por ele vividas. Nesse sentido, Wach (2018), convida aos cientistas “[...] a prestar atenção ao contexto mais amplo.” (WACH, 2018, p. 248). Ao passo que, ao desvelar os fatores que tornam possíveis as tradições religiosas, reconhece a interdependência das manifestações culturais humanas, interpretando

---

81 Discorda-se de posições que atribuem a Joachim Wach o pioneirismo, no que se convém chamar hoje de interdisciplinaridade. Por exemplo: “Portanto, Wach, no meu entender, foi um autor que ao levar em conta a pluralidade da disciplinar no tratamento da religião, foi pioneiramente, defensor do que veio a se chamar posteriormente de *interdisciplinaridade*.” (CAMURÇA, 2008, p. 21-22). Tendo em vista as considerações de Tiele, que são anteriores as do autor alemão, Wach segue a tradição já estabelecida pelos holandeses. Não é possível considerá-lo como o primeiro a refletir sobre o caráter dialógico da Ciência da Religião.

82 Uma ciência geral das religiões, que pretensiosamente enseja por compreender todas as faces de seus fenômenos, é passível de críticas. Nenhum empreendimento humano alcança a totalidade da compreensão de uma realidade. Katawaga reafirma essa crítica: “En el mundo académico de hoy, en especial en las instituciones para graduados, La investigación supone un conocimiento y competencia especializados. Desgraciadamente, desde el punto de vista de la especialización académica, la enseñanza y la investigación corrientes en el campo de la historia de las religiones parecen ser ambiguas. Ella heredó de la época del iluminismo su interés enciclopédico; sus pioneros estaban interesados y preparados en diversas disciplinas, tales como filología, historia, folklore, filosofía y psicología. Se consideró estas disciplinas “auxiliares” como instrumentos necesarios para la investigación que un mismo investigador podría utilizar simultáneamente. Hoy, muy pocas personas, si es que las hay, pueden considerarse competentes en todos los aspectos de la enciclopédica *Allgemeine Religionswissenschaft*. (KITAGAWA, 1996, p. 31-32).

os dados religiosos a partir das “[...] interações recíprocas entre várias forças.” (WACH, 2018, p. 249).

Joaquim Wach indica, por exemplo, a necessidade de dar a devida atenção aos fatores psicológicos: “As questões psicológicas sempre levam aos lados mais profundos dos fenômenos. Conseqüentemente, libertam o cientista da religião da simples coleta, compilação e organização de dados.” (WACH, 2018, p. 254). As questões psicológicas são retomadas pelo autor, que desde Tiele, já se apresentavam como essenciais aos estudos de religião. A religião é produto de relações subjetivas da mente. Desse modo, o/a cientista da religião aguarda sua manifestação objetiva. Como alerta o autor “expressões objetivadas também devem ser investigadas e submetidas a interpretação (psicológica). Rejeitar a interpretação psicológica de antemão é tão errado quanto tornar a interpretação psicológica a única interpretação possível (psicologismo)”. (WACH, 2018, p. 254). Mesmo admitindo a importância da psicologia para a Ciência da Religião, o autor indica o perigo de reduzir a análise a uma interpretação psicológica. Como afirma Portella (2011, p. 223-224) “a autonomia de cada ciência continua em suas análises, mas uma autonomia relativa que serve a um objetivo maior, dialogal, dialético e sintético.” Essas questões são importantes e revelam muito da experiência objetiva, portanto não abarca tudo o que a experiência objetivada traduz.

Concluindo, a Ciência da Religião busca em outras disciplinas resultados que contribuam para suas análises. De acordo com os autores citados acima, a autonomia disciplinar da Ciência da Religião permanece, uma vez que, a disciplina continua a ditar as regras de seu estudo. O contato com outras disciplinas abre a perspectiva de compreensão do ser humano, gerando um conhecimento articulado e dialógico.

O estudo dos textos clássicos da Ciência da Religião buscou compreender o horizonte epistemológico que sustenta a validade científica da disciplina. O esforço de Müller, Tiele, Saussaye e Wach em estabelecer os pressupostos epistemológicos da Ciência da Religião revela o desejo de assegurar a autonomia da disciplina frente à multiplicidade das ciências que tratam dos fenômenos humanos. Em síntese, em termos gerais, a Ciência da Religião tem como tarefa investigar os dados religiosos, dispostos a observação no mundo empírico. A divisão em ramo empírico e sistemático se mostrou como uma das constituintes mais sólidas da disciplina. E por fim, tendo em vista a complexidade dos fatos religiosos, a Ciência da Religião apela a outras disciplinas com o intuito de enriquecer a compreensão de seu objeto de estudo.

Sobre a tarefa da Ciência da Religião, é consensual entre os autores, o estudo de todas as religiões concretas, ou seja, que se manifestam no terreno empírico. Desse modo, o objeto

da Ciência da Religião é identificado diante de uma variedade de termos: aparência externa da religião, testemunhos da crença, manifestações da religião, objetificações dos sentimentos religiosos. Em todos os casos, os autores assumem a existência de operações subjetivas da religião. Portanto, por se tratar de uma disciplina empírica, o que lhe compete é investigar os sentimentos religiosos enquanto se apresentam como linguagem. É a linguagem simbólica da religião, vivida e manifesta nos rituais, doutrinas, livros sagrados, instituições, comportamentos, artes etc., que fornecem a Ciência da Religião dados para sua análise.

Para que as manifestações externas da religião sejam investigadas pelo viés da Ciência da Religião, os autores apresentam duas abordagens que possibilitam a aproximação entre o/a pesquisador/a e os objetos. A primeira delas é apresentada pelos autores nos seguintes termos: Teologia comparativa (Müller), parte morfológica (Tiele), História da Religião (Saussaye) e abordagem empírica (Wach). O interesse empírico da disciplina garante sua cientificidade, valoriza as particularidades dos fenômenos e oferece dados para as teorias. É o ramo empírico que colhe e experimenta dados das religiões específicas. Sem os dados empíricos, a disciplina poderia correr dois riscos: por um lado, poderia operar através de uma perspectiva religiosa; e por outro lado, poderia recair em especulações que pouco dizem sobre as realidades religiosas do ser humano.

Sobre a tarefa sistemática da Ciência da Religião, nota-se a preocupação dos autores em assumir a especificidade desse campo do saber, rompendo com simples descrições de dados religiosos. A tarefa sistemática da disciplina, em termos gerais, se ocupa em criar classificações que, distanciando do mundo empírico, mas, partindo dele, possam perceber semelhanças ou estruturas comuns em distintos fenômenos. Os autores chamam atenção para a abordagem sistemática sob distintos termos: Teologia Teórica (Müller), parte ontológica (Tiele), Filosofia da Religião (Saussaye) e abordagem sistemática (Wach). As classificações, de modo geral tem função metodológica. Seu objetivo é repartir os fenômenos religiosos para explicá-los com mais precisão.

As classificações organizam dados e os acomodam em categorias que contribuem para sua compreensão e interpretação. Nesse estudo, foram apresentadas algumas classificações: religiões naturais e éticas, genealógicas e morfológicas, formais, materiais e descritivas. Em todos os casos, as classificações reforçam os pressupostos da ciência moderna em demonstrar através da recorrência de fatos a veracidade de uma suposição.

Por fim, buscou-se apresentar algumas reflexões dos autores no que tange o diálogo da Ciência da Religião com outras disciplinas. Em síntese, o objetivo da Ciência da Religião em recorrer a resultados e métodos de outras disciplinas é compreendido através de duas

preocupações: primeiramente, os autores apontam para a incapacidade de uma disciplina isolada investigar todas as faces de um fenômeno; segundo, sendo o ser humano uma realidade complexa e de constantes mudanças, um discurso definitivo e estático reduziria suas perspectivas, nesse sentido, a disciplina opta por um discurso dialógico que acompanha as mudanças do objeto da Ciência da Religião.

Pelo exposto neste capítulo: 1) tarefa da Ciência da Religião é investigar todos os fenômenos religiosos dados a observação; 2) o objeto da Ciência da Religião são as manifestações empíricas dos fenômenos religiosos; 3) A abordagem empírica é responsável por colher dados para a análise 4) a abordagem sistemática organiza e interpreta os dados a partir da criação de categorias; 5) a Ciência da Religião recorre a outras disciplinas, reconhecendo sua limitação para investigar todas as faces do fenômeno, ao passo que, gera um conhecimento articulado e dialógico.

### 3 CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

As discussões apresentadas no primeiro capítulo desse estudo retomaram os debates teóricos e metodológicos que sustentam a autonomia do fazer científico da Ciência da Religião no final do século XIX e início do século XX. A partir das abordagens dos autores clássicos da disciplina, buscou-se apresentar a tarefa da Ciência da Religião em suas duas abordagens: a empírica e a sistemática. Ademais, procurou-se ressaltar a constituinte da Ciência da Religião de oferecer um conhecimento formado a partir do diálogo com outras áreas do saber.

Algumas considerações se fazem necessárias. A presente pesquisa parte do pressuposto de que a configuração epistemológica de uma disciplina não se dá apenas por debates teóricos. Nesse sentido, há instâncias exteriores à produção intelectual que moldam sua identidade. Sendo assim, uma disciplina sempre será fruto dos personagens que nela atuam e do contexto histórico, religioso e político etc., que a rodeia. No caso da Ciência da Religião, a disciplina se articulou de diferentes formas e nomenclaturas pelas universidades do mundo. Cada qual buscando nos domínios da ciência, reflexões de acordo com o campo religioso regional e as necessidades políticas do período. Tendo em vista esses pressupostos, a Ciência da Religião no Brasil é filha de um conjunto de forças externas, em sua maioria inspiradas por instituições religiosas. Nesse sentido, fatores religiosos, políticos e acadêmicos se fundem sob o nome de Ciências da Religião. A disciplina se torna sinônimo de abertura crítica e resposta às novas tendências da religião da época.

Para o estudo da disciplina no Brasil, optou-se por demarcar três períodos, acompanhando a proposição de Silva (2021) a saber: 1) Os primeiros passos da Ciência da Religião, que compreende os anos que sucederam a criação do primeiro Departamento de Ciências da Religião em Juiz de Fora/MG, bem como a criação dos Programas da PUC SP e UEMESP, (1969 – 2000); 2) O segundo período, é inaugurado pelo Seminário na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2000, e da respectiva publicação de “As Ciência(as) da(s) Religião(ões) no Brasil, obra organizada por Faustino Teixeira, até a elaboração da árvore do conhecimento e da nomeação da área de avaliação na CAPES, (2000 – 2015). Para a análise desses dois períodos, foram consideradas três frentes que constituem o fazer disciplina: a história, os projetos para implantação dos Programas e cursos e por fim as associações científicas. Um terceiro período tem início com a criação da área autônoma no Sistema Nacional de Pós-graduação.

Os itens de 1 a 3 desse capítulo retomam o contexto e os primeiros passos institucionais da disciplina Ciência da Religião no Brasil, de 1969 a 2000. Nesse sentido, busca-se apresentar os movimentos em torno da implantação da disciplina na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP) e na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Faz-se necessário destacar que as pesquisas sobre os fenômenos religiosos estiveram presentes nos centros acadêmicos do país antes mesmo da criação do primeiro departamento, curso ou Programa relativo à nossa disciplina. Porém, como disciplina nomeada como Ciência da Religião, seja no singular ou no plural, há de se reconhecer seu marco inicial no final da década de sessenta, em Juiz de Fora. Apresentar a trajetória da disciplina considerando esse marco inicial, não tem por objetivo negar a anterioridade dos estudos de religião no Brasil.

Cabe destacar ainda que o presente estudo não pretende apresentar uma análise detalhada da história da disciplina, tendo em vista os múltiplos processos que envolvem essa empreitada. Essa pesquisa, busca apontar dados históricos com o intuito de situar a criação e formação da identidade epistemológica da Ciência da Religião em um contexto histórico, político e religioso próprio, determinante e plural. Para que fosse traçado um histórico dos cursos recorreu-se as atas, e documentos dos cursos, bem como à bibliografia a respeito. Além disso, buscou-se através dos projetos de implantação dos cursos e Programas identificar as tendências gerais, o perfil, que configura os debates teóricos e metodológicos da disciplina nas três universidades supracitadas.

O quarto item apresentará os dados colhidos a partir da entrevista com professores que estiveram presentes nos primeiros anos da disciplina no Brasil. Através de um questionário, enviado via e-mail, foram reunidos dados referentes a memórias dessas pessoas sobre os Programas, ANPTER e sobre os marcos teóricos da época. O quinto e último item busca investigar as formações de associações científicas dedicadas ao estudo da religião, pela ótica das Ciências da Religião e da Teologia. Dessas associações destaca-se a fundação da ANPTER, em 1995 e da SOTER em 1982.

Em termos gerais, o segundo capítulo apresenta um panorama dos primeiros 33 anos da disciplina no Brasil, a partir de três constituintes epistemológicas que lhe são próprias: a história, o marco teórico e as associações científicas. Observar o processo de interação dessas constituintes possibilitará o entendimento dos motivos pelos quais a disciplina tomou contornos particulares em relação a outros países. O capítulo se orienta pelas seguintes questões: qual o percurso histórico da Ciência da Religião no Brasil? Qual era o contexto histórico, acadêmico, político e religioso da criação desses Programas? Quais foram os

primeiros passos dos cursos da UFJF, PUC SP e UMESP? Quais são as produções bibliográficas produzidas nesse período? Quais autores eram referência nesse período? Quais foram as produções desse período? Quais associações científicas foram fundadas nesse período.

### **3.1 O Curso de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora**

O primeiro item desse capítulo apresenta os movimentos em torno da fundação do Curso de Ciências da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora. Busca-se identificar as reflexões teóricas que sustentavam a identidade da disciplina nesse período<sup>83</sup>. Nesse sentido, o estudo se orienta pelos seguintes questionamentos: qual foi o papel dos Padres Redentoristas no projeto de implantação do curso? Quais os personagens que atuam nesse período? Em quais condições houve a integração entre a proposta dos Padres Redentoristas e a Universidade pública? Quando surge e como se estruturava o primeiro currículo para o curso? Quais foram as oposições ao curso? Quais foram os movimentos em defesa do curso? Quais eram as reflexões teóricas que justificavam a validade e cientificidade da disciplina? O que as disciplinas oferecidas podem revelar sobre o perfil do curso? Há, de fato, nesses primeiros anos um pensamento consolidado sobre as bases epistemológicas da Ciência da Religião enquanto disciplina fundada na Alemanha do século XIX?

#### *3.1.1 Aspectos históricos da criação do primeiro departamento de Ciência da Religião no Brasil*

Em termos históricos, a Universidade Federal de Juiz de Fora foi a pioneira em desenvolver um projeto de institucionalização da Ciência da Religião no Brasil. Dentre os vários nomes que estiveram presentes nesse período inicial, deve-se fazer menção especial ao Padre Jaime Snoek, principal fomentador dessa empreitada. Padre Jaime Snoek, foi um

---

83 Para que se reconstruísse a história da disciplina na UFJF, utilizou-se de um vasto acervo de documentos. Dentre os três cursos analisados, a projeto de Juiz de Fora é o que concentra maior disponibilidade de documentos para estudo. Essa pesquisa só foi possível pelas pesquisas que antecederam essa dissertação. Enfatizo a gentileza, e agradecimento ao Prof. Flávio Senra e ao historiador Rafael Bertante (mestre e doutorando em Ciência da Religião pela UFJF) por pesquisarem e disponibilizarem esses arquivos disponíveis na Biblioteca Redentorista em Juiz de Fora/MG. Ressalto também as pesquisas do Prof. Frederico Pieper (UFJF), sobre a história do Curso, onde foi possível coletar documentos que contribuíram para o aprofundamento da pesquisa.

sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor – Redentoristas – e um distinto teólogo moralista, que deixou importante contribuição para os estudos desenvolvidos pós Concílio Vaticano II. Os padres redentoristas, advindos da Holanda, se instalaram em Juiz de Fora no ano de 1894, sendo a primeira província da Congregação no Brasil, segundo Mabel Salgado Pereira (2002). Após a década de 60, diversas Ordens religiosas, passaram por crises impulsionadas pelas reformas propostas pelo Concílio Vaticano II. No caso dos redentoristas “[...] quando em razão da grande convulsão religiosa e social provocada pelo evento do Vaticano II (1962 – 1962), o Seminário da Floresta sofreu um rápido esvaziamento.” (TEIXEIRA, 2012, p. 538). As repercussões do Concílio alinhadas à efervescência da Teologia da Libertação resultaram em profundas mudanças na vida religiosa e da Igreja Católica em geral. Nesse contexto, os religiosos buscaram reformular e encontrar alternativas para adequar seu modo de vida aos novos ideais da Igreja Católica. É nesse contexto, que os padres se aproximam da Universidade pública com o projeto de implantar um novo instituto.

Como aponta Teixeira (2012, p. 538), a vinculação dos padres à Universidade pública surgiu como alternativa para lidar com a crise. Conforme o autor, os padres tinham “[...] um projeto de fundação de um Instituto de Teologia e Filosofia.” Nesse sentido, concorda-se com Teixeira ao apresentar a intenção dos padres em fundar um Instituto de Filosofia e Teologia, contudo, há nesse horizonte outros interesses que indicam os primórdios da ideia de um Curso de Ciências da Religião em Juiz de Fora.

Partindo para análise dos documentos que contribuem para compreensão da história e do desenvolvimento da disciplina no Brasil, a primeira fonte analisada é um texto de Padre Jaime Snoek, intitulado, *‘Instituto de Filosofia e Teologia da UFJF – Estado atual da questão e 3ª tentativa de síntese da reflexão.’* de 10 de fevereiro de 1967. As informações contidas no documento se tornam relevantes por expressarem os interesses presentes nas discussões anteriores ao início dos anos 70, antes da solicitação ao MEC para a implantação do Instituto de Teologia e Filosofia. Desse modo, as discussões apresentadas a seguir são anteriores ao aparecimento do termo *‘Ciência da Religião’*. Sobre as primeiras reflexões sobre a implantação de um Instituto dedicado aos estudos de religião, Padre Jaime Snoek (1967, p. 1) afirma:

A ideia foi lançada, em um esboço sumário, intitulado: *Ideia de um instituto de ciências religiosas da UFJF*, no dia 15 de novembro de 1966. Contatos com o GERU resultaram numa reformulação no dia 19 de dezembro de 1966, sob o título de *Faculdades de Teologia nas Universidades do Brasil*.



A ideia de um instituto, denominado “*Instituto de ciências religiosas da UFJF*” precede as duas denominações que seguiram: *Instituto de Filosofia e Teologia* e posteriormente *Departamento de Ciências da Religião*. Sobre a citação acima observa-se dois momentos da discussão: 1) Do dia 15/11/1966, buscava-se fundar um ‘Instituto de Ciências Religiosas’, ao que parece, por ser a primeira discussão a respeito da incorporação dos debates em torno dos estudos de religião na Universidade pública e laica, assume-se um nome genérico a fim de: por um lado, comportar no instituto diversas frentes nos estudos de religião e por outro lado, livrar-se do peso confessional que a Teologia carregava. 2) A segunda discussão, de 19/12/1966 intitulada ‘Faculdades de Teologia nas Universidades do Brasil’ já indica um posicionamento mais preciso a respeito da ideia inicial: já se buscava compreender a presença dos cursos de Teologia nas Universidades do Brasil. Assim sendo, a ideia mais genérica e aberta, que era defendida anteriormente, tende a estreitar-se com o desejo claro de um curso de Teologia <sup>84</sup>

O documento de 10/02/1967, se apresenta como a terceira tentativa de uma síntese dos interesses que seriam depositados no projeto: uma tríplice articulação. A proposta apresenta um Instituto que compreende tanto a Filosofia, quanto a Teologia, e, por fim, um Departamento de Ciências Religiosas. Nesse sentido, a Teologia já havia sido cogitada desde o início. Por ser um projeto de clérigos, atendia seus interesses em formar seus aspirantes ao sacerdócio. Para a inclusão da Filosofia, justifica o documento:

Um elemento novo se prende ao desmembramento revisto da nossa atual Faculdade de Filosofia e Letras, em institutos de línguas, faculdade de pedagogia etc. Com isto a UFJF corre o risco de ficar realmente sem faculdade de Filosofia (pura), pois ela não existe na estrutura. Surgiu assim a ideia de aproveitar dos recursos do Floresta para suprir esta falta. Seria, então, uma faculdade ou um instituto de Filosofia e Teologia. (SNOEK, 1967, p. 1).

Na falta de um curso ‘*puro*’ de Filosofia, o novo Instituto cobriria essa demanda. Na afinidade entre as disciplinas, se vê a possibilidade de criar um departamento que contemplasse as disciplinas juntas, sendo possível uma interconexão entre elas. Nesse sentido, conclui o documento: “Por outro lado não se pode negar a afinidade dessas disciplinas. Parece, pois, aceitável um instituto de Filosofia e de Teologia.” (SNOEK, 1967, p. 2).<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> A referência aos documentos de 1966 é indireta, e foi realizada a partir do mencionado nos documentos de 1967.

<sup>85</sup> Sobre a organização do Instituto, cabe ressaltar: “O currículo de Filosofia seria de 2, o de Teologia de 4 anos, no fim dos quais conferir-se-ia o grau de acadêmico (licenciado). Os estudantes de Teologia seriam obrigados apenas a uma parte da Filosofia (créditos). O curso seria simultâneo com o da Teologia.”

Como foi dito acima, além da Filosofia e Teologia, cogitava-se a implantação de um Departamento de Ciências Religiosas. Nas palavras do relator: “Objetivo desse departamento é de dar uma oportunidade a todos os acadêmicos que desejarem de um conhecimento sintético, em nível científico, do fenômeno da religiosidade e das grandes religiões existentes.” (SNOEK, 1967, p. 3). Embora não houvesse propriamente o termo “Ciências da Religião”, já se percebe uma abertura aos estudos sobre religião de modo científico e aberto a diversidade religiosa. Ao que parece, o chamado Departamento de Ciências Religiosas se torna a ideia precursora da disciplina Ciência da Religião no Brasil. Contudo, continua o documento: “Uma iniciação bíblica e uma iniciação no Mistério cristão seria disciplinas importantes deste departamento.” (SNOEK, 1967, p. 3). Nesse primeiro momento, a partir da pesquisa documental, se observa que não havia a pretensão de fundar uma disciplina única, apoiada estritamente em um estatuto epistemológico específico. Não se constata uma opção por uma determinada disciplina, mas um campo que comportava diversas frentes de estudo. Havia o desejo de abertura ao estudo das diversas religiosidades, mas também a inserção dos estudos teológicos e filosóficos na Universidade pública.

Seguida as discussões a respeito da configuração do projeto, a decisão final foi de solicitar ao Conselho Federal de Educação<sup>86</sup> a implantação de um ‘Instituto de Filosofia e Teologia’. O pedido foi encaminhado ao então Secretário de Educação Superior do Ministério da Educação, o Prof. Newton Sucupira<sup>87</sup>. A resposta de Newton Sucupira apresenta elementos importantes sobre o perfil dessa solicitação. Em seu parecer, o secretário afirma a impossibilidade de instaurar um Instituto que se dedicasse às pesquisas de cunho teológico. Em suas palavras:

No que se refere à Teologia, entendemos que não pode constituir unidade ou subunidade autônoma do sistema das ciências básicas, pelo menos, tais como foram definidos na lei. Certamente a Teologia que se tem visto não é a Teologia que falava Aristóteles na Metafísica, nem a Teologia Natural que se costuma chamar Teodiceia desde os tempos de Leibniz e que é uma parte da Metafísica na classificação Wolffiana. É a Teologia Dogmática, ciência do divino como tal, que pressupõe formalmente a Teologia, embora ciência do divino como tal, que pressupõe formalmente a Teologia, embora utilizando-se de instrumento conceitual próprio. Assim considerada, como bem acentua J. B. Metz, discípulo de um dos mais eminentes teólogos modernos, Karl Rahner, a Teologia distinguindo-se da pura Filosofia da Religião, tem na Fé a base e a finalidade de seu Leges (cf. *Lexikon fur Theologie und Kirche*, Bd. X. Verlag Herder Feiburg – 1965). Tradicionalmente, os estudos teológicos, nas universidades que possuem Faculdade de Teologia, são consideradas como saber de cúpula, ou destinados à formação profissional do clero,

---

86 Nomenclatura da época para o atual Conselho Nacional de Educação (CNE).

87 Newton Sucupira (1920-2007), foi um professor, filósofo e advogado brasileiro. Foi secretário no Ministério de Educação Superior e membro do Conselho Nacional de Educação.

pressupondo o que hoje chamamos de formação básica. (SUCUPIRA, 1968, p. 67-68).

Newton Sucupira justifica seu parecer diante de vários argumentos: 1) afirma que a Teologia não se enquadra no sistema de ciências básicas, desse modo, não faz parte do rol de disciplinas cabíveis na Universidade pública. 2) Para Sucupira havia uma clara distinção entre a Teologia Natural e a Teologia Dogmática que baseava o curso solicitado. A Teologia somente enquanto objeto de especulação filosófica seria digna de ocupar um espaço na universidade. 3) De acordo com Sucupira, a Teologia que se apresentava à Secretaria de Educação, se caracterizava como “Teologia dogmática”, logo, uma disciplina destinada a investigar “o divino como tal”. Nesse sentido pressupõe a Fé como próprio objeto de estudo, voltado para a fé e partindo dela. O conhecimento teológico, mesmo que, como observara o jurista e filósofo, carregue em seu empreendimento “um instrumento conceitual próprio” – que indicaria uma constituição propriamente científica – a Fé ainda é base e finalidade de seus procedimentos. Diante desses argumentos, sugere o conselho: “[...] em vez de Instituto de Teologia, seja criado no Instituto de Ciências Humanas um Departamento de Ciências da Religião. Neste departamento o fenômeno religioso pode ser estudado em seus vários aspectos, podendo ser ministrados cursos sobre e de Teologia.” (SUCUPIRA, 1968, p. 68). Desse modo, o parecer sugeria um Departamento de Ciências da Religião, compreendida como uma disciplina que abordaria o fenômeno religioso em seus vários aspectos – antropológicos, sociológicos e filosóficos e teológicos. A proposta foi aceita por aqueles que solicitaram o Instituto de Teologia e Filosofia. Nesse sentido, pela primeira vez, em 1968, o termo ‘*Ciência da Religião*’ aparece como possibilidade.

Como não havia outra proposta semelhante de um curso de Ciência da Religião no Brasil, o primeiro desafio seria o de articular uma proposta que atendesse aos parâmetros curriculares da disciplina. Segundo Teixeira (2008, p. 293), Padre Jaime, “[...] trouxe um esboço do curso da Holanda, com modelo bem próximo da teologia, mas com abertura para outros campos.” (TEIXEIRA, 2008, p. 293). De acordo com o autor, o primeiro modelo da disciplina, teria sido importado da Holanda, oferecendo aos pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, um modelo disciplinar próprio da Ciência da Religião. No início da década de 70, a disciplina já estava consolidada na Holanda<sup>88</sup>. Desse modo, é real a possibilidade da influência holandesa no curso brasileiro. Essa influência se torna clara na constituição do

---

88 “No dia 1 de outubro de 1877, o governo holandês suprime a Faculdade de Teologia das universidades de Leiden, Utrecht, Amsterdã e Groningen, substituindo-as por cadeiras de História das religiões: trata-se de um fenômeno de Laicização que vai se estendendo ao ensino secundário. O ensino é reduzido ao estudo do fenômeno religioso a partir de seus aspectos exteriores, de sua essência, da substância comum, dos atos e das manifestações.” (RIES, 2019, p. 27).

currículo mínimo incluindo na proposta do curso disciplinas como Antropologia, Sociologia e Psicologia da Religião. Contudo, a influência não foi somente holandesa. Nos documentos estudados, foi possível identificar também um modelo alemão de Ciência da Religião. O artigo apresenta um panorama das cátedras de Ciência da Religião na Alemanha. Diante dessas informações, identifica-se uma dupla influência na disciplina desenvolvida no Brasil. Além das influências da Holanda e Alemanha, entre as fontes encontradas, há um artigo sobre a história da disciplina na Europa. Esse documento afirma o conhecimento dos fundadores e fundadoras da disciplina no Brasil, a respeito da tradição epistemológica da Ciência da Religião, sua história, bem como de seus principais esquematizadores.

A partir dos estudos citados acima e acatando a orientação do Conselho Federal de Educação, Padre Jaime Snoek se empenha a articular o departamento de Ciências da Religião. Em 2 de maio de 1968, dois meses após o parecer do Conselho, já havia um esboço das linhas de pesquisa do departamento de Ciências da Religião. No documento se encontram as seguintes definições:

Obedecendo às determinações da lei e ao espírito do projeto de Reforma da UFJF, colocamos nos dois primeiros anos disciplinas que interessam também a outros cursos e faculdades. O curso de graduação foi projetado para 3 anos, Várias disciplinas do curso de graduação prescindem de credo religioso, p. e.. a sociologia e a psicologia da religião. As disciplinas que supõem um credo religioso serão optativas neste sentido que o aluno terá que optar, entre, digamos, Teologia geral evangélica, ou católica, ou mesmo de qualquer outra crença que puder manter a cátedra com número suficiente de alunos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1968, Sem página).

As principais críticas do Conselho Federal de Educação se destinavam ao caráter confessional da Teologia. Com o intuito de convencer o Conselho da imparcialidade do curso, o novo Departamento de Ciências da Religião se apresentava, em certa medida, apartado dos interesses religiosos, mesmo não os excluindo por completo. Esse fator fica claro ao apresentar disciplinas que prescindem de credo religioso como obrigatórias e disciplinas que pressupunham algum tipo de confessionalidade como optativas. Desse modo, a disciplina Ciência da Religião é introduzida, embora de maneira tímida no primeiro projeto do curso. O documento, segue defendendo sua imparcialidade:

Reduzindo o curso de graduação a apenas 3 anos, pretendemos deixar fora aquela parte dos estudos eclesiásticos que se destina à formação direta para o ministério. Esta parte poderá ser dada paralelamente ou posteriormente fora da universidade federal. Assim o curso de graduação terá pleno interesse para todos os intelectuais. Isto não há de impedir que a inspiração profunda do curso seja pastoral. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1968, Sem página).

Como havia anteriormente um interesse na formação de religiosos, o projeto deixa de evocar a necessidade de estudos pastorais. O objetivo central desse período era o de apresentar uma justificativa do interesse geral no curso. As disciplinas oferecidas, não atenderiam somente aos religiosos, mas toda a comunidade acadêmica, fazendo valer os padrões de uma Universidade pública, científica e de ensino laico. Por fim, ressaltam-se dois aspectos do curso, a titulação e a funcionalidade: “O curso de graduação dará direito ao título de bacharel em Ciências Religiosas. Quem se diplomar, simultaneamente, na Faculdade de educação, obterá o título de licenciado. Serão, com certeza, mais indicados para ser professores de religião no ensino médio (e superior).” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1968, p. 1). Egressos e egressas receberiam o título de Bacharel em Ciências Religiosas – uma nova nomenclatura para as variantes da disciplina no Brasil. Sobre a empregabilidade, já se ressaltava a necessidade de apresentar a utilidade social daqueles e daquelas que se formassem no curso. Nesse primeiro esboço, o curso se apresentava como modo de formar professores para o ensino de religião tanto na escola pública quanto nas Universidades.

Outro documento relevante desse período é uma apresentação de Padre Jaime Snoek, de 25 de março de 1969, sobre a situação do Curso de Filosofia e Teologia da Universidade – aprovados na reforma universitária. Quase um ano após o primeiro esboço a proposta do departamento já se demonstrava mais consistente.<sup>89</sup> As disciplinas filosóficas já eram lecionadas. De acordo com o parecer o “curso de Filosofia pura iniciou, afinal, com o número apreciável de 14 alunos, que sobraram dos 20 e poucos candidatos. O vestibular não foi fácil. Entre os 14 se encontram 5 seminaristas C.Ss.R<sup>90</sup> e um seminarista O.F.M.”<sup>91</sup>. (SNOEK, 1969, p. 1). Nota-se que há uma forte presença tanto docente quanto discente de pessoas relacionadas à Igreja Católica. Além de ser frequentado por alunos que se preparavam para alguma posição na Igreja Católica, o documento ressalta o apoio do arcebispo local, Dom Geraldo Maria de Moraes Penido.

O curso se estruturava em dois ciclos, sendo que o primeiro se ocupava das disciplinas próprias do curso de Teologia e Filosofia, de forma obrigatória e um segundo ciclo, optativo e fora da Universidade que era dedicado à formação pastoral. Este projeto foi elaborado com o conhecimento e aprovação inicial do arcebispado local. Como afirma o documento, “este último ciclo (pastoral) terá de ser organizado fora da Universidade Federal.

---

89 No anexo pode-se observar a matriz curricular dos cursos.

90 Sigla para Congregação do Santíssimo Redentor.

91 Sigla para Ordem dos Frades Menores.

Este projeto foi elaborado com o conhecimento e aprovação do Arcebispo de Juiz de Fora, Dom Geraldo M. M. Penido.” (SNOEK, 1969, p. 1). No mesmo documento já se observa o desejo de estruturar o Departamento de Ciências da Religião. Embora, tenha assumido o termo, o que se pode verificar nas disciplinas oferecidas é a predominância de um currículo predominantemente voltado para a Teologia e para a Filosofia. O termo Ciências da Religião, nesse período serviu somente como termo de sobreposição da realidade oferecida no curso, em outras palavras, a ideia de um Instituto de Filosofia e Teologia continuava a vigorar, porém com sob a proteção do termo ‘Ciências da Religião’.

Com a criação do colegiado, responsável por articular o currículo mínimo e defender os motivos para a criação do curso, foi criado o departamento de Ciências da Religião em 1971. No início, como foi afirmado acima, o projeto de Padre Jaime Snoek, era aceito pelas instâncias religiosas da época. Porém, como observa Teixeira (p. 539), “esse apoio foi depois retirado e por pouco o projeto não se desfez.” Com o avanço da reflexão em torno da identidade do curso, se observa, cada vez mais, um distanciamento da perspectiva teológica pastoral, possivelmente esse fator implica no rompimento por parte das autoridades eclesiais. Desse modo, “[...] somente em 1971, é criado o Departamento que, até onde nos é permitido saber, é o primeiro dessa natureza na América do Sul.” (PIEPER, 2017, p. 118). Como o curso ainda não tivera sido aprovado, a criação do departamento possibilitou a oferta de disciplinas isoladas, contendo os conteúdos de uma futura formação em Ciências da Religião. O departamento oferecia disciplinas para a comunidade acadêmica, sem oferecer um título, mas como creditação e enriquecimento de currículo. Conforme Teixeira (2012, p. 539), “[...] as disciplinas então criadas eram oferecidas como optativas no período noturno, com funcionamento nas dependências da Faculdade de Serviço Social no centro da cidade.” Mesmo com a impossibilidade, nesse primeiro momento, de um curso de bacharelado ou licenciatura em Ciências da Religião, o departamento oferecia disciplinas para aqueles e aquelas que buscavam aprofundar seus estudos em religião por uma pretensa ótica não confessional e dialógica. Sendo assim, era pretensão do departamento acolher estudantes de outras áreas que, sem abandonar seus cursos, pudessem se aprofundar em reflexões sobre os fenômenos religiosos.

Diante disso o Departamento de Ciências da Religião é criado em 29/10/1971. Através da resolução N 178/71, o Conselho de Ensino, pesquisa e extensão da UFJF, cria o Departamento de Ciências da Religião, contendo as seguintes disciplinas: Filosofia da Religião I e II, Introdução ao Mundo bíblico I e II, Teologia Bíblica I, II, III, IV, Teologia Sistemática I, II, III, IV, História do Cristianismo I, II, III, IV, Estudos Comparados das

Religiões I e II. Com a aprovação do CEPE, a nível local ainda faltava a aprovação do Conselho Federal de Educação, a fim de garantir plena legalidade ao curso.<sup>92</sup>

O modelo se aparentava com a Teologia – assegurando a pretensão inicial dos setores ligados à Igreja Católica – portanto, indicava uma abertura a outros campos buscando justificar o caráter científico da disciplina e a adesão à nomenclatura Ciência da Religião. Pieper (2017, p. 118), sobre a constituição inicial da disciplina, avaliando a integração do modelo holandês, adequado às preocupações das pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, afirma:

Da perspectiva atual, a proposta inicial do curso parece comportar certa sobreposição entre aspectos mais teológicos com outros mais atinentes ao âmbito próprio da CR. Se de um lado, a grade curricular do curso em muito se assemelha a uma graduação de Teologia, por outro há a preocupação de inserção do estudo da religião na universidade pública, que deveria ser feito de modo sistemático e aconfessional.

Nesse sentido, o curso de Ciência da Religião da UFJF, em seus anos iniciais, se articula de acordo as circunstâncias impostas por um lado para ganhar legitimidade diante da necessidade de se adequar aos limites de uma Universidade pública e, por outro, se adaptar às condições, interesses e formações dos professores que naquele período fomentavam o projeto.

No ano de 1973, a Universidade Federal de Juiz de Fora solicitou ao Conselho Federal de Educação a fixação de um currículo mínimo para o Curso de Ciências da Religião. Como afirma Teixeira (p. 543), “faltava apenas sua aprovação no Conselho Universitário (CONSU), tendo também uma indicação positiva de sua acolhida no Conselho Federal de Educação, tendo em vista o apoio demonstrado pelo professor Newton Sucupira.”. Porém, em um parecer de 05/08/1974, o Conselho não admite o currículo diante de alguns questionamentos. Mais uma vez o Conselho reconhece na estrutura do curso um serviço confessional e incompatível com a Universidade pública. O documento dos pareceristas apresenta as seguintes questões: “é possível criar uma ‘ciência das religiões’ imparcial se o próprio currículo prevê uma especialização em determinada religião? É possível formar um cientista das religiões completamente a-religioso?” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1974, p. 2). Os questionamentos do Conselho apontam para a impossibilidade de se articular um Curso

---

92 “O curso de Ciências das Religiões foi criado pelo CEPE, dentro das suas atribuições, que fixou as disciplinas e tomou outras providências cabíveis. Porém para plena legalidade faltava ainda a aprovação por parte do Conselho Universitário. Segundo o Prof. Arcélio Santim o curso foi aprovado pelo próprio Conselho Universitário, no plano de Reestruturação da UFJF. Contudo foi feito requerimento ao Conselho solicitando a aprovação. Quanto ao local de realização das aulas, que por serem noturnas não podem ser realizadas no Campus, ficou decidido que permaneceriam da Faculdade de Serviço Social, por ser esta agregada a UFJF” (Ata de 07 de maio de 1973).

destinado aos estudos da religião que não esteja irrigado de confessionalidade. Buscando uma imparcialidade sobre os temas da religião e revelando uma má compreensão sobre o caráter científico da disciplina, aponta o conselho que “tem sido praxe deste Egrégio Conselho não interferir na área da religião [...]” e justifica afirmando que “isto porque este Conselho reconhece que a Teologia tem na fé as suas bases, como também os fenômenos religiosos têm na fé a base de sua interpretação.” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1974, p. 2). Por parte dos conselheiros, o curso de Ciências da Religião, proposto pela UFJF, carregava um teor confessional, impossível de ser amenizado pelo rigor científico. Concluindo, o parecer indica mais uma vez a possibilidade de se manter somente o departamento:

Cremos que qualquer Universidade só conseguirá alcançar uma universalidade de campo tão perfeita quanto possível, quando possuir no seu Instituto de Ciências Humanas, como bem o indica o Conselheiro Newton Sucupira em seu Parecer acima mencionado, um departamento de Ciências da Religião. E se o deseja digno do respeito de seus alunos, deve a Universidade promulgar para que esse Departamento de Ciências da Religião realize seu trabalho com a mesma seriedade que qualquer outro da área médica, tecnológica, etc. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1974, p. 3).

O departamento, criado em 1971, continuou a oferecer as disciplinas, independentemente da aprovação do curso. Durante a década de 70, o projeto de implantação do curso encontrou diversos oponentes. Nesse sentido, “chegou a acontecer um único vestibular para Ciência das religiões, em 1976, com abertura de 10 vagas, mas o processo veio a ser interrompido no ano seguinte.” (TEIXEIRA, 2012, p. 543). Sete anos depois, o departamento abriu um processo de vestibular, a fim de recrutar alunos para o Curso de Ciências da Religião. Naquela ocasião, “[...] esse processo seletivo acabou deflagrando oposição ainda mais vigorosa, chegando o debate aos jornais da cidade.” (PIEPER, 2017, p. 121). A reação diante desse evento rompeu os limites da Universidade, alcançando até mesmo a Igreja local. De acordo com Teixeira (2008, p. 296), “o caso registrava, assim, uma curiosa aliança entre positivistas e lideranças eclesiais na resistência ao curso.” Ou seja, a oposição ao curso advinha de duas frentes: por parte de alguns intelectuais da universidade e por parte Igreja Católica, sendo esta última apoiada na ideia de que um novo estudo de religião, que não tivesse seu crivo, poderia ser danoso a fé.

O ano de 1977 foi marcado pela intensificação dos conflitos em torno da validade e continuidade do Curso de Ciências da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora. A oposição advinda de alguns segmentos da universidade, considerando a impossibilidade de um trato científico imparcial dos fenômenos religiosos. Nesse sentido, a proposta do curso era acusada de ser ilegítima em termos científicos. Por esse motivo, se tornava incompatível com



o modelo científico oferecido pela Universidade pública. Sobre esse embate ressalta Teixeira (2008, p. 295):

Como era de se esperar, houve resistências bem duras em segmentos da Universidade, sobretudo na Faculdade de Direito, e em particular um de seus docentes: Almir de Oliveira. Apesar de ser um católico conhecido na cidade, este professor liderou uma campanha viva contra o curso e suas disciplinas, com argumentos bem positivistas.

O professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, Almir de Oliveira, se destacou na apresentação de argumentos que se opunham a continuidade do curso. Segundo o professor, em uma publicação no *Jornal Mercantil*, o curso de Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, “Não tem razão de ser. Nenhuma Universidade no Brasil tem essa coisa. O Conselho Federal de Educação não o aprovou. Mais do que isso: recusou-lhe aprovação. Não há um currículo mínimo que, de acordo com a lei, possa servir-lhe de base.” (OLIVEIRA, 1977). Almir de Oliveira, apoia sua recusa inicialmente pelo parecer desfavorável do Conselho Federal de Educação, assegurando que, o currículo mínimo não atendia os limites da lei. Em suas palavras:

O ‘curso’ foi criado e o CFE não aprovou. E ele continua recebendo matrícula. Ainda não houve quem tivesse coragem e pôr fim a essa farsa: um curso que não pode diplomar ninguém, que não dá ‘status’ profissional a ninguém, que não serve pra nada, senão para criar problemas para a Universidade. (OLIVEIRA, 1977).

Um segundo argumento apresentado pelo professor de Direito, diz respeito à incompatibilidade de um estudo religioso diante da laicidade do estado. De acordo com o professor: “além do mais, o Estado brasileiro, a que pertence a universidade é leigo por força da constituição. Então, há que perguntar: que Teologia se ensinará na Universidade Estatal?” (OLIVEIRA, 1977). Sendo o Estado laico, não caberia a ele o financiamento e acolhimento de um estudo vinculado a uma tradição religiosa. Além disso, para o autor o curso servia a um determinado grupo – cristãos – ferindo a opção estatal pela laicidade. Para o professor, o curso não tinha objetivo de atender a comunidade geral, mas, servia para “[...] atender a certos interesses pessoais e de um grupo irrisório, meteu-se na estrutura Universitária um Departamento de Ciências das Religiões, criou-se um curso de Ciência das Religiões.” (OLIVEIRA, 1977.). Para o autor, o curso não pretendia se abrir a pluralidade religiosa, mas encobrir desejos religiosos em implantar um estudo de cunho puramente teológico e parcial na universidade. Almir defende que o curso de Ciências da Religião, surge para encobrir um

curso de Teologia. A nomenclatura ‘Ciências da Religião’ surgia como alternativa ‘laica’ para incorporar os estudos teológicos na Universidade. Como observa o autor:

Diga-se de passagem, que essa denominação “curso de ciências das religiões” foi um arranjo para evitar a denominação “Curso de Teologia” que os inventores da coisa não tiveram coragem de propor e sustentar. Ou porque tivessem receio de ser tido como inconstitucional, ou porque se sentissem desapetrechados para ministrá-lo com a seriedade que ele exige. (OLIVEIRA, 1977).

Uma das disciplinas mais criticadas por Almir de Oliveira, era “Introdução ao mundo Bíblico”. Segundo o autor, “Matéria bonita, sem dúvida que seria de utilidade para melhorar a cultura dos estudantes. Mas o apelido que lhe deram é: ‘Quá-quá-quá’. Ministrada a noite fora do recinto da Universidade, é uma espécie de Panamá.” (OLIVEIRA, 1977.) As expressões utilizadas pelo autor parecem sugerir duas situações: “Quá-quá-quá” se refere a falta de conteúdo da disciplina. Pode ser compreendido como uma disciplina de divagações, sem objetivos e sem um fim prático; E “uma espécie de panamá” em sentido figurado se refere a uma empresa que os diretores de beneficiam dos acionistas para alcançarem seus objetivos. No caso da disciplina, a crítica parece se dirigir aos interesses religiosos daqueles que ministravam a disciplina, utilizando-se dos alunos, para levar a frente seu projeto.

Houve também posições a favor da disciplina, apresentando sua pertinência e importância. As posições também foram publicadas no Jornal Mercantil, em resposta às críticas de Almir de Oliveira. Considera-se duas perspectivas favoráveis: a da coordenadora da disciplina Míriam Furtado e a discente Clélia Jardim Casadio. Míriam Furtado afirma: “Almir está mal informado, principalmente no exemplo de que em minha matéria todos passam. Teríamos preferido um pronunciamento dele como professor de História; sobre o conteúdo do curso que provavelmente foi o primeiro País a seguir o método da história das formas da redação e do conteúdo.” (FURTADO, 1977). Para a professora, a disciplina

[...] permite esclarecer dúvidas, refletir o sobrenatural, compreender a vida. O nosso século necessita de pessoas que não se prendam a só subexistir, estimulados pelo material, que participem conscientemente e se situem de forma histórico-concreto dentro do contexto sócio cultural com características humanistas. (FURTADO, 1977).

Além da resistência dos setores acadêmicos, como mencionado acima “outras resistências vieram de lideranças eclesiais da cidade, em particular do arcebispo, Dom Geraldo Maria de Moraes Penido, para qual o curso significava um risco para a ortodoxia católica.” (TEIXEIRA, 2008, p. 295). Havia muita desconfiança a respeito do curso de

Ciências da Religião. De modo geral, havia um receio, por parte da Igreja Católica, em conviver com um centro de conhecimento que extrapolasse os limites impostos pela Teologia. A proposta era vista como um risco à produção teológica, tutelada pela instituição religiosa. Além disso, “[...] apontava-se que já existia na cidade um curso que cumpria a função de formar professores de Ensino Religioso, sendo oferecido pelo Centro de Educação Superior (CES – mantido pela Ordem do Verbo Divino)<sup>93</sup> com o título de ‘Atualidades do Ensino Religioso’.” (PIEPER, 2017, p. 121). Desse modo, por parte da Igreja não havia justificativa para a efetivação do curso. Sob essa lógica, ficava evidente que, para assuntos sobre a religião estava disposta a Teologia, e para a formação e professores a Igreja também dispunha de uma instituição vinculada a ela que oferecia essa formação. Em resposta a esses questionamentos, o grupo de intelectuais que defendiam a permanência da Ciência da Religião afirmava que a proposta do curso alcançava maiores limites da discussão, uma vez que, propunha um estudo não confessional e articulado com outras áreas. Todas essas oposições, resultaram no cancelamento do vestibular do ano seguinte (1978). Contudo, o desejo de manter e defender o curso ainda era mantido. Sobre o desfecho dessa luta de visões, esclarece Teixeira (2008, p. 296):

Apesar de tudo, as incursões feitas pelos opositores junto ao Conselho Federal de Educação surtiram o efeito desejado, e as novas inscrições para o curso, via vestibular, foram eliminadas. Não houve mais vestibular, e o curso conseguiu se manter vivo por iniciativa louvada das gestões feitas por Jaime Snoek. As disciplinas continuaram a ser oferecidas no sistema de créditos, mas sem um curso oficializado. Novos encaminhamentos de reformulação do curso foram realizados posteriormente, com uma reforma curricular iniciada em 1980.

A proposta do curso de Ciências da Religião, se mantinha sem vestibular e sem titulações. Além de Jaime Snoek, outros professores mantinham seu posicionamento favorável à criação do Curso. Nesse contexto, vale destacar, as posições e empenhos de alguns intelectuais, tais como Maria do Céu, Hilton Japiassu, Mozart Geraldo Teixeira, Faustino Teixeira, dentre outros. Nos jornais ou em posições apresentadas ao reitor, se observa a dedicação dessa professora e professores em justificar a validade e importância do curso, frente àqueles que o julgavam indevido.

A princípio, deve-se ressaltar a atuação de Maria do Céu Mendes. Professora do departamento de Ciências Sociais, que se tornou uma das principais vozes em defesa da permanência do curso de Ciências da Religião na Universidade de Juiz de Fora. A professora coordenou uma comissão, juntamente ao professor Mozart Geraldo Teixeira (Vice-

---

93 O CES corresponde ao atual Unicentro Academia, em Juiz de Fora/MG.

coordenador) e Marília de Araújo (Secretária), a fim de buscar assinaturas e apresentar ao Reitor os motivos que justificavam a permanência do curso. Em uma entrevista concedida por Maria do Céu Mendes ao Jornal Mercantil, a professora afirma: “Através da imprensa, tomei conhecimento da ideia desastrosa de extinguir o curso e me ocorreu solicitar a colaboração de intelectuais e universitários no sentido de apresentar à autoridade competente um memorial com assinaturas” (MENDES, 1977). O jornal Diário Mercantil, em uma matéria publicada no dia 15 de julho de 1977, afirma:

A professora Maria do Céu Mendes, que está liderando um movimento de apoio aos estudantes e membros do Departamento de Ciência das Religiões, disse ontem que ‘tem uma aversão visceral pelo fechamento de instituições. Existem valores no curso de Ciência das Religiões que levam a uma conscientização, numa área de importância capital, enfocando o aspecto religioso dentro das condições do mundo moderno.’

Nesse sentido, Maria do Céu Mendes, acreditava que “[...] a mobilização, tal a sua autenticidade, vai sensibilizar a reitoria, que tem a sua frente um homem de cultura humanística e cristã.” (MENDES, 1977). Em um parecer enviado ao reitor, a comissão apresentava argumentos que se direcionavam a validade científica dos estudos; a importância da religião para a cultura brasileira; a necessidade de profissionais para o ensino religioso e, por fim, a neutralidade desses estudos.

Faustino Teixeira, teólogo e cientista da religião, também se manifestou a favor da permanência do curso. De acordo com o professor: “é lamentável que uma Universidade Federal não tenha autonomia para respeitar e compreender a dimensão e importância de um curso que é altamente valorizado na Europa.” (TEIXEIRA, 1977). Desse modo, justifica a importância do curso para o Brasil diante do conhecimento de experiências bem-sucedidas na Europa. Além disso, aponta que, “um estudo adequado do fenômeno humano não pode dispensar a análise científica do *homo religiosus*. A religiosidade é um fenômeno universal e um dos elementos constitutivos da cultura.” (TEIXEIRA, 1977). Considerando a religião um constitutivo do ser humano, Faustino aponta para a necessidade de tais estudos, afirmando que sem os mesmos, o estudo do ser humano se tornaria incompleto, por abdicar de uma parte fundamental de sua cultura, a religião.

Hilton Japiassu também se posicionou a favor da manutenção do curso. Em seus argumentos assume que a criação do curso rompia com o “velho ranço positivista, com seus preconceitos obscurantistas” (JAPIASSU, 1977). Nesse sentido, o autor acusa a Universidade, que inspirada pelo positivismo, recusou a abrir espaço a novas disciplinas, distinguindo entre a validade e invalidade de certos estudos, considerados ou não científicos. Ainda sobre a

estrutura universitária, Japiassu destina suas críticas a aqueles que “reduzem o saber a uma ideologia pecuniária” (JAPIASSU, 1977). Ou seja, viam na Universidade um espaço dedicado a ao estudo de disciplina que de algum modo “servissem” a sociedade de maneira lucrativa e imediata. Diante do pressuposto de inutilidade do curso, afirma o autor:

Ora, é justamente porque não “serve” para nada que ele serve para tudo. Pelo menos, serve para impedir a ignorância, impedir a formação bitolada, estreita, míope, e estrábica, sem horizonte de espírito. Serve ainda para converter esse aglomerado de escolas técnicas, que chamamos faculdades, numa universidade digna desse nome. (JAPIASSU, 1977).

De acordo com o autor, a proposta de um curso, que aborda o tema das religiões, em uma universidade pública, alargaria os horizontes da construção da ciência na instituição. Se outrora, a Universidade serviu somente para formar saberes técnicos, o curso apontaria para um modelo de Universidade que se ocuparia, também, das instâncias culturais do ser humano, garantindo-lhe e fazendo valer sua universalidade. Hilton Japiassu ressalta o caráter aberto e plural que deveria ocupar os grandes centros do saber. E nesse sentido, as ideologias que buscam patentear o saber, priorizando um determinado grupo ou uma determinada teoria, não deveriam fazer parte da organização de uma universidade. Nesse sentido, questiona o autor:

Ora, se a Universidade não é uma penitenciária central da cultura, pergunta-se: em nome de quê faz-se uma cruzada pretensamente laica, da realidade, verdadeiramente “religiosa” (pois a serviço de um culto inconfessado), contra a introdução de um curso que só faz orgulhar a universidade que o possui? (JAPIASSU, 1977).

O que Hilton Japiassu desejava frisar é que, embora houvesse uma dita laicidade na acusação do curso, os interesses que moviam essas acusações também partiam de um “culto inconfessado” (JAPIASSU, 1977). Ao sugerirem que o curso de Ciências da Religião feria o estatuto laico da Universidade, se apoiavam em outras doutrinas, mesmo que não religiosas, assumiam a estrutura essencialista e de uma verdade unilateral e positivista. No caso da Ciência da Religião e sua relação com a Teologia, observa o autor: “ora, só mesmo a ignorância ou a má-fé podem identificar Ciências das Religiões com Teologia. A universidade deveria ser, em relação ao Estado, o poder cultural.” (JAPIASSU, 1977). Desse modo, justifica a autonomia das disciplinas, assegurando o interesse nas instâncias culturais da religião. Diferentemente da Teologia, a Ciência da Religião se ocuparia dos dados religiosos, assumindo-o como dado cultural da sociedade, a partir de uma abordagem laica e neutra, e que sem dúvidas se encaixaria nos moldes científicos da Universidade. Por fim, o autor finaliza seu artigo manifestando seu apoio a permanência do curso, e certificando que o curso

de Ciência da Religião, conferia a Universidade de Juiz de Fora, o real status de Universidade, uma vez que incorpora em sua organização, as diversas possibilidades de se construir o conhecimento. Em suas palavras: “enfim, o meu apoio a todos que estão empenhados, não em ‘salvar’ um curso em vista de seus interesses, mas um curso que dignifica a inteligência e magnífica a cultura de um povo, conferindo real estatuto de Universidade à Universidade de Juiz de Fora.” (JAPIASSU, 1977).

Diante das várias oposições causadas pela proposta do curso de Licenciatura em Ciências da Religião, o departamento continuou a oferecer as disciplinas isoladas durante toda década de 80. O desejo de instalar a graduação ainda movia os defensores do curso. Uma saída para esse dilema foi a criação da Especialização em Ciência da Religião, ocorrida em 1991. Conforme Pieper (2017, p. 125) “a intenção era de que a especialização não fosse um fim em si mesmo, mas que propiciasse condições favoráveis para a proposição do curso de graduação.” A especialização surge como um entre meio que conduziria a consolidação da graduação. Ao proporem um curso de especialização, o objetivo era que ao abordar a disciplina através desse modelo de formação, a graduação se tornaria mais justificável, conhecida e procurada.

O início da década de 90 foi marcado pela chegada de novos professores na Universidade. Dentre eles ressalta-se a presença de Faustino Teixeira, Pedro Ribeiro de Oliveira e Luiz Bernardo Leite Araújo. Sendo leigos e com perspectivas abertas à academia e à religião, se dedicaram a pensar com mais veemência a proposta de uma pós-graduação em Ciência da Religião. Em consequência desse processo, “[...] nasceu o Mestrado, em 1993, num momento em que a UFJF começava lentamente a investir na pós-graduação.” (TEIXEIRA, 2012, p. 547). Nesse período, o professor Faustino Teixeira foi designado como coordenador do Programa. A criação do mestrado vai contra a lógica comum nas Universidades, que em sua maioria cria primeiramente a graduação e depois a pós-graduação.

O projeto inicial do curso ganha refinamento, alinhado e consolidando as temáticas que o curso se debruçaria. Segundo Teixeira (2008, p. 296),

Com o início da nova dinâmica, com a criação da especialização e o mestrado em Ciência da Religião, o exercício de uma formação mais aberta, plural e diversificada veio então a ocorrer. Firma-se então uma perspectiva nova, com clareza nas novas áreas de formação: diálogo inter-religioso, ciências sociais e filosofia da religião.

O curso de mestrado contava com três áreas de concentração, abrindo-se à pluralidade de abordagens, de acordo com a necessidade e o perfil dos docentes. Pode-se observar que as

três áreas do curso contemplavam os estudos teológicos, filosóficos, e convergiam em uma discussão que aproximava esses debates às Ciências Sociais. O ingresso de novos professores advindos de outras áreas possibilitou um refinamento da proposta do curso de forma mais alinhada à disciplina Ciência da Religião, embora ainda limitada pela formação dos docentes. Decorrente desse processo “[...] nasceu o doutorado no ano de 2000, também avaliado inicialmente com a nota 4 pela CAPES. Foi o primeiro doutorado da Universidade Federal de Juiz de Fora.” (TEIXEIRA, 2012, p. 547).

### *3.1.2 O perfil da Ciência da Religião na fase inicial da disciplina na UFJF*

Após a análise dos eventos que contribuíram para a consolidação da Ciência da Religião na UFJF, busca-se investigar o perfil da disciplina, dispostos em quatro documentos do curso. O primeiro, um documento que apresenta os objetivos da criação do Departamento de Ciências da Religião, de 21 de junho de 1968. O segundo, o documento de conclusão da Comissão Especial de Currículo Mínimo – área de Ciências Humanas – 04/06/1974. O terceiro o documento de reestruturação do curso de 21/08/1980. E o quarto intitulado ‘Objetivos do Curso de Ciências da Religião’, sem referência de data. O objetivo de análise desses documentos se dá, pelo esforço de compreender, através dos objetivos, justificativas, e linhas de pesquisa, o que se compreendia por Ciências da Religião nesse período.

No documento de junho de 1968, se encontram informações sobre os objetivos nos quais o Departamento de Ciências da Religião foi criado: 1) estudo sistemático do fenômeno da religiosidade 2) a elaboração de um pensamento teológico em nível superior 3) a promoção do diálogo, em alto nível, entre as grandes religiões e denominações, sobretudo da religião que é servida pela Universidade Federal de Juiz de Fora. 4) a promoção do diálogo da Teologia com a ciência e a técnica. Nesse primeiro momento, dois objetivos atendem exclusivamente a Teologia, ou seja, a elaboração do pensamento teológico de nível superior e a promoção do diálogo da Teologia com a ciência e com técnica. Um terceiro, indica a promoção do diálogo entre as grandes religiões, embora apresente sua preferência à “religião que serve a universidade” – o catolicismo. E por último, um único objetivo, que se caracteriza em certa medida pelas propostas da Ciência da Religião que é o estudo sistemático da religiosidade. Curioso notar que, o estudo sistemático é apresentado sem a constituinte empírica. Concluindo, nesse primeiro esboço, os objetivos colocados pelo departamento se

articulam quase que inteiramente para atender os propósitos teológicos. Fica evidente que sob o título da Ciência da Religião se oferecia um curso caracteristicamente de teológico.

O segundo documento analisado, foi apresentado à Secretária de Educação Superior do Ministério da Educação com o objetivo de fixar um currículo mínimo para o curso de licenciatura em Ciências da Religião. Sobre a especificidade da disciplina proposta, ressalta o projeto: “um estudo adequado do fenômeno religioso humano não pode dispensar a análise científica ‘*homo religiosus*’.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 1). Nesse sentido, buscava-se apresentar a religião como uma constituinte antropológica e fenomenológica. Tendo em vista o fenômeno religioso, e suas possibilidades de estudo, a abordagem prevista para as Ciências da Religião se ocuparia de estudar cientificamente esses dados. Essa perspectiva, que naturaliza os fenômenos religiosos, e os põe a par de outros aspectos humanos como linguagem, sociabilidade, etc., é constantemente defendida pelos fenomenólogos da religião, fortemente presentes no período inicial da disciplina. De acordo com o projeto, “uma pesquisa mais sistemática, que congregue esses elementos dispersos numa visão de conjunto parece, pois, um objetivo digno de uma Universidade.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 1). Sendo o objetivo do Programa investigar os fenômenos religiosos, os quais possíveis pelo constitutivo “*homo religiosus*”, as Ciências da Religião teriam o objetivo de investigar sistematicamente essas manifestações. Nesse sentido, o objetivo do curso seria reunir os dados religiosos, produzindo um conhecimento científico sobre eles. Por fim, o projeto justifica a criação do curso assumindo que o Brasil é constitutivamente um país onde a religião é o manancial de sua cultura quando afirma: “isto urge mais ainda no Brasil que sempre reconheceu na religião o manancial principal de sua cultura, fato este facilmente constatável em nossas tradições e em numerosos e constantes pronunciamentos oficiais de nossos governantes.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 2). A afirmação sugere uma estreita relação entre religião e cultura no Brasil. Além disso, mostra uma opção do Estado por determinada tradição, que é tomada como único fundamento moral e cultural do país. A justificativa para implantação do curso termina citando o Cardeal Jonh Newman, autor da obra *A ideia de uma Universidade*: “Aliás, um dos pensadores mais lúcidos do tempo moderno, J. Newman, chegou a declarar que a Universidade não merecia esse nome se não incluísse no rol de seus cursos, a autointerpretação filosófica e religiosa do homem.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 2).

Ao analisar as disciplinas que compunham o projeto pode-se distinguir três eixos centrais: o primeiro alinhado às disciplinas básicas da Ciência da Religião europeia, o



segundo constituído por disciplinas que atendiam o interesse específico do Cristianismo e um terceiro destinado à especialização em uma determinada tradição religiosa. Sendo assim, compõe o primeiro grupo Estudo comparado das religiões, Filosofia da Religião, Sociologia da Religião, Psicologia da Religião, que de acordo com o projeto “compõem o Programa, praticamente já consagrado nas Universidades da Europa da chamada ‘Ciência das Religiões’ *Religionswissenschaft*” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 3). Diante dessa proposta é possível concluir que, o Programa já tinha referências da disciplina europeia, justificado pela adesão ao termo “Ciência da Religião”. O segundo oferece disciplinas ligadas à Teologia: Introdução ao mundo bíblico, História do cristianismo, sendo a justificativa do Programa que as disciplinas compõem o tronco básico do Curso de Ciências da Religião, “[...] porque o mundo bíblico e o cristianismo, representam inegavelmente os fundamentos religiosos da civilização ocidental. Mesmo se alguém quiser se especializar nas religiões afro-brasileiras, no islamismo, no budismo etc... ser-lhe-ia necessário conhecer esses fundamentos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 3). De fato, há de se considerar a forte influência do cristianismo na civilização ocidental. Para uma formação integral de um cientista da religião, perpassar por esses fundamentos é de importância inegável. Contudo o que chama atenção na proposta é o peso de créditos que é destinado a essas disciplinas. Na proposta do currículo mínimo, havia dois períodos de Introdução ao mundo bíblico, quatro períodos de Hermenêutica bíblica, quatro períodos de Fenomenologia do cristianismo e por último, quatro períodos de História do cristianismo. Maior parte da creditação do curso se dava a partir da perspectiva teológica cristã, enquanto outras disciplinas que se caracterizavam com um modelo mais próximo da Ciência da Religião, assumiam menos créditos.

Por fim, as disciplinas destinadas a especialização em uma tradição específica: Hermenêutica do(s) livro(s) sagrado(s) da religião escolhida e Fenomenologia da religião escolhida (ou grupo de religiões). De acordo com o projeto o objetivo de inclusão dessas disciplinas era de garantir “[...] maior flexibilidade, unilateralismo confessional e superficialidade.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 1974, p. 3). A partir dessa afirmação, supõe-se que se buscava uma abertura a outras religiões e a possibilidade de um aprofundamento em uma tradição específica.

Victorino Duarte, apresenta as linhas gerais da concepção que envolvia o Curso de Ciência da Religião. De início, o artigo afirma a necessidade de um Curso de Ciências da Religião no Brasil, uma vez que, o tema religião é recorrentemente analisado por

pesquisadores estrangeiros. Sendo assim, haveria de formar um curso, onde pesquisadores e pesquisadoras do Brasil assumissem tal tarefa. Nas palavras do autor:

Até há pouco foram os estrangeiros que, em nosso meio, se ocupavam do estudo e da pesquisa no campo da Ciência das Religiões. Julgamos ter chegado a hora, Magnífico Reitor, de nós mesmos ocuparmos esse espaço de tal relevância, sobretudo em Minas Gerais, tão singularmente marcada pela religiosidade de seu povo. (DUARTE, 1980, p. 4-5).

Sobre as características da disciplina, aponta o professor: “compete ao Curso de Ciência das Religiões estudar do ponto de vista fenomenológico, a religiosidade, essa atitude dinâmica de abertura do homem ao sentido radical (transcendente) de sua existência segundo P. Tillich.” (DUARTE, 1980, p. 4). A partir disso, o autor assume a religiosidade como objeto da disciplina, analisado a partir da perspectiva fenomenológica. A perspectiva fenomenológica se traduz na busca pelas manifestações do sagrado, já a religiosidade é compreendida de maneira abrangente, reconhecendo sua influência na formação cultural das sociedades. O termo interdisciplinar aparece como um constituinte da disciplina: “A importância desse estudo interdisciplinar foi evocada também pelos dois conselheiros do CFE, Newton Sucupira e B. B Bittencourt como conta nos pareceres já citados.” (DUARTE, 1980, p. 4). Nesse sentido, um dos ciclos do curso são destinados a esse objetivo. De acordo com Vitorino Duarte: “o novo curso está previsto em três ciclos, sendo que o primeiro ciclo apresenta um elenco de matérias nitidamente interdisciplinares visando uma fundamentação para possibilitar uma compreensão mais abrangente do fenômeno religioso.” (DUARTE, 1980, p. 5). A concepção de interdisciplinaridade, abordada nesse período, é o de que a contribuição de outras disciplinas possibilita uma maior compreensão da religião.

O caráter não confessional do curso também é apresentado como diretriz orientadora do curso. Segundo Victorino, “Já vimos que a Ciência das Religiões busca o estudo da manifestação religiosa. De onde um curso dessa natureza deve pautar-se por uma linha estreitamente objetiva do estudo do fenômeno religioso, (isento de conotações confessionais) independentemente de determinado credo.” (DUARTE, 1980, p. 5). Em busca de um caráter não confessional e de se distanciar das críticas sobre a influência cristã/teológica do projeto, a reestruturação já apresentava uma ampla creditação em outras tradições religiosas – no caso desse projeto o Islã. Seguindo nessa perspectiva,

Por aí se percebem a objetividade científica e o caráter transconfessional que orientam o presente projeto. O estudo do cristianismo, do islamismo e das religiões no Brasil, religiões sem dúvida específicas, não são estudadas sobre um critério

confessional, mas sim dadas as influências culturais e socioeconômicas exercidas em nosso meio. (DUARTE, 1980, p. 6).

O projeto se estruturava em três ciclos, o primeiro, que foi apresentado acima, oferecia disciplinas interdisciplinares, com o objetivo de favorecer uma compreensão geral da religião, orientada por disciplinas que se interessam pelos fenômenos religiosos. O segundo possibilitava um “[...] conhecimento ainda generalizado das principais religiões da humanidade, como as religiões orientais, o judaísmo, e o cristianismo, o que possibilita ao aluno a opção consciente do estudo de uma religião particular que ocorrerá no terceiro ciclo.” (DUARTE, 1980, p. 5-6).

E finalmente na última etapa o aluno terá como modalidade de habilitação o estudo de um campo específico. O currículo propõe o cristianismo por ser evidentemente a religião de maior influência no ocidente; ou então as religiões no Brasil, por apresentar indubitavelmente um fenômeno religioso em nosso meio; ou ainda o islamismo por ser um fenômeno de repercussão internacional político, social e econômico, restando ainda a possibilidade de outras opções no futuro, na medida que houver demanda e recursos. (DUARTE, 1980, p. 6).

Outro documento, sem citação de autor, já apresenta uma maturidade a respeito da epistemologia da Ciência da Religião aos moldes europeus. Não foi possível identificar uma data precisa do documento, porém, pelos temas abordados, supõe-se que o texto foi escrito no período de reestruturação da disciplina, após o conturbado ano de 1977. No artigo, se observa constituintes claras da Ciência da Religião, assim como foi apresentado no primeiro capítulo desse estudo. De início afirma o texto: “Entendemos por Ciências da Religião o estudo descritivo, comparativo e analítico das manifestações religiosas nas mais diversas culturas, empreendido de maneira sistemática, com métodos empíricos e racionais.” (Sem data, sem autor). A afirmação traz as constituintes básicas da disciplina: estudo descritivo – entendido como tarefa empírica da disciplina ao descrever dados dispostos a verificação pelos sentidos; o estudo comparativo – alinhando a perspectiva proposta inicialmente por Müller; estudo analítico de manifestações religiosas nas mais diversas culturas – assegurando o compromisso da disciplina de se interessar por todas as manifestações religiosas, sem proselitismos ou preferências; de maneira sistemática – indica o segundo ramo da disciplina na tarefa de operar estudos sistemático, através da comparação, alcançando as teorias e por último, ressalta os métodos empíricos e racionais – assumindo a perspectiva empírica, herança da Ciência moderna assumida pela Ciência da Religião.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a imparcialidade da disciplina ou em outras palavras, a característica da disciplina em não se apresentar como orientadora de uma tradição

religiosa específica. Nesse sentido, orienta o texto: “Não se trata, pois, de ciências normativa, nem de ensino religioso, nem de anúncio de uma fé. É um estudo autônomo de qualquer autoridade confessional, sem finalidade proselitista ou missionária. Respeita todas as religiões, mas a nenhuma privilegia em termos axiológicos.” (Sem data, sem autor). Sendo assim, a disciplina é autônoma por não prestar serviços a uma religião e por não ser guiada por uma delas. O estudo tem como objetivo a compreensão da própria religião, a análise do fenômeno como um fenômeno do ser humano, histórico e cultural. A tarefa de orientar ou produzir conhecimentos orientados por um credo institucional não fazem parte do mote próprio do campo de saber. Ainda sobre a objetividade da disciplina, complementa o artigo:

Não se pretende, com isto, atribuir às Ciências da Religião uma neutralidade axiológica basicamente impossível de ser alcançada em qualquer ciência [...]. O que se afirma é que as Ciências da Religião participam, com as demais ciências, das possibilidades e dos riscos de uma procura honesta e despreconcebida. (Sem data, sem autor).

Ou seja, nenhuma ciência está livre de usos tendenciosos. Certamente o estudo de religião pode favorecer aqueles que a vivem de alguma forma. Mesmo sendo possível o uso proselitista, missionário etc., da disciplina permanece como status ideal, uma construção honesta do saber, buscando atender prioritariamente a produção e progresso do conhecimento científico.

Comparando a Ciência da Religião com outras áreas, afirma o texto: “Como a Medicina, o Direito ou a Pedagogia, para citar alguns exemplos, também Ciências da Religião não é propriamente uma ciência mas uma área, um conjunto de disciplinas parciais (*Teildisziplinen*) que, por sua vez, são complementadas por ainda outros ramos do saber.” (Sem data, sem autor). Curioso notar que a interdisciplinaridade assumida no documento, exclui o título de uma ciência – por compreender que uma ciência deveria operar solitária, sem recorrer o auxílio de outras áreas. Ser uma área, nesse sentido, se caracteriza pela acolhida de outras disciplinas complementares, que de algum modo favorecem a compreensão dos dados.

Ainda sobre a relação com outras áreas do saber, o artigo discorre sobre a relação entre a Teologia e a Ciência da Religião. Nessa perspectiva, adverte o texto:

Com especial cuidado há de ser mantida a distinção entre Ciências da Religião e Teologia. Se conceituarmos a Teologia como “discurso teórico sobre a experiência da fé da comunidade eclesial” (J.B. Libânio, em *Perspectiva Teológica* n. 17, janeiro-junho 1977, pg. 28), fica patente a diferença que existe entre as duas atividades. (Sem data, sem autor).

O conceito de Teologia é apoiado na perspectiva apresentada por João Batista Libanio. A Teologia se caracteriza por um discurso sobre a experiência da fé – o que difere da Ciência da Religião, que produz um discurso referente à complexidade dos dados religiosos, oferecidos empiricamente pelo ser humano a partir de suas experiências com tudo aquilo que rompe os limites da verificação empírica. A distinção básica, em síntese, consiste em que a Teologia move sua atenção para a fé de uma comunidade, enquanto a Ciência da Religião, lida com os produtos manifestos dessas relações de fé. Contudo, o artigo também aponta para a necessidade de se levar em conta o discurso produzido pela Teologia. Nesse sentido, afirma:

Entretanto, quem se dedica às Ciências da Religião não pode deixar de aplicar-se em profundidade ao estudo das principais Teologias que incidem sobre a religiosidade do povo que está sendo pesquisada; estudá-las-á não para julgar, mas para observar e entender. Ou seja, tais teologias são uma parte instrumental das Ciências da Religião, enquanto o estudo dos fenômenos religiosos em si constitui seu núcleo central. Fica, pois, difícil conceber um curso de Ciências da Religião que não inclua uma ou mais teologias. (Sem data, sem autor).

Nesse caso, a Teologia não se confunde com a Ciência da Religião. Partindo de perspectivas e interesses distintos, a Ciências da Religião incorpora e toma conhecimento dos estudos teológicos como acolhe discursos de outras áreas. Rejeitar completamente a produção teológica, impediria a Ciência da Religião de adentrar numa parte fundamental dos fenômenos religiosos que é a própria autorreflexão dos crentes. Desse modo, o estudo teológico se ocupa de um lado do fenômeno religioso, já no caso da Ciência da Religião seu objetivo é propor um estudo articulado e complexo da religião. O artigo justifica a necessidade de um curso dedicado exclusivamente aos estudos da religião, alegando a necessidade de um espaço acadêmico onde o estudo da religião não fosse uma segunda opção fragmentada. Essa posição fica expressa no seguinte argumento:

Assim sendo, a complexa engrenagem da sociedade brasileira não pode mais dispensar a análise científica do *'homo religiosus'*. Parte desta análise já é realizada, cá e acolá, pelo sociólogo, antropólogo, historiador e, sob um ponto de vista mais próprio, pelo assistente social e orientador educacional. Entretanto, trata-se de enfoques fragmentários. Só um curso específico de Ciências da Religião conseguirá chegar às estruturas básicas do fenômeno religioso do Brasil; sem isto, ficaremos confinados a visões demasiado parciais, quando não distorcidas. (Sem data, sem autor).

Uma preocupação recorrente nos projetos iniciais da disciplina é a empregabilidade dos/as alunos/as que se formam no curso. Sobre esse aspecto o projeto apresenta possibilidades, afirma que “o graduado em Ciências da Religião poderá trabalhar como perito e pesquisador em assuntos religiosos, no assessoramento aos poderes públicos, à imprensa, e a

outros organismos.” (Sem data, sem autor). Além disso, já aponta a Ciência da Religião, como possibilidade de formação de professores de ensino religioso:

Principalmente, é tempo de se pensar seriamente na formação de professores de religião, com a possibilidade de ministrarem suas aulas não só numa linha confessional, mas também, como já se advoga e prática em diversas partes, numa linha religiosa no sentido mais ontológico ou antropológico. (Sem data, sem autor).

O ensino religioso é entendido como uma proposta que ultrapassa os limites da confessionalidade e assume uma perspectiva ontológica e antropológica. Nesse sentido, somente a Ciência da Religião poderia oferecer disciplinas que integram esses dois fatores.

A Universidade Federal de Juiz de Fora foi decisiva nos primeiros passos da Ciência da Religião no Brasil. Os debates desenvolvidos a partir das propostas de Padre Jaime Snoek, o momento político e religioso do Brasil, inspiraram novos projetos. As condições culturais do período eram favoráveis a emergência da disciplina. Nesse sentido, a Ciência da Religião surge como alternativa para segmentos teológicos e eclesiais ao buscarem se adequar ao contexto político-social da época.

### **3.2 Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.**

No segundo item desse estudo, buscar-se-á apresentar o percurso histórico da disciplina na PUC São Paulo, bem como analisar o perfil da disciplina que vigorou nesse início<sup>94</sup>. Esse estudo se orienta pelos seguintes questionamentos: Qual foi o papel da Igreja Católica na criação das Ciências da Religião na PUC SP? Qual influência do Concílio Vaticano II? Qual influência do Documento do Buga? Havia influência do momento político do Brasil? A Teologia da Libertação contribuiu para formação do perfil do curso? Houve oposições ao Programa? Qual era o perfil da disciplina a partir dos projetos?

---

94 Não foi possível ter acesso a um grande número de documentos históricos da PUC SP. Com o fechamento das Universidades em virtude da pandemia da Covid-19, não foi possível acessar os arquivos. Os documentos que foram utilizados no item da PUC SP foram cedidos do acervo pessoal do Prof. Flávio Senra. Além disso, as entrevistas com professores que participaram do período de formação do programam, contribuíram como uma fonte importante dessa história. Foram feitos contatos com a coordenação do programa da PUC SP, porém não havia documentos digitalizados.

### 3.2.1 Aspectos históricos da implantação da disciplina na PUC SP

De acordo com Valle (2019), para que se possa compreender a criação da Pós-graduação em Ciências da Religião, na PUC SP, é preciso se atentar a sua pré-história. Como afirma o autor “o Programa não nasceu de repente como se decorresse apenas de voluntarismos vanguardistas ou de passes de mágica da criatividade inquieta da comunidade puquiãna.” (VALLE, 2019, p. 307). Nesse sentido, o primeiro esforço desse item é de compreender os fatores políticos e religiosos que favoreceram a criação e recepção da disciplina na Universidade Católica de São Paulo. Sendo assim, há de se levar em conta dois fatores: os movimentos ocasionados pelo Concílio Vaticano II e a situação política do Brasil.

Se atendo à história que antecede a criação do Programa de Ciências da Religião, Valle (2019) apresenta alguns pressupostos que influenciaram sua criação na PUC SP. O primeiro movimento que deve ser considerado é o Concílio Vaticano II e suas repercussões nos diversos seguimentos da Igreja Católica Romana. Diante das transformações que passava o ocidente, impulsionadas pela secularização e pela modernidade de modo geral, a Igreja Católica buscou refletir sobre sua inserção e constituição frente as novas realidades vividas por seus fiéis. O Concílio se apresenta à comunidade católica do mundo, como um momento de avaliação tanto da ação da Igreja, como de sua autocompreensão e Teologia. Como afirma Valle,

No Vaticano II a Igreja Católica fez uma profunda revisão de seu papel pastoral (um *mea culpa* também) e de suas relações com a modernidade, fortemente orientada para as ciências, para o pensamento crítico e para o que o Concílio chamou de “autonomia das realidades terrestres”. O Concílio, paralelamente à tentativa de inaugurar um diálogo novo com o mundo moderno, elaborou uma nova Eclesiologia, uma nova Cristologia e um novo conceito de Missão. (VALLE, 2019, p. 311).

O Concílio Vaticano II foi um divisor de águas na história do Catolicismo. Com os movimentos conciliares, a Igreja Católica tinha como objetivo se colocar de frente aos desafios da sociedade e refletir sua presença nessa sociedade em constante transformação. Na liturgia, buscava-se tornar os cultos mais acessíveis aos fiéis. No diálogo com as ciências, orientadas para o pensamento crítico, buscou assumir as necessidades dos povos. Não há como negar a importância do Concílio para o seguimento católico do Brasil.

Como foi dito acima Concílio Vaticano II afetou significativamente a Igreja Católica no mundo. O desejo de renovação e revisão das antigas tradições alcançam as igrejas, mas também as Universidades ligadas à Igreja Católica. Como afirma Valle, “[...] estes impulsos

renovadores se tornaram irreversíveis, dinamizando e reorientando toda a vida e ação pastoral da Igreja tendo encontrado na PUC SP um de seus polos concretos de realização em São Paulo.” (VALLE, 2019, p. 307). A PUC SP, marcada por um caráter de abertura aos debates sociais, encontrou nas “luzes” do Concílio – especificamente em relação a aproximação da igreja com as políticas sociais – um estímulo para fomentar o debate entre a religião e as realidades sociais da época. As universidades católicas, se tornaram grandes centros de aproximação entre a Teologia pós-conciliar e as demais ciências humanas. Nesse sentido,

No imediato pós-Concílio, as Universidades Católicas da América Latina foram as primeiras instituições “eclesásticas” a saírem de suas rotinas tradicionais e a se abrirem às mudanças históricas e culturais que ocorriam em nosso continente em meio a disputas e conflitos ideológicos pela hegemonia no campo da economia, da política, da cultura, do pensamento e, “*last but not least*”, das Teologias, Religiões e Universidades. (VALLE, 2019, p. 308).

Ainda sob influência do Concílio Vaticano II, deve-se ressaltar a importância do chamado Documento de Buga. O documento refletia sobre o papel da universidade católica frente as provocações do Concílio Vaticano II. A visão da hierarquia católica, favorecia um curso que abordasse os fenômenos religiosos de forma plural, sendo a abertura a novas tradições religiosas uma proposição defendida do Vaticano II. Como afirma Queiroz (2015, p. 233),

O pano de fundo da reforma universitária eram as orientações do Documento de Buga, elaborado em 1967 no encontro de peritos designados pelo Departamento de Educação do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) para subsidiar as reflexões sobre Educação na grande assembleia de todos os bispos e prelados da América Latina e do Caribe, que se realizou em Medellín, na Colômbia, em 1968, no intuito de aplicar para a América Latina e Caribenha as prescrições do Concílio Vaticano II, encerrado em 1965.

O Concílio já havia frisado a necessidade refletir sobre a inserção da igreja na sociedade contemporânea. No encontro de Buga, essas inquietações se destinavam as universidades. Nesse sentido, se atinha a uma questão central: “Qual é a identidade e o papel da Universidade Católica no contexto das necessárias mudanças no Continente?” (QUEIROZ, 2015, p. 233). O documento refletia a partir da sociedade e igreja dos anos 60. As discussões formularam diversos princípios a serem seguidos, desde o próprio papel da universidade, da necessidade e compromisso entre a ciência e a fé, até o papel social da igreja refletido através das estruturas universitárias. Sobre o papel da Universidade, ressaltava-se que “As Universidades Católicas devem ser verdadeiras universidades, isto é, centros de elaboração de cultura e consciência lúcida da sociedade em que vivem.” (QUEIROZ, 2015, p. 233). Ou seja,



os debates desenvolvidos nas universidades deveriam estar alinhados com as realidades vividas na sociedade que a rodeia. Além disso, “como católica, deve também destacar-se por seu clima de liberdade e caridade e pelo sério diálogo entre fé e ciência que possibilita uma integração cristã dos saberes em alunos e professores.” (QUEIROZ, 2015, p. 233). O objetivo era de a partir dos valores cristãos desenvolver um diálogo entre a fé e a ciência, buscando uma integração cristã, prezando a liberdade, entre a diversidade de pessoas que ocupavam o espaço acadêmico. Por fim, Queiroz (2015, p. 233-234) resume os desafios que eram postos pelo Documento de Buga: “[...] superar o elitismo cultural, desmascarar a mentira tão frequente de nossas sociedades, estudar os problemas das sociedades oferecendo soluções, gerar uma cultura autóctone e latino-americana.”. Em síntese, o objetivo e repercussão do Encontro de Buga atingiam o papel social da igreja católica. A universidade é chamada a associar as preocupações da igreja com os diversos campos da ciência, a fim de juntos, oferecer caminhos para os problemas vividos na América Latina.

Os impulsos do Concílio alcançaram a Universidade, uma vez que o momento histórico do Brasil era de grande transformação social, não só no âmbito da religião. Como resultado dessas reflexões, observou-se uma crescente mobilização em torno da criação de movimentos que estivessem junto à comunidade cristã nas discussões políticas. Ao passo que, a Igreja se aproxima cada vez mais das Ciências Sociais buscando nelas, respostas e ações diante da necessidade de compreensão do período histórico e político do Brasil.

Sendo a PUC-SP um polo de recepção das reformas do Concílio, os debates se firmavam principalmente na Capelania ou Pastoral da Universidade e na cadeira de Cultura Religiosa. Esses dois seguimentos vinculados à Universidade coordenavam e abriam espaço para os debates que envolviam os fenômenos religiosos, principalmente de caráter cristão católico. A Pastoral “era confiada a um grupo bastante coeso de padres que moravam em casas situadas dentro da própria Universidade (na Monte Alegre como na Marquês de Paranaguá).” (VALLE, 2015, p. 223). Já a disciplina de Cultura Religiosa era conduzida por “[...] alguns leigos e leigas oriundos da Juventude Universitária Católica (JUC).” (VALLE, 2015, p. 223). Além desses, a chamada Ação Católica, se fazia presente na Universidade. Com o crescimento e efervescência desses grupos havia, um desejo de revisar o papel dessas instâncias no meio acadêmico.

Segundo Valle (2019, p. 311), “foi então que se pensou em substituir a cadeira de ‘Cultura Religiosa’ (isolada na ‘Capelania Universitária’) por um ‘Departamento de Teologia’ em tudo equiparado aos demais Departamentos da Universidade [...]”. Com o interesse voltado para a perspectiva cristã, alinhada aos debates políticos da época, o corpo docente e

discente encontrou na criação de um departamento de Teologia a possibilidade de consolidar os estudos de religião na PUC SP. Como observa Valle (2019, p. 312), “o Departamento de Teologia, porém, passaria a integrar e exercer responsabilidades novas na formação profissional e científica dos alunos. A inspiração de fundo de sua presença permaneceria sendo a dos valores éticos cristãos.” Ou seja, o que se pretendia era oferecer formação a partir da Teologia católica, através das provocações do Concílio, as quais consistiam em aproximar os valores éticos cristãos a debates vivenciados pela sociedade.

Com o empenho dos professores e o apoio externo, desde 1971 “o Departamento de Teologia assumiu uma cadeira com um nome longo e difícil, além de um tanto estranho para os alunos: ‘Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo (PFTHC)’” (VALLE, 2019, p. 315). A disciplina oferecida pelo Departamento de Teologia integrava uma das disciplinas básicas da Área de Ciências Humanas e Educação. Como afirma Valle, “esta disciplina, junto com as demais, surgiu das propostas da Reforma da Universidade de 1970, aprovada em 1971, e tinha como objetivo instaurar uma nova visão de Universidade Católica respondendo aos desafios do contexto latino-americano e brasileiro.” (QUEIROZ, 2015, p. 232-233). O objetivo da disciplina ainda se orientava pelo Documento de Buga e pelo desejo de implantar na Universidade as orientações do Concílio. O departamento se restringia somente a uma disciplina, e nesse sentido, “a pesquisa no campo religioso permanecia restrita à orientação de alguns TCCs ou trabalhos de Iniciação Científica.” (QUEIROZ, 2009, p. 4). A fim de encontrar um caminho para o aprofundamento dos estudos religiosos que eram fomentados pela disciplina e como não havia uma Faculdade de Teologia, “[...] a solução seria pensar em um Programa de Ciências da Religião.” (VALLE, 2019, p. 316).<sup>95</sup> Uma vez que o departamento de Teologia não abrigava as discussões levantadas pelos docentes e alunos, a criação da pós-graduação em Ciências da Religião, se apresentava como recurso de contemplação das duas disciplinas. Conforme Valle, (2007, p. 196), “[...] o próprio departamento se transformou em departamento de Teologia e de Ciências da Religião.” Nesse período, ainda não havia clareza a respeito da Ciência da Religião. De fato, o que havia era uma inquietação referente aos limites do conhecimento teológico. Nesse sentido, a proposta de uma Ciência da Religião surge como possibilidade de abrir o campo de investigação da

---

95 “Foi a partir daí que começou a amadurecer a ideia da criação na PUC SP de uma pós-graduação em Ciências da Religião para realizar pesquisas e estudos da religião em diálogo com os demais Programas que integravam a CGPG (Comissão Geral da Pós-Graduação). A ideia foi criando consistência no Departamento, com o apoio de professores de renome que na Pós-graduação já trabalhavam o campo religioso, nomeadamente o professor Candido Procópio, a professora Beatriz Muniz e outras professoras que se dedicavam, na área da antropologia, aos estudos religião.” (QUEIROZ, 2009, p. 3-4).

Teologia.<sup>96</sup> Desse modo, a criação de um departamento que contemplasse tanto a Teologia quanto a Ciência da Religião, se apresentava como uma terminologia que mais se adequava aos trabalhos que se pretendia desenvolver. Assim sendo,

[...] a ideia inicial era criar um Programa de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião devido à proximidade e à confluência das duas áreas, além do fato de que a maioria dos professores do Departamento, que promoviam a criação do novo Programa, havia feito estudos teológicos em faculdades e seminários. (QUEIROZ, 2009, p. 4).

O objetivo era suprir a demanda de discentes, bem como de docentes que buscavam na universidade um caminho para o aprofundamento dos debates relacionados a religião, e principalmente, suas relações com a sociedade. Como afirma, Guerriero (2019, p. 15):

O Programa da PUC-SP não teve, em seu início, uma perspectiva relacionada diretamente à Ciência da Religião que era realizada nos países europeus ou norte-americanos, dado o contexto mais amplo e à própria formação de seus colaboradores. Não se trata de nenhum demérito, mas apenas a constatação de um terreno ainda insipiente na Universidade brasileira.

Pela perspectiva do autor, a ideia de que o Programa da PUC SP não ter pretendido a Ciências da Religião desde o início se dá por dois fatores. Por um lado, parte do corpo docente nesse período “[...] vinha da Teologia, Filosofia ou mesmo Educação” (GUERRIERO, 2019, p. 15). Por outro lado, a disciplina ainda buscava se consolidar no Brasil, pois, não havia na época um parâmetro consolidado de um perfil de Programa de Ciências da Religião. Nesse sentido, “não havia aqui no país uma definição clara do que seria a Ciência da Religião, mas o Programa da PUC-SP se viu, inconscientemente até, na incumbência de planejar essa trajetória.” (GUERRIERO, 2019, p. 15). De fato, havia entre pesquisadoras e pesquisadores o consenso de que seus estudos de religião extrapolavam os limites da Teologia. Desse modo, o Programa de Ciências da Religião se apresentava como um núcleo que integrava pesquisas, advindas de distintas áreas, que tinham como interesse o estudo dos fenômenos religiosos. Nesse sentido, afirma Guerriero (2019, p. 15), “o Programa foi sendo construído pelo ideal de diferentes pesquisadores de áreas distintas, preocupados em não atribuir um cunho necessariamente teológico a seus estudos.” De acordo com o autor, não havia o propósito de favorecer somente os estudos teológicos, contudo, “Uma preocupação

---

96 Alguns professores do Departamento de Teologia e Ciências da Religião haviam estudado na Europa e conheciam o desenvolvimento da(s) Ciência(s) da Religião nas Universidades europeias, em especial, na Alemanha e na França, com uma conotação secularizada e separada da teologia. E lamentavam que no Brasil havia total carência de estudos nessa área, pois os cursos de graduação e pós-graduação limitavam-se à área de teologia e eram confessionais, destinados à formação de clérigos ou pastores

voltada diretamente à Ciência da Religião não se fazia presente.” (GUERRIERO, 2019, p. 15). Em síntese, a gênese do Programa na PUC SP, está mais ligada a fatores externos, sendo eles políticos e religiosos, do que propriamente a constituição de uma disciplina. Percebia-se que o campo teológico era limitado para as demandas existentes, porém, no início a Ciências da Religião ainda não era vista como uma disciplina que comportaria esses debates.

Aos poucos a proposta foi ganhando forma. “O Programa começou a estabelecer bases mais sólidas, com a ampliação do corpo docente e também pela estabilidade de um corpo docente permanente cada vez maior e dedicado somente a ele. Estavam dadas as condições para o segundo momento.” (GUERRIERO, 2019, p. 15). Como foi dito acima, os primeiros passos da disciplina na PUC SP, foram marcados por um dilema identitário. O segundo momento da disciplina na PUC SP, é percebido pelo desconforto quanto a constituição identitária do conhecimento que ali estava sendo produzindo. Como afirma Valle (2007, p. 195-196), “Na PUC SP nós tínhamos duas preocupações: nos diferenciar das Teologias – que também são ciência, mas com outros pressupostos, epistemologia, métodos, etc. – e não permanecer como objeto secundário da Sociologia, da Etnologia e da Antropologia.”. Por um lado, buscava-se não partir do horizonte teológico e por outro lado, já era uma inquietação comum, permanecer como segundo plano, ou ramo especial de outras disciplinas. Foram esses questionamentos que levaram os pesquisadores e pesquisadoras a buscar campo que compreendesse essas necessidades.

Diferentemente do caso de Juiz de Fora, onde as autoridades eclesiásticas representavam oposição ao curso, no caso da PUC SP, a linha pastoral seguida pelo então Arcebispo, Dom Paulo Evaristo Arns, e por seu Vice-Reitor Comunitário, Dom Cândido Padim, propiciava uma boa recepção da proposta. Sendo uma Universidade Católica, alinhada as propostas do Concílio Vaticano II, se via no dever de se adequar e dar respostas à sociedade na qual estava inserida. Esse aspecto era favorecido pelas lideranças eclesiásticas locais, que apoiavam o projeto na Universidade. Como ressalta Valle (2019, p. 13), o projeto:

[...] contava com a linha pastoral de seu Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns e seu Vice-Reitor Comunitário Dom Cândido Padim, o Bispo que coordenou o Documento de Buga. O que estes dois Bispos propunham era fazer da PUC-SP uma instituição universitária católica e pontifícia. Pensavam para tanto não somente em mudanças e adaptações na Universidade e na Pastoral como numa reforma da Universidade e da Pastoral (Valle e Masetto, 1976).

A partir das provocações do Concílio, pela efervescência política do Brasil, pela influência da Teologia da Libertação, foi solicitado ao Conselho Geral de Pós-graduação a implantação do Programa de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião. A resposta

desse concelho foi positiva, porém ainda carecia do parecer do Conselho de Ensino e Pesquisa. Como aponta Queiroz (2009, p. 4):

Na CGPG, o Programa foi aprovado unindo as duas áreas. Mas quando passou pela Comissão de Ensino e pelo CEPE (Conselho de Ensino e Pesquisa), na reunião do dia 06 de dezembro de 1968, a ata daquele Colegiado diz textualmente: ‘Quanto ao Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião, o Parecer da Comissão de Ensino foi favorável, sendo aprovado por unanimidade pelo Plenário do Conselho (entenda-se, pelo Plenário do CEPE), apenas recomendando a alteração do título de Mestrado em Teologia e Ciências da Religião por Mestrado em Ciências da Religião’.

O Conselho de Ensino e Pesquisa rejeita a proposta que incluía a Teologia e Ciências da Religião. Como solução o conselho indica a implantação de um mestrado que contemplasse somente a Ciência da Religião. “Com essa recomendação, o Programa nascia autônomo, isto é, separado da Teologia e assim foi aprovado pelo Conselho Universitário na última reunião realizada em dezembro 1968.” (QUEIROZ, 2009, p. 5). Nessa conjuntura é criado o Mestrado em Ciências da Religião da PUC SP.<sup>97</sup> “O nome acordado foi sem mais o de ‘Ciências da Religião’ uma vez que um dos objetivos do Programa era o de aprofundar o estudo interdisciplinar das religiões com ênfase nas que se acham presentes no continente latino-americano e no Brasil.” (VALLE, 2019, p. 319).

Sobre a relação entre a Teologia e as Ciências da Religião, havia uma estreita relação entre as disciplinas. Essa constituinte é afirmada por Valle (2019, p. 318): “interessante salientar que nas discussões havidas no Brasil a respeito das distinções a serem feitas entre a Teologia e a Ciência da Religião não predominava o pensamento de que deveríamos separar uma da outra.”. Na mesma linha, afirma Queiroz (2007, p. 207) que “na verdade, vimos que o nosso enfoque era um referencial analítico dialético e nós éramos muito subsidiários, naquela época, da Teologia. Não havia absolutamente nenhuma atitude de separatismo em relação à Teologia, embora o Programa não fosse de Teologia.” Nesse sentido, Teologia e Ciências da Religião conviviam pacificamente em um único departamento. Por essa perspectiva, a disciplina Ciências da Religião encontrou na Teologia uma forma de legitimar-se no meio acadêmico. Ainda sobre a relação entre as disciplinas, Queiroz (2009, p. 5) indica que a

---

97 A data correta é 06/12/1978. Deve ter havido, um erro ou na digitação ou na fala do autor. Em outro texto, do mesmo autor de 2015, encontram-se as informações: “Exatamente no dia 6 de dezembro de 1978, o Conselho de Ensino e Pesquisa aprovava o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião, sendo seu primeiro coordenador o Prof. Dr. João Edênio dos Reis Valle. Logo depois da sua fundação, o Dr. Edênio Valle se afasta temporariamente da Universidade para assumir relevantes incumbências como Provincial da Congregação do Verbo Divino e como Presidente da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil).” (QUEIROZ, 2015).

autonomia proposta pelo Conselho de Ensino e pesquisa não surtiu efeito de início. Em suas palavras:

Entretanto, autonomia não significaria ruptura, pois, desde início até hoje, a Teologia marca presença no Programa. A princípio, com maior vigor pela influência direta da Teologia da Libertação, que permeava, como referência teórica, a maioria das dissertações. Depois, com presença menor, quando outros referenciais psicológicos (Jung, Winnicott e outros), sociológicos (Durkheim, Weber e outros), filosóficos (na linha da fenomenologia 'clássica', com especial referência a Otto e Eliade, e à filosofia da religião de vertente judaica e outros), a literatura, os estudos pós-modernos ou pós-estruturalistas relativos à religião, as fontes antropológicas, a linha da historiografia, as ciências naturais, o ensino religioso e a abertura para os estudos das religiões não cristãs, passaram a fermentar o currículo do Programa.

O Programa de Ciências da Religião também teve suas oposições. De acordo com Valle (2019, p. 320) “essas tinham em parte origem na CAPES/MEC/CFE, organismos que não sabiam fazer bem a distinção entre Teologia e Ciência da Religião e que relutavam em reconhecer oficialmente a validade acadêmica dos estudos e títulos em ambas as disciplinas (cf. Oliveira, 2010, pp. 70-75).” As instâncias reguladoras do ensino brasileiro, resistiam em aprovar o curso, com argumentos de influência positivista, se afirmando em uma perspectiva que nega a possibilidade de estudos científicos dos fenômenos religiosos, tanto pela perspectiva das Ciências da Religião, quanto da Teologia. Por parte dos órgãos internos da universidade, esclarece Valle (2019, p. 320):

Também nos Conselhos de Ensino e Pesquisa e de Pós-Graduação foram levantadas algumas objeções contra o novo Programa. Um dos receios maiores destes Conselhos era o de uma possível sobreposição entre o novo Programa e os outros já existentes nas áreas da Sociologia, Antropologia, História e Filosofia.

Por não haver uma clareza na academia brasileira sobre a identidade da Ciência da Religião, um argumento comum em oposição à disciplina era a possibilidade de desenvolver os estudos de religião em outras áreas. Para essas instâncias não havia necessidade de novas áreas para o estudo de religião, uma vez que outras áreas já possibilitavam esses estudos. “Estas objeções foram se dissipando na medida em que o Departamento de Teologia foi informando aos Conselhos sobre o que já há muito tempo se passava em importantes Universidades da França, Bélgica e Alemanha.” (VALLE, 2019, p. 320). Além disso, havia também aqueles que acusavam “Houve também ânimos adversos ao Programa por considerá-lo sem objeto próprio, posto que outras áreas supostamente já cobriam os estudos da religião. Por isso, foi necessário provar a que viemos e nossa especificidade no espaço da Universidade e diante das demais ciências.”

O Programa de mestrado, em seus anos iniciais sofria com carências em diversos setores. Primeiramente,

O Programa recém-criado sofria de anemia: corpo discente minguado (apenas alguns religiosos e alguns leigos); os docentes, na maioria, eram emprestados de outros Programas; baixíssima avaliação pela CAPES, letra C<sup>98</sup>, qualificação que significava um passo para o descredenciamento. (RIBEIRO JR; VALLE; GUEDES; QUEIROZ, 2015, p. 235).

Com a escassez de professores ligados diretamente ao Programa, as pesquisas também ficaram prejudicadas, nesses anos iniciais, foram produzidas apenas quatro dissertações e poucas publicações.<sup>99</sup> Além dos problemas com a avaliação do Programa, havia também problemas estruturais. De acordo com Queiroz (2009, p. 6), “o espaço físico era inexistente. Não havia nem sala nem secretaria própria, funcionando em espaço alheio e utilizando serviços estruturais de outros Programas.”. O currículo do Programa também necessitava de reparos. Segundo Queiroz (2009, p. 7):

No início, o foco eram disciplinas um tanto esparsas, fragmentadas. Por exemplo, havia metodologia, leitura sistemática de autores, temas teológicos, psicológicos, sociológicos, etc. Era ainda uma espécie de curso de atualização para uma clientela majoritariamente composta por religiosos.

Como o Programa havia sido gestado através de uma perspectiva cristã católica, o perfil teológico era ainda mantido tanto pelos alunos quanto pelos professores. Não havia nesse período uma postura afirmativa das Ciências da Religião. Somente anos depois, com a crescente diversidade dos alunos, que não estavam ligados à igreja, mas formados em diversos cursos, que o Programa começa a indicar um perfil mais próximo a Ciência da Religião. Com a variedade de enfoques dos alunos que compunham o curso, houve necessidade de sistematizar áreas de concentração que atendessem as demandas que surgiam.

### 3.2.2 Perfil da disciplina na PUC SP

98 O atual modelo de notas atribuídas pela CAPES aos Programas em processos de avaliação de permanência no Sistema Nacional de Pós-graduação, em vigor desde 1998, foi precedido por um modelo que considerava letras A, B, C, D, E. Esse modelo vigorou de 1977 a 1997. A letra C era o conceito mínimo para permanência, equivalente ao que hoje seria considerado um Programa com nota 3.

99 Nos primeiros anos, o Programa teve dificuldade de se firmar no âmbito da CAPES não por resistência desse órgão do Ministério da Educação, mas por questões internas. No início, que eu considero como uma fase de “incubação”, eram poucos os alunos, em sua maioria sacerdotes, religiosos e freiras. O corpo docente era reduzido e muito dependente de empréstimos de outros programas, em especial, da sociologia e da antropologia e essa situação se refletia na escassez das pesquisas (apenas 4 dissertações de mestrado nos primeiros anos) e nas publicações.

Para o estudo do perfil da disciplina na PUC SP, foram analisados os seguintes documentos: O ante projeto para instalação de curso de pós-graduação, o Regulamento do Mestrado e o Regulamento do Mestrado.

Buscando a compreensão que se tinha sobre o perfil da disciplina, no caso da PUC SP o anteprojeto do mestrado, fornece pistas que indicam a autocompreensão que se tinha da Ciência da Religião. No documento se encontram inicialmente quatro objetivos: 1) promover estudos e estimular pesquisas, auxiliando na produção de trabalhos e análises sobre o fenômeno religioso; 2) favorecer a realização de estudos e pesquisas dentro de uma abordagem interdisciplinar do fenômeno religioso, enquanto brasileiro e latino-americano; 3) preparar pesquisadores para o exercício da docência e da investigação nas instituições e nos centros de investigação científica; 4) conferir o grau de mestre em Teologia e Ciências da Religião, mediante o regime de créditos, cursos e dissertações.

O anteprojeto do Programa de mestrado inicia sua justificativa ressaltando a complexidade dos fenômenos religiosos e a necessidade de uma abordagem interdisciplinar: “o estudo científico da Religião é, em todos os centros de cultura, um campo cada vez mais fértil de análises e pesquisas. Tais estudos demonstram a complexidade do fenômeno religioso e vêm provocando o incremento de abordagem interdisciplinar nas ciências da sociedade e da cultura.” (PUC SP, Sem data). Um aspecto importante desse projeto é o trato da interdisciplinaridade. Reconhecendo a complexidade dos dados religiosos, a interdisciplinaridade é vista como possibilidade de interpretação aprofundada dos fenômenos. Os esforços empreendidos pelo Programa deveriam “[...] resultar do caráter interdisciplinar que as Ciências da Religião, e Teologia e outras áreas do conhecimento poderão oferecer para a elaboração de dissertações científicas sobre o fato religioso, incrementando um pensamento crítico e autônomo.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 4). Nesse sentido, a produção científica do Programa se basearia na perspectiva interdisciplinar visando dois focos: por um lado, favorecer a análise dos fatos religiosos e por outro lado manter o caráter crítico e autônomo do Programa. Além da preocupação interdisciplinar, pode ser verificado um reconhecimento de estudos sobre a religião que rompe com os limites da confessionalidade. Nesse sentido, o anteprojeto aponta:

No Brasil, a religião, como objeto de interesse científico, desvinculado de preocupações confessionais, restringiu-se a um grupo relativamente pequeno de pesquisadores universitários; mesmo assim deu origem a trabalhos científicos de alto nível, consagrando alguns nomes brasileiros no cenário internacional. Ultimamente, a necessidade de um estudo mais sistemático vem sendo sentida em diversas instituições de ensino superior e de pesquisa, como atesta o número sempre



mais significativo de monografias, teses, seminários e institutos de pesquisa voltados para a análise interdisciplinar do tema. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 4).

Segundo o ante projeto, no Brasil já havia pesquisadores que se dedicavam ao estudo científico das religiões, de maneira não confessional. Porém, não havia um espaço onde essas pesquisas se convergissem e encontrassem suporte teórico e metodológico comum. Diante dessa necessidade, o curso de Ciências da Religião, atenderia às pesquisas que buscavam a análise dos fenômenos religiosos de modo interdisciplinar. Nesse sentido, “não haverá condições para este tipo de trabalho sistemático e provocador sem centros de estudos universitários que estimulem a pesquisa e ofereçam condições técnico-pedagógicas para a produção científica no campo da realidade religiosa brasileira.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 3). Ou seja, o que se pretendia era que o estudo da religião se tornasse de interesse exclusivo de um Programa. Desse modo, o Programa proporcionaria um campo de trabalhos, onde a religião era objeto exclusivo, criando condições teóricas e metodológicas para os estudos.

Sobre o campo de trabalho do/a cientista da religião ressalta o projeto: “[...] na docência em instituições de ensino, nas organizações científicas que se dedicam à pesquisa, na colaboração e no assessoramento dos órgãos de decisão e interpretação das aspirações religiosas da comunidade.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 3-4). Desse modo, o/a cientista da religião, no âmbito profissional, se ocuparia de dois eixos centrais: à docência, atuando como professores e professoras nas Universidades que comportam disciplinas que tratem dos fenômenos religiosos; e a assessoria a instituições que de algum modo requeressem diagnósticos sobre a religião inserida em contextos sociais.

O eixo central do projeto se dá no estudo da religião por duas frentes: por um lado, o estudo da religião em seus próprios termos, ou seja, analisando religiões particulares, tendo em vista seu sistema de crença, ritos, ortodoxia; e por outro lado reconhecer os impactos religiosos na sociedade em geral, buscando associar os debates em torna da religião aos aspectos sociais. De acordo com o anteprojeto:

Em resumo, o Programa de Pós-graduação em estudos da religião visa oferecer aos alunos os instrumentos técnicos e os elementos teóricos básicos para refletir sobre os fenômenos ligados à religião tal como se manifesta (na cultura brasileira e latino-americana) e, por outro lado, suscitar pesquisas sistemáticas sobre este fenômeno religioso e suas implicações sócio-político-culturais. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 4).

Os objetivos do Programa se resumem a quatro frentes: a produção de trabalhos científicos sobre os fenômenos religiosos; a pesquisa de caráter interdisciplinar; o exercício da docência e a titulação de Mestre em Teologia e Ciências da Religião.

Outro documento que deve ser analisado é o regulamento do Programa de Mestrado. Não há uma data do documento, mas certamente ele é anterior a 1995. Os objetivos do Programa permanecem o mesmo do ante projeto. Porém há uma mudança significativa no quarto objetivo, lê-se: “Conferir o grau de Mestre em Ciências da Religião, mediante o regime de créditos, cursos e dissertações.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 1). O ante projeto conferia ao aluno/a o grau de mestre em Teologia e Ciências da Religião. Nesse documento o Programa se organiza em duas linhas básicas de estudo e pesquisa:

- I – Igrejas, ritos, misticismo, movimentos, religiões populares, comunidades de base sob o prisma da política e da ideologia
- II – Conhecimento filosófico, conhecimento religioso e conhecimento teológico – fronteiras epistemológicas. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 20-21).

Os eixos centrais do Programa apresentam, organizados em dois pontos apresentam uma preocupação voltada para o estudo da pluralidade das manifestações religiosas e suas relações com a sociedade. E outra linha, assegura a reflexão sobre as constituintes e limites epistemológicos do conhecimento filosófico, religioso e teológico. Curioso notar que o estudo sobre as teorias do conhecimento, além da Filosofia e Teologia, disciplinas familiares aos professores, o projeto incluía o estudo sobre a produção de conhecimento religioso. Não é possível identificar se esse conhecimento religioso pode ser traduzido por um estudo epistemológico da Ciência da Religião. Porém, uma indicação de um estudo epistemológico, propriamente voltado para a Ciências da Religião, fica mais claro no documento que será analisado a seguir.

As duas linhas gerais apresentadas acima, orientam a estrutura curricular do Programa. Nesse sentido, o projeto se divide em Básicas, fundamentais, eletivas. Sobre o currículo básico, eram disponibilizadas duas disciplinas: Metodologia do Trabalho científico e Teoria do conhecimento. De acordo com o regulamento, o objetivo da primeira era “[...] fornece elementos técnicos, lógicos e conceitos para o estudo científico e para o pensamento rigoroso.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 21). Já a segunda, Teoria do conhecimento, “pretende levar o aluno a uma compreensão em profundidade da natureza do conhecimento, através da abordagem de algumas noções

fundamentais, tais como a relação teoria – práxis. Ocupar-se-á também da produção de conhecimento religioso e suas peculiaridades.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 21). O ante projeto do Programa já apresenta as duas disciplinas, porém não há uma justificativa sobre a incorporação de ambas. Deve-se ressaltar que, pela primeira vez se vê uma preocupação com as particularidades da produção de conhecimento religioso – nos termos do projeto. Esse fato indica uma preocupação direta com o tipo de conhecimento que se pretendia oferecer no curso. Pelas análises feitas nessa pesquisa, até o momento, o único projeto que apresenta preocupações de natureza epistemológica, registradas no currículo, é o curso da PUC SP.

Dando seguimento ao currículo, observa-se as disciplinas que atentem tanto o interesse teológico, quanto da Ciência da Religião. A primeira “1 – Pensamento Teológico Brasileiro I – É a disciplina que analisa as contribuições dos teólogos e das comunidades à reflexão e à interpretação da realidade brasileira e latino-americana.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 2). Por um lado, observa-se uma tendência clara na direção da produção de um conhecimento teológico e influenciado pela Teologia da Libertação. Por outro lado, a fim de equilibrar a proposta, são incluídas duas disciplinas, também fundamentais: Antropologia da Religião e Sociologia da Religião. Ambas atendem ao currículo básico da Ciência da Religião. Como afirma o regulamento, “Ambas constituem base do estudo interdisciplinar do fenômeno religioso, tal como se manifesta na cultura brasileira e latino-americana, com os desdobramentos sócio-político-econômicos que dele decorrem.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 22). Deve-se perceber também que, pela análise, observa-se que a noção de ciência da religião é incorporada a partir da interdisciplinaridade. Nesse sentido, pode-se supor que a interdisciplinaridade era assumida como um modo de garantir a adesão ao projeto de se constituir uma Ciência da Religião.

Como disciplinas eletivas são apresentadas com o “[...] objetivo de completar o quadro interdisciplinar descritivo e analítico do fenômeno religioso” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 22). São elas: Pensamento Teológico Brasileiro II. Filosofia da Religião, Psicologia da Religião, História das Ideias Religiosas no Brasil, História Comparada das Religiões, Teologia Afro-Brasileira e Problemas Contemporâneos de Religião. As disciplinas atendem vários objetivos. Desde o estudo teológico, as disciplinas básicas da Ciência da Religião, mas também, busca oferecer campo de estudo para o fenômeno religioso no Brasil.

O último documento analisado no caso da PUC SP é o regulamento do Programa de Estudos da Pós-graduação em Ciências da Religião – Mestrado, datado de 29 de junho de 1995. De início, os objetivos do Programa são mantidos como na versão que foi apresentada anteriormente, conferindo o grau de mestre em Ciências da Religião. A principal diferença que se observa é na estruturação das linhas de pesquisa do Programa. Nesse momento, o curso se articulava da seguinte forma: Cursos introdutórios, Fundamentos das Ciências da Religião, Religião, Sociedade e Estado e Religião e Campo simbólico. Por esses eixos, já se percebe uma aproximação maior com a Ciências da Religião.

A título de disciplinas introdutórias, o primeiro núcleo oferecia o Programa: História da Religião na América Latina e no Brasil I, História da Religião na América Latina e no Brasil II, Introdução a Pesquisa em Ciências da Religião I, Introdução a Pesquisa em Ciências da Religião II. Diferentemente do projeto anterior, as disciplinas Metodologia do Trabalho Científico e Teoria do conhecimento, se tornam Introdução a Pesquisa em Ciências da Religião I e II. Há aqui uma crescente preocupação com a afirmação epistemológica da Ciência da Religião. Os núcleos centrais do Programa refletem essa opção, ao se direcionarem a uma perspectiva cada vez mais distante da Teologia. Nesse sentido, o primeiro núcleo, Fundamentos das Ciências da Religião, buscava assumir as características e particularidades da disciplina. Como pode-se observar no texto,

A crescente diversidade de enfoques nos estudos sobre a Religião está a exigir um rigoroso exame acerca dos fundamentos desses conhecimentos e suas perspectivas interfaces, para se consolidar em estatuto epistemológico das Ciências da religião, em que a interdisciplinaridade seja uma característica metodológica intrínseca. O objetivo deste núcleo é examinar criticamente os principais estudos sobre a Religião até aqui realizados e os fundamentos desses mesmos estudos, buscando construir paradigmas epistemológicos sólidos. Os temas abordados são: Ciências da Religião e Filosofia, Ciências da Religião e Teologia; Ciências da Religião e Ciências Humanas, Ciências da Religião e Holística, Ciência, Religião e Fé, Outros. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 1995, p. 2).

Do que foi afirmado, deve-se ressaltar os seguintes aspectos: nesse momento fica evidenciado o desejo de consolidar o estatuto epistemológico das Ciências da Religião, assumindo a interdisciplinaridade como característica intrínseca da disciplina. Nesse sentido, buscava-se firmar a disciplinaridade da disciplina, reconhecendo que a interdisciplinaridade é uma característica interna da disciplina que não lhe rouba a autonomia. Para isso, analisar os paradigmas epistemológicos de outras áreas que se interessam pela religião, resultaria numa compreensão mais sólida da identidade das Ciências da Religião.

O segundo núcleo – Religião, sociedade e Estado – tem como objetivo “[...] o estudo da Religião, enquanto fenômeno social, analisado em perspectiva científica.” (PONTIFÍCIA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 1995, p. 2). Ou seja, buscava compreender a influência dos fenômenos religiosos nas sociedades nas quais estavam presentes. Nesse sentido, “[...] a tarefa de compreender os papéis específicos que as religiões desempenham, determinando vetores na dinâmica social, é ainda mais indispensável.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 1995, p. 2). Diante disso, buscava-se compreender os seguintes temas: Instituições Religiosas e Movimentos Sociais; Instituições Religiosas e Política; Messianismos e Misticismos; Instituições Religiosas e Classe, Raça, Gênero; Relações de Poder nas Instituições Religiosas; Outros.

O terceiro núcleo - “Religião e Campo Simbólico” – constitui-se pela descrição e interpretação das operações simbólicas e ritualísticas da religião. O projeto compreende que as religiões se constituem em sistemas simbólicos e linguísticos. O objetivo central desse núcleo é estudar a religião descrevendo

O modo como elas articulam institucionalmente suas tradições doutrinas e rituais; o modo como se reproduzem; o modo como recorrem a um conjunto de elementos arquetípicos e simbólicos em busca de uma certa consistência e aperfeiçoamento institucional; o modo como incorporam aos seus padrões uma certa diversidade de experiências humanas numosas, constituem hoje um rol de temas relevantes para as Ciências da Religião, cujo estudo requer desenvolvimento. O objetivo deste núcleo constitui a descrição desses processos e o esforço de reinterpretá-los. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 1995, p. 3).

Os temas abordados são: Mitos, Ritos e Magias; Arquétipos e Símbolos; Misticismos e Espiritualidades e Discursos Religiosos.

Sobre o perfil da disciplina na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, deve-se destacar: 1) a interdisciplinaridade é compreendida como especificidade da disciplina; 2) observa-se duas tarefas centrais da disciplina: o estudo da religião em seus próprios termos e os impactos da relação religião e sociedade.

### **3.3 Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo**

Tendo em vista um recorte histórico da disciplina, a terceira universidade a buscar a implementação da Ciência da Religião em seu rol de Programas foi a Universidade Metodista de São Paulo. Diferentemente dos cursos apresentados anteriormente, as Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo, foi projetada e mantida por um corpo docente ligado

às Igrejas protestantes. As igrejas de tradição protestante também sofreram com as mudanças sociais das últimas décadas do século XX. Os avanços do pensamento ecumênico e da Teologia da Libertação influíram no universo protestante, questionando seu modo de produzir Teologia. Nesse contexto, surge o Programa Ecumênico de Ciências da Religião na UMESP. A seguir, busca-se identificar marcos históricos desse período de gênese da disciplina e por último serão apresentadas as linhas de autocompreensão da disciplina através do estudo de documentos do Programa<sup>100</sup>. Busca-se responder as seguintes perguntas: Qual era o objetivo inicial da união das igrejas protestantes? Qual influência do movimento ecumênico? Havia apoio da Igreja? Quais foram as dificuldades enfrentadas pelo Programa?

### *3.3.1 Aspectos históricos da implantação da disciplina na UMESP*

A história da disciplina nessa Universidade é antecedida pela criação de um Programa de mestrado em Teologia. Nesse sentido, “em 1976, a Faculdade de Teologia do Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), atual Faculdade de Teologia da Igreja Metodista instalou um curso de mestrado em Teologia, contando com a participação de docentes daquela Faculdade.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem data, p. 1). Ou seja, os projetos de estudos acadêmicos da religião repousavam sobre o suporte teórico da Teologia. Nesse período ainda não se cogitava criar um curso de Ciências da Religião.

A faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, em São Bernardo do Campo, mantinha seu Programa de Mestrado em Teologia no Instituto Metodista de Ensino superior, porém era uma instituição autônoma e nesse sentido não se integrava ao instituto.. Como afirma Mendonça (2007, p. 208), “[...] a Faculdade de Teologia era autônoma como instituição.”. Após dois anos de funcionamento o Programa passou a fazer parte do Instituto Metodista de Ensino Superior. Nesse período há a transição de Teologia para Ciências da Religião. Mendonça indica um argumento que favoreceram essa mudança: “Primeiro, o fato de que os cursos de Teologia não seriam oficialmente reconhecidos e não cabiam, portanto, em um conjunto de cursos superiores reconhecidos que não tinham ainda o status autônomo de universidade.” (MENDONÇA, 2007, p. 208). Ou seja, os estudos teológicos não eram reconhecidos pelos órgãos oficiais de educação. Assumir o termo Ciências da Religião

---

100 Não foi possível ter acesso a um grande número de documentos históricos da UMESP. Com o fechamento das Universidades em virtude da pandemia da Covid-19, não foi possível acessar os arquivos. Os documentos que foram utilizados no item UMESP, foram cedidos do acervo pessoal do Prof. Flávio Senra. Além disso, as entrevistas com professores que participaram do período de formação do programam, contribuíram como uma fonte importante dessa história. Foram feitos contatos com a coordenação do programa da UMESP, porém não havia documentos digitalizados.

poderia indicar um caráter científico e com mais possibilidades de credenciamento. O segundo aspecto diz respeito a formação do corpo docente do Programa. Curiosamente como acrescenta Mendonça, “Vemos aí uma situação inversa do que viria a ocorrer depois no Brasil: as Ciências da Religião ofereciam o pátio sob o qual se abrigava a Teologia.” (MENDONÇA, 2007, p. 208). Diferentemente dos Programas que surgiram na época, o curso contava com docentes que carregavam o título de ‘Doutor em Ciências Religiosas’, enquanto a maioria dos docentes de outros Programas advinha da Teologia<sup>101</sup>. Sendo assim, a Ciências da Religião que acolhe a Teologia – em termos legais, o que não quer dizer que isso condiz com a realidade oferecida pelo curso.

Somente três anos mais tarde, como resultado da união de diversos seguimentos de igrejas evangélicas que as Ciências da Religião aparecem como possibilidade de abrigar os estudos de religião de acordo com a abordagem pretendida pelos religiosos. Nesse sentido, “A idéia da criação de um curso de mestrado de caráter ecumênico, além dos que já eram ministrados por alguns seminários particulares – de igrejas –, já circulava no âmbito da Aset havia algum tempo, aí pelos fins dos anos 1970.” (MENDONÇA, 2008, 242). O que motivava a proposta, sua principal justificativa, era apresentar um campo de estudo que compreendesse uma perspectiva ecumênica na produção de conhecimento sobre as religiões. O desejo de propiciar um debate ecumênico estimulava a criação de um novo Programa. De acordo com Mendonça (2008, p. 236) “O universo do movimento ecumênico era forte e abrangente e, imersos nele, criamos, poderíamos fazer grandes coisas. Os recursos desse mundo unificado dos cristãos, sob a hegemonia dos centros protestantes ricos, estavam à nossa disposição.” Desse modo, o curso nasce como possibilidade de ampliar o debate ecumênico sob o título de Ciências da Religião. Nesse sentido, “no primeiro semestre de 1979 foi instalado o curso de mestrado em Ciências da Religião, no Centro de Pós-Graduação do IMS [...]” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1).

As Igrejas mencionadas buscavam um meio que as unisse sua perspectiva teológica, e preservasse um caráter ecumênico de diálogo entre diversas tradições cristãs. Sob a égide das Ciências da Religião, os pesquisadores e pesquisadoras fundiriam em um Programa os estudos teológicos, alinhados com uma pretensão de ecumenismo. Ao passo que “[...] representantes de sete Igrejas (Adventista do Sétimo Dia, Episcopal do Brasil, Metodista, Presbiteriana Independente, Presbiteriana Unida, Cristã Reformada e Evangélica Reformada)

---

101“Segundo, a própria condição e experiência de alguns de seus principais professores, oriundos da Faculdade de Teologia e que eram formados em Ciências Religiosas (*Docteur en Sciences Religieuses*) na Universidade de Estrasburgo, França.” (MENDONÇA, 2007, p. 208).

reuniram-se para criar o Conselho Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). A perspectiva ecumênica, possibilitada pela integração das diversas Igrejas envolvidas e interessadas no curso, proporcionavam incentivos financeiros ao Programa, sendo que, nesse período, o Programa recebia “[...] ajuda internacional para o pagamento de seus professores, para bolsas de estudos e para projetos de diversas Igrejas e agências locadoras de recursos.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). Sendo assim, “o conselho, pela sua natureza, não interferia na área acadêmica e tampouco na administrativa, áreas exclusivas, como não poderia deixar de ser, do IMS.” (MENDONÇA, 2008, p. 241). Ou seja, o conselho ecumênico favorecia o incentivo financeiro de diversos seguimentos protestantes, porém não interferia na gestão acadêmica da UMESP. Por não ser pessoa jurídica, “[...] não podia receber nem movimentar dinheiro, o que era feito fraternalmente pela Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (Aste), cujo secretário-geral era Jaci Maraschin.” (MENDONÇA, 2008, p. 242).

O curso de pós-graduação em Ciências da Religião se consolidou durante a década de 80, contando com o fomento e incentivo de diversos ramos das Igrejas protestantes. Porém, no início da década de 90, o curso começa a perder força, diante do enfraquecimento de dois pilares fundamentais do Programa: o movimento ecumênico e o fomento internacional. Como afirma Mendonça (2008, p. 238), “[...] a expansão do curso dependente de recursos externos gerou séria crise entre 1990 e 1994”. Nas palavras de Mendonça (2008, p. 238), “[...] nesse momento, o movimento ecumênico já dava sinais de enfraquecimento e os planos econômicos do governo derrubaram os recursos de que dispúnhamos em dólares.” A solução encontrada para essa crise, foi proposta por Prócoro Velasques Filho que “[...] alimentava o sonho de fundar um centro ou instituto autônomo de Estudos Avançados de Religião, o que significava cortar os cordões que nos ligavam à Metodista.” (MENDONÇA, 2008, p. 238).

Com a crise, o então coordenador do curso Prof. Prócoro, “[...] mudou o curso para uma casa alugada no centro de Rudge Ramos, que, tornando-se insuficiente, foi substituída por outra. Ambos esses lugares ficaram conhecidos simplesmente por ‘a casa’.” (MENDONÇA, 2008, p. 239). Nesse período, Prócoro foi destituído de seu cargo de coordenador, sendo substituído por Antônio Gouvêa Mendonça. Porém, a *casa* que abrigava o acervo da Biblioteca Ecumênica e que se pretendia ser a sede de um centro de estudos de religião independentes, não se sustentava. Além de problemas estruturais do espaço alugado, não havia recursos para manter funcionários e professores. Com o passar do tempo, e



constantes diálogos com a reitoria da Universidade, o curso voltou a ocupar um espaço em um dos prédios da Universidade. Segundo Mendonça (2008, p. 240),

Com a desativação da gráfica que funcionava no porão do edifício Lambda, com sua frente voltada para a antiga quadra de esportes ao lado da cantina, conseguimos voltar ao campus ocupando aquele espaço. Agora estávamos relativamente em paz, apesar da exiguidade do espaço ocupado na maior parte pela nossa biblioteca, que não parava de crescer. Dali viemos para o edifício Téta e, de lá, para onde estamos hoje.

Porém, o credenciamento leva a outro impasse: os alunos que só obtinham diploma de Teologia. O argumento utilizado era de que os cursos de Teologia da época eram cursos livres e, portanto, não eram reconhecidos. Como afirma Mendonça (2008, p. 241), “enviei os diplomas e quatro deles que estavam nessas condições foram registrados e depois tiveram os registros cancelados, sob a alegação de que os cursos de graduação em Teologia eram cursos livres, como de fato eram, e, portanto, sem direito ao reconhecimento para registro.”.

Passados os problemas com a validação dos diplomas, no final da década de 80 os professores do curso de Ciências da Religião da UMESP começam a articular uma proposta de doutorado. Como o processo previa quatro áreas de concentração, as mesmas do mestrado, a comissão da CAPES, entendendo serem excessivas para um Programa de doutorado, sugeriu a redução para três. “De volta à Universidade, o Programa de Mestrado em Ciências da Religião da UMESP, encontrou estabilidade, vindo a credenciar o Doutorado em 1990.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1).

### *3.3.2 A disciplina Ciências da Religião na UMESP*

Entendido o período inicial de expansão da Ciência da Religião na UMESP, busca-se através da análise de três documentos, a saber, primeiro intitulado ‘Plano de Consolidação dos Cursos de Pós-graduação – Mestrado em Ciências da Religião, sem datação. Contudo, pela análise do conteúdo, supõe-se ser posterior a 1979 e anterior a 1985; o segundo intitulado ‘Projeto para o estabelecimento do doutorado em Ciências da Religião no Instituto Metodista de ensino superior’, de 1985, e o terceiro, intitulado ‘Relação dos grupos que trabalharão com as linhas de pesquisa do Programa ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião, conforme resolução da reunião de planejamento realizada em 12 de dezembro de 1988, de 20 de fevereiro de 1989’.

Não foi possível ter acesso aos primeiros documentos do mestrado. Em ordem cronológica, o primeiro documento aqui analisado se refere a um parecer sobre a consolidação do curso apresentado o ingresso de novos professores e uma breve situação das linhas de pesquisa em vigor. A partir disso, se torna possível enunciar as linhas gerais que configuravam a disciplina nesse momento. Segundo o parecer, “no primeiro semestre de 1979 foi instalado o curso de mestrado em Ciências da Religião, no Centro de Pós-graduação do ISM, com duas áreas de concentração: Bíblia e Teologia/História.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). As duas áreas de concentração, efetivas nos primeiros anos do Programa atendiam inegavelmente interesses teológicos. Consistiam no interesse bíblico/hermenêutico de caráter cristão. Uma tendência clara quanto à disciplina Ciência da Religião, se observa quatro anos mais tarde com a inclusão de uma nova área de concentração. Como afirma o parecer “no primeiro semestre de 1982 abriu-se uma nova área de concentração: Ciências Sociais da Religião.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). Há uma mudança significativa na proposta do curso. A inclusão de uma disciplina dedicada ao estudo da religião a partir da perspectiva das Ciências sociais abre caminho para interdisciplinaridade, evidenciando certo desconforto com uma proposta unilateral teológica, que não se adequava ao nome do Programa.

Alcançando o conceito máximo de aprovação na CAPES, segue o projeto para estabelecimento de um Programa de doutorado. O documento intitulado Projeto para o estabelecimento do doutorado em Ciências da Religião do Programa Ecumênico de Pós-graduação em Ciências da Religião no Instituto Metodista de Ensino Superior, traz reflexões mais consistentes sobre o perfil da disciplina que era ofertada. A princípio o projeto se justifica pela necessidade de “[...] desenvolver no Brasil o estudo da religião não apenas como tema intraeclesial, mas como importante setor da vida social, política e econômica desta parte do mundo.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). Nesse sentido, desejava-se através dos estudos ali propostos, romper com as relações restritas entre as Igrejas e a produção de conhecimento sobre religião. A Ciência da Religião já é compreendida como possibilidade de desenvolvimento de um estudo da religião que rompe com os limites da estrutura eclesial. Além disso, reconhece a necessidade de se observar e interpretar os dados religiosos como importante fator social que interage e constitui a cultura de um povo. Nesse sentido, o Programa buscava incluir, “[...] as várias dimensões em que o fenômeno religioso se expressa.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). Aqui se observa um distanciamento significativo de um Programa exclusivamente teológico.

Se a proposta do mestrado analisado anteriormente, levava em conta somente os aspectos teológicos/bíblicos de uma tradição, a projeto de Doutorado já indicava a pretensão de adotar perspectivas plurais sobre os dados religiosos. Contudo, a proposta de uma abertura se mantém tímida nas áreas de concentração. Embora, o projeto adote disciplinas próprias da Ciência da Religião, que serão apresentadas a seguir, ainda há uma forte presença dos estudos bíblicos. De acordo com o projeto, “Dara atenção à fundamentação teológica com as áreas de bíblia, Teologia e História, enquanto dimensões expressivas do comportamento social e político na sociedade brasileira e latino-americana de modo geral.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, Sem Data, p. 1). As três áreas de concentração do mestrado retornam com a explicação de que, serão abordadas como constituintes do comportamento social brasileiro. A justificativa de manter as linhas, parte de um posicionamento em que o cristianismo constitui, o ser e a cultura brasileira e latino-americana.

As linhas de pesquisa refletem na proposta curricular do Programa. As disciplinas oferecidas podem ser divididas em três grupos: estudos bíblicos, estudos teológicos e estudos interdisciplinares. No primeiro grupo, estudos bíblicos se encontram as seguintes disciplinas: I – Antigo Testamento: Hermenêutica Bíblica e Exegese do Antigo Testamento; II Novo Testamento, Hermenêutica Bíblica e Exegese do Novo Testamento. Para ambas o requisito para o ingresso nas disciplinas era o conhecimento comprovado de hebraico e grego bíblico. No segundo, estudos interdisciplinares, com duas disciplinas, alocadas em um grande grupo chamado ‘Sociedade e Religião’, observa-se: Sociologia da Religião e Religião no Brasil. Para essas, o requisito prévio era o conhecimento comprovado de Ciências sociais, filosofia e história. Por fim, o último grupo, de estudos teológicos, divididos em dois polos: História Eclesiástica com as disciplinas de Historiografia e História da Igreja no Brasil e o grupo ‘Teologia’ com Hermenêutica Teológica e Origens e tendências do pensamento Cristão no Brasil. Em ambas o requisito era de conhecimento comprovado em Teologia, Filosofia e Ciências.

Por fim, o documento analisado é uma relação dos professores que trabalhariam com as linhas de pesquisa estabelecidas no final de 1988. A relação é assinada pelo Prof. Prócoro Velasques, datada de 20 de fevereiro de 1989. No documento constam as linhas gerais do Programa após o projeto de doutorado. As primeiras linhas apresentadas no primeiro documento analisado indicavam três eixos: Ecumenismo, Protestantismo Latino-Americano e Teologia da Libertação. No documento de 1989, a linha de ecumenismo se mantém, atendendo as primeiras motivações do Programa. Além desta, são acrescentadas: 1) Linhas de pesquisa na área de Bíblia, contendo Hermenêutica Latino-americana e Estudos sociais do

Mundo Bíblico; 2) 3 Linhas de Pesquisa da área de Ciências Sociais e Religião, contendo Sociologia da Religião e Sociologia do Protestantismo; e 3) Linhas de pesquisa na área de Teologia e História, contendo Protestantismo na América Latina e Teologia da Libertação.

O projeto da UMESP atendia a interesses de Igrejas protestantes inspiradas pelo movimento ecumênico. O caráter teológico era predominante nos primeiros anos da disciplina. Uma mudança de perspectiva pode ser verificada na inclusão da Linha de Pesquisa Ciências Sociais e Religião. De modo geral, pode-se afirmar que não havia uma delimitação precisa entre Teologia e Ciência da Religião. Ao que parece, o desejo de aproximação dos debates teológicos às Ciências sociais, surge como alternativa de validade para a adesão à Ciência da Religião.

### **3.4 Perfil epistemológico da disciplina nos anos iniciais – entrevistas<sup>102</sup>**

Para que se compreendesse o processo de formação do estatuto epistemológico das Ciências da Religião no Brasil, utilizou-se da bibliografia já produzida, de documentos e por último de um questionário enviado a professores que estiveram presentes na formação inicial dos Programas de pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil. Para esse item, busca-se apresentar as respostas sobre o seguinte questionamento: “Qual era a autocompreensão que se tinha da Ciência da Religião no período inicial de sua formação no Brasil? Havia um referencial teórico que demarcava as constituintes epistemológicas da disciplina?”. Foram entrevistados: Etienne Alfred Higuete, - UMESP, Eduardo Gross – UFJF, Cláudio de Oliveira Ribeiro – UFJF, Pedro Assis Ribeiro de Oliveira – UFJF, Lauri Wirth – UMESP, Frederico Pieper – UFJF<sup>103</sup>. Os motivos que levaram a aplicação dos questionários são: por um lado, registrar a valiosa memória de professores que fazem parte da história da disciplina no Brasil, e por outro lado, obter uma visão diferente daquela que é apresentada nos documentos, que por vezes é sempre orientada pelas necessidades da aprovação institucional. Além disso, resguarda-se a validade de todas as posições, compreendendo que cada uma parte de um contexto universitário específico. Os processos que formaram a disciplina que dispomos nos dias atuais foram diversos e se adequaram as situações que os rodeava. Nas entrevistas, cada

---

102 O procedimento foi registrado e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa da PUC Minas sob o número 39117420.8.0000.5137

103 A escolha dos professores para a entrevista seguiu dois critérios: participação nos processos de implantação da disciplina no Brasil, compreendendo o período de 1969 – 2000, ou professores que se dedicaram a investigar o histórico dos primeiros programas. Somente os professores apresentados responderam o questionário.

qual, busca apresentar uma parte de diferentes processos que ocorreram nos ambientes acadêmicos do país. A partir disso, pretende-se a partir da análise das respostas obtidas, investigar o perfil epistemológico da disciplina através da experiência vivida por esses docentes.

Primeiramente, é recorrente o entendimento da epistemologia como um processo histórico. Assim afirma Cláudio Ribeiro (2021), “pelas leituras e depoimentos de colegas que vivenciaram esse período inicial, posso concluir que o processo sempre foi algo em construção. Isto se estende até os dias de hoje.” Nos primeiros momentos da Ciência no Brasil, não é possível identificar um marco consolidador do estatuto epistemológico da disciplina. O que é possível afirmar é que ocorreram diversos movimentos/processos que levaram a disciplina a assumir características distantes do perfil europeu. De certo, a disciplina Ciência da Religião no país, vem se construindo com os meios que lhe são possíveis, se interagindo com o contexto político, religioso e acadêmico que envolve a universidade. Mesmo que já houvesse discussões a respeito da identidade epistemológica da Ciência da Religião no Brasil uma delimitação clara de seu modo próprio de produzir conhecimento, quase sempre não saía dos documentos. Por esse motivo, sobre o perfil epistemológico da disciplina, afirma Eduardo Gross (2021): “sempre houve ampla variedade de perspectivas. [...] Não creio que houvesse uma preocupação generalizada a respeito.”

A historicidade epistemológica de uma disciplina garante suas modificações. Nesse sentido, aponta Lauri Wirth (2021), “Quer me parecer que, no contexto brasileiro, ambas as disciplinas que hoje compõe a área de Ciências da Religião e Teologia nasceram como resposta a demandas do campo religioso brasileiro.” Tem-se aqui um dilema categórico: a relação entre o objeto de uma disciplina e o estatuto epistemológico que a caracteriza. No caso da Ciência da Religião no Brasil, as necessidades do objeto parecem guiar a composição epistemológica da disciplina. As constituintes das Ciências da Religião vão se formando de acordo com as necessidades do objeto que era de interesse dos pesquisadores e pesquisadoras da época. Por fim, o que se pode concluir é que a disciplina foi gestada mais a partir do objeto do que pela teoria epistemológica da disciplina.

Pode-se observar uma constante referência a Teologia da Libertação como orientadora teórico-metodológica da Ciência da Religião. Segundo Cláudio Ribeiro (2021) “tanto as motivações de natureza temática quanto as metodológicas da TdL fazem parte do referencial teórico que ajudava a demarcar as bases epistemológicas das CR naquele período.” De fato, a afirmação encontra suporte na apresentação dos projetos de mestrado e doutorado que foram apresentados acima. As temáticas assumidas nas linhas de pesquisa e nas disciplinas refletiam

uma preocupação central em estabelecer diálogo entre os estudos de religião e a realidade vivida na América Latina. Com uma maioria de teólogos cristãos formando o corpo docente dos Programas, uma outra realidade seria impossível. Nesse sentido, continua o professor, que as Ciências da Religião importam da Teologia da Libertação, “[...] sua dimensão metodológica com o primeiro passo constituído com as mediações socioanalíticas.” (RIBEIRO, 2021). Desse modo, a chamada interdisciplinaridade, é herança das análises propostas da Teologia da Libertação. O método socioanalítico se traduz na incorporação de disciplinas que buscam compreender a complexidade dos fenômenos humanos. Ainda sobre essa relação entre métodos recorda Etienne Higué (2021), “Uma coisa em comum: a insistência num trabalho científico crítico encarnado na América Latina, com grande apreço pelo método ver – julgar – agir, adotado e desenvolvido pela Teologia da Libertação.” Ou seja, ao que parece não havia no início o desejo de estabelecer uma ciência de perfil não normativa. O objetivo da disciplina era prático e normativo. Sendo assim, não visava somente um interesse exclusivo de compreender a religião em seus próprios termos, mas aplicar esse conhecimento na transformação social. Etienne Alfred Higué e Lauri Wirth também confirmam a importância dos movimentos da Teologia da Libertação para formação das Ciências da Religião no Brasil. Sobre uma conversa com o Prof. Milton Schwantes, narra Lauri Wirth (2021):

Quando eu ainda estava cursando o doutorado, certa vez perguntei para o Prof. Milton Schwantes qual era o público-alvo da área em construção. Guardei na memória que ele respondeu algo como: “Temos muitos e bons agentes de pastoral. Agora precisamos de gente especializada que aprofunde a formação desses agentes”.

A formação de agentes pastorais, aparece como uma possível finalidade para a emergente Ciência da Religião em seu momento inaugural em Programas de pós-graduação. De fato, a Teologia da Libertação buscava nas Ciências Sociais suporte para refletir a relação entre a sociedade e Igreja. Nesse sentido, a Ciência da Religião, se apresentava como um campo de reflexão onde os conhecimentos acadêmicos poderiam embasar o caráter social do cristianismo. A abertura interdisciplinar e distante dos limites eclesiais que se encontrava na Ciência da Religião, propiciava um terreno fértil de discussões, que através de várias perspectivas, poderia ser usada a fim de preparar agentes para o trabalho nas comunidades de fé. Além de assumir a finalidade e o caráter metodológico, se verifica também a presença de um referencial teórico baseado em autores ligados a Teologia da Libertação. Etienne (2021) apresenta alguns autores que marcaram os primeiros anos do Programa da UMESP. Segundo o professor: “As discussões epistemológicas no seio da Teologia da Libertação estiveram

muito presentes nos primeiros anos do Programa, com as obras de Gustavo Gutierrez, Juan Luis Segundo, Hugo Assman, Leonardo e Clodovis Boff, Libânio etc.” (HIGET). Todos os autores citados pelo professor, foram e são grandes nomes da Teologia da Libertação no Brasil e no mundo. Esse indicativo reforça a presença da Teologia da Libertação, tanto nos métodos e temas, quanto nas referências bibliográficas. Sendo assim, a Teologia e a Ciência da Religião mantiveram uma relação simbiótica nos primeiros Programas de Ciências da Religião no Brasil.

Diante das informações apresentadas pelos professores pode-se concluir que: 1) O estatuto epistemológico da Ciência da Religião, desde o início dos movimentos de implantação da disciplina, esteve em constante debate e revisão. 2) A busca por novas perspectivas tinham como objetivo suprir as novas demandas. Nesse sentido, a disciplina Ciência da Religião surge como alternativa para análise do campo religioso brasileiro e sua relação com a sociedade. 3) A Teologia da Libertação foi horizonte teórico e metodológico dos primeiros anos da disciplina.

### 3.5 ANPER e SOTER

ANPTER foi a primeira iniciativa de Associação entre os primeiros Programas de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião no país. Um marco no processo de consolidação da disciplina foi o Seminário ocorrido na UFJF no final da década de noventa.<sup>104</sup> O evento teve como objetivo discutir a epistemologia das disciplinas Teologia e Ciência da Religião a partir de três pontos: “1) definir conceitos e clarear a relação entre eles; 2) formular a relevância da área no concerto das ciências humanas; 3) estabelecer critérios de abordagem, a partir do conceito da interdisciplinaridade.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 1). Notadamente, os três temas propostos indicam necessidade e o desejo de se refletir a respeito das constituintes epistemológicas das disciplinas. Definir e delimitar conceitos, garantindo a validade no rol das ciências humanas e buscando na interdisciplinaridade um caminho para

---

104 De acordo com o Relatório da Reunião da ANPTER de novembro de 1999 (ANEXO xxx), estiveram presentes os seguintes docentes: Érico Hammes e Luiz Carlos Susin (PUC RS e SOTER) Enio Mueller, Oneide Bobsin e Nelson Kirst (EST/IEPG) Paulo Fernando Carneiro de Andrade (PUC RJ) Luís Henrique Dreher e Faustino Teixeira (UFJF) Eduardo Rodrigues da Cruz, Frank Usarsk e Luiz Felipe Pondé (PUC SP) Jaldemir Vitório (CES /BH) Rui de Souza Josgrilberg e Etienne Alfred Higuete (UMESP), e Irene Ceswe (UCG/GO ) e Antônio Elias Silveira Leite (ITESP).

uma abordagem mais adequada para as disciplinas. A partir do Relatório desse Seminário, é possível identificar três temáticas centrais nos posicionamentos daqueles que participaram do evento: 1) problemas epistemológicos clássicos 2) relação entre Teologia e Ciências da Religião 3) interdisciplinaridade. A partir desses três eixos, busca-se apresentar os questionamentos e conclusões resultantes desses debates. Pela importância dos debates ali havidos, destacamos a seguir alguns dos temas desenvolvidos.

### *3.5.1 O debate teórico-metodológico no seminário da ANPTer na UFJF*

Primeiramente, busca-se identificar e apresentar questões concernentes à epistemologia clássica aplicada aos estudos de religião. De acordo com o documento, Luiz Felipe Pondé, indicou os novos caminhos assumidos pela ciência de modo geral. “Remetendo a Thomas Kuhn, mostra que a questão da verdade (relativismo ou objetividade) foi substituída por uma cultura da dúvida ou do questionamento.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 1-2). Ainda no terreno da epistemologia em geral, Eduardo Cruz levanta a problemática sobre a definição do objeto da Ciência da Religião. De acordo com o professor, há uma indefinição da religião a partir da análise das ciências sociais e da Fenomenologia. Diante disso, “[...] sugere o recurso as ciências naturais: não seria possível delimitar o objeto “religião” a partir da biologia? As características universais são: lida com o não-obvio, é social, fala numa preocupação última. A partir da unicidade reconhecida do objeto, pode-se admitir a pluralidade de métodos.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2). A proposta do professor retoma dois temas já recorrentes na história epistemológica da Ciência da Religião: um apreço por definir religião a partir de características recorrentes dos dados religiosos e a pluralidade metodológica. Sobre a primeira, há uma proposta de aproximação as Ciências Naturais. De fato, as ciências humanas buscaram nas ciências naturais critérios de legitimação. A Ciência da Religião na Europa, através dos autores clássicos, apresenta uma nítida influência dos parâmetros das Ciências Naturais. Isso pode ser percebido na busca, pelas ciências naturais, por uma estrutura ou lei geral da natureza, que é transposto para a Ciência da Religião através da busca dos “estágios da evolução religiosa”, por exemplo. Assumir as características universais da religião, retoma o compromisso inicial da disciplina conquistado a partir da comparação de diferentes dados religiosos. Eleger categorias gerais,



que possibilitam o reconhecimento e unicidade do “objeto religião”, parece de acordo com a perspectiva do professor, um caminho que garantiria a legalidade e autonomia da disciplina. Uma vez que o objeto assumisse características precisas, seria possível abrir-se a uma pluralidade metodológica. Por esse viés, é a precisão e unicidade do objeto que garantiria a autonomia disciplinar da Ciência da Religião. A pluralidade metodológica estaria voltada para um centro único, garantindo a disciplinaridade da Ciência da Religião.

Frank Usarski apresenta no Seminário uma discussão a respeito da nomenclatura da disciplina diante de suas variações no plural e no singular. Segundo o professor, o termo no singular *Religionswissenschaft* já não era questionado na Alemanha. Justificando a adesão do termo no singular na Alemanha afirma:

Isso permite conquistar um lugar específico e único na academia. Como a pedagogia, a Ciência da Religião é o ponto de convergência de diversas disciplinas em volta do mesmo objeto. A Teologia – da qual a Ciência da Religião se emancipou – é diferente, enquanto “ciência da crença” partindo de axiomas metafísicos e cristocêntrica. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p.2).

O debate entorno da nomenclatura da disciplina, de acordo com Frank Usarski, implicaria na autonomia e no lugar da disciplina na academia. A Ciência da Religião, no singular, indicaria um campo já consolidado enquanto disciplina autônoma. Nesse sentido, o professor apresenta outras disciplinas que também dispõem de uma interdisciplinaridade para produzir seus conhecimentos, sem perder sua autonomia. A Ciência da Religião compreendida como ponto de convergência de discussões sobre um único objeto, assegura sua autonomia justamente por se diferenciar quanto à sua abordagem não parcial sobre a religião. Outro aspecto que deve ser ressaltado no posicionamento de Frank Usarski é sobre os motivos que levaram o curso da PUC SP a aderir, na ocasião de sua fundação, ao termo ‘Ciências da Religião’. Nos termos do relatório:

Em conclusão, os representantes da PUC SP acham-se bem representados pelo nome “Ciências da Religião”. O curso unificou-se melhor, tendo começado na base de “empréstimo” de pesquisadores de diversas áreas e constituindo agora um “campo disciplinar”, na ausência de um método estabelecido. Insiste-se, contudo, na unicidade do objeto. Não há uma área de Teologia. Há vários teólogos no corpo docente, dizem-se, porém, “adaptados”. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2).

Em outro texto, apresentado no mesmo evento, Frank Usarski retoma a discussão a respeito do plural e singular na nomenclatura da Ciência da Religião. O autor inicia sua

intervenção, indicando que a nomenclatura da disciplina é diversificada, mesmo em outros países. Conforme o autor: “Quando se fala sobre a disciplina correspondente, pode-se encontrar várias designações alternativas. Isto é válido não só no Brasil. Nas regiões em que domina a língua inglesa, por exemplo, as expressões ‘*Religious Studies*’ ou ‘*Study of Religion*’ aludem a uma situação semelhante.” (USARSKI, 1999, p. 1). Sendo assim, as variações no título da disciplina não é um problema genuinamente brasileiro. As várias nomenclaturas atribuídas ao estudo sistemático e empírico das religiões, podem supor a autonomia da disciplina em sua integração com o contexto acadêmico que é inserida. “Parece-me que, no Brasil, ainda falta uma mais profunda discussão interna sobre a dimensão ‘política’ do problema, incluindo a questão de autoafirmação sutilmente vinculada com a designação da própria disciplina.” (USARSKI, 1999, p. 1). Frank Usarski apresenta três motivos que justificam a opção por Ciência da Religião, no singular.

Primeiro, o singular deve expressar que não há nenhum outro conjunto acadêmico com um foco tão amplo e profundo na religião, em todas as suas expressões, como em nossa disciplina. Neste sentido o singular assegura um lugar específico no mundo acadêmico por concentrar-se em um conteúdo determinado. (USARSKI, 1999, p. 3).

Nesse sentido, o termo no singular indicaria a especificidade da Ciência da Religião: uma disciplina que tem como objeto exclusivo a religião. Sendo assim, a compreensão dos dados religiosos é um fim em si mesmo, e não como um estágio de um estudo mais complexo. Assim sendo, de acordo com Frank Usarski, a Ciência da Religião, no singular, se apresentaria como única disciplina a oferecer determinada abordagem, e logo justificaria sua presença na academia.

O segundo argumento de Frank Usarski, justifica o singular por indicar uma opção por uma abordagem específica. De acordo com autor:

Uma segunda razão para destacar a designação Ciência da Religião no singular é que, durante a formação universitária, os estudantes são instruídos para tomar uma determinada atitude diante dos fatos religiosos. Portanto, o singular indica uma abordagem característica que é diferente especialmente em comparação com a teologia. Neste sentido o singular expressa uma identidade por causa de uma perspectiva específica. (USARSKI, 1999, p. 3).

Desse modo, assumir ‘ciência’ no singular indicaria uma identidade própria, uma pertença disciplinar. Por essa vertente, as constituintes específicas da Ciência da Religião passam a expressar a identidade própria dos estudos produzidos sob a nomenclatura de

‘Ciência da Religião’. O termo plural ‘ciências’, poderia indicar pertenças e identidades múltiplas, excluindo o caráter disciplinar desse campo do saber constituído em meados do século XIX. Ressalta-se o caso da Teologia: ao se propor ser ‘ciências’, se abre a possibilidade de outras disciplinas ditarem as teorias, métodos e interesses.

O terceiro argumento do professor indica uma preocupação com a empregabilidade do/a cientista da religião. Em suas palavras, “O terceiro momento tem a ver com a função extra-acadêmica da nossa disciplina. Neste sentido o singular aponta para uma ‘estratégia de profissão’, um certo perfil no ‘mercado de saber’, uma opção distinta no espectro das ofertas universitárias.” (USARSKI, 1999, p. 3). A opção singular garantiria um espaço específico no chamado “mercado do saber”. Ao conferir identidade a disciplina, os/as que se formassem nessa área, seriam reconhecidos como portadores de um conhecimento único, que não é encontrado em outras áreas.

Aqui se observa um desencadeamento histórico interferindo na formação da disciplina. No caso apresentado, optar pelo termo com o plural ‘Ciências’, mais que uma discussão epistemológica é uma adequação a condição dos docentes que atuavam no Programa. Além disso, reduzir o plural ‘Ciências’ a um agrupamento de professores de diversas áreas, não condiz com a proposta dialógica da disciplina, assim como estabeleceu os autores clássicos. O dado apresentado pelo professor, reforça a hipótese defendida nessa pesquisa: a Ciência da Religião no Brasil, foi formada mais pelas circunstâncias do tempo, do que propriamente pela teoria epistemológica.

Os docentes representantes da UMESP, em seus posicionamentos, postularam a favor da cientificidade da Teologia e sua aproximação com a Ciência da Religião. Rui Josgrilberg “[...] defendeu o caráter hermenêutico de toda a ciência. Definir um campo oposto à Teologia não levaria a sério a questão hermenêutica.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2). e Etienne Higué “[...] coloca-se contra a distinção radical entre Teologia e Ciências da religião e a favor da sua aproximação. A superação do positivismo na ciência e do dogmatismo na Teologia permite considerar o único campo da religião.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2). Há muitas questões que devem ser levadas em conta na posição dos professores. Primeiramente, a respeito do caráter hermenêutico das ciências e segundo sobre a aproximação entre a Teologia e Ciência da Religião.

Para que seja compreendido o caráter hermenêutico das ciências, defendido pelos professores, deve-se recorrer a outro documento do mesmo período, elaborado pelo prof.

Ettiene Higuete. Na intervenção o professor apresenta o que se entendia por ciência hermenêutica, além dos argumentos a favor da aproximação entre Teologia e Ciência da Religião.

Nesse sentido, o caráter hermenêutico de uma Ciência se dá na sua capacidade de perceber e reconstruir a teia ou sistema de significações presentes no seu objeto de estudo. E sendo assim, “[...] as ciências humanas ou sociais são apenas muito parcialmente empíricas e são antes de tudo hermenêuticas.” (HIGUETE, 1999, p. 1). O caráter hermenêutico da ciência, no caso das ciências humanas, garantiria um espaço acadêmico, onde o rigor empírico, se abriria a uma nova possibilidade de compreensão através da reconstrução dos significados de um fenômeno. Não se exclui o empírico, mas se garante a validade científica de procedimentos não advindos dele.

É sobre esse argumento, que o autor apresenta a validade da aproximação entre Teologia e Ciência da Religião. Em suas palavras, sobre a distinção das disciplinas afirma: “essa distinção deriva do pressuposto implícito de que apenas as ciências empíricas – e, entre elas as ciências sociais empíricas como a sociologia e a antropologia alcançariam o estatuto de ciência.” (HIGUETE, 1999, p. 1). Ao que parece, o autor sugere que a distinção entre Teologia e Ciência da Religião, é fruto de um pensamento que atribui cientificidade somente a disciplinas que se ocupam de objetos empíricos. Rui Josgrilberg, discorda dessa perspectiva ao apontar que “A cientificidade não vem do objeto, mas dos procedimentos. A religião é mais que um objeto, é o ponto máximo da simbolização das ciências humanas.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2).. Se a cientificidade não vem do objeto, o procedimento teológico, ganha crédito científico, uma vez que, opera a partir de um método próprio. A Teologia enquanto, “[...] explicitação ou justificação racional, sob a autoridade de um magistério, de uma mensagem revelada por Deus.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2), garantiria seu caráter científico não por tratar de questões que rompem com o empírico, mas pelo seu procedimento e por sua hermenêutica. Nesse sentido, se ambas disciplinas dispõem de validade científica não haveria motivos para apartá-las. Seu encontro se daria na cientificidade, não no objeto. Para justificar sua posição, Rui Josgrilberg defende que a: “[...] teologia deve estar dentro das Ciências da Religião, pois fala historicamente. No diálogo com as outras ciências, a competência científica do teólogo é primeira, não a confessionalidade.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 2). Ou seja, a confessionalidade não impediria o labor científico do teólogo, o que tornaria compatível a aproximação das disciplinas.

Ettiene Higuét segue com os argumentos a respeito da validade da aproximação entre Teologia e Ciências da Religião. Em sua intervenção o autor apresenta seis argumentos que corroboram sua posição. O primeiro, a respeito do caráter hermenêutico da ciência foi apresentado em acima. O segundo aborda a questão do objeto da teologia e de seu status de Ciências. Conforme o autor:

A Teologia não é mais necessariamente a tentativa de justificar e tornar plausível racionalmente uma revelação religiosa. Há um ponto onde a Teologia não é ciência: quando trata da fé e da revelação. A própria Teologia afirma que não é ciência de Deus, porque não há tal ciência. Se a Teologia quiser ser ciência e fazer parte da academia, só poderá ser Ciência da Religião. (HIGUET, 1999, p. 2).

Por essa perspectiva, identificam-se duas afirmações sobre o que não é necessariamente o trabalho teológico: um discurso militante em busca de garantir a validade da revelação divina e uma ciência de Deus. Se não há uma ciência de Deus, a Ciência da Religião surge como alternativa encontrada para o teólogo/a, que deseja compreender Deus por uma ótica acadêmica/científica. Nesse caso, a Ciência da Religião se aproxima da Teologia como lugar científico do discurso teológico. Recorrendo a Paul Tillich, a partir da distinção entre Teologia eclesiástica e Teologia da cultura, o autor apresenta as possibilidades de uma Teologia científica:

Em 1919, Paul Tillich já distinguia entre uma Teologia eclesiástica, encarregada de sistematizar os conteúdos da mensagem cristã, e uma Teologia da cultura, cuja tarefa é de estudar (analisar, classificar e sistematizar) o conteúdo religioso de toda cultura e de toda forma cultural. Podemos dizer que, neste segundo sentido, a Teologia procura analisar criticamente e dialeticamente os sistemas interpretativos da cultura e da religião. Encontra o seu ponto de partida, não nos dogmas oficiais e tampouco num modelo teológico normativo confessional, mas na experiência humana concreta, postulando a presença de uma dimensão religiosa em toda experiência autêntica. (HIGUET, 1999, p. 1).

A Teologia eclesiástica se ocupa de sistematizar os conteúdos da mensagem cristã. Ou seja, normativamente se dedicaria a refletir e orientar as cristãs a partir das verdades da fé e da tradição cristã. A Teologia da cultura opera a partir da ‘experiência humana concreta’ identificando hermenêuticamente os sistemas interpretativos religiosos presentes nas diversas culturas. Sendo assim, “apresenta-se como uma hermenêutica da dimensão radical de sentido ou da dimensão religiosa das culturas (incluindo as religiões).” (HIGUET, 1999, p. 1). Nesse sentido, a Teologia parte para um campo de análise antropológica da dimensão religiosa nas

culturas humanas, baseada em experiência concretas. Desse modo, há uma fusão das disciplinas a partir do interesse comum pela religião e pelo caráter empírico da abordagem. A posição de aproximação das disciplinas se torna viável, uma vez que a Teologia encontra na Ciência da Religião um modo de garantir seu *status* de ciência.

O terceiro argumento apresentado versa sobre a atomização e a transdisciplinaridade presente nas ciências humanas. De acordo Higuét,

A atomização e compartimentalização dos campos do saber – com as conseqüentes separação e especialização – é resultado (provavelmente necessário num determinado momento para assegurar a autonomia das disciplinas científicas experimentais) de um preconceito cientista ou positivista, atualmente em vias de ser superado. (HIGUET, 1999, p. 2).

O autor defende que as ciências humanas, orientadas pelo positivismo tenderam a buscar uma compartimentalização dos campos a fim de assegurar a autonomia de suas disciplinas. Contudo, constata que essa organização, fruto de um pensamento positivista tende a ser superado. Como novo caminho, propõe a “[...] complementaridade, dialética, inter – e transdisciplinaridade dos métodos e dos conteúdos.” (HIGUET, 1999, p. 2). O diálogo entre disciplinas, em um compartilhamento de métodos e teorias, se apresenta como promissor ao novo modo de produzir ciência sobre o ser humano. A competência estaria mais alinhada à capacidade de “[...] estabelecer pontes entre os ramos do saber que a do especialista fechado na sua disciplina provinciana.” (HIGUET, 1999, p. 2). Esse posicionamento, incide sobre o benefício de interlocução entre Teologia e Ciências da Religião, bem como no diálogo com outras disciplinas que se interessam por religião.

O quarto argumento já se direciona para uma proposta ideal de um curso de Ciências da Religião. Para o professor, um curso de Ciências da Religião deveria ser “[...] construído sobre a base da complementaridade entre diversas abordagens de um mesmo campo da realidade: a religião (ou religiões).” (HIGUET, 1999, p. 2). As diversas abordagens, com suas respectivas teorias e métodos, encontrariam um ponto de convergência no objeto comum – a religião. A partir disso, o autor propõe uma estrutura baseada em quatro áreas de concentração. Em seus termos:

Podemos imaginar quatro áreas de concentração não exclusivas: uma primeira se dedicaria ao estudo dos principais textos de referência das religiões escolhidas como objetos de estudo (Bíblia, Vedas, Alcorão etc.); a segunda debateria dos seus sistemas de compreensão e interpretação; a terceira privilegiaria o método empírico e compreensivo das ciências sociais; a quarta, enfim, elucidaria as suas implicações práticas. Nenhuma delas poderia prescindir das disciplinas auxiliares que são a

filologia, a semiótica, a história, a fenomenologia, a filosofia e muitas outras. (HIGUET, 1999, p. 3).

A partir do que foi apresentado, pode-se identificar os eixos centrais na proposta: estudos hermenêuticos, estudos empíricos, estudos destinados à aplicabilidade. Todos esses, complementados por disciplinas auxiliares. A proposta não se apresenta como uma disciplina estruturada e baseada em um estatuto epistemológico específico. Presumivelmente, buscava-se um campo aberto onde a liberdade de interesses próprios de cada Programa indicaria os rumos do perfil do curso. Essa questão se justifica na afirmação segundo a qual: “[...] o pluralismo epistemológico seria a regra e seria muito importante estabelecer pontes e pontos de contato entre todos os setores de ensino e pesquisa.” (HIGUET, 1999, p. 3).<sup>105</sup> Admitia-se um pluralismo epistemológico como método que possibilitaria o alargamento da compreensão dos dados religiosos. Além disso, assumir uma pluralidade epistemológica livraria os Programas de se aterem a um determinado conjunto de constituintes de uma disciplina específica.

Ainda sobre o projeto ideal de um curso de Ciências da Religião, o quinto argumento reflete sobre a formação dos docentes. Assim sendo, “Para levar esse projeto adiante, é fundamental dispor de um corpo docente constituído de doutores com formações múltiplas, capazes de trabalhar em equipe e de se abrir constantemente a novas perspectivas.” (HIGUET, 1999, p. 3). Um projeto que leva em conta várias abordagens, necessariamente deve contar com um corpo docente advindo de várias áreas. As novas perspectivas para os estudos de religião, seriam fruto de um diálogo entre disciplinas, e não de uma opção por uma específica.

Concluindo, afirma Ettiene Higuete, “A discussão sobre concepções de ciência, Teologia, religião e Ciências da Religião continua aberta em nível epistemológico e dever-se-ia evitar as excomunhões recíprocas, procurando, ao contrário, estabelecer estratégias comuns perante a universidade e a sociedade.” (HIGUET, 1999, p. 3). A fala do professor, admite uma abertura para o campo dos estudos de religião. Mais que estabelecer ou importar um modelo epistemológico fixo e estável, construir um campo de saber onde o diálogo entre disciplinas converge para a compreensão da religião.

Ainda sobre a relação entre Teologia e Ciência da Religião, o Prof. Luiz Carlos Susin em nome da SOTER e o Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade, afirmam em seus

---

<sup>105</sup> Assim, a teologia confessional ou eclesiástica, católica ou protestante poderia encontrar o seu lugar ou mesmo ocupar o espaço todo, conforme a opção do poder organizador do curso (com a única condição de abandonar o argumento de autoridade). Pode-se admitir também que um curso se concentre numa determinada abordagem, por exemplo aquela que privilegia as ciências sociais. Contudo, parece-me que um curso interdisciplinar de Ciências da Religião incluindo a teologia responderia melhor as exigências do ensino universitário e da cultura contemporânea.

posicionamentos a especificidade da Teologia, enquanto disciplina associada a fé. De acordo com Susin,

Do ponto de vista sistemático, a Teologia apresenta-se como expressão da fé (tradição e comunidade), mantendo por isso um espaço específico, em tomo da sua “pertença” própria. Contudo, a partir do momento que a “neutralidade” não existe mais na ciência, a Teologia pode novamente dialogar com ela, voltando ao espaço acadêmico. A sua especificidade poderia consistir numa espécie de “observação participante” como método. (HIGUET, 1999, p. 3).

Mesmo sendo uma expressão de fé de uma comunidade específica e não científica, o autor reconhece que, não há ciência neutra e sem interesses. Sendo assim, a parcialidade da Teologia não a impediria de ocupar os centros acadêmicos. A respeito da unicidade das disciplinas, “Em vez de unificar os campos, Susin prefere falar no encontro dos dois campos de estudo.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 3). Paulo Fernando Carneiro de Andrade também aponta para a identidade da Teologia ligada à fé ao afirmar que: “[...] precisamos reconhecer a posição singular da teologia: como “ciência da fé” (*fides quaerens intellectum*), apresenta necessariamente uma dimensão normativa, toda Teologia é eclesial, parte de uma certa tradição eclesial.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 3) De acordo com essa perspectiva, a centralidade da Teologia estaria na reflexão a partir e sobre a fé de uma comunidade eclesial. Nesse sentido, tem necessariamente caráter normativo, por se dedicar a produzir um discurso que reflita e oriente a comunidade eclesial na qual está inserida.

Por fim, Faustino Teixeira e Érico Hammes apresentam seus argumentos sobre as temáticas. Faustino Teixeira aponta para o ‘positivismo da academia e as interferências eclesiástica’ como as principais dificuldades encontradas pelo Programa. Sobre a aproximação entre Teologia e Ciência da Religião, Faustino defende a autonomia das disciplinas. Segundo o professor, “A Teologia precisa lutar pelo reconhecimento da sua cientificidade própria. Incluir a teologia nas Ciências da Religião só provocaria confusão e equivaleria a entregar armas aos adversários dos dois lados.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 3). Desse modo, incluir os estudos de caráter teológico na Ciência da Religião, corroboraria para as acusações tanto da Igreja que reivindicava seu lugar prioritário nos assuntos de religião e da universidade, que via na proposta de implantação do Curso de Ciências da Religião, uma proposta tendenciosa que atendia somente os interesses da Igreja Católica. Por essas acusações, para Faustino, “Embora a teologia possa ocupar um certo espaço na ‘Ciência da



Religião’, não pode transformar-se em ciência da religião.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 3). Sendo assim, há possibilidades de diálogo entre as disciplinas, porém, há de se preservar a identidade própria de cada uma.

Érico Hammes defende que a “Teologia estaria sempre vinculada a uma primeira pessoa: ‘eu creio’. Na Teologia, a fé e a pertença são o próprio objeto da reflexão. Não seria o caso na ciência. Porém, há um campo comum emergente.” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 1999, p. 3). Nesse sentido, Hammes indica a necessidade de confessionalidade para a produção teológica. A fé se torna pressuposto para a reflexão sobre a própria fé, e por isso não se enquadraria propriamente como ciência.

### *3.5.2 A contribuição da Soter para a consolidação da área*

Sobre a história da SOTER, toma-se como referência a ata de fundação da sociedade de julho de 1985. No referido documento encontram-se os debates que influenciaram sua criação e as perspectivas que se pretendia adotar especialmente para os estudos teológicos.

Inicialmente, observa-se uma presença exclusiva de representantes da Igreja católica. No documento observa-se a presença dos seguintes bispos: Dom Valfredo Tepe, Dom Ângelo Domingos Salvador, Dom Aloísio Lorscheider. Os bispos reunidos com os teólogos brasileiros, em sua maioria padres, buscaram discutir “[...] as tarefas da Teologia frente às necessidades do Povo de Deus, da Igreja e da Sociedade em geral.” (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 1). Mesmo trazendo o nome das Ciências da Religião, observa-se maior presença da Teologia. Nesse sentido, observa-se que a criação da SOTER, parte de um desejo de revisitar o estatuto epistemológico da produção do conhecimento Teológico. As inspirações do Concílio Vaticano II, estimulavam os teólogos a pensar uma produção teológica alinhada as realidades sociais. Assim sendo, o Concílio era entendido como “[...] fonte de nova vitalidade para nossa Igreja, pela sua abertura ao mundo, pelo seu apelo ecumênico, pelo fortalecimento das Igrejas Particulares, pela doutrina do Povo de Deus e da colegialidade, reconhecemos sua inspiração para a nossa prática teológica.” (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 1).

Ainda no horizonte pós-conciliar os encontros de Medellín e Puebla, também influenciaram nesse processo: “sentimo-nos também parte da caminhada da Igreja latino-americana, traduzida nos documentos de Medellín e de Puebla e na opção preferencial pelos

pobres, como palavra evangélica da libertação para nossos dias e nossas circunstâncias.” (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 1). Os grandes questionamentos propostos por esses eventos, implicavam uma postura eclesial voltada para os pobres e excluídas. Perspectiva amplamente difundida pela Teologia da Libertação.

O labor teológico, como apresenta o documento deveria emergir da vivência pastoral. Nesse sentido, afirma: “sentimo-nos igualmente inseridos no esforço da comunidade eclesial em suas múltiplas pastorais, em que transparecem a fé e a esperança, nas quais bebemos para nosso trabalho teológico.” Por essa perspectiva, a inspiração da Teologia emergiria da realidade vivida pelas comunidades através do trabalho pastoral, além servir para a formação dos seguimentos ligados à Igreja. Sobre essa última utilidade ressalta o documento:

Nosso labor teológico, exercido em comunhão com as comunidades dos Bispos, tem-se desdobrado no serviço concreto prestado às pastorais, à formação dos dirigentes das comunidades, aos seminários e institutos de vida pastoral e Teologia e na assessoria, aos seminários e institutos de pastoral e Teologia e na assessoria às dioceses, congregações religiosas e à CNBB e seus organismos anexos, tanto em nível nacional como regional. (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 2).

O objetivo central, ao que parece, era de buscar produzir uma Teologia enraizada na cultura do povo que exerce a fé, a fim de propiciar uma aproximação dos debates sociais a doutrina da fé. O conhecimento teológico partiria da comunidade e voltaria a ela através da formação pastoral. Em síntese, o que estava em discussão era manter a tradição, mas, alinhar as produções Teológicas, aos novos desafios da contemporaneidade. Como sintetiza o documento, a Teologia tinha como “[...] tarefa fundamental de refletir a experiência da fé das pessoas e da comunidade eclesial, à luz dos apelos da realidade em face à Palavra de Deus e à Tradição, sistematizando-a e explicando-a na plenitude de todas as suas dimensões, na fidelidade à tradição bíblica e ao magistério.” (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 2).

Até o momento, o interesse do documento é estritamente relativo à Teologia frente as mudanças que passava a Igreja Católica. Na discussão a seguir ainda se mantém a presença teológica, porém já se pode identificar uma justificativa da incorporação da Ciência da Religião. A disciplina surge como uma alternativa de reforma do estatuto epistemológico da Teologia. Em meio aos novos compromissos assumidos pelos teólogos e teólogas do Brasil, as constituintes epistemológicas da Ciência da Religião surgem como alternativa para orientar as reformas no campo teológico.

A afirmação acima é justificada nas constatações e perspectivas apresentadas a seguir. Primeiramente, “constatou-se que os teólogos vem desempenhando seu trabalho em muitos campos que vão da pesquisa e produção teológicas ao ensino e à assessoria.” (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 2). Ou seja, o espaço de reflexão através da inteligência da fé, já rompia os limites da Igreja. A finalidade da Teologia já não se sustentava somente em um pensar a fé e sua vivência. Segundo,

Deparamo-nos, por outro lado, com novas tarefas, como a de produzir a teologia de modo interdisciplinar e coletivo, e a de responder a situações humanas fundamentais, que não receberam até agora a devida atenção da teologia, nem encontram espaço para exprimirem sua originalidade no seio da Igreja. Estão nesta situação as mulheres, os povos indígenas e a grande população de origem africana. (SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIA DA RELIGIÃO, 1985, p. 2).

A constituinte interdisciplinar é assumida visando a necessidade de se compreender as ‘situações humanas fundamentais’. A Teologia se vê na obrigação de estabelecer diálogo com outras disciplinas, fundamentalmente as Ciências Sociais, com o objetivo de estender sua compreensão sobre as múltiplas realidades que se apresentam na sociedade.

A proposta inicial das Ciências da Religião sugere, por um lado, certa instabilidade quanto à identidade epistemológica da disciplina, e, por outro lado, a afirmação do contexto histórico que molda a ciência. A presença de uma perspectiva teológica nos passos iniciais da disciplina não deslegitima a criação de uma ciência autônoma, mas assegura o caráter histórico de uma ciência. Após as considerações iniciais dos fundadores da disciplina, no final do século XIX, as constituintes epistemológicas consolidadas se tornam um horizonte, e não uma lei fixa irrefutável. A criação de uma disciplina, em uma comunidade acadêmica específica, deve, portanto, levar em conta o contexto histórico, político, religioso que o envolve. Reconhecer que o campo teológico já não alcançava os resultados pretendidos pela comunidade acadêmica da época, já revela a intenção de uma nova área.

Ao tratar dos processos históricos que envolveram a articulação e implantação da disciplina no Brasil, observa-se que os fatores externos como política e religião interferem decisivamente no perfil da disciplina. Nos primeiros anos, a Teologia da Libertação se apresenta como alicerce de teorias e métodos para disciplina emergente. Há um movimento de troca entre Teologia e Ciência da Religião: enquanto a Teologia encontra na Ciência da Religião uma forma para renovar seu estatuto epistemológico, a Ciência da Religião encontra na Teologia subsídios para dar início a sua trajetória no país. Anteriormente ao ano 2000, especialmente a partir dos anos 80, já se encontrava reflexões aprofundadas sobre as bases epistemológicas da Ciência da Religião. Embora em todos os casos analisados, os projetos

iniciais carreguem um perfil predominantemente teológico, com o passar dos anos já se observava uma crescente tendência a uma proposta mais próxima a Ciência da Religião. A formação da Anpter se mostra como a principal organização a problematizar as questões epistemológicas da disciplina. As questões levantadas nos eventos anteriores ao ano de 2000, ainda refletem nos debates atuais.

## **4 A EXPANSÃO DA DISCIPLINA**

No capítulo anterior foram apresentados os processos epistemológicos da Ciência da Religião no Brasil, tendo em vista as influências históricas, os desdobramentos teóricos e os avanços institucionais. Ademais, buscou-se compreender o perfil epistemológico da disciplina através de entrevistas com professores que participaram desse período e atuaram na criação da ANPTEC. O terceiro, e último capítulo tem por objetivo de investigar os desdobramentos da disciplina partindo do ano 2000 até 2020. O período indicado se inicia com um seminário ocorrido na Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2000, que resultou na publicação da obra *A Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil*, organizada por Faustino Teixeira e termina com a publicação de Introdução a Ciência da Religião de Max Müller – primeiro clássico da disciplina traduzido em língua portuguesa. O terceiro e último capítulo versa sobre a situação atual da disciplina, compreendendo os processos dos últimos 20 anos. Nesse sentido busca-se apresentar o avanço dos Programas de pós-graduação, a criação da ANPTEC, a produção teórica que reflete o debate sobre teoria/método/história da disciplina no Brasil e os processos políticos acadêmicos.

Sobre a divisão em itens do quarto capítulo seguiu-se o seguinte esquema: O primeiro – novos Programas – se ocupa de apresentar um breve histórico, compreensão da disciplina, áreas de concentração e linhas de pesquisa. Para isso buscou-se dados contidos nas plataformas virtuais de cada Programa. O segundo, a criação da ANPTEC, apresentará a história e objetivos da associação a partir da pesquisa documental. O terceiro – A criação da área 44 – se dedica a criação da área de avaliação Ciências da Religião e Teologia na CAPES, bem como a elaboração da árvore do conhecimento. O quarto – a produção epistemológica da disciplina – apresenta as principais publicações a respeito da epistemologia das Ciências da Religião.

### **4.1 Estado atual dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil**

O primeiro item deste capítulo apresenta o estado atual dos onze Programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil, a partir de quatro eixos: história, definições, áreas de concentração e linhas de pesquisa. Para esses estudos, foram recolhidos dados nos

sites de cada Programa. Tem-se como objetivo apresentar a expansão da disciplina no país e identificar um perfil geral da disciplina na atualidade através das categorias elencadas.

Atualmente existem no Brasil onze Programas de Pós-graduação em Ciência da Religião. A terminologia assumida pelos Programas varia entre o singular e plural: UFS, UNICAP, PUC CAMPINAS, UEPA, UMESP, PUC Goiás e PUC Minas adotam o termo Ciências da Religião, conforme estabelecido na área de avaliação da CAPES, PUC SP e UFJF assumem Ciência da Religião, e por último a FUV e UFPB se denomina como Ciências das Religiões. Desse total, são onze cursos de mestrado acadêmico, seis cursos de doutorado, um mestrado profissional e um doutorado profissional. A tabela a seguir apresenta o ano de criação dos Programas e as áreas de concentração:

**Quadro 1- Data de fundação dos Programas e áreas de concentração**

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>MESTRADO</b>	<b>DOCTORADO</b>	<b>ÁREA DE CONCENTRAÇÃO</b>
<b>PUC SP</b>	1978	2001	1) Estudos empíricos da religião 2) Estudo Sistemático da Religião
<b>UMESP</b>	1979	1990	1) Linguagens da Religião 2) Religião, Sociedade e Cultura
<b>UFJF</b>	1993	2000	1)Filosofia da Religião 2) Religião, Sociedade e Cultura 3)Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo
<b>PUC Goiás</b>	1999	2007	Religião, Cultura e Sociedade
<b>UNICAP</b>	2005	X	Religião, Cultura e Sociedade
<b>UFPB</b>	2007	2015	1) Ciências Sociais das Religiões, educação e saúde 2) Perspectivas histórico-filosóficas e literária das religiões.
<b>PUC Minas</b>	2008	2015	Religião e Cultura
<b>UEPA</b>	2011	X	Religião, Cultura e Sociedade
<b>FUV</b>	2011	X	Religião e sociedade
<b>PUC Campinas</b>	2014	X	Ciências da Religião
<b>UFS</b>	2014	X	Fenômeno religioso

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos dos sites dos Programas (2021).

No quadro a seguir podem ser identificadas as linhas de pesquisa dos Programas.

### **Quadro 2 – Linhas de Pesquisa dos Programas**

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>LINHAS DE PESQUISA (2021)</b>
<b>PUC SP</b>	1) Religião, história e sociedade 2) Comportamentos e representações religiosas 3) Teoria, método e Práticas 4) Hermenêuticas e Linguagens 5) Campo de atuação do formado em Ciência da Religião
<b>UMESP</b>	1) Literatura e religião no mundo bíblico 2) Teologias das religiões e cultura 3) Religião e dinâmicas socioculturais 4) Religião e dinâmicas socioculturais
<b>UFJF</b>	1) Abordagens Filosóficas e Psicológicas da Religião 2) Campo Religioso Brasileiro 3) Religiões e Diálogo
<b>PUC Goiás</b>	1) Cultura e sistemas simbólicos 2) Religião e movimentos sociais 3) Religião e Literatura sagrada
<b>UNICAP</b>	1) Campo religioso brasileiro, cultura e sociedade 2) Tradições e experiências religiosas, cultura e sociedade.
<b>UFPB</b>	1) Religião, cultura e sistemas simbólicos 2) Educação e religião 3) Espiritualidade e saúde 4) Literatura e sagrado 5) Abordagens filosóficas, históricas e fenomenológicas da religião
<b>PUC Minas</b>	1) Pluralismo religioso, diálogo e linguagem 2) Religião e contemporaneidade 3) Religião, política e Educação
<b>UEPA</b>	1) Linguagens da religião 2) Religião e Sociedade
<b>FUV</b>	1) Religião e Espaço Público 2) Ensino Religioso Escolar
<b>PUC Campinas</b>	1) Fenômeno Religioso: dimensões epistemológicas 2) Fenômeno Religioso: Instituição e Práticas Discursivas
<b>UFS</b>	1) Ciências empíricas e aplicadas da religião 2) Religião, conhecimento e linguagens

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos dos sites dos Programas (2021).

O primeiro curso de mestrado em Ciências da Religião institucionalizado no Brasil foi o da PUC São Paulo<sup>106</sup>. A história do Programa da PUC SP já foi apresentada acima, uma vez que o Programa está entre os pioneiros no país. Retomando brevemente a história, o Programa nasce como consequência do momento político e religioso da época. Os movimentos pós-conciliares e a ditadura militar nutriram o desejo de fundar um Programa que atendesse os debates religiosos em consonância com os problemas sociais. Desse modo, “O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP teve início em 1978, com o Mestrado, e a passando a oferecer também o Doutorado em 2002, ambos *stricto sensu* e nota cinco<sup>107</sup> pela avaliação da CAPES.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2021).

Em sua autocompreensão da disciplina, indica: “A Ciência da Religião é um campo do saber que tem como realidade o fenômeno religioso investigando-o sistematicamente em todas as suas manifestações sem que se questione sua validade teológica, [...] pois todas se apresentam igualmente como objeto de estudo e investigação.”(PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2021). A princípio, o Programa apresenta o horizonte de compreensão do objeto da disciplina, sendo as manifestações da religião, analisada sem distinções e preferências. Nesse sentido, a validade ou juízo de valor não aparece como atividade do/a cientista da religião. Ademais, sobre os caminhos metodológicos da disciplina afirma-se na apresentação do Programa que o seu “princípio metodológico é o vislumbamento das religiões como sistemas de sentido formalmente idênticos apresentando, portanto, pontos comuns que as tornam passíveis de serem investigadas.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2021). Ou seja, a religião é vista como sistemas de sentido que o ser humano produz sobre suas experiências no mundo. Desse modo, um estudo sistemático desses sentidos em perspectiva comparativa, tornará possível um estudo científico da religião. Ainda sobre o objeto, o Programa aponta para necessidade da interdisciplinaridade: “Somente a colaboração entre as várias áreas do conhecimento em torno do fenômeno religioso pode fornecer uma visão mais ampla e científica de religião.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2021).

---

106 Os três primeiros programas que aqui serão apresentados foram os pioneiros na disciplina no Brasil. A PUC SP, a UMESP e a UFJF, abrigaram os primeiros passos para institucionalização e consolidação da disciplina. Os primeiros debates levantados pelos docentes que trabalhavam nessas instituições, ainda são recorrentes na atualidade. Tendo em vista que esses três Programas foram o centro da pesquisa no capítulo anterior, nesse capítulo os dados históricos serão apresentados de forma sucinta, dando a devida atenção aos objetivos, áreas de concentração e linhas de pesquisa.

107A nota corresponde ao quadriênio 2013-2016.



Diante dos avanços do movimento ecumênico e do desejo de criar um espaço onde as tradições se abrissem ao diálogo, a segunda Universidade a criar um mestrado em Ciências da Religião foi a Universidade Metodista de São Paulo, em 1979. Após diversas dificuldades, no final dos anos 80 o projeto alcança estabilidade e cria o doutorado em 1990. Atualmente, o Programa se define da seguinte forma: “[...] estuda as religiões em suas formas de expressão e articulação próprias e nas relações com seus contextos histórico, social e cultural.” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, 2021). Nesse sentido, assume a perspectiva clássica da disciplina em investigar as expressões da religião, em sua forma empírica, considerando-a como fenômeno da cultura humana. Além disso, assume a interdisciplinaridade: “Desenvolve a interdisciplinaridade no campo extenso das Ciências da Religião, recorrendo ao instrumental teórico fornecido sobretudo pelas ciências humanas [...]” (UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, 2021).

A Universidade Federal de Juiz de Fora, criou o terceiro Programa de mestrado em 1993 e o segundo de Doutorado em 1999. A UFJF foi a primeira Universidade pública a criar um Programa de Ciências da Religião. Embora a criação do mestrado só venha acontecer em 1993, o departamento de Ciências da Religião é mais antigo. Antes de 1969 já se cogitava criar um departamento de Ciências religiosas, abrigado em um Instituto de Teologia e Filosofia. O departamento enfrentou diversas oposições, tanto de setores acadêmicos quanto religiosos, o que ocasionou na criação tardia do mestrado. Conforme se encontra no site do Programa, “Nos anos 70 teve por alguns anos o curso de graduação, mediante ingresso com vestibular, experiência que foi interrompida posteriormente. Nova etapa ocorreu em 1991 com o nascimento da experiência de pós-graduação lato sensu (curso de especialização)” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2021). Após tentativas frustradas de fundar um curso de graduação, a ocorrência de alguns vestibulares e o curso de especialização, que a UFJF consolida suas propostas de pós-graduação. Não há no site do Programa uma apresentação da autocompreensão da disciplina.

O quarto Programa de mestrado foi o da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, criado em 1999. Oito anos após o início do mestrado, em 2007, o Programa consolida seu doutorado. No site do Programa encontra-se a autocompreensão a respeito da identidade da disciplina. Nesse sentido são apresentados cinco tópicos sobre a fundamentação epistemológica da Ciência da Religião: 1) Sobre o termo ‘Religião’, afirma o Programa: “[...] não é dogmático ou doutrinal; indica para o objeto de estudo, qual seja, o fenômeno religioso acessível à análise metodológico-científica.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 2021). Ao associar o termo religião a um caráter não dogmático ou confessional,

retira-se da disciplina o caráter normativo, próprio da Teologia. Desse modo, indica que o fenômeno religioso deve ser passivo de análise metodológica-científica, reiterando a constituinte empírica e experimental da disciplina. A respeito do termo ‘Ciências’ no singular: “[...] indica para a dimensão científico-cultural do fenômeno religioso e suas múltiplas leituras e metodologias de abordagem. Isso implica na postura interdisciplinar do mestrado (Sociologia, Antropologia, Psicologia, Teologia, Filosofia, História...)” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 2021). De acordo com essa visão, compreender o fenômeno religioso enquanto uma dimensão científico-cultural implica em uma abordagem interdisciplinar. De fato, os dados religiosos requerem um diálogo interdisciplinar a fim de articular as ‘múltiplas leituras e metodologias’. Contudo, há de se preservar a disciplinaridade da Ciência da Religião. A constituição interdisciplinar não deslegitima a especificidade da disciplina. Reafirmando o caráter interdisciplinar o Programa ainda indica outro termo – multidisciplinaridade – justificando a escolha da área de concentração – Religião Cultura e Sociedade. Ao atrelar religião com cultura e sociedade, parece ficar evidente a necessidade de um olhar amplo, articulado e em diálogo com as Ciências Sociais. As duas últimas definições são dirigidas a devolutiva e responsabilidade social do Programa. A primeira sobre a responsabilidade social da produção teórica do Programa afirma: “A busca por construir paradigmas epistemológicos e práticos críticos e questionadores de processos sociais, culturais e religiosos que alienam e oprimem é central e constante.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 2021). O conhecimento produzido pelo Programa, além de buscar aprimorar o entendimento dos fenômenos religiosos, se insere nas questões sociais em contextos de alienação e opressão. Por fim, sobre as devolutivas para a sociedade assume o Programa:

As pesquisas, assessorias e todo o processo de formação visam oferecer referenciais para compreensão de processos sócio-culturais e religiosos que envolvem globalização, urbanização, êxodo rural, relações de gênero, negritude e etnia, etc., possibilitando uma interferência qualificada nesses processos. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, 2021).

O quinto Programa de mestrado, em Ciências da Religião no Brasil foi criado em 2005, na Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco. Em sua concepção ressalta-se a relação entre religião e o meio no qual ela se desenvolve e a interdisciplinaridade. Em vista disso, o Programa se define, “[...] como um ambiente de produção de conhecimento e formação científica, prática e ética para as atividades do ensino, pesquisa e extensão na área de Ciências da Religião.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE

PERNAMBUCO, 2021). Ou seja, o Programa se propõe a um conhecimento tanto acadêmico quanto prático/ético a partir dos três pilares gerais da academia – ensino, pesquisa e extensão. Para isso, compreende a religião “[...] nos seus contextos histórico, social e cultural.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, 2021). Assumindo esses contextos, a prática científica se encarna também na sociedade, incorporando a disciplina ao rol das ciências sociais. Ainda nesse sentido, a interdisciplinaridade é entendida como recorrência “[...] ao instrumental teórico-metodológico fornecido pelas ciências humanas para de forma interdisciplinar desenvolver interpretações das diferentes manifestações e práticas de religiosidade, em sua relação com a cultura e a sociedade.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, 2021). A interdisciplinaridade aqui tem função específica, ou seja, possibilitar o estudo das relações da religião com a cultura e sociedade. A partir desse fragmento do site do Programa, nota-se uma pequena variação com a perspectiva clássica da interdisciplinaridade em Ciências da Religião: não se apresenta a interdisciplinaridade como constituinte necessária para a interpretação da complexidade da religião, mas como indicativo para compreender uma relação específica da religião com a cultura e sociedade.

O sexto Programa de Mestrado foi criado na Universidade Federal da Paraíba, em 2007. Segundo o histórico disponibilizado no site do Programa, “O projeto de criação do PPG-CR foi acalentado por um grupo de professores pertencentes ao Religare Grupo de Pesquisas e Estudos em Religiosidade que agrega pesquisadores cadastrados no CNPq desde 1999.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2021). Grupos de pesquisa antecederam e mantiveram a produção teórica sobre os dados religiosos. Outro passo importante, atento às necessidades do período, foi a solicitação de um curso de capacitação para os professores da disciplina Ensino Religioso. A partir desse pedido, “[...] nasceu o 1º Curso de Especialização em Ciências das Religiões (lato sensu), aprovado pela Resolução nº. 40/2004 do CONSEPE e iniciado em abril de 2005.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2021). Com a criação da especialização a efetivação de um Programa de mestrado se tornou mais próxima. A CAPES aprovou o projeto de mestrado em 2006, tendo início as atividades em 2007.

Sobre a autocompreensão do Programa sobre sua identidade ressalta-se o impacto social da disciplina. Primeiramente, justifica a importância do tema da religião como pilar da cultura humana: “O fenômeno religioso é um dos quatro pilares da cultura humana, sendo os outros três, a Filosofia, a Arte e a Ciência. É nas instituições de ensino que se entra em contato com a ciência. O mesmo deveria ocorrer com as Religiões, patrimônio cultural de todos os povos e, como tal, matéria de estudo e pesquisa.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA

PARAÍBA, 2021). Elencar a religião como instituição cultural garante a possibilidade de estudos científicos sobre ela. Nesse sentido, sendo as religiões constituinte e patrimônio da cultura, é dever da Universidade analisá-los a partir do rigor científico. A partir da concepção do Programa, o estudo da religião contribui para a construção de uma sociedade mais aberta a diferença. Sendo assim,

O conhecimento abre a mente, mas o fundamentalismo religioso é extremamente nocivo para o indivíduo e para a sociedade. Ele promove a intolerância, a dificuldade de relacionamento entre grupos, destrói a integração e o respeito mútuo, não admite opiniões divergentes e considera sua perspectiva isenta de erros. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2021).

O impacto social das pesquisas, ao que parece, toma um papel central do Programa. Tanto que seu objetivo caminha para uma aplicabilidade da disciplina. De acordo com sua apresentação o Programa tem “[...] o intuito de contribuir para a construção de uma sociedade harmoniosa, tolerante para com os diferentes, fundamentada na ética e no respeito às minorias.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2021). Por essa afirmação confirma-se a predileção por uma Ciências da Religião Aplicada, mais que a compreensão dos fenômenos religiosos, um interesse em aplicar esses conhecimentos na sociedade.

O sétimo Programa de mestrado e quinto de doutorado é o da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Desde 1995 a PUC Minas, oferecia um curso *lato sensu* voltado para a formação de professores de Ensino Religioso. Com o avanço do interesse a pesquisa sobre religião, “Criou-se, inicialmente, um grupo de pesquisa que abrigou os primeiros trabalhos de investigação que deram sustentação à proposição do Projeto de Mestrado em Ciências da Religião da PUC Minas.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2021). Trata-se do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura. Após anos de especialização, o Programa de mestrado foi aprovado pela CAPES em julho de 2007 e a primeira turma teve início em 2008. Seis anos após, em 2015, foi aprovado o curso de Doutorado.

Sua autocompreensão evidencia os pressupostos epistemológicos clássicos da Ciência da Religião. “O PPGCR é parte integrante dos esforços da PUC Minas para oferecer, sistematicamente e criteriosamente, um espaço de investigação empírica e sistemática sobre o fenômeno religioso na articulação entre religião e cultura.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2021). Na descrição, o Programa da PUC Minas, interage com a divisão clássica da disciplina em estudos empíricos e sistemáticos, integrados as relações entre a cultura e a religião. Além disso,

produzir conhecimento científico sobre o fenômeno religioso; descrever os aspectos constitutivos da religião na história, nos ordenamentos sociais, políticos e culturais; interpretar o fenômeno religioso à luz das teorias em curso; compreender o pluralismo religioso com capacidade de diálogo e de juízo críticos; analisar as questões concernentes ao caráter secular e plural da contemporaneidade e debater as funções éticas e sociais da religião diante da crise planetária. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 2021).

Não há na apresentação referência direta a interdisciplinaridade. Contudo, a ementa de interesses do Programa aponta para diversos possíveis enfoques da religião e sua aplicabilidade na sociedade.

O oitavo Programa de mestrado criado foi o da Universidade Estadual do Pará, em 2011. No site do Programa não há um detalhamento sobre a concepção da disciplina. Na descrição o Programa “[...] procura responder à evidente demanda pela pesquisa de alto nível acerca da religião em seu contexto regional.” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARÁ, 2021). Dos que aqui foram apresentados, o Programa da UEPA é o primeiro a indicar um interesse pelo contexto regional, embora apareça nos outros um interesse pelas relações entre a religião e a cultura. Ademais, o Programa da UEPA foi o primeiro Programa da disciplina no norte do Brasil.

A Faculdade Unida de Vitória ocupa o nono lugar nos Programas de mestrado em Ciências da Religião no Brasil. A FUV de inspiração protestante e ecumênica, já contava com um bacharelado em Teologia. O Programa de mestrado profissional em Ciências da Religião recebeu sua aprovação em 2010 e iniciou suas atividades de Mestrado. Na atualidade, conforme é indicado na apresentação do Programa “[...] tem por finalidade principal a formação continuada de profissionais que, direta ou indiretamente, lidem com o fenômeno religioso em quaisquer de suas manifestações na sociedade.” (FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA, 2021). A opção pela disciplina parece se justificar pela relação do/a pesquisador/a a um fenômeno religioso, em sua manifestação na sociedade. E sendo de caráter profissional, “[...] a maioria dos estudantes são profissionais (pastores, professores, advogados, profissionais de saúde, assistentes sociais, psicólogos etc.) que estão buscando maior qualificação em seu campo específico.” (FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA, 2021). Em 2021 o Programa deu início às atividades do curso de doutorado profissional. Não há no site do Programa um detalhamento sobre a concepção da disciplina.

O décimo Programa criado foi o da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 2014. De acordo com sua apresentação histórica, sua inspiração para a criação de um Programa de pós-graduação em Ciências da Religião, advém da confessionalidade da

instituição. Em suas palavras, “O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião tem sua origem na índole de Pontifícia Universidade Católica de Campinas de formar seus alunos de modo integral, articulando ciência e profissão, com valores ético-cristãos.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, 2021). Uma particularidade indicada na apresentação é o suporte que o Programa oferece a outras áreas que se interessam pela religião. Nesse sentido, afirma: “Acompanha esta iniciativa o fortalecimento pedagógico e epistemológico dos cursos de Teologia, Filosofia, Ciências Sociais e História, em que a religião é um dos elementos centrais dos respectivos currículos.” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, 2021).

O décimo primeiro Programa e último do Brasil foi o da Universidade Federal de Sergipe em 2014. Em sua compreensão sobre a disciplina atende aos encaminhamentos clássicos da disciplina em propor as vertentes empíricas e sistemáticas. Sobre a definição geral da disciplina indica o Programa: “[...] é de campo de conhecimento que agrega diferentes estudos da religião no âmbito científico e acadêmico, de caráter multi e interdisciplinar, e cuja constituição contemporânea amplia e intersecciona a subdivisão interna tradicional à área desde seu surgimento [...]” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2021). Mesmo assumindo a divisão clássica da tradição epistemológica da Ciência da Religião, o Programa, presumivelmente, não indica nessa concepção a disciplinaridade da disciplina. Ao invés disso aponta para um ‘campo de conhecimento’ que agrega os estudos científicos da religião. Ademais, apropria-se do interdisciplinar e multidisciplinar, sendo o último passível de problemas quanto a especificidade da disciplina. Sobre a abordagem sistemática, afirma: “[...] estudos sistemáticos da religião, em franco diálogo com a tradição filosófica e teológica – mormente ocidental – de estudos da religião, com caráter metateórico (epistemológico) e em interface com hermenêuticas culturais relacionadas à arte, literatura, cinema e outras linguagens.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2021). E sobre a abordagem empírica, aponta: “[...] estudos empíricos e aplicados da religião, tomando esta em suas múltiplas configurações a partir de abordagens sociológicas, antropológicas, historiográficas, psicológicas, geográficas em interface com a política, educação, saúde, teoria de gênero/queer, direito etc.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2021).

Há um inegável avanço no debate teórico-metodológico da disciplina nas apresentações. As concepções da disciplina variam reafirmando a autonomia de cada comunidade científica. Portanto, pode-se identificar algumas linhas constantes. A interdisciplinaridade é assumida na maioria dos casos. De modo geral é compreendida como

um pré-requisito para a compreensão das várias faces dos dados religiosos. A interface religião e sociedade também é fator constantemente citado. Permanece, como no período inicial da disciplina a preocupação em investigar as relações entre religião e sociedade. O caráter não confessional dos estudos também é assegurado. As abordagens clássicas – empírica e sistemática – aparecem em alguns casos. De modo geral, mesmo com os perceptíveis avanços, ainda se percebe certa dificuldade em apresentar definições da disciplina. Tendo em vista a expansão e consolidação da disciplina é de fundamental importância a clareza desses conceitos.

## 4.2 A ANPTECRE

Nessa segunda etapa da organização da disciplina, um acontecimento marcante foi a criação da ANPTECRE, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, fato ocorrido 20 de junho de 2007, durante uma reunião do Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-graduação ocorrido na PUC Goiás. Participaram da reunião os seguintes Programas: Pós-graduação Teologia da PUC-Rio; Pós-graduação em Ciências da Religião da UCG; Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP; Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF; Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-SP; Pós-graduação em Teologia do ISIS/FAJE; Pós-graduação em Teologia da PUCRS; Pós-graduação em Ciências da Religião da UPM; Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB; Pós-graduação em Ciências da Religião da UNICAP; Pós-graduação em Teologia da EST. Na ocasião foi eleita mesa diretora da associação: Presidente: Antônio Carlos de Melo Magalhães; Vice-presidente: Paulo Afonso de Araújo; Secretário-geral: Wilhelm Wachholz<sup>108</sup>. Contudo,

A primeira diretoria não chegou a poder iniciar os trabalhos por força da mudança de área do seu primeiro presidente eleito, aprovado em concurso público algum tempo após a eleição. Sua renúncia, bem como a não aceitação do vice-presidente em assumir o cargo, levaram os Programas a realizar, em 27 de fevereiro de 2008, uma assembleia extraordinária na qual foi eleito um presidente interino, o Prof. João Edênio dos Reis Valle. (SENRA, 2015, 198).

Com a mudança da diretoria, o novo presidente Prof. João Edênio dos Reis Valle tornou-se o responsável por organizar o primeiro evento da associação que aconteceria na

---

108A PUC Minas, que aguardava a sua aprovação pela CAPES, também foi representada nesta reunião de fundação da ANPTECRE pelo seu coordenador, o Prof. Flávio Senra.

PUC SP, de 24 a 27 de agosto. O Prof. Carlos Caldas em um relato publicado na revista *Rever* em 2008, oferece detalhes do evento. A princípio Caldas (2008, p. 135) apresenta os objetivos da associação: “Vale registrar que a própria ideia da ANPTECRE surgiu para dar visibilidade a uma área ainda nova no país, que luta por seu reconhecimento e identidade própria. Surgiu há poucos anos no Brasil a ANPTECRE, que pretendia ser uma associação de professores de Teologia.” (CALDAS, 2008, p. 135). Embora a ANPTECRE não tenha conseguido firmar seus interesses, a ANPTECRE assume os desejos de sua antecessora, pelo fato de que as disciplinas ainda sofriam dos mesmos problemas. Além disso, de fato, como aponta Caldas, a ANPTECRE se tornaria a principal fomentadora da autonomia da Teologia e da Ciência da Religião frente à CAPES.

Teologia e Ciências da Religião: trajetórias, desafios, perspectivas, foi o tema do primeiro evento promovido pela associação. Conforme afirma Caldas (2008, p. 136) “este título expressa verdadeiramente o que o congresso pretendia: a trajetória histórica do estudo de Teologia e Ciências da Religião no Brasil, os atuais desafios, e as possibilidades várias que se descortinam perante os que decidiram fazer academia nessa direção.” (CALDAS, 2008, p. 136). Sendo assim, o primeiro evento pretendeu fazer um balanço histórico, atual e apontar perspectivas rumo a autonomia das disciplinas. E de fato, o congresso contou com diversas temáticas epistemológicas imprescindíveis a Teologia e as Ciências da Religião.<sup>109</sup> Atendo-se ao caso da Ciência da Religião os debates epistemológicos levantados no evento indicavam a necessidade de maior clareza quanto a suas constituintes disciplinares. A falta de consenso sobre a escolha da terminologia, no singular ou plural, indicava certa instabilidade quanto a identidade da disciplina. Nesse sentido, questionava-se:

---

109 Caldas (2008, p. 137) apresenta as temáticas apresentadas por cada programa: “PUC-RS e EST apresentaram trabalhos sobre Teologia e Ciência na universidade e também sobre a questão da Teologia pública. Este tema, ainda recente no Brasil, é potencialmente capaz de oxigenar algumas áreas da reflexão teológica propriamente. A UMESP apresentou uma mesa sobre o sujeito religioso como objeto de estudo das Ciências da Religião. A UCG apresentou uma mesa bastante interessante sobre literatura sagrada e hermenêutica em Teologia e Ciências da Religião. Professores da Metodista e da Católica de Goiás apresentaram em conjunto uma mesa sobre a contribuição prestada por Hugo Assmann, teólogo libertacionista brasileiro, recentemente falecido, para a Teologia e as Ciências da Religião. A Faculdade Nossa Senhora da Assunção apresentou mesa sobre os atuais desafios da Teologia latinoamericana. A PUC-SP apresentou uma mesa bastante criativa, sobre a trajetória do estudo das Ciências da Religião no Brasil, tomando como ponto de partida sua própria trajetória institucional, além de evidentemente apresentar reflexões teóricas e conceituais concernentes a este campo do saber. Também bastante criativa foi a mesa da PUC-RJ, que versou sobre Teologia como ciência e prática do diálogo interdisciplinar. Esta mesa procurou estabelecer pontos de contato entre a Teologia e a Comunicação Social, a Literatura e a própria ciência. A FAJE apresentou mesa sobre a Teologia como discurso da fé confessional. Nesta perspectiva da Teologia que assume o papel da confessionalidade da fé foi particularmente interessante a fala apresentada sobre a Teologia trinitária como núcleo da existência cristã. A PUC-MG tratou em sua mesa da especificidade dos fundamentos epistemológicos da Teologia e das Ciências da Religião, e ainda a questão dos discursos inter e transdisciplinares. Finalmente, a Universidade Presbiteriana Mackenzie apresentou mesa sobre a diversidade do campo religioso brasileiro e a reflexão acadêmica no campo de Teologia e Ciências da Religião. (CALDAS, 2008, p. 137).



Quem tem razão? Quem optou por “Ciências da Religião”? Esta é a terminologia consagrada pelo uso no Brasil. Mas o que dizer de “Ciência da Religião”? Há mesmo uma “ciência” unificada que dê conta da complexidade de todo o fenômeno religioso? É possível falar de uma única “religião”, no singular? Ou estaria certo quem prefere pluralizar, e falar sobre “Ciências das Religiões”? (CALDAS, 2008, p. 138).

Esse questionamento além de provocarem a autorreflexão dos Programas incidiu também sobre a organização político acadêmica das disciplinas no cenário nacional de pós-graduação. Como ressalta Caldas (2008, p. 138), “Teologia e Ciências da Religião ainda são vistas pela CAPES como subárea, estando alocadas sob o ‘guarda-chuva’ da área da Filosofia.”. Nesse sentido, não havia no órgão regulador da pós-graduação no Brasil, uma área de avaliação que abrigasse especificamente e desse autonomia aos estudos de religião.

A partir de 2011 movimentos em torno da busca de autonomia e reflexão epistemológica dessas disciplinas ganham força. A seguir, serão apresentados dados, a partir da análise documental, a influência da ANPTECRE na formação da área de avaliação autônoma na CAPES e a construção da Árvore do conhecimento da área.

No dia 2 de maio de 2011, ocorreu na cidade de São Paulo a 4ª Assembleia Geral Ordinária da ANPTECRE. Na ocasião, conforme o Relatório do Conselho diretor da ANPTECRE (2011), os temas da área de avaliação contendo as duas subcomissões – Filosofia e Teologia/Ciências da Religião - revisão da árvore do conhecimento do CNPq foram colocados em pauta. Também foram eleitos os novos membros do Conselho Diretor, Fiscal e Científico do Biênio 2012-2014, a saber, Conselho Diretor: Flávio Augusto Senra Ribeiro (PUC Minas) (Presidente), Gilbraz de Souza Aragão, (UNICAP) (Vice-Presidente), Wilhelm Wachholz, (EST) (Secretário Geral); Conselho Científico: Rudolf von Sinner (EST) (Presidente), Cláudio Oliveira Ribeiro (UMESP), Érico João Hammes (PUC RS), Geraldo Luiz De Mori (FAJE) e Maria Clara Bingemer (PUC Rio) e Conselho Fiscal: Fernanda Lemos (UFPB) (Presidente), Élio Estanislau Gasda (FAJE) e Manoel Ribeiro de Moraes Júnior (UEPA). Além disso, foi uma comissão *ad hoc* composta pelo Prof.s Dr. Luís Dreher (coordenador), Dr. João Décio Passos, Dr. Lauri Wirth e Dr. Luiz Carlos Susin. Desse modo, “Para evitar a sobreposição de uma área sobre a outra, a comissão ad hoc foi orientada para que a árvore fosse construída buscando uma simetria entre Teologia e Ciência da Religião, o que enfrentou resistência de alguns representantes mais tradicionais da teologia.” (STERN, 2018, p. 78).

No Ofício 2011/02, encaminhado pelo então diretor no dia 14 de outubro de 2011, Flávio Senra convoca para uma reunião extraordinária a ocorrer na cidade de Brasília, no dia

20 de outubro de 2011. A reunião abordaria, entre outros temas, os informes sobre a comissão que se responsabilizou por pensar e redesenhar a nova árvore do conhecimento e pela primeira vez aparece o “Encaminhamento da proposta de constituição da área de Teologia e Ciências da Religião na CAPES.” (OFÍCIO 2011/02, 14/10/2011).

A nomenclatura Ciências da Religião e Teologia foi definida a partir de uma votação em maio de 2012. De acordo com a ata de 08 de maio de 2012, em Assembleia Ordinária na UnB.

Foram apresentadas as seguintes propostas de nomenclatura: 1) Estudos da Religião, 2) Teologia e Ciências da Religião/Ciências da Religião e Teologia, 3) Religião e, 4) Ciências da Religião. Posto em votação, as propostas obtiveram os seguintes números: 1) Teologia e Ciências da Religião/Ciências da Religião e Teologia (9 votos), 2) Estudos da Religião (6 votos), 3) Religião (nenhum voto) e, 4) Ciências da Religião (nenhum voto). Após verificação de que a primeira proposta recebeu mais votos, colocou-se em votação a ordem da nomenclatura que recebeu os seguintes votos: Ciências da Religião e Teologia (9 votos) e Teologia e Ciências da Religião (6 votos), ficando aprovada a nomenclatura Ciências da Religião e Teologia. Salientou-se que deve ficar expresso, a partir da decisão, a unidade da área. (ATA ANPTECRE, 12/08/2012)

Outro documento que evidencia o processo de criação da árvore do conhecimento é intitulado *Memória de reunião do Conselho Científico e Comissão ad hoc Árvore do conhecimento com o Conselho Diretor da ANPTECRE com sugestão de alteração da nomenclatura da área se aprovado o pedido de autonomia pela CAPES*. O texto relata as posições e encaminhamentos da reunião ocorrida no dia 09 de dezembro de 2011, que aprovou o novo desenho da árvore do conhecimento da pretendida área de avaliação da Ciências da Religião e Teologia.<sup>110</sup> Além disso “definiu-se que a comissão ainda redigirá um ementário das especialidades, que subsidiará a fundamentação com vistas ao encaminhamento ao CNPq e CAPES e antes, aos Programas da área, como explicação e justificativa da definição.” (ANPTECRE, 2012). O conteúdo desse ementário será apresentado a seguir.

Sobre a constituição da árvore do conhecimento, Luís Henrique Dreher oferece uma descrição detalhada do processo e do conteúdo da nova árvore do conhecimento a ser implantada no CNPq. No que segue serão apresentadas algumas considerações sobre o

---

110 Sobre os posicionamentos e preocupações dos professores presentes aponta o documento: “Lauri Wirth observou a importância de não fechar a árvore conhecimento com base na tradição cristã. Décio Passos frisou que temos duas áreas (teologia e ciências da religião) com histórias distintas que, politicamente, estão atuando publicamente em unidade, o que não pode significar desconhecimento epistemológico de cada área. Luis lembrou que, para fins de encaminhamento de autonomia junto à CAPES, basta nomenclatura da área e eventuais subáreas.” (ANPTECRE, 2012). Estavam presentes Flávio Senra (Presidente Conselho Diretor da ANPTECRE), Wilhelm Wachholz (Secretário Geral da ANPTECRE), e os membros do Conselho Científico e/ou da Comissão *ad hoc* Árvore do Conhecimento, Luis Henrique Dreher (Presidente), Silas Guerriero, Lauri Wirth, Matthias Grenznel, Decio Passos.

processo de formação da árvore do conhecimento e sobre a definição de cada linha de pesquisa. A princípio Dreher (2012) apresenta as questões que motivaram uma reorganização das competências das disciplinas. Em suas palavras,

Motivou-nos, sobretudo, a urgência de uma decisão pragmática sobre o redesenho da área, tendo em vista mais o pleito próximo pela independência da área de conhecimento de Teologia e Ciências da Religião junto à CAPES do que uma discussão técnica mais ampla e demorada do tema com vistas à mudança da Tabela respectiva do CNPq. (DREHER, 2012).

Ou seja, o objetivo de se construir uma nova árvore do conhecimento estava mais ligado ao desejo de alcançar a autonomia da área junto a Capes. O texto de Dreher segue explicitando o contexto e percepção no qual o nome da área e a árvore do conhecimento foram pensados. Primeiramente, assegura que não se tinha o objetivo de criar uma árvore do conhecimento que colocasse oposição entre as disciplinas. Segundo Dreher (2011),

Ficou claro que a ANPTECRE não deve endossar estratégias que visem a pré-programar uma nova separação entre supostas “subáreas”, até porque não se considera que estejam postas, e menos ainda sedimentadas, diferenças teóricas e metodológicas absolutas entre Teologia e Ciência(s) da Religião, menos ainda como praticadas teoricamente e vividas institucionalmente no contexto brasileiro na atualidade.

Desse modo, o autor reconhece que no Brasil, historicamente, Teologia e Ciências da Religião, tem disposto de certa proximidade tanto teórica quanto institucional. Por esse motivo, a criação da árvore do conhecimento buscaria assegurar o caráter particular de cada disciplina, contudo reconhecendo as proximidades ocorridas no cenário acadêmico brasileiro. Diante dessa realidade, “[...] decidiu-se construir uma tabela da nova área do conhecimento que *apenas listasse as várias especialidades principais a partir de uma lógica única, sem subdivisões por ‘subárea’ e internamente simétrica.*” (DREHER, 2011). Ou seja, a árvore do conhecimento buscou integrar linhas de pesquisa que contemplassem ambas disciplinas. Além disso, articulou-se especificidades equivalentes, garantindo a validade científica de cada uma. Dessa forma, “adotou-se, assim, o mesmo número de especialidades estipuladas a partir da Teologia e Ciência(s) da Religião vistas numa lógica complementar, buscando equivalências e aproximações entre elas.” (DREHER, 2011). Nesse sentido, foram estipuladas oito especificidades, resultando em um quadro horizontal de possibilidades de pesquisa, conjugando os interesses da Teologia e da Ciência da Religião.

Sobre o critério de escolha das especificidades, “buscou-se evitar, no tocante às especialidades (em tese mais próximas) da Teologia, a referência ao cristianismo e a termos já

coloridos por ele.” (DREHER, 2011). O objetivo desse empreendimento era de resguardar a abertura das especialidades. Um exemplo é “Sagradas escrituras”, por não fazer referência a uma determinada tradição, mantém viva a possibilidade para o estudo da diversidade das Teologias e escrituras sagradas existentes.

O autor segue apresentando as definições das disciplinas. Primeiramente sobre o que se compreende por Teologia: “[...] refere-se a um discurso sobre Deus/o divino a partir de uma tradição, independentemente inclusive do fator (opcional) que é a existência de maiores ou menores compromissos existenciais e metodológicos com a mesma.” (DREHER, 2011). O autor apresenta uma característica fundamental para a distinção entre as disciplinas, a saber, o fato de a Teologia operar através de uma determinada tradição. O que difere da Ciências da Religião, enquanto seu olhar não requer uma adesão confessional. A respeito da disciplina Ciência da Religião, Dreher (2011) justifica a adesão pelo termo Ciências, no plural, assumindo que “[...] mesmo para evadir, numa tarefa de construção marcadamente político-institucional, problemas teóricos e terminológicos que estão longe de se resolver, optou-se por assumir “Ciências da Religião” no plural para definir parte do cabeçalho da área – até por causa do maior número de Programas com esta autodenominação.”

Sobre a concepção de ciência Dreher identifica duas possibilidades de compreensão, ou seja, uma primeira que identifica ciência com como um campo de saber específico e outra que admite a possibilidade de uma reunião de saberes em um mesmo espaço. Em seus termos,

[...] cabe destacar por fim que se seguiu um modelo clássico na concepção do que é (ou pode chegar a ser) uma ciência – seja ela entendida como corpo de saber específico, unificado e coeso; como corpo de saber coeso, mas internamente plural e relacional; ou, ainda, como conjunto de saberes independentes que pretendem beneficiar-se de uma possivelmente salutar convivência interdisciplinar. (DREHER, 2011).

De fato, há diversas compreensões de ciência. Uma possível crítica a essa compreensão é o fato de se confundir ciência com disciplina. De fato, é necessário que se assuma a interdisciplinaridade no bojo dos estudos de religião. Não há equívocos em assumir essa perspectiva, além de ser um indicativo da teoria epistemológica da disciplina. Contudo, ao que parece, essa abordagem entendida como “espaço de convivência interdisciplinar” pode inibir a especificidade e disciplinaridade de cada disciplina. Nesse sentido, continua o autor, afirmando sobre a autonomia de cada disciplina, frente a relação dialógica que pode ser empreendida: “Tal modelo parte do princípio de que em geral uma ciência supõe (1) uma visão particular de seu estatuto como ciência e de uma reflexão sobre sua inclusão (ou

relação) com as ciências em geral e outras ciências particulares.” (DREHER, 2011). Assim sendo, cada disciplina, mesmo que posto o conhecimento de forma articulada com outros campos, resguarda sua identidade metodológica e teórica. Para esses questionamentos estaria disponível aos pesquisadores e pesquisadoras a especificidade *epistemologia das Ciências da Religião* e *Teologia fundamental-sistemática*.

Ainda sobre as dimensões epistemológicas, a especificidade *ciências empíricas da religião* e da *história das teologias e religiões*, retoma importância dos estudos empíricos na Teologia e na Ciência da Religião. Segundo Dreher (2011), “a partir daí, e numa relação de retroalimentação crítica, a ciência ou disciplina trata de (2) configurar e escrutinar no concreto seu(s) objeto(s), que sempre tem uma referência empírica, por mais distante que ela seja e por mais variada que seja a avaliação da dimensão empírica do objeto.” A Ciência da Religião, constitutivamente carece de dados sensíveis para desenvolver seu trabalho. Sendo a pesquisa empírica, constituinte imprescindível a produção teórica. Isso também é possível nos estudos teológicos.

O estudo pode também ser de ciência aplicada. Como afirma Dreher, “[...] as ciências podem (ou não) (3) visar aplicações, ponderar sobre repercussões sobre a ação humana buscando ou não intervenção direta na realidade, a partir de sua própria autocompreensão científica. Este é o nível, respectivamente, da *Ciência da Religião aplicada* e da *Teologia prática*.”. A Ciência da Religião não tem caráter normativo. Nesse quesito se difere da Teologia, que comumente assume a tarefa de orientar uma comunidade de fé específica. Na Teologia, a prática se apresenta na pastoral e nas lutas sociais de inspiração religiosa. Contudo, o conhecimento produzido pela Ciência da Religião também tem seu caráter de ciência, uma vez que pode ser usado como contributo para discussões sociais que envolvem a religião. Por exemplo, as discussões que envolvem o direito, gênero, intolerância religiosa, diálogo inter-religioso, etc.

Outras especificidades se dão nas subáreas das *Ciências da Linguagem Religiosa e das Tradições e Escrituras Sagradas*. No caso da Teologia, “exemplos marcantes são o desenvolvimento da Teologia cristã durante a Patrística e na sequência da Reforma.” (DREHER, 2011). Já no caso da Ciência da Religião, cabe sempre recordar que a disciplina nasce sob o viés da filologia comparada. Isso pode ser verificado na obra do primeiro sistematizador da disciplina, Friedrich Max Müller. Dreher reconhece a tradição desse campo do saber, ao afirmar que “[...] pelo lado da(s) Ciência(s) da Religião, os desenvolvimentos exemplificados pela obra de Fr. M. Müller e da Escola da História das Religiões, que por sua

vez tem vastas e comprovadas relações com a Teologia, p. ex. através da sistematização de E. Troeltsch.” (DREHER, 2011).

Apresentadas as linhas gerais que compõem a nova árvore do conhecimento da pretendida área de avaliação a ser nomeada como Ciências da Religião e Teologia, segue um quadro apresentando as características e possibilidade de cada especificidade em sua versão original.

As considerações do autor requerem um esclarecimento. Deve-se ter clareza que área de avaliação não é sinônimo de área de conhecimento. Áreas de avaliação são instâncias burocráticas com finalidade de estabelecer critérios de avaliação do ensino superior no Brasil. Áreas de conhecimento tem caráter disciplinar, implicam um direcionamento epistemológico. Desse modo, não se deve confundir área de avaliação com área de conhecimento, como aponta as reflexões do autor.

As descrições contidas no quadro abaixo, também são de construção pelo Conselho Científico da ANPTECRE sob a coordenação e presidência do Prof. Luis Henrique Dreher. colegiada e de redação do Prof. Luís Henrique Dreher.<sup>111</sup>

### Quadro 3 – Descrição das subáreas da árvore do conhecimento – versão original

<b>Epistemologia das Ciências da Religião</b>	Por “Epistemologias Ciências da Religião” entende-se todo e qualquer esforço de reflexão teórico-metodológica ou metateórica cujo objetivo seja fundamentar a ciência em questão e/ou testar constantemente sua cientificidade com base em resultados derivados de pesquisa empírica em sentido amplo. Mas também pertencem a esta especialidade as variadas reflexões filosóficas sobre o conceito/definição de religião, e eventualmente sobre sua essência e sua verdade, não podendo tais questões serem excluídas aprioristicamente de uma Ciência da Religião minimamente crítica diante do conceito de ciência positivista, que tende a emular as ciências naturais. Aqui não se trata em primeiro lugar de “pensar teoria” no sentido metodológico-funcional, mas de questões de fundo que provavelmente não caibam num conceito muito restrito de ciência. Mesmo assim, as ciências históricas, culturais, sociais tem aqui uma contribuição a dar quando autorreflexivas e interessadas em teoria da religião em geral. A parte sistemática de uma psicologia da religião e certamente de uma fenomenologia da religião também tem aqui seu lugar natural.
<b>Teologia Fundamental-Sistemática</b>	A Teologia fundamental-sistemática alia dois aspectos: aquele da <i>fundamentação e do começo</i> da Teologia, que constitui o discurso sobre suas fontes, normas e métodos ou, por assim dizer, sua “doutrina dos

111 A atual redação da árvore do conhecimento e suas ementas estão disponíveis no documento de área Ciências da Religião e Teologia, através do link: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>

	<p>princípios”; e aquele do <i>desenvolvimento coerente</i> (sistemático), em confronto e/ou complementaridade com a linguagem científica e com o estoque da cultura e do saber contemporâneos. Tradicionalmente, a teologia fundamental-sistemática teve várias funções – por exemplo: exposição do dogma (aspecto querigmático); defesa ou clarificação atualizada das doutrinas religiosas específicas à tradição (aspecto apologético) – e diversos parceiros – notoriamente, mas há tempos não só, a filosofia, que similarmente também buscava construir, de fontes e normas variáveis, sínteses entre <i>Zeitgeist</i> e cognição científica numa perspectiva descritiva mais geral da realidade. Quanto a isso, é sabido inclusive que persiste, e inclusive se renova uma teologia filosófica como disciplina estritamente <i>filosófica</i> ao lado da, ou complementarmente à, filosofia da religião. Discussões bastante livres, porém metodologicamente autoconscientes, sobre Deus/o divino podem, pois, ter aqui seu lugar. Uma Teologia fundamental-sistemática não é, portanto, necessariamente uma Teologia amarrada à tradição. Não é necessariamente uma teologia eclesial, e muito menos uma Teologia “dogmática” no sentido neutro – e, para muitos, ainda nobre – deste termo. Mas pode ser ambas com toda liberdade, sem que desde já haja prejuízo inevitável para a cientificidade da Teologia respectiva ou no geral. No seu conjunto, tais afirmações poderiam muito provavelmente ser endossadas por teólogos ou seus equivalentes de outras tradições que não a cristã.</p>
<b>Ciências Empíricas da Religião</b>	<p>Esta especialidade pode abarcar todas as disciplinas que trabalham diretamente com os fenômenos religiosos no “campo”, independentemente da abrangência que se dê ao termo. Tipicamente, a maior parte das disciplinas “... da religião”, emprestadas de outras ciências constituídas: Sociologia..., Psicologia..., etc. Observe-se que não se trata apenas de disciplinas científico-sociais. Parte da psicologia, a história [das religiões, ou mesmo da(s) Igreja(s)] trabalham com fontes empíricas em sentido amplo, vestígios, documentos, etc., mesmo que não se pautem pelo paradigma de uma “história social”. Neste sentido, também a fenomenologia da religião como descrição pode reivindicar um lugar aqui, assim como boa parte das humanidades desafeitas à especulação.</p>
<b>História Teologias e Religiões</b>	<p>A designação desta especialidade quis evitar o tradicional termo “História da Igreja”. Tampouco é idêntica ao termo “História da Religião”. Esta não é uma disciplina propriamente teológica por evocar o termo “religião” – o qual nem sempre corresponde bem à autocompreensão teológica. Pode cobrir bem o estudo histórico de ideias e doutrinas religiosas (história intelectual), mas também sem prejuízo aos estudos de sua expressão ou arraigamento sociocultural.</p>
<b>Ciência da Religião Aplicada</b>	<p>Esta especialidade pode abarcar discussões sobre religião e espaço público, política, ética, etc. Sem dúvida, toda a discussão teórica e contextual tradicionalmente vinculada à rubrica “tolerância”, e mais atualmente ao “diálogo inter-religioso”, tem aí seu lugar. Estudos sobre “educação religiosa” e âmbitos relacionados também aí se incluem. Também em vista da aplicação (p. ex. criação de subsídios para recepção no âmbito social e político) manteve-se o singular “ciência”,</p>

		pois todas as ciências enquanto aplicadas buscam, em geral, a unidade tendo em vista um consenso prévio quanto a fins.
<b>Teologia Prática</b>		A especialidade em questão tem trajetória científica e aplicação reconhecidas na vida das igrejas cristãs, mas pode ser igualmente, por analogia, assimilada como termo genérico na autocompreensão de outras Teologias ou discursos ligados a tradições religiosas não-cristãs. Estas e seus “teólogos” terão que decidir se subespecialidades como psicologia pastoral, homilética e educação na respectiva tradição lhes são assimiláveis ou não, ou se irão propor outras no futuro.
<b>Ciências da Linguagem Religiosa</b>	da	Aqui cabe a análise e o escrutínio de métodos (p. ex.: exegese, hermenêutica) e fontes para o estudo das religiões em geral ou de uma religião particular, bem como de suas línguas naturais, de seu vocabulário e gramática, etc. Mas também o estudo das relações entre linguagem religiosa e especificamente artístico-literária; ou das relações entre linguagem religiosa e linguagem em geral, seja em base teórica filosófico-analítica, filosófico-hermenêutica ou outra, linguística, semiótica, etc.
<b>Tradições Escrituras Sagradas</b>	e	É notório que na história da teologia, especialmente em seus desenvolvimentos posteriores às Luzes, o estudo exegetico das escrituras cristãs fomentou, dado o advento do método histórico-crítico, um profundo engajamento da teologia com as ciências históricas e filológicas, mas também, progressivamente, com as escrituras de outras tradições religiosas. Isso ocorreu através do estudo comparativo de textos antigos e de relatos míticos, especialmente, mas não só, aqueles acerca das origens/criação. As escrituras das diversas tradições religiosas podem ser lidas de diversas maneiras e partir de diversos métodos, mas configuram um objeto próprio com pretensões que vão além da crônica histórica ou da transmissão de valores literários. Tais estudos podem ser feitos com base em métodos histórico-genéticos ou histórico-comparativos.

Fonte: Documento de área Ciências da Religião e Teologia - CAPES

Na Assembleia extraordinária da ANPTECRE, de 26 de junho de 2013, sobre a proposta da árvore do conhecimento, encontram-se as seguintes informações:

[...] a proposta da árvore do conhecimento aprovada foi acolhida pelo CNPq com a nomenclatura de Ciências da Religião e Teologia. Também ficou definida a nomeação de um membro titular da área Ciências da Religião e Teologia junto ao Comitê de Assessoramento (CA). Agora, aguardar-se-á pelas orientações do CNPq sobre a definição pelo Conselho Deliberativo. (ATA DA ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DA ANPTECRE, 26/12/2013).

Nesse sentido, na mesma ocasião o presidente da ANPTECRE, Flávio Senra, demonstrou certo otimismo com o processo face dos contatos da Associação com a coordenação da área de Filosofia/Teologia na CAPES ao afirmar que “A perspectiva é muito concreta para a confirmação da autonomia, a ocorrer possivelmente após a avaliação trienal, o



que poderia ficar evidenciado no fato de a área ter dois adjuntos, ainda que não oficiais, junto à CAPES, por iniciativa desta.” (ATA DA ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DA ANPTECRE, 26/12/2013). Após as definições que foram apresentadas acima, o CNPq acolheu a árvore do conhecimento.

A Ata da assembleia ordinária da ANPTECRE, ocorrida na PUC SP, em 12 de maio de 2014, encontra-se um panorama da discussão em torno da autonomia da área e da árvore do conhecimento. Em princípio afirma-se que houve uma “Construção colegiada da formulação de uma identidade conceitual e epistemológica. Fomos capazes de formular e delimitar nossa área de conhecimento como ‘Área de Ciências da Religião e Teologia’.” (ANPTECRE, 2014). A construção colegiada reafirma a participação dos Programas de Pós-graduação nas tomadas de decisão. Ademais, percebe-se que a busca pela autonomia das disciplinas, objetivava maior clareza sobre a identidade dos estudos de religião produzidos no país. Através do reconhecimento da história, buscou-se apresentar na nomenclatura da área de avaliação, a relação de proximidade entre as duas disciplinas no Brasil. Nesse sentido,

Esta forma de nomeação da área, que representa muito mais do que um título com o qual se reconhece um determinado campo, expressa uma identidade construída nas tramas da história dos estudos de religião em nosso país. Ela fala do que somos e de como fazemos a interface entre Ciências da Religião e teologia, como marco da contribuição nacional à compreensão da tarefa que realizamos. (ANPTECRE, 2014).

Com essa afirmação a ANPTECRE assume as particularidades do estudo de religião no Brasil. Contudo não se tinha o objetivo de criar uma unicidade entre as disciplinas. O que está em questão é que reconhecidas as especificidades teórico-metodológicas de ambas as disciplinas, é possível uma colaboração interdisciplinar entre ambas. O documento afirma, em diversos momentos, a necessidade de se manter a particularidade de cada disciplina. “Não nos confundimos nem nos reduzimos sob nenhum pretexto. Somos diferentes em nossos propósitos e metas, mas compreendemos que a interdisciplinaridade é o que nos integra em nossas diferenças conceituais e metodológicas.” (ANPTECRE, 2014). A interdisciplinaridade é apontada como possibilidade de diálogo entre as duas disciplinas na futura área de avaliação pretendida. Não se tratava de impor uma nova ordem para as disciplinas, mas reconhecer e sistematizar o caminho que ambas vinham percorrendo. Além disso, assumir o papel criativo que a comunidade acadêmica de homens e mulheres tem sobre a constituição de um campo de saber. Por esse viés, afirma o documento, “que isso não seja confundido com mútua assimilação, confusão de limites teórico-conceituais ou metodológicos, mas projeto de área

composta por diversos atores e sujeitos de conhecimento vem sendo uma conquista importante para celebrarmos neste atual momento.” (ANPTECRE, 2014).

Sobre a construção da árvore do conhecimento, afirma o documento: “a recente árvore do conhecimento não pretende colocar um ponto final, mas define o horizonte e as perspectivas de nossa área no país, respeitada a história e a tradição brasileiras da pesquisa em Ciências da Religião e em Teologia.” (ANPTECRE, 2014). A constituição da árvore do conhecimento também refletia a história de colaboração entre as disciplinas Teologia e Ciências da Religião no país. Como encaminhamento prático o relatório aponta que “Tal árvore precisa ser cultivada, ser um norteamento para nossas ações e pesquisas. Não precisamos esperar pela divulgação da árvore do conhecimento, mas trabalhar pela sua efetivação em nossa área.” (ANPTECRE, 2014). Mais uma vez a necessidade de se colocar em prática as teorias criadas é colocada em questão. Cabia aos/as cientistas da religião e aos/as teólogos/as consolidar a árvore do conhecimento em seus Programas.

#### **4.3 A Área de avaliação 44 – Ciências da Religião e Teologia**

Como foi apresentado acima, as disciplinas Teologia e Ciências da Religião estavam alocadas em uma das subcomissões na área Filosofia/Teologia, conforme a divisão das áreas de avaliação da CAPES. Segundo Stern (2018, p. 76) as “[...] áreas do conhecimento da CAPES foram criadas para proporcionar às instituições de ensino e pesquisa uma forma de sistematizar as informações prestadas sobre seus projetos de pesquisa e recursos humanos.” Com os movimentos da ANPTECRE em prol da autonomia das disciplinas, a CAPES criou uma nova área de avaliação Teologia, desmembrando as disciplinas, através da Portaria CAPES 174/2016, publicada no DOU de 13 de outubro de 2016. Seis meses depois a área foi redesignada a partir da Resolução nº 01, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço/CAPES – Edição Especial nº 1 – abril 2017.

Nesse período de formação e consolidação foram publicados dois documentos de área. O primeiro em 2016 e o segundo em 2019. Na sequência o texto irá percorrer as definições apresentadas nesses documentos a fim de perceber as mudanças ocorridas na autocompreensão e distinção das Ciências da Religião e Teologia.

A seguir serão tratadas as definições apresentadas no documento da Área de avaliação Teologia, de 2016. De início o documento justifica sua compreensão a respeito da nomenclatura da área avaliação.

Não obstante a nomenclatura, a área Teologia se ocupa, em sentido mais amplo, do campo de Estudos da Religião e não exclusivamente de Teologia em sentido estrito. Cabe ressaltar que, ao nomear a área ao longo do presente documento, não se pretende categorizar, conceituar ou reconfigurar o termo Teologia, tampouco desconsiderar as especificidades entre os estudos de Teologia e os de Ciência (s) da (s) Religião (ões). (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 2).

Nesse sentido, o termo Teologia, nesse primeiro documento, se referia ao conjunto de estudos de religião no Brasil, incluindo sobretudo as Ciências da Religião. Conforme o documento, não se tratava de revisitar ou propor uma nova forma de Teologia, mas compreender que enquanto nova área de avaliação e pela proximidade das disciplinas, se usaria o termo em nome de ambas disciplinas. Sobre a configuração da área encontra-se a seguinte definição:

A área Teologia desenvolve investigações que se orientam por abordagem de perfil multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar e abrange cursos de Mestrado Acadêmico, Doutorado e Mestrado Profissional em Ciência (s) da (s) Religião (ões) e em Teologia. A área pode, no entanto, também acolher propostas de cursos com delimitações ainda mais precisas no campo dos Estudos da Religião, segundo recortes teórico-metodológicos específicos, consideradas as subáreas da árvore do conhecimento. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 2).

Partindo dessa definição a Área de avaliação Teologia inclui, também, os Programas de Ciência(s) da(s) Religião (ões). O termo ainda é utilizado com os singulares. Ademais, o documento aponta para o acolhimento de outros campos de Estudos da Religião, desde que conste nas subáreas da árvore do conhecimento. A fim de conhecimento, segue a descrição das subáreas presentes do documento de área de 2016.

#### Quadro 4 – Árvore do conhecimento (2016)

SUBÁREAS	TEMAS CORRELATOS
Ciência da religião aplicada	Religião, religiões, espiritualidades, tradições de sabedoria, ateísmo, agnosticismo, não crentes, não-religiosos, não-afiliados, sem-religião e espaço público, política, ética, saúde, ecologia, culturas; temas associados à diversidade, respeito e tolerância; diálogo inter-religioso; educação e religião.

Ciências da linguagem religiosa	Métodos e fontes para o estudo da (s) religião (ões), espiritualidades, tradições de sabedoria e de suas línguas naturais, de seu vocabulário e gramática; relações entre linguagem religiosa, linguagem artísticoliterária e linguagem em geral.
Ciências empíricas da religião	Fenômenos religiosos, espiritualidades, tradições de sabedoria, ateísmo, agnosticismo, não afiliação religiosa, sem-religião no “campo”; disciplinas “... da religião”, em diálogo com teorias e métodos de outras ciências constituídas: Sociologia..., Antropologia..., Psicologia..., História..., Geografia ..., Fenomenologia... (em sentido descritivo).
Epistemologia das Ciências da religião	Reflexão teórico-metodológica ou metateórica; abordagens filosóficas sobre o conceito/definição de religião ou sua negação; psicologia da religião e fenomenologia da religião (em sentido sistemático).
História das teologias e religiões	Estudo histórico de ideias e doutrinas religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria (história intelectual), de sua (s) expressão (ões) ou arraigamento sociocultural.
Teologia fundamental-sistemática	Fundamentação da Teologia e seu desenvolvimento coerente (sistemático); exposição do dogma (aspecto querigmático); defesa ou clarificação atualizada das doutrinas religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria específicas à tradição (aspecto apologético); Teologia política, Teologia filosófica; filosofia da religião.
Teologia prática	Psicologia pastoral; Teologia e espaço público; homilética; capelania e educação na respectiva tradição.
Tradições e escrituras sagradas	Escrituras sagradas e relatos da tradição oral das diversas tradições religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria.

**Fonte: Documento de área Ciências da Religião e Teologia – CAPES.**

O documento de área também traz reflexões sobre o objeto e abordagens de cada disciplina. No perfil do/a pós-graduando/a, sobre a Teologia, afirma-se:

[...] pesquisa a inteligência da fé, os conteúdos, as doutrinas, as tradições, os textos, as linguagens de tradições específicas, assim como as experiências que o ser humano desenvolve com o que reconhece e professa como sagrado, através do recurso a quaisquer outros saberes colaborativos, a partir da perspectiva interna e em diálogo com as demais ciências, com outras culturas, tradições e religiões, considerada a diversidade de abordagens teórico-metodológicas de escolas e campos

de estudos teológicos. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 9).

O objeto central da Teologia, de acordo com o documento é a inteligência da fé manifesta em seus conteúdos além da experiência dos seres humanos com o sagrado. A partir de uma abordagem interdisciplinar ou pela busca por recursos de outros saberes colaborativos, nas palavras do documento, o/a Teólogo/a desenvolve pesquisas a partir de dentro com abordagens próprias aos seus interesses. Sobre o perfil do egresso dos Programas de pós-graduação objetiva-se que

[...] seja capaz de contribuir para o aprofundamento e expansão da reflexão teológica em geral, bem como na interpretação de textos e linguagens da experiência religiosa de uma tradição, desenvolver cientificamente uma investigação sobre a experiência de fé de um determinado grupo, assessorar e formar especialistas e não especialistas de uma dada tradição espiritual, contribuir para a tradução dos conteúdos morais e religiosos dessa tradição para sua cultura, seu tempo e o espaço público, além de ser capaz de desenvolver uma teologia da práxis. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 9).

Esperava-se do docente a contribuição tanto do pensamento teológico em geral, quanto da reflexão a partir de sua própria tradição. Além disso, aponta a necessidade de traduzir os saberes morais e religiosos para o público externo a academia. Por fim, aponta para uma Teologia prática como forma de enraizamento do discurso nas comunidades. Ademais, “Seu trabalho orientar-se-á pela caracterização simbólica dos conteúdos religiosos (de textos sagrados ou tradicionais), como também pelo desvendamento de conteúdos racionais presentes em narrativas míticas e em diferentes formas de expressão religiosa.” (CAPES, 2016, p. 9)

Sobre a empregabilidade e competências do/a pós-graduando/a em Teologia sublinha o documento, que o/a Teólogo/a está apto a ser pesquisador/a ou docente. Além disso, prestar assessoria, mediação ou consultoria a partir da tradição no qual se especializou. Em suas palavras, o/a pós-graduando/a,

[...] deve estar preparado/a para atuar como pesquisador/a, como docente e como analista dos saberes e habilidades acima descritos, atuar na formação de docentes para a educação básica e/ou de nível superior, além de ser capaz de atuar como profissional especializado, consultor/a, assessor/a e/ou mediador/a em questões relacionadas à religião de que é especialista no espaço público. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 9).

Apresentadas as características, perfil do egresso e competências do/a pós-graduando/a em Teologia, segue-se a caracterização do/a pós-graduado/a em Ciências da Religião. Segundo o documento, o/a cientista da religião,

pesquisa o fato religioso, a experiência religiosa, os fenômenos, as experiências, os conteúdos, as expressões, os textos, as tradições, as linguagens, as culturas religiosas e as tradições de sabedoria, considerados em perspectiva externa, em diálogo com outros saberes acadêmico-científicos, com ênfase em investigações de natureza qualitativa e quantitativa, podendo também ser de natureza teórica ou aplicada, a partir de abordagens teórico-metodológicas próprias das escolas que constituem o campo de estudos da(s) religião(ões), suas subáreas e disciplinas auxiliares. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 9).

A principal marca do/a cientista da religião, de acordo com o documento de área, é a pesquisa do fato religioso a partir de uma perspectiva externa. Em diálogo com outros saberes, a partir da pesquisa qualitativa e quantitativa de natureza teórica e aplicada, o/a cientista da religião desenvolve pesquisa de acordo com abordagens teórico-metodológicas próprias, atendo-se ao horizonte disponibilizado pelas subáreas da árvore do conhecimento. Sobre o perfil do egresso, considera-se que ele/ela, “[...] seja capaz de, enquanto pesquisador/a e/ou docente, analisar o fato religioso, os fenômenos religiosos e/ou as linguagens religiosas, desenvolvendo aproximações históricas e comparativas, sistemáticas e hermenêuticas das práticas e experiências religiosas humanas e das suas instituições sociais.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 9). Aqui aparecem as abordagens clássicas da disciplina enquanto abordagens históricas e sistemáticas.

Referindo-se ao campo de trabalho do/a cientista da religião, o documento compreende que o/a pós-graduando

[...] deve estar preparado para atuar como pesquisador/a, como docente e/ou como analista dos saberes e conhecimentos sobre/das práticas religiosas de uma ou de várias tradições, atuar na formação de docentes para a educação básica e/ou de nível superior, além de ser capaz de atuar como profissional especializado, consultor/a, assessor/a e/ou mediador/a em questões relacionadas à religião no espaço público. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 10).

Se o/a pós-graduado da Teologia estava apto a trabalhar a partir de uma tradição específica, o/a pós-graduado/a das Ciências da Religião está apto a desenvolver pesquisa, consultoria, assessoria etc. sobre uma ou várias tradições. Além disso, a educação básica surge também como possibilidade.

Em 2019, a área de avaliação é redesignada como Ciências da Religião e Teologia, conforme já havia sido votado no âmbito da associação. O documento a seguir foi apresentado a comunidade em 2019. A primeira mudança que se pode perceber é na árvore do

conhecimento. Segue abaixo as subáreas e temas correlatos da última revisão da árvore do conhecimento de 2019.

**Quadro 5 – Árvore do conhecimento (2019)**

SUBÁREA	TEMAS CORRELATOS	SUBÁREAS	TEMAS CORRELATOS
Epistemologia das Ciências da Religião	Reflexão teórico-metodológica ou metateórica; abordagens filosóficas sobre o conceito/definição de religião ou sua negação; psicologia da religião e fenomenologia da religião – em sentido sistemático.	Teologia Fundamental-Sistemática	Fundamentação da Teologia e seu desenvolvimento coerente (sistemático); exposição do dogma (aspecto querigmático); defesa ou clarificação atualizada das doutrinas religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria específicas à tradição (aspecto apologético); teologia política, teologia filosófica; filosofia da religião.
Ciências Empíricas da Religião	Fenômenos religiosos, espiritualidades, tradições de sabedoria ou filosofias de vida no “campo”; disciplinas “... da religião”, em diálogo com teorias e métodos de outras ciências constituídas: Sociologia..., Antropologia..., Psicologia..., História..., Geografia ..., Fenomenologia.... – em sentido descritivo.	História das Teologias e Religiões	Estudo histórico de ideias e doutrinas religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria (história intelectual), de sua(s) expressão(ões) ou arraigamento sociocultural.
Ciência da Religião Aplicada	Religião e espaço público, política, ética, saúde, ecologia, culturas; temas associados à diversidade, respeito e tolerância; diálogo inter-religioso; educação e religião.	Teologia Prática	Psicologia pastoral, Teologia e saúde, ecoteologia, fé e política, homilética, relação entre Teologia/culto/práxis, missão e inculturação, inclusão e direitos humanos, Teologia e sociedade, ação, experiência e conhecimento prático, educação na respectiva tradição.
Ciências da Linguagem Religiosa	Métodos e fontes para o estudo das religiões, espiritualidades ou tradições de sabedoria, de suas	Tradições e Escrituras sagradas	Escrituras sagradas e relatos da tradição oral das diversas tradições

línguas naturais, de seu vocabulário e gramática; relações entre linguagem religiosa, linguagem artístico-literária e linguagem em geral	religiosas, espiritualidades, tradições de sabedoria.
--	---

Fonte: Documento de área Ciências da Religião e Teologia - CAPES.

A definição da área sofre algumas alterações. Enquanto a primeira apresentava o acolhimento de pesquisa no âmbito dos Estudos de Religião, a segunda faz uma adesão clara a Ciências da Religião e Teologia. Em seus termos,

A Área desenvolve investigações que se orientam por abordagem de perfil multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar e abrange cursos de Mestrado e Doutorado nas modalidades acadêmica e profissional em Ciências da Religião e Teologia, com denominações segundo os princípios teórico-metodológicos atinentes às duas principais disciplinas que a compõem. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 3).

Sobre o objeto de pesquisa do/a cientista da religião é incorporado as pesquisas em “[...] narrativas orais [...]” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019). Além disso, apresenta-se um importante constitutivo da disciplina: “[...] de perfil não normativo [...]” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 4). Esse perfil diz respeito, ao constitutivo da disciplina em não produzir um conhecimento que tenha como objetivo orientar uma tradição específica. O perfil do egresso de cursos de pós-graduação em Ciências da Religião permanece o mesmo de 2016. Do mesmo modo, as possibilidades de atuação profissional.

No âmbito da Teologia, há uma mudança significativa quanto ao objeto de pesquisa. Na definição apresentada pelo documento de 2019, o termo criticamente é incluído na abordagem do objeto de pesquisa. Nesse sentido, nas palavras do texto, o/a pós-graduando pesquisa “criticamente a inteligência da fé [...]” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 4). Outra mudança é percebida no trecho onde se encontram os conteúdos da pesquisa teológica. Após a indicação de pesquisa em textos, é incluído “reconhecidos como sagrados” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 4). Ao que parece, tanto o primeiro caso quanto o segundo indicam para o desejo de se definir a Teologia a partir de uma abordagem mais científica. Nesse sentido, as novas definições buscam validar a cientificidade dos estudos teológicos. O perfil do egresso de cursos de pós-graduação em Teologia se mantém. Sobre a caracterização do trabalho do/a



Teólogo/a, sobre o conhecimento que por ele/a é produzido, acrescenta: “[...] tornando-se possibilidade para emissão de um discurso em diálogo com o mundo.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 5). Desse modo, o/a Teólogo/a é convidado a produzir um discurso que não se abstraia do mundo, mas em diálogo favoreça a compreensão da inteligência da fé de uma tradição específica. O campo de trabalho do/a Teólogo também permanece o mesmo.

O documento de 2019 traz importantes considerações sobre a compreensão de interdisciplinaridade. Segundo o documento, “A interdisciplinaridade é uma característica constitutiva da área de Ciências da Religião e Teologia. A própria área de avaliação é composta por duas disciplinas distintas.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 7). A princípio a interdisciplinaridade é apresentada como característica da área de avaliação, uma vez que ela é composta por duas disciplinas. Porém, não se deve confundir interdisciplinaridade enquanto constitutivo epistemológico com a união de duas disciplinas em uma área de avaliação. A interdisciplinaridade vai além do diálogo estritamente entre Teologia e Ciências da Religião. Nesse sentido, “[...] cada uma dessas duas disciplinas se constitui como campo em que o diálogo com outras disciplinas e áreas de conhecimento é imprescindível ao seu desenvolvimento teórico-metodológico.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 7). Por serem disciplinas, asseguram sua autonomia, que mesmo ao se dispor ao diálogo permanece particular e enriquecida com as contribuições de outras áreas. Ainda sobre a especificidade de cada disciplina, afirma o documento:

Quanto ao trabalho interdisciplinar entre as duas principais disciplinas que a constituem, observa-se que a área deve manter e aprofundar o debate teórico-metodológico que tenha por objetivo garantir as especificidades epistemológicas de cada uma delas, evitando sobreposições e submissões de qualquer tipo quanto ao que concerne a metodologias e objetos próprios em cada caso. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 7-8).

O documento estimula o debate em torno da epistemologia própria de cada ciência. A aproximação das disciplinas em uma área de avaliação não significa unidade teórica e metodológica. O que existe é possibilidade de diálogo entre Teologia e Ciências da Religião, enquanto são disciplinas que operam de modo interdisciplinar. Nesse sentido, deve-se ater “[...] especialmente naquilo em que abordagens teológicas e de ciência(s) da(s) religião(ões) possam vir a colaborar mutuamente na melhor compreensão dos seus objetos e no

desenvolvimento da pesquisa e colaboração da área com a sociedade.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2016, p. 8).

A interdisciplinaridade também é refletida na constituição da árvore do conhecimento. Dessa forma, “[...] as oito subáreas da área, considerados os seus temas correlatos, exigem uma pesquisa de perfil interdisciplinar. São disciplinas de áreas afins, com as quais, preferencialmente, se estabelece uma relação multi/inter/transdisciplinar na área, aquelas originárias das grandes áreas das Humanidades.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 8). A proposta da árvore do conhecimento indica subáreas onde diversas disciplinas se interagem. O dado religioso, seja ele abordado pela Teologia ou pela Ciência da Religião requer a contribuição de diversos campos do saber a fim de se produzir um conhecimento dialógico que leve em consideração sua complexidade.

Em perspectiva prática o documento oferece encaminhamentos para a efetivação tanto da interdisciplinaridade quanto da especificidade de cada disciplina: 1) A recomendação de corpo docente diverso e equilibrado, “[...] consideradas a área de formação da maior titulação e/ou a experiência acadêmica expressa na produção intelectual aderente à(s) área(s) de concentração do Programa.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 8); 2) A articulação interna dos Programas “[...] devem explicitar a abordagem específica bem como o caráter multi/inter/transdisciplinar de seus conteúdos, teorias e métodos.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 8).

Outro aspecto importante a ser considerado é a convocação do documento a uma definição da disciplina. Em suas palavras, “Definição clara e precisa do perfil teórico-metodológico que orienta a disciplina básica que caracteriza o Programa [seja PPG de Teologia ou PPG de Ciência(s) da(s) Religião(ões)] e seu impacto na definição do perfil do egresso;” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019, p. 9). O exercício de definição ocasiona a autorreflexão dos Programas a respeito de sua identidade. A consciência epistemológica poderá evitar enganos e sobreposições no que se refere a especificidade da disciplina que orienta o Programa. Além disso, oferece aos discentes e docentes um horizonte teórico delimitado sobre o trabalho possível de ser realizado no Programa.

#### *4.4 Produção bibliográfica*

O objetivo do presente item neste capítulo é revisar a bibliografia publicada no Brasil referente as discussões epistemológicas da disciplina. Nesse sentido, busca-se apresentar livros e artigos que vem contribuindo com o processo de consolidação do estatuto epistemológico da disciplina no país.

**Quadro 6 – Publicações de livros sobre o tema da Epistemologia da Ciência da Religião.**

LIVRO – TÍTULO	AUTOR(A)	ANO
<i>As ciências das Religiões</i>	Giovanni Filoramo e Carlo Prandi	1999
<i>A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil</i>	Faustino Teixeira, Frank Usarski, Antônio Gouvêa Mendonça, Marcelo Ayres Camurça, Otávio Velho e Eduardo Gross.	2001
<i>O que é Ciência da Religião (2005)</i>	Hans-Jurgen Greschat	2005
<i>Constituintes da Ciência da Religião – Cinco temas em prol de uma disciplina autônoma</i>	Frank Usarski	2006
<i>O espectro disciplinar das Ciências da Religião</i>	Frank Usarski	2007
<i>Ciências Sociais e Ciências da Religião – Polêmicas e interlocuções</i>	Marcelo Camurça	2008
<i>Uma teoria da Religião</i>	Rodney Stark e William Sims Bainbridge	2008
<i>Teologia e Ciências da Religião – A caminho da maioria acadêmica no Brasil</i>	Eduardo R. da Cruz e Geraldo de Mori	2011
<i>História das Religiões – Perspectiva histórico-comparativa (2013) indica a constituição e metodologia do ramo empírico de análise dos fenômenos religiosos</i>	Adone Agnolin	2013
<i>Compêndio de Ciências da Religião</i>	Vários	2013
<i>A dimensão teórica dos Estudos de Religião</i>	Manoel Ribeiro de Moraes Júnior e Emerson José Sena da Silveira	
<i>A Ciência das Religiões: história, historiografia, problemas e métodos</i>	Julien Ries	2019
<i>Como estudar as Religiões: metodologias e estratégias</i>	Emerson José Sena da Silveira (Org)	2018
<i>Introdução à epistemologia do fenômeno religioso – interface entre Ciências da Religião e Teologia</i>	Alex Villas Boas	2020

<i>A epistemologia das Ciências da Religião: Pressupostos, questões e desafios</i>	Flávio Senra, Fabiano Victor Campos e Tatiane Almeida	2020
<i>Introdução a Ciência da Religião</i>	F. Max Müller	2020

Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira obra de relevância foi *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*, organizada por Faustino Teixeira, a partir das discussões apresentadas no Seminário organizado em 2000, pelo PPCIR, na UFJF e publicada em 2001. A obra ganha notória importância por reunir um grupo de pesquisadores que estiveram presentes nos primeiros anos da Ciência da Religião no Brasil. Além disso, a obra sistematiza as problemáticas em torno da identidade da disciplina e aponta caminhos para sua expansão. Os debates reunidos em dez capítulos, retomam as reflexões desenvolvidos no seminário da ANPTER de 1999.<sup>112</sup>

Outra grande contribuição para o tema foi a tradução da obra *O que é Ciência da Religião* (2005), de autoria do alemão Hans-Jurgen Greschat, traduzida por Frank Usarski. A obra apresenta uma detalhada metodologia de pesquisa em Ciência da Religião, discussões a respeito da especificidade e possibilidades do objeto de pesquisa da disciplina, além de evidenciar a divisão clássica da disciplina em abordagem histórica e sistemática. A obra é o primeiro livro a apresentar uma discussão a respeito da identidade própria da disciplina.

*Constituintes da Ciência da Religião – Cinco temas em prol de uma disciplina autônoma* (2006), de Frank Usarski, também se torna para as pesquisas epistemológicas da Ciência da Religião, importante suporte teórico e orientação na formulação do status institucional da disciplina. Em cinco artigos o autor aborda questões referentes a história da institucionalização da disciplina na Europa, o problema da Fenomenologia como método para a Ciência da Religião, questões sobre mudanças de paradigmas na Ciência da Religião na Alemanha e por fim, abordagens que vão de encontro a influência da disciplina no meio no qual ela está inserida.

Em 2008, o livro *Ciências Sociais e Ciências da Religião - Polêmicas e interlocuções*, de Marcelo Camurça, abre a reflexão concernente ao caráter interdisciplinar da Ciência da Religião no Brasil. O autor aponta para a necessidade de se alcançar clareza nas relações entre Ciência da Religião e Teologia e Ciência da Religião e Ciências Sociais. Marcelo Camurça apresenta os debates clássicos da disciplina como objeto, pluralidade de termos para a disciplina, fundamenta os ramos da disciplina a partir de Joachim Wach e por fim, apresenta

---

<sup>112</sup> Nos capítulos da obra encontram-se os seguintes autores: Faustino Teixeira, Frank Usarski, Antônio Gouvêa Mendonça, Marcelo Ayres Camurça, Otávio Velho e Eduardo Gross.

uma discussão referente a antropologia de religião e suas contribuições para a Ciência da Religião.

Em 2007, foi publicada *O espectro disciplinar das Ciências da Religião*, obra organizada por Frank Usarski, que apresenta as possibilidades de disciplinas que contribuem para uma visão dialogal e articulado das manifestações da religião. No livro, diversos autores e autoras apresentam teorias da religião a partir de uma disciplina específica. Nesse sentido, a obra reúne discussões de caráter psicológico, histórico, sociológico, antropológico, estético, geográfico etc.

A obra de Rodney Stark e William Sims Bainbridge, *Uma teoria da Religião* (2008), traduzida por Rodrigo Inácio Sá Menezes, Rodrigo Wolff Apollini e Frank Usarski, problematiza o objeto religião indicando os caminhos para uma escolha e análise científica desse campo. A obra sistematiza o fenômeno religioso em geral e apresenta cada uma dessas constituições amparadas por autores que se consagraram no campo dos estudos da religião.

O debate sobre as aproximações e distanciamentos da Teologia e Ciência da Religião pode ser verificado no livro organizado por Eduardo R. da Cruz e Geraldo de Mori, intitulado *Teologia e Ciências da Religião – A caminho da maioria acadêmica no Brasil* (2011).

Sobre as abordagens próprias da disciplina, a tradução do livro de Adone Agnolin, *História das Religiões – Perspectiva histórico-comparativa* (2013) indica a constituição e metodologia do ramo empírico de análise dos fenômenos religiosos.

Ainda no intento de assegurar os ramos da Ciência da Religião o Livro de Klaus Hock, *Introdução à Ciência da Religião* publicada em 2010 é mais uma obra de um autor internacional sobre autonomia da disciplina. Em seu livro, o autor apresenta as tarefas da disciplina, explora as abordagens empírica e sistemática e, por fim, apresenta um panorama das disciplinas que contribuem para a compreensão da religião.

A publicação do *Compêndio de Ciências da Religião* (2013) representa um marco de consolidação do estudo epistemológico da área no Brasil. A obra reuniu diversos pesquisadores interessados no debate epistemológico a fim de oferecer a discussão um profundo estudo sobre o que constitui a abrangência da pesquisa em Ciências da Religião. A corrente de pesquisa italiana foi conhecida no país através da obra *As ciências das Religiões*, de Giovanni Filoramo e Carlos Prandi em 1999. Duas recentes publicações contribuem para a afirmação e metodologia da disciplina: *A Ciência das Religiões: história, historiografia, problemas e métodos*, (2019) de Julien Ries e *Como estudar as Religiões: metodologias e estratégias* (2018) livro de Emerson José Sena da Silveira.

Outra contribuição importante se dá no âmbito da produção de teses e dissertações.

**Quadro 7 – Teses e dissertações sobre Epistemologia da Ciência da Religião**

TESE/ DISSERTAÇÃO/	INSTITUIÇÃO	AUTOR	ANO
<i>Estatuto Epistemológico da “Ciências da Religião” - Dissertação</i>	<i>PUC SP</i>	Eulálio Avelino Pereira Figueira	1993
<i>Ciência da Religião: contribuição à sua definição, delimitação e autonomia - Tese</i>	<i>UMESP</i>	Afrânio Patrocínio de Andrade	2000
<i>A(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões): no alvorecer de um novo paradigma – Tese</i>	<i>UMESP</i>	Márcio Zacarias Lara	2003
<i>Reconstrução do processo de formação e desenvolvimento da área de estudos de religião nas Ciências Sociais brasileiras – Tese</i>	<i>UFRGS</i>	Sonia Elizabeth Reyes Herrera	2004
<i>A Ciência da Religião na Torre de Marfim? Uma análise sobre a significância da área, do ponto de vista de mestres e doutores da PUC SP – Dissertação</i>	<i>PUC SP</i>	Gilmar Gonçalves da Costa	2012
<i>Reflexões interdisciplinares sobre a pesquisa acadêmica em Ciências da Religião no Brasil - Dissertação</i>	<i>Mackenzie</i>	Roseli Pereira Corrêa de Lima e Moura	2013
<i>Ciência da Religião aplicada como terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional – Tese</i>	<i>PUC SP</i>	Matheus Oliva da Costa	2019
<i>Ciências da Religião no Brasil: debate epistemológico a partir do estudo religiográfico da produção docente nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil – Tese</i>	<i>PUC Minas</i>	Maurílio Ribeiro da Silva	2021

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos dos sites dos Programas (2021).

A produção bibliográfica sobre epistemologia das Ciências da Religião, tem avançado também na publicação de artigos em periódicos da área. Maurílio Ribeiro em sua tese

intitulada *CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NO BRASIL: debate epistemológico a partir do estudo bibliográfico da produção docente nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil* (2020), apresenta um estudo sobre o perfil do debate epistemológico das Ciências da Religião a partir da produção docente sobre o tema de 2000 a 2016. Em seu trabalho o autor elege 10 eixos temáticos que versam sobre o debate epistemológico. Para esse estudo, foram escolhidos três, a saber, 1) Epistemologia; 2) Metodologia e 3) Interdisciplinaridade. A seguir serão apresentados os artigos e capítulos de livro elencados por Maurílio Ribeiro, bem como algumas outras contribuições que fugiam do recorte estabelecido pelo autor. O objetivo desse estudo é apresentar um panorama das publicações sobre epistemologia, reconhecendo a importância desses trabalhos para o processo de formação do estatuto epistemológico das Ciências da Religião.

#### Quadro 8 – Produção sobre epistemologia da Ciência da Religião

<b>EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO</b>	<b>AUTOR(A)</b>	<b>ANO</b>
Epistemologias da religião e relações de religiosidade	Clóvis Ecco	2017
A geometria e alquimia: uma introdução à epistemologia na área das Ciências da Religião	Suelma de Souza Moraes	2016
Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião - publicado no Compêndio de Ciências da Religião	Eduardo Rodrigues Cruz	2013
Conhecimento sobre religião, Ciência da Religião e Ensino Religioso	Eduardo Gross	2014
Encruzilhada dos estudos de religião no Brasil	Gilbraz de Souza Aragão	2015
Faces das Ciências da Religião - publicado no livro Enfoques sobre religião	Douglas Rodrigues da Conceição	2014
A(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) e seus paradigmas	Glauco Barsalini	2016
Ciências da Religião e Ensino Religioso: o desafio histórico da formação docente de uma área de conhecimento	Paulo Agostinho Nogueira Baptista	2015
As Ciências da religião numa perspectiva intercultural. A percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha	Hermann Brand	2006
Ciência(s) da(s) Religião(ões) publicado no Compêndio de Ensino Religioso	Frederico Pieper Pires	2017
Ciência da Religião no Brasil: ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte prático de atuação	Omar Lucas Perroux Fortes de Sales e Clóvis Ecco	2018
Epistemologia do Objeto de Estudo e Pesquisa das Ciências da Religião (Um Estudo de Caso)	Antonio Maspoli de Araujo Gomes e Cátia Cilene Lima Rodrigues	2012
Falar de novo da Ciência da Religião...	João Décio Passos	2017

Les Sciences Religieuses: um olhar a partir do Brasil para o campo de estudo das ciências da religião na França	Marcelo Camurça	2011
Ciências da Religião: de que mesmo estamos falando?	Antônio Gouvêa Mendonça	2004
Obstáculos à construção da ciência da Religião	João Décio Passos	2020
Por uma antropologia das crenças dos pesquisadores de crenças: a produção do conhecimento acadêmico sobre a religião no Brasil	Waldney de Souza Rodrigues Costa	2014
Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos	Arnaldo Érico Huff Júnior e Rodrigo Portella	2012
Reflexos no espelho: reflexão sobre as Ciência(s) da(s) Religião(ões) nos Programas de Pós-graduação brasileiros	Rodrigo Portella	2011
A Ciência da Religião no Brasil: teses sobre sua constituição e seus desafios	Eduardo Gross	2012
Epistemologia da Ciência da Religião: elementos para uma visão deflacionária	Eduardo Rodrigues Cruz	2018
A religião em cena: perspectivas de investigação	Douglas Rodrigues da Conceição	2011
A Teoria do Pensamento Complexo como aporte a discussão epistemológica dos estudos de Religião	Adriel Moreira Barbosa	2018
Breves notas sobre o Estudo de Religiões Seculares, com menção ao caso das Ciências Naturais	Eduardo Rodrigues da Cruz	2015
Ciência da Religião, academia e secularização	Humberto Araujo Quaglio de Souza	2019
Ciência e confessionalidade: condição possível para a construção da Ciência da Religião	Antônio de Oliveira Siqueira	2019
Considerações Teóricas em Torno do Reduccionismo Funcionalista em Ciências da Religião	Paulo Gonçalves Silva Filho	2004
Revisitando dois paradigmas na Ciência da Religião	Eduardo Rodrigues da Cruz	2019
Paradigmas do estudo da religião: as contribuições de Jean Greisch	Geraldo Luiz De Mori	2019
Ciências da Religião e Teologia como área autônoma: reconfiguração do debate epistemológico, novos desafios e perspectivas para a o estudo das (não) religiões e da(s) espiritualidades	Dilaine Sampaio	2019

Fonte: Periódicos da área

### Quadro 9 – Produção sobre metodologia da Ciência da Religião

<b>METODOLOGIA</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>
Uma metodologia para as Ciências da Religião? Impasses metodológicos e novas possibilidades hermenêuticas.	Emerson José Sena da Silveira	2016
Estudos da religião, discrepâncias metodológicas e contribuições weberianas Impasses e tendências na	Emerson José Sena da Silveira	2013



modernidade globalizada		
Apresentação: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil, publicado no livro A Polissemia do Sagrado: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil	Emerson José Sena da Silveira	2015
Teoria(s) e método(s) em Ciências da(s) Religião(ões)? Notas antropológicas sobre caminhos possíveis, publicado no livro (Re)conhecendo o Sagrado. Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades	Emerson José Sena da Silveira	2013
Dimensão Teórica dos Estudos da Religião Horizontes Histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião	Manoel Ribeiro de Moraes Júnior	2017
Objeto de Estudo publicado no livro Compêndio do ensino religioso	Manoel Ribeiro de Moraes Júnior	2013
A dimensão teórica das Ciências da Religião. Uma discussão preliminar	Manoel Ribeiro de Moraes Júnior.	2015
A epistemologia e o método científico de Goethe	Humberto Schubert Coelho	2009
A Filosofia Semântica e o Problema Insider/Outsider	Steven Engler e Mark Q. Gardiner	2010
Ateísmo metodológico vs agnosticismo metodológico	Matt Sheedy	2016
Contribuições hermenêuticas à epistemologia das Ciências da religião	Danilo Mendes	2020
Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso	Kenner Roger Cazotto Terra	2018
Entre questionamentos, procedimentos Teórico-metodológicos e particularidades do pesquisador: o caráter aproximativo do conhecimento	Danielle Ventura de Lima Pinheiro	2018
Etnografando um grupo religioso inclusivo: reflexões metodológicas e o ser afetado	Arielson Teixeira do Carmo	2019
Metodologias desenvolvidas pela genealogia intelectual da ciência da religião	Fábio L. Stern e Matheus Oliva da Costa	2017
Metodologia em Ciência da Religião	Fábio L. Stern	2020
Fenomenologia	James V. Spickard	2014
Hermenêutica	Ingvild Sælid Gilhus	2016
Integração metodológica na Ciência da Religião	Michael Pye	2017
A natureza e o lugar da teoria no estudo da(s) religião(ões)	Steven Engler	2019
Métodos Espaciais	Kim Knott	2016
Grounded Theory e Ciência da Religião em um potencial uso metodológico	Nestor Figueiredo	2020
O método comparativo	Raffaele Pettazzoni	2016
Pesquisa de Campo: Observação Participante	Graham Harvey	2017
Pesquisa quantitativa no campo religioso: reflexões ulteriores sobre a experiência de participação de um grupo acadêmico de estudos da religião em duas pesquisas quantitativas	Alexandre A. Cardoso, Cláudio Antônio C. Leite e Rita de Fátima A. Nogueira	2002
Planejamento de pesquisas	Wade Clark Roof	2015

Problemas metodológicos em Ciências da Religião: uma estranha familiaridade	Mailson Fernandes Cabral de Souza	2018
A Ciência da Religião como disciplina auxiliar da Teologia das Religiões	Frank Usarski	2014
Ciência da Religião e Teologia publicado no Compêndio de Ciências da Religião	Faustino Luiz Couto Teixeira	2013
Comentário sobre o diálogo entre Ciências da Religião e Teologia publicado no livro Para onde vão os estudos da religião no Brasil?	Alberto da Silva Moreira	2014

Fonte: Periódicos da área

#### Quadro 10 – Produção sobre interdisciplinaridade em Ciência da Religião

<b>INTERDISCIPLINARIDADE</b>	<b>AUTOR/A</b>	<b>ANO</b>
Interdisciplinaridade e estudos da religião: um panorama da formação acadêmica dos docentes dos Programas de Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil	Breno Martins Campos e Walter Ferreira Salles	2016
A interdisciplinaridade como constituinte metodológica da Ciência(s) da(s) Religião(ões)	Clarissa de Franco e José Altran	2015
Disciplinaridade e interdisciplinaridade em Ciências da Religião	Tatiane Almeida e Flávio Senra	2021
Perspectiva interdisciplinar da Teologia no Brasil: O debate epistemológico da Área de Ciências da Religião e Teologia	Alex Villas Boas	2018
Disciplinaridade e Interdisciplinaridade: um debate contemporâneo para as Ciências da Religião publicado no livro Epistemologia das Ciências da Religião: pressupostos, questões e desafios.	Tatiane Aparecida de Almeida	2020

Fonte: Periódicos da área

O debate sobre a constituição epistemológica da Ciência da Religião tem crescido consideravelmente. As traduções de obras clássicas se apresentam como uma mudança de paradigma da disciplina no país. Diversos pesquisadores e pesquisadoras têm se empenhado a ampliar e estimular o debate, ora oferecendo diagnósticos sobre a situação da disciplina no país, ora apresentando questões clássicas da epistemologia dos estudos de religião. Diante disso, se faz necessário que esse debate seja assumido nos Programas de Pós-graduação e graduação. Já se pode afirmar que, o material produzido e publicado no Brasil já oferece uma fundamentação consistente sobre a disciplina. Cabe, agora, aos pesquisadores/as acessá-los e colocá-los em prática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto pode-se concluir que, as abordagens de Friedrich Max Müller, Cornelis Petrus Tiele, Chantepie de la Saussaye e Joachim Wach permanecem enquanto horizonte de investigação epistemológica da Ciência da Religião. De modo geral, de acordo com esses autores, a tarefa da disciplina é investigar os dados empíricos da Religião a partir de duas abordagens, a saber, a empírica e a sistemática. Entende-se por abordagem empírica a empreitada de investigar as particularidades dos dados religiosos, a partir da coleta e descrição de dados dispostos pelas tradições religiosas em suas múltiplas formas. Por abordagem sistemática, compreende-se a tarefa de comparar e classificar os dados religiosos, gerando as teorias. Os autores apresentam a necessidade da disciplina de estabelecer diálogo com outros campos do saber. Não se trata de anular a autonomia da Ciência da Religião, mas de reconhecer que a complexidade dos dados religiosos requer análises que levem em consideração suas diversas faces.

Toda disciplina nasce sob influência de um determinado contexto. As definições do perfil teórico-metodológico da Ciência da Religião, produzidas no final do século XIX e início do século XX respondiam questões relativas a um contexto específico de religião e de cientificidade. As teorias clássicas servem enquanto horizonte, não como finalidade. Se faz necessário assumir a historicidade do empreendimento epistemológico. E nesse sentido, é preciso revisitar essas teorias da epistemologia clássica da Ciência da Religião de modo crítico e qualificado. Na academia brasileira, a recepção desses textos implica uma revisão considerando as particularidades do desenvolvimento da disciplina no país, a autonomia criativa dos/as novos/as cientistas da religião e as necessidades postas pelo objeto.

Atendo-se a história da Ciência da Religião no Brasil observa-se uma estreita relação da disciplina com a Teologia. Nos três primeiros movimentos em prol da implantação da Ciência da Religião, seja enquanto Curso de licenciatura ou pós-graduação, o desejo inicial parte de meios e personagens ligadas à instituição religiosa. Nesse primeiro momento a especialmente a Teologia da Libertação orienta os temas e os métodos.

A proximidade com a Teologia é fator determinante para a configuração do perfil teórico metodológico da Ciência da Religião no Brasil. Constatou-se que os docentes estariam mais guiados por seus vínculos com o objeto e menos com o perfil teórico metodológico da disciplina. Ou seja, na formação inicial da disciplina os objetos de interesses dos pesquisadores/as ditavam os contornos epistemológicos da disciplina. Desse modo, não há nesse período uma primazia da teoria, ou seja, a disciplina se forma de acordo com as

necessidades de um objeto específico – a teologia católica. Observa-se que o interesse pelo objeto antecede e se sobrepõe à delimitação disciplinar. Isso pode ser verificado nas justificativas dos projetos e nas grades curriculares.

Após os primeiros anos da disciplina as reflexões sobre seu estatuto epistemológico já estavam avançadas. Contudo, a afirmação teórica desse estatuto não era sinônimo de consolidação na prática. Ao que parece, a clareza sobre as bases epistemológicas da disciplina advém como resposta as implicações por parte de instâncias reguladoras do ensino. Mesmo havendo reflexão sobre o tema, a prática ainda se distanciava do perfil europeu da disciplina.

No período inicial da disciplina é inegável a influência da Teologia sobre o perfil teórico-metodológico da disciplina. Porém, a partir da pesquisa documental fica evidente que os/as teólogos/as – que fomentaram os primeiros projetos – também desejavam rever o estatuto epistemológico da Teologia, de acordo com os novos movimentos da Igreja e da sociedade. Nesse sentido, o termo Ciência da Religião foi usado como suporte de revisão epistemológica. O termo passa a incorporar uma frente progressista da Teologia, que buscava aproximar as reflexões teológicas das ciências sociais. Além disso, a Ciência da Religião é vista como possibilidade de garantir cidadania acadêmica a Teologia. Como os estudos teológicos não eram reconhecidos, o termo Ciência da Religião apresentava-se mais adequado a pleitear um espaço na Universidade.

A interdisciplinaridade sempre esteve presente nos debates. Observa-se dois momentos: um primeiro momento onde a inclusão de disciplinas como Filosofia da Religião, Antropologia da Religião etc, serviam para justificar a adesão ao termo Ciência da Religião e um segundo momento em que a interdisciplinaridade é compreendida como ausência de disciplinaridade. Desse modo, a interdisciplinaridade abriu caminhos para a anulação da disciplinaridade.

A criação da área de avaliação Ciência da Religião e Teologia é um avanço rumo a autonomia das disciplinas. Deve-se haver clareza que área de avaliação se distingue da área de conhecimento. Mesmo que as disciplinas apresentem no Brasil uma história de proximidade, a criação da área não deve ser entendida como rompimento de limites, mas como possibilidade de autonomia e afirmação da especificidade de cada disciplina.

As reflexões sobre o estatuto epistemológico da Ciência da Religião têm avançado consideravelmente. A tradução da obra Introdução a Ciência da Religião de Max Muller é um divisor de águas nesse debate. Outras produções em forma de artigos, livros e eventos também tem contribuído. Contudo, essas referências só serão consolidadas quando lidas e assumidas pelas comunidades científicas brasileiras. Por fim, conclui-se que a Ciência da

Religião no Brasil, desde sua criação tem caminhado para sua autonomia. Suas definições sempre foram definidas a partir do contexto no qual estavam inseridas. Nesse sentido, tratando-se dos debates epistemológicos da disciplina, deve-se portanto adequar a perspectiva teórica com a prática nos cursos e Programas de Pós-graduação.

## REFERÊNCIAS

- AGNOLIN, Adone. **História das religiões: perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ALBUQUERQUE, Eduardo de Basto. A história das religiões. In: USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 19-52.
- ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. **Ciência da Religião: contribuição à sua definição, delimitação e autonomia**. Doutorado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000.
- ANPTECRE. **Memória de reunião do Conselho Científico e Comissão ad hoc Árvore do conhecimento com o Conselho Diretor da ANPTECRE com sugestão de alteração da nomenclatura da área se aprovado o pedido de autonomia pela CAPES**. 2012.
- APRESENTAÇÃO DO DEPARTAMENTO. **Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe**.  
<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/portal.jsf?id=857>. Acesso em: 02 de out. 2021.
- APRESENTAÇÃO. **Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC SP**, 2021. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencia-da-religiao#historia>. Acesso em: 02 de out. 2021.
- APRESENTAÇÃO. **Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP**, 2021. Disponível em: <http://portal.metodista.br/posreligiao/sobre>. Acesso em: 02 de out. 2021.
- APRESENTAÇÃO. **Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco**, 2021. Disponível em:  
[https://portal.unicap.br/ciencias-da-religiao-ppgcr#presencial/o\\_programa](https://portal.unicap.br/ciencias-da-religiao-ppgcr#presencial/o_programa). Acesso em: 02 de out. 2021.
- APRESENTAÇÃO. **Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe**. Disponível em:  
[https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt\\_BR&id=857](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=857). Acesso em: 02 de out. 2021.
- ARAGÃO, Gilbraz. Sobre epistemologias e diálogos: Fenomenologias, diálogo inter-religioso e hermenêutica. In: CRUZ, Eduardo Rodrigues da; DE MORI, Geraldo (org.). **Teologia e Ciências da Religião: a caminho da maioria acadêmica no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 95-122.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Ata da reunião realizada no dia 07 de maio de 1973.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. Ata da reunião realizada no dia 12 de agosto de 2012.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. Ata da reunião realizada no dia 12 de maio de 2014.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. **Relatório da Reunião da ANPTEC**. Juiz de Fora, 1999.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Desafios das epistemologias decoloniais e do paradigma ecológico para os estudos de religião. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 94-114, jan./jul. 2018.

BETTINA, E. Schmidt. A antropologia da religião. *In*: USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

BRITO, Raimundo Farias de. **O mundo interior**. Brasília: Senado Federal, 2006.

CALDAS, Carlos. Primeiro Encontro Nacional da ANPTECRE. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 3, p. 135-138.

CAMPOS, Breno Martins. Sociologia religiosa da religião: ensaio sobre suas impossibilidades e possibilidades. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 5, 2007. p. 111-133.

CAMPOS, Fabiano Victor. Explicar e compreender: a querela em torno do procedimento epistemológico próprio da Ciência da Religião. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 38-72, jan./jul. 2018.

CAMURÇA, Marcelo. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CAMURÇA, Marcelo. Observações de um antropólogo a partir da experiência no corpo docente de um Programa de pós-graduação da área. *In*: TEIXEIRA, Faustino (org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Paulinas, 2008, 197-214.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Documento de área: área 44 Ciências da Religião e Teologia**. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Documento de área Teologia**, 2016.

COSTA, Matheus Oliva da. Entrevista com Faustino Teixeira sobre sua experiência como egresso da primeira graduação de Ciência da Religião no Brasil. **Numen: estudos e pesquisa da religião**. v. 21, n.2, 2018.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CRUZ, Eduardo Rodrigues. **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil**. [Entrevista concedida a] Leandro Castro. Questionário eletrônico. Belo Horizonte, 2021.

DESROCHE, Henri; SÉGUY, Jean (org.). **Introduction aux sciences humaines des religions**. Paris: Cujas, 1970.

DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às Ciências Humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das Ciências Humanas**. Tomo I: Positivismo e Hermenêutica. Durkheim e Weber. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DOMINGUES, Ivan. **O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 1991.

DREHER, Luís Henrique. (org.). **A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião**. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

- DREHER, Luís Henrique. **Síntese da discussão mais recente sobre “Árvore do Conhecimento” na ANPTECRE.** 2012.
- DUARTE, Nunes Victório. **Reestruturação do currículo do curso de Ciência das Religiões.** Juiz de Fora, 1980.
- DUBARLE, Dominique. **Épistémologie des sciences humaines de la religion.** Paris: Institut Catholique de Paris, 1980.
- DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Introdução à epistemologia.** São Paulo: UMESP, 2010.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea; KITAGAWA, Joseph M. (org.). **Metodología de la historia de las religiones.** Barcelona: Paidós, 1986.
- ELIADE, Mircea; KITAGAWA, Joseph M. (org.). **Metodología de la historia de las religiones.** Barcelona: Paidós, 1996.
- ENGLER, Steven; STAUSBERG, Michael. Metodologia em Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2013. p. 63-73.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões.** São Paulo: Paulus, 1999.
- FUMERTON, Richard. **Epistemologia.** Petrópolis: Vozes, 2014.
- FURTADO, MIRIAM. **Professora lidera movimento contra o fim do curso da UFJF.** Diário Mercantil. 19/07/1977. p. 2.
- GASBARRO, Nicola Maria. Fenomenologia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013. p. 75-99.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?.** São Paulo: Paulinas, 2005.
- GROSS, Eduardo. A ciência da religião no Brasil: teses sobre sua constituição e seus desafios. In OLIVEIRA, K. L.; REBLIN, I. A.; SCHAPER, V.G.; GROSS, E.; WESTHELLE, V. (Orgs.). **Religião, política, poder e cultura na América Latina.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p.13-26.
- GUERRIERO, S. Objetividade e subjetividade no estudo das religiões. **Plura**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 54-65, jul./dez. 2010.
- GUERRIERO, Silas. Antropologia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013. p. 243-256.
- HIGUET, E. A. A Teologia em Programas de Ciências da Religião. Revista eletrônica **Correlatio**, vol.5, n. 9, maio de 2006. p. 37-51.
- HIGUET, Etienne Alfred. **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil.** [Entrevista concedida a] Leandro Castro. Questionário eletrônico. Belo Horizonte, 2021.
- HIGUET, Etienne Alfred. **Teologia e Ciências da Religião.** Porto Alegre, 1999.



**HISTÓRIA. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC SP, 2021.** Disponível em: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencia-da-religiao#historia>. Acesso em: 02 de out. 2021.

**HISTÓRICO. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da PUC Campinas, 2021.** Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao/programa-de-posgraduacao-em-ciencias-da-religiao-mestrado/>. Acesso em: 02 de out. 2021.

**HISTÓRICO. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, 2021.** Disponível em: <https://www.pucminas.br/pos/religiao/Paginas/Historico.aspx>. Acesso em: 02 de out. 2021.

**HISTÓRICO. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba, 2021.** Disponível em: [https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt\\_BR&id=1902](https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=1902). Acesso em: 02 de out. 2021.

**HISTÓRICO. Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, 2021.** Disponível em: <https://fuv.edu.br/institucional/historico>. Acesso em: 02 de out. 2021.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião.** São Paulo: Loyola, 2010.

**HOME. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Estadual do Pará, 2021.** Disponível em: <https://paginas.uepa.br/ppgreligiao/>. Acesso em: 02 de out. 2021.

HUFF, Arnaldo; PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. **Numen**, v. 15, n. 2, p. 433-456, 2012. Disponível em: <http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/1659/1454>. Acesso em: 10 ago. 2021.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução às Ciências Humanas: análise de epistemologia histórica.** São Paulo: Editora Letras & Letras, 1994.

JAPIASSU, Hilton. **Nascimento e Morte das Ciências Humanas.** Editora Francisco Alves, 1978.

JAPYASSU, Hilton. **Ciência das Religiões.** Diário Mercantil, 20/07/1977, p. 02.

JENSEN, Jeppe Sinding. Epistemologia. **Rever**, São Paulo, ano 13, n. 2, p. 171-191, jul./dez. 2013.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Ciências da Religião e/ou Teologia: uma questão epistemológica. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 1, p. 7-17, 2001.

LEEuw, GERARDUS Van der. **Fenomenología de la religión.** Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo. Método de pesquisa em Ciências da Religião: revisando paradigmas. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 13, p. 9 - 24, 1997.

MARQUES, Ângela Cristina Borges; ROCHA, Marcelo. Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil - Entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antonio Gouvêa Mendonça. **REVER**. março/2007. p. 192-214.

MENDES, Maria do Céu. **Professora que defendeu grupos centrais quer garantir curso no UFJF. 15/07/1977.** Diário Mercantil.

- MENDONÇA, A. G. A cientificidade das Ciências da Religião. In: TEIXEIRA, F. (org.) **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001a. p. 103-150.
- MENDONÇA, A. G. Ciência(s) da religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, F. (org.) **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2001b, p. 179-196.
- MENDONÇA, A. G. O fim de um tempo. Última aula na Pós-Graduação em Ciências da religião (15 de agosto de 2002). **Estudos de religião**, ano XXII, n. 34, jan/jun. 2008, p. 234-248.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Currículo mínimo para o curso de Ciências das Religiões – Universidade Federal de Juiz de Fora, MG**. Brasília, 1974.
- MOLENDIJK, Arie. L. **The Emergence of the Science of Religion in the Netherlands**. Leiden: Brill, 2005.
- MÜLLER, Friedrich Max. **Introduction to the Science of Religion**: four lectures deliver edat the Royal Institution. Withtwoessayson false analogies, andthephilosophyofmytology. London: Longmans, Green, and Co., 1873.
- NUNES, Maria José Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 97-119.
- OLIVEIRA, Almir. **O “curso” e seus defensores**. Diário Mercantil, 31/07/1977, p. 2.
- OLIVEIRA, Almir. **O curso que não existe**. Diário Mercantil, 16/07/1977, p. 02.
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil**. [Entrevista concedida a] Leandro Castro. Questionário eletrônico. Belo Horizonte, 2021.
- OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- PARALELLUS: revista de Estudos de Religião – UNICAP. **Dossiê: métodos, técnicas e tendências de pesquisa em Estudos de Religião**. Recife, v. 6, n. 13, jul./dez. 2015.
- PARALELLUS: revista de Estudos de Religião – UNICAP. **Dossiê: métodos, técnicas e tendências de pesquisa em Estudos de Religião 2**. Recife, v. 7, n. 14, jan./abr. 2016.
- PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.
- PETAZZONI, Raffaele. O método comparativo. **Religare**: revista do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 245-265, jul. 2016.
- PETTAZZONI, Raffaele. **La Scienza delle Religioni e il suo metodo**. Bologna: Scientia, 1913.
- PEREIRA, Mabel Salgado. **Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)**. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de História. 2002.
- PIAZZA, Waldomiro Octavio. **Introdução à fenomenologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- PIEPER, Frederico. Curso de Ciência da Religião da UFJF: histórias e perspectivas. In: RISKE-KOCK, Simone et All. (orgs). **Formação Inicial em ensino religioso**: Experiencias

em curso de Ciência (s) da(s) Religião (ões) no Brasil. Florianópolis: Saberes em diálogo, 2017.

PIEPER, Frederico. **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil.** [Entrevista concedida a] Leandro Castro. Questionário eletrônico. Belo Horizonte, 2021.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Programa de pós-graduação em Ciências da Religião Mestrado – Regulamento.** São Paulo, Sem data.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Regulamento do Programa de estudos pós-graduados em Ciências da Religião – Mestrado.** São Paulo, 1995.

PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. **Rever**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 162-178, ago. 2017.

QUEIROZ, José J. MEMÓRIA E PERSPECTIVAS: Entrevista a Marina Silveira Lopes. [entrevista cedida a] Mariana Silveira Lopes. Último andar, São Paulo, n. 17, p. 3-8, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13270>. Acesso em: 10 ago. 2021.

QUEIROZ, José J. Mitos e suas regras. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2013. p. 499-413.

RIBEIRO JÚNIOR, Jorge Cláudio N.; VALLE, João Edênio Reis; GUEDES, Maria Luiza; QUEIROZ, José J. Discursos proferidos por ocasião da outorga de títulos de Professores Eméritos. **Rever**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 215-236, jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/26197>. Acesso em 14 ago. 2020.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil.** [Entrevista concedida a] Leandro Castro. Questionário eletrônico. Belo Horizonte, 2021.

RIES, Julien. **A ciência das religiões: história, historiografia, problemas e método.** 2019, E-book.

RODRIGUES, Elisa. Ciências da Religião e Ciências Sociais: aproximações e distanciamentos. **Plura**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 65-79, 2011.

SAUSSAYE, Chantepie de la. **História das religiões.** 2. ed. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.

SCHMIDT, Bettina E. Antropologia da Religião. In: USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2007. p. 53-95.

SHEEDY, Matt (org.). Ateísmo metodológico vs. agnosticismo metodológico. **Último Andar**, São Paulo, v. 1, n. 29, p. 295-303, 2016.

SILVA, Maurílio Ribeiro da. **Ciências da Religião no Brasil: debate epistemológico a partir do estudo religiográfico da produção docente nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil.** Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Uma metodologia para as Ciências da Religião? Impasses metodológicos e novas possibilidades hermenêuticas. **Paralellus: revista de Estudos da Religião – UNICAP**, Recife, v. 7, n. 14, p. 73-98, 2016.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro de. **A dimensão teórica dos Estudos da Religião: horizontes histórico, epistemológico e metodológico nas Ciências da Religião.** São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

- SNOEK, Jaime. [Correspondência]. Juiz de Fora, 1969. 1 carta.
- SOBRE O PROGRAMA. **Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF**, 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppcir/curso/>. Acesso em: 02 de out. 2021.
- SOBRE O PROGRAMA. **Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás**, 2021. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-ciencias-da-religiao/>. Acesso em: 02 de out. 2021.
- SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. **Ata da fundação da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, 1985.
- SÖDERBLOM, Nathan. **Manuel d'histoire des religions**. Manuel de C. P. Tiele, revu et augmenté. Paris: E. Leroux, 1925.
- SOUZA, Mailson Fernandes Cabral de. Problemas metodológicos em Ciências da Religião: uma estranha familiaridade. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 73- 93, jan./jul. 2018.
- STERN, Fábio L.. A criação da Área de Avaliação 'Ciências da Religião e Teologia' na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Espaços**, São Paulo, v. 26, pp. 73-91, 2018a.
- STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus Oliva da. Metodologias desenvolvidas pela genealogia intelectual da Ciência da Religião. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 70-89, 2017.
- SUCUPIRA, Newton. **Parecer. Parecer nº 190/68**. Brasília, 1968.
- TEIXEIRA, Faustino (org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.
- TEIXEIRA, Faustino. **“Ciência das Religiões”**. 20/07/1977, Diário Mercantil, p.10.
- TEIXEIRA, Faustino. Entrevista com Faustino Teixeira sobre sua experiência como egresso da primeira graduação de Ciência da Religião no Brasil. [Entrevista cedida a] Matheus Oliva Costa. **Numen** – Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 292-300, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22135>. Acesso em: 10 out. 2021.
- TEIXEIRA, Faustino. O processo de gênese da (s) ciência (s) da religião na UFJF. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, v. 15, n. 2, 2012, pp. 535 – 548.
- TIELE, Cornelis Petrus. Concepção, objetivo e método na Ciência da Religião. **Rever**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, 2018.
- TIELE, Cornelis Petrus. **Elements of the Science of Religion**. Part I: Morphological. Edinburgh; London: William Blackwood and sons, 1897. v. 1.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Ao egrégio Conselho Federal de Educação do M.E.C**. Juiz de Fora, Sem data.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Departamento de Ciências da Religião**. Juiz de Fora, 1968.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Instituto de Ciências Humanas e Letras**. Juiz de Fora, Sem data.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Instituto de Filosofia e Teologia da UFJF**. Juiz de fora, 1967.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Objetivos do curso de Ciências da Religião**. Juiz de Fora, Sem data.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Projeto da reforma universitária referente a Teologia e Filosofia.** Juiz de Fora, Sem data.

USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2007.

USARSKI, Frank. (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2013. p. 129-143.

USARSKI, Frank. A “Tradição da Segunda Ordem” como fonte identitária da Ciência da Religião: reflexões epistemológicas e concretizações. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 23-37, jan./jul. 2018.

USARSKI, Frank. **Ciência(s) da Religião? Designação e identidade de uma disciplina.** São Paulo, 1999.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião:** cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. *In:* PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013. p. 51-62.

VALLE, Edênio. A psicologia da religião. *In:* USARSKI, Frank (org.). **O espectro disciplinar da Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas, 2007, p. 121-167.

VALLE, Edênio. O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP: da sua pré-história à progressiva evolução e maioridade. **Rever**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 307-323, maio, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/45178>. Acesso em: 10 out. 2021.

VALLE, Edênio; QUEIROZ, José J.; MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil: entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antônio Gouvêa Mendonça. [entrevistas cedidas a] Ângela Cristina Borges Marques; Marcelo Rocha. **Rever**, São Paulo, n. 1, p. 192-214, mar. 2007.

VELASCO, J. M. **Introducción a la fenomenología de la religión.** Madrid: Trotta, 2006.

WACH, Joachim Ernst Adolphe Felix. Os ramos da Ciência da Religião. **Rever**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 233-253, maio/ago. 2018.

WACH, Joachim. **El estudio comparado de las religiones.** Buenos Aires: Editorial Paidós, 1967.

WACH, Joachim. **Introduction to the History of Religions.** Edited by Joseph M. Kitagawa and Gregory D. Alles. London: Macmillan Publishers, 1988.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião.** São Paulo: Paulinas, 1990.

WIRTH, Lauri Emilio. Religião e epistemologias pós-coloniais. *In:* PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulus; Paulinas, 2013.

WIRTH, Lauri. **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil.** [Entrevista concedida a] Leandro Castro. Questionário eletrônico. Belo Horizonte, 2021.

## **APÊNDICE – Questionário aplicado aos professores**

### **Pesquisa sobre o período inicial das Ciências da Religião no Brasil**

A presente pesquisa tem a intenção de remontar a história da criação e desenvolvimento da Ciência da Religião no Brasil. Para isso, busca-se compreender a trajetória dos primeiros cursos e programas de Ciências da Religião que se instalaram nas universidades do Brasil, a saber o desenvolvimento da disciplina na Universidade Federal de Juiz de Fora, PUC São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo. O questionário faz parte uma pesquisa de Mestrado, orientada pelo Prof. Flávio Senra na PUC Minas. Nosso objetivo, é investigar o processo de formação do estatuto epistemológico da disciplina no Brasil, bem como identificar algumas de suas particularidades. Você foi selecionado (a) porque tem vínculos com o período inicial das Ciências da Religião no Brasil. A sua participação nesse estudo consiste em responder um questionário, contendo perguntas sobre a história, marcos teóricos que fundamentava o debate epistemológico da disciplina e sobre formação da ANPTER. Desde já, Agradecemos a disponibilidade e contribuição com a história de nossa disciplina.

- 1- Quais são suas memórias sobre fase inicial das Ciências da Religião no Brasil? Obs: Prezado professor, caso tenha concedido entrevistas publicadas sobre suas memórias, por favor, desconsidere a pergunta. Porém, se desejar acrescentar alguma informação, relevante para essa pesquisa, será bem-vinda.
- 2- Quais são suas memórias sobre a formação da ANPTER?
- 3- Qual era a autocompreensão que se tinha da Ciências da Religião no período inicial de sua formação no Brasil? Havia um referencial teórico que demarcava as constituintes epistemológicas da disciplina?
- 4- Deseja acrescentar alguma informação? Questões que não foram abordadas nas perguntas e que são importantes para a história da disciplina no Brasil, experiências, diagnósticos sobre o momento atual da disciplina, perspectivas para o futuro, etc?